

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGÜÍSTICA

**ASPECTOS DA VIRTUALIZAÇÃO DA CONVERSAÇÃO FACE A FACE COM
ATENÇÃO ESPECIAL AO FUNCIONAMENTO DAS EXPRESSÕES INDICIAIS**

FRANCISCO EDUARDO VIEIRA DA SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da UFPE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antonio Marcuschi

Co-orientadora: Profa. Dra. Angela Paiva Dionisio

RECIFE, 2006

Silva, Francisco Eduardo Vieira da

Aspectos da virtualização da conversação face a face com atenção especial ao funcionamento das expressões indiciais / Francisco Eduardo Vieira da Silva – Recife : O Autor, 2006.

xxiii, 168 folhas : il., tab., quadros, gráf.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Lingüística, 2006.

Inclui bibliografia e anexos.

1. Conversação. 2. Referência (Lingüística). 3. Anáfora (Lingüística). 4. Dêixis (Lingüística). 5. Ciberespaço. I. Título.

82-83
302.346

CDU (2.ed.)
CDD (22.ed.)

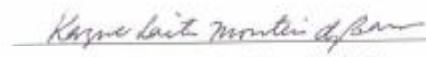
UFPE
BC2006-413

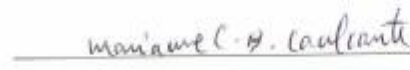
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGÜÍSTICA

ASPECTOS DA VIRTUALIZAÇÃO DA CONVERSACÃO FACE A FACE COM
ATENÇÃO ESPECIAL AO FUNCIONAMENTO DAS EXPRESSÕES INDICIAIS

FRANCISCO EDUARDO VIEIRA DA SILVA


Co-orientadora: Profa. Dra. Angela Paiva Dionísio (UFPE)


Profa. Dra. Kazue Saito Monteiro de Barros (UFPE)


Profa. Dra. Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante (UFPB)

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Letras e
Lingüística da UFPE, como requisito
parcial para a obtenção do título de
Mestre em Lingüística.

RECIFE, 2006

AGRADECIMENTOS

Por tácitas e distintas razões, agradeço a todos aqueles — professores, familiares e amigos — que contribuíram direta ou indiretamente para a culminância de mais uma etapa de minha vida acadêmica, em especial a *Altair Costa Teles, Angela Paiva Dionisio, Beth Marcuschi, Cristina Teixeira Vieira de Melo, Diva Maria do Rego Barros e Albuquerque, Djário Dias de Araújo, Evangelina Maria Brito de Faria, Geneton Severino da Silva, Karina Falcone de Azevedo, Kazue Saito Monteiro de Barros, Jorge Luís Lira da Silva, Luiz Antônio Marcuschi, Márcia Rodrigues de Souza Mendonça, Maria Amélia de Souto Maior, Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante, Nelly Carvalho, Raquel Lasalvia Correia da Silva, Roberta Ramos Marques, Sílvia Lasalvia Teles, Solange Regina Lasalvia e Tatiana Simões e Luna.*

Também muito agradeço ao CNPq, por ter financiado esta pesquisa, e aos dois informantes que gentilmente participaram da constituição do *corpus*: E. A. G. e E. T. M. A.

A meus avós, Iraídes e Nado, por sua tamanha generosidade...

A minha mãe, Tereza Cristina, por sua infinita sabedoria...

E a Deus, por eles existirem.

RESUMO

Este trabalho, situado no paradigma sociointeracionista de linguagem, é fundamentado por algumas teorias baseadas na análise do funcionamento da língua, em especial naquelas que circulam nos domínios da Lingüística Textual. Trata-se de um estudo comparativo entre dois gêneros textuais bastante parecidos, a conversação face a face e a conversação mediada por computador, mas concretizados a partir de diferentes modalidades da língua, a fala e a escrita. Nosso objetivo específico é analisar, nesses dois gêneros, aspectos formais e funcionais daquilo que a literatura entende por “expressões indiciais”. Também refletimos sobre o que denominamos “processo de virtualização da conversação face a face” — a transposição, para o ciberespaço, dos elementos verbais e não-verbais e das estratégias lingüísticas e interacionais que caracterizam a conversação face a face —, bem como sobre os critérios de distinção entre as duas categorias lingüísticas que costumam ser relacionadas às expressões indiciais: os dêiticos discursivos e os anafóricos indiciais. Defendemos o afrouxamento das fronteiras entre essas duas categorias, com base nas seguintes constatações: em todo procedimento dêitico discursivo sempre há uma remissão anafórica; e todo anafórico indicial possui um certo grau de deiticidade. Trabalhamos com um *corpus* constituído de sessões de interação face a face e no MSN Messenger, cuja análise indica haver algumas especificidades do ciberespaço que dotam os chats de características próprias, repercutindo em sua organização lingüística e discursiva. Nesse sentido, a virtualização da conversação face a face altera o funcionamento e o cenário organizacional das expressões indiciais.

Palavras-chave: chat – conversação face a face – ciberespaço – expressão indicial – anáfora – dêixis

ABSTRACT

This work is situated in the sociointeracionist paradigm of language. It is based in some theories that analyze the functioning of the language, in special in the theories of the Text Linguistics. It consists in a comparative study about two genres very similar, the conversation face to face and the conversation on the computer, but materialized from different modalities of the language: speaking and writing. Our specific objective is to analyze formal and functional aspects of the “indicial expressions”. We also reflect on the “process of virtualization of the conversation face to face” — the transposition, to cyberspace, of the verbal and not-verbal elements and of the linguistic and interacional strategies that characterize the conversation face to face — and the criteria of distinction between the two linguistic categories that normally are related to the indicial expressions: the discursive deictics and the indicial anaphorics. We defend the intersection between these two categories because of the following conclusions: in all discursive deictic procedure always there is a anaphoric remissive movement; and in all indicial anaphoric there is a degree of deictic indication. We work with sessions of interaction face to face and on the MSN Messenger, whose analysis indicates that some characteristics of cyberspace reflect in the linguistic and discursive organization of the chats. This way, the virtualization of the conversation face to face modifies the functional and formal aspects of the indicial expressions.

Key-words: chat – conversation face to face – cyberspace – indicial expression – anaphor – deixis

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	9
LISTA DE TELAS	10
LISTA DE TABELAS	11
LISTA DE GRÁFICOS	12
1. INTRODUÇÃO	13
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO, MOTIVAÇÃO E DEFINIÇÃO DA PESQUISA	13
1.2 A LINGÜÍSTICA TEXTUAL COMO ARCABOUÇO TEÓRICO	22
1.3 SOBRE O <i>CONTINUUM</i> TIPOLOGICO DAS PRÁTICAS SOCIAIS DE PRODUÇÃO TEXTUAL	25
1.4 A CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> DA PESQUISA	27
2. O CIBERESPAÇO E A VIRTUALIZAÇÃO DA CONVERSAÇÃO FACE A FACE	32
2.1 A CONSTITUIÇÃO DO CIBERESPAÇO E DA CIBERCULTURA	32
2.2 A EMERGÊNCIA E POPULARIZAÇÃO DO GÊNERO CHAT	36
2.3 O VIRTUAL E A DESTERRITORIALIZAÇÃO NOS CHATS	37
2.4 O AMBIENTE CHAT SÍNCRONO	41
2.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CHATS ICQ À LUZ DA INTERAÇÃO FACE A FACE	49
3. PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO ANAFÓRICA E DÊITICA E O CONJUNTO DAS EXPRESSÕES INDICIAIS	74
3.1 A REFERÊNCIA NUMA PERSPECTIVA PROCESSUAL E A INSTABILIDADE DOS REFERENTES	74
3.2 À PROCURA DE UM CONSENSO PARA A NOÇÃO DE DÊIXIS	80
3.3 A AMPLIAÇÃO DO CONCEITO DE ANÁFORA	90
3.4 O CONJUNTO DAS EXPRESSÕES REFERENCIAIS	96
3.5 EXPRESSÕES INDICIAIS: A IMPRECISA DISTINÇÃO ENTRE OS DÊITICOS DISCURSIVOS E OS ANAFÓRICOS INDICIAIS	101

4. AS EXPRESSÕES INDICIAIS NA VIRTUALIZAÇÃO DA	
CONVERSAÇÃO FACE A FACE	113
4.1 TIPOS DE ANÁFORA NA VIRTUALIZAÇÃO DA CONVERSAÇÃO	
FACE A FACE	113
4.2 OS RÓTULOS INDICIAIS NA VIRTUALIZAÇÃO DA	
CONVERSAÇÃO FACE A FACE	129
4.3 ASPECTOS FORMAIS RELATIVOS À CONSTITUIÇÃO DAS	
EXPRESSÕES INDICIAIS	133
4.4 INSTÂNCIAS DO UNIVERSO DISCURSIVO NA VIRTUALIZAÇÃO	
DA CONVERSAÇÃO FACE A FACE	139
5. CONCLUSÕES	153
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	163
ANEXOS	i

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 — Calendário de coleta de dados	30
QUADRO 02 — Exemplos de emoticon	51
QUADRO 03 — O conjunto das expressões referenciais	100
QUADRO 04 — Tipos de dêitico de acordo com o critério de remissão ao cotexto	102
QUADRO 05 — Tipos de expressão indicial de acordo com os critérios de remissão e retomada	117

LISTA DE TELAS

TELA 01 — Página de um chat na web	18
TELA 02 — Programa ‘MSN Messenger’ em execução	18
TELA 03 — Chat em aberto, com destaque para a lista dos nicks dos participantes	44
TELA 04 — Passagem do chat em aberto para o chat reservado	45
TELA 05 — Chat ICQ (MSN Messenger), com destaque para a lista de amigos do usuário	47
TELA 06 — Chat MSN Messenger, com destaque para as “imagens de exibição” dos participantes	48
TELA 07 — Janela ‘meus emoticons’ no MSN Messenger	52
TELA 08 — Indício de digitação de mensagem no MSN Messenger	63
TELA 09 — Ícone para pedir atenção ao interlocutor no MSN Messenger	67

LISTA DE TABELAS

TABELA 01 — EI na CFF e na CMC de acordo com os critérios de remissão e retomada	117
TABELA 02 — EI encapsuladoras na CFF e na CMC de acordo com o movimento referencial	120
TABELA 03 — EI na CFF e na CMC de acordo com a presença ou ausência de base lexical	123
TABELA 04 — EI correferenciais e nominais na CFF e na CMC de acordo com as categorias ‘anáfora fiel’ e ‘anáfora infiel’	127
TABELA 05 — Tipos de rótulo indicial na CFF e na CMC de acordo com a semântica de sua base lexical	132
TABELA 06 — Expressões indiciais e apontadores extralingüísticos na CFF e na CMC	136
TABELA 07 — Constituição formal das expressões indiciais na CFF e na CMC	137
TABELA 08 — EI na CFF e na CMC de acordo com a instância de universo discursivo remetido	140
TABELA 09 — EI cotextuais na CFF e na CMC, na relação com o(s) turno(s) em que se encontra a porção textual remetida	151

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 — Representação do <i>continuum</i> dos gêneros textuais na fala e na escrita	26
GRÁFICO 02 — A fragilidade entre as categorias ‘anafórico indicial’ e ‘dêitico discursivo’ (“o <i>continuum</i> das expressões indiciais”)	111
GRÁFICO 03 — Virtualização da CFF na relação com as EI e os critérios de remissão e retomada	119
GRÁFICO 04 — Virtualização da CFF na relação com o movimento referencial das EI encapsuladoras	121
GRÁFICO 05 — Virtualização da CFF na relação com a ausência ou presença de base lexical na constituição das EI	123
GRÁFICO 06 — Virtualização da CFF na relação com as EI correferenciais e nominais e as categorias ‘anáfora fiel’ e ‘anáfora infiel’	128
GRÁFICO 07 — Virtualização da CFF na relação com os tipos de rótulo indicial	132
GRÁFICO 08 — Virtualização da CFF na relação com os apontadores extralingüísticos e as expressões indiciais	136
GRÁFICO 09 — Virtualização da CFF na relação com a constituição das EI	139
GRÁFICO 10 — Virtualização da CFF na relação com as EI e as instâncias de universo discursivo remetido	149
GRÁFICO 11 — Virtualização da CFF na relação com as EI cotextuais e os turnos em que se encontram as porções textuais remetidas	152

1. INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO, MOTIVAÇÃO E DEFINIÇÃO DA PESQUISA

Ainda que a Internet tenha se difundido no mundo somente há algumas décadas, já circula na Lingüística um número razoável de estudos sobre as novas práticas de linguagem que se constituíram com o advento da rede mundial de computadores. Durante esse tempo, muitos lingüistas fizeram dos gêneros textuais¹ ou dos suportes² emergentes com a Web³ objetos de suas análises. Embora nem todos tenham tomado a Análise de Gêneros como perspectiva teórica, esses trabalhos voltaram-se para as inovações lingüísticas proporcionadas pelos mais diversos usos da linguagem no ambiente virtual.

Em artigo sobre práticas de linguagem mediadas pelo computador, Herring (1996) afirma que as pesquisas sobre esses modos de interação surgiram timidamente ainda na década de 80. A autora historia o assunto citando algumas datas e nomes:

- a) 1984: Naomi Baron publica um artigo especulando sobre os efeitos das interações virtuais enquanto força propulsora de mudança lingüística;
- b) 1985: Denise Murray elabora a primeira descrição detalhada do discurso mediado por computador, analisando o sistema de mensagens em tempo real da *IBM*;
- c) 1986: Kerstin S. Eklundh, numa análise semelhante à de Murray, elabora um estudo sobre o sistema de conferências da *Swedish COM*.
- d) 1991: Kathleen Ferrara, Hans Brunner e Greg Whittemore lançam o primeiro trabalho de repercussão sobre o assunto perante a comunidade acadêmica, o qual reflete sobre a interação na escrita mediada por computador a concebendo como um gênero particular. A partir daí, sucede-se uma série de pesquisas voltadas para a descrição das práticas de linguagem na Internet.

Herring (1996) afirma que, no início, tais pesquisas compartilhavam de um ponto de vista ingênuo sobre a natureza das interações virtuais. Elas se limitavam a descrevê-las

¹ O termo ‘gênero textual’ será definido ainda na introdução deste trabalho.

² Entendemos suporte de um gênero como seu “locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (Marcuschi, s/d: 3).

³ Embora saibamos que, a rigor, a “Internet” é o conjunto de cerca de 50 mil redes de computadores que se comunicam e a “Web” (World Wide Web) é uma dessas redes (a mais popular) que permitem o intercâmbio de informações na Internet, não há problema se tomarmos os dois termos como equivalentes em alguns momentos deste trabalho, pois a difusão da Web foi tamanha a ponto de ela comumente ser utilizada como sinônimo de Internet — e vice-versa — pela sociedade em geral.

enquanto fenômenos anônimos, impessoais, fragmentados e com características da oralidade, não distinguindo entre os seus diferentes modos de organização e entre as suas diferentes finalidades, isto é, entre os diferentes gêneros textuais que emergiam com a Internet. Outra característica redutora desses trabalhos pioneiros é apontada por Marcuschi (2002), para quem essas pesquisas tendem a ser obsoletas devido às mudanças ocorridas, em termos de forma e função, com os gêneros da mídia virtual em curto espaço de tempo, mudanças estas provenientes da frenética e ininterrupta evolução dos programas computacionais que possibilitam as interações virtuais. Muitas características da “linguagem eletrônica” apontadas nos primeiros trabalhos sobre interação mediada por computador eram provenientes das restrições impostas pela precariedade dos programas da época. Por exemplo,

se alguém se ativesse a analisar a linguagem dos e-mails em meados dos anos 70 (...) daria como propriedade desse gênero a produção de textos limitados a dois ou três enunciados. No entanto, aquela era uma limitação devida à baixa velocidade da transmissão de dados eletronicamente e a uma dificuldade dos programas computacionais de então. Hoje, o tamanho dos e-mails é ilimitado e pode-se anexar até livros inteiros (Marcuschi, 2002: 6).

Mais recentemente, trabalhos como os de Erickson (1997, 2000), Jonsson (1997), Yates (2000) e Crystal (2001) também se voltaram para as práticas de linguagem na Internet tomando a noção de gênero como base das reflexões. Ponto em comum entre esses estudos é a opinião de que as inovações nos usos da língua(gem) na rede refletem as particularidades dos diversos gêneros que com ela emergiram, bem como as especificidades da própria rede.

Já no Brasil, segundo levantamento realizado por Araújo (2003), a literatura apresenta poucos casos de aplicação do conceito de gênero ao universo digital. Todavia, se juntarmos a esses trabalhos outros que não se centram na noção de gênero, mas que também são relevantes ao conjunto de reflexões sobre as práticas de linguagem na Internet, obtemos uma lista considerável: Batista (1998), Assis (2002), Costa (2004) e Paiva (2004) analisaram o correio eletrônico; McCleary (1996), Velasco (1999) e Xavier & Santos (2000), as listas de discussões eletrônicas; Komesu (2002), a home page; Nader (2001), Chaves (2001), Hilgert (2001) e Araújo (2003, 2004), os diálogos virtuais; Lacombe (2000), Souza (2000), Fonseca (2001, 2002) e Abreu (2002), as possibilidades educacionais via Web; Xavier (2002), o hipertexto. A esse rol, acrescentemos as pertinentes reflexões teórico-metodológicas de Marcuschi (2004) acerca do que ele chama de “práticas de linguagem emergentes no contexto da tecnologia digital”.

Na esteira de tais trabalhos, esta pesquisa também se debruça sobre o universo digital de produção de textos. Nosso estudo se volta para as especificidades desse ambiente e para as conseqüentes interferências na configuração desses textos. Especificamente, discutimos as novidades na interação advindas da antes impensada possibilidade de se interagir por escrito de modo sincrônico, ou seja, as novidades trazidas pelos **chats**⁴. Se é verdade que a conversação telefônica rompeu a relação, até então indissociável, entre *oralidade* e *identidade espacial* (os seres humanos, embora situados em espaços distintos, puderam a partir da invenção do telefone travar diálogos orais), também o é que a conversação mediada por computador⁵ instaurou a ruptura entre *escrita* e *assincronia* (os seres humanos passaram a partir da invenção dos chats a travar diálogos escritos *on-line*).

É notório que os estudos lingüísticos sobre ambiente virtual contribuíram — e ainda contribuem — para a revisão de conceitos centrais sobre o funcionamento da linguagem em geral. Sabe-se que novas tecnologias não só proporcionam novas formas de se produzir o que já se fazia por meio de outras técnicas, como transmutam as práticas sociais em novos eventos, e isso vale também para as práticas de linguagem. Xavier (2002), no seu trabalho sobre a constituição do modo de enunciação digital gerado pelo hipertexto, postula que as novas tecnologias de comunicação em voga com o surgimento e desenvolvimento da Internet possibilitam a fundação de formas sócio-comunicativas inovadoras, as quais exigem competências outras, geram eventos de letramento sofisticados e demandam gêneros textuais próprios. Assis (2002), por sua vez, em análise de e-mails e mensagens em secretária eletrônica, conclui que a tecnologia por meio da qual um novo gênero textual se desenvolve atua na definição das características formais e funcionais deste. Portanto, é válido afirmar que novos modos de interação pela linguagem se constituem a partir de novos aparatos tecnológicos, alterando as relações entre sujeito e linguagem e entre as modalidades da língua — a fala e a escrita. Isso nos leva a perguntar, por exemplo, até que ponto a conversação mediada por computador exigiria dos interlocutores novas estratégias de interação ou novas formulações lingüísticas não demandadas pela conversação face a face; ou, ao contrário, que particularidades da

⁴ Embora consistam em empréstimos lingüísticos, decidimos não grafar em itálico as palavras da esfera da mídia digital que são referidas constantemente neste trabalho, como 'Internet', 'chat', 'Web' etc.

⁵ Tomamos neste trabalho os termos 'conversação mediada por computador', 'conversação na Internet', 'bate-papo virtual' e 'chat' como equivalentes. Hilgert (2001) já trata como sinônimos os três últimos, para designar o tipo de interação em que os interlocutores entram em e mantêm contato por um canal eletrônico (o computador). Vale salientar que damos preferência à expressão 'conversação mediada por computador' quando a intenção é o contraste com o termo que costuma nomear sua contraparte no "mundo real", a 'conversação face a face'.

conversação presencial se ausentam dos diálogos travados nos chats. A análise de dois gêneros textuais tão díspares quanto a suas respectivas condições de produção, mas, por outro lado, tão semelhantes na função que desempenham⁶, rende, sem dúvida, proveitosas discussões nesse sentido.

Embora não seja de nosso interesse discutir aqui, com profundidade, a relação entre gênero textual e esses dois modos de conversação — a *conversação face a face* e a *conversação mediada por computador* —, convém, neste ponto, fazermos um pequeno desvio e explicitarmos a **noção de gênero** que guia esta pesquisa, até porque estamos constantemente utilizando o termo desde o início deste trabalho. Fundamentados em Bakhtin (1997), Miller (1994a; 1994b), Swales (1990) e Marcuschi (2002), entendemos que os gêneros são artefatos lingüísticos e sócio-culturais orais ou escritos, vinculados a eventos comunicativos recorrentes (interação face a face ou em salas de bate-papo, por exemplo), e têm características formais e funcionais particulares, mas relativamente estáveis, isto é, são estruturados, convencionalizados, porém destituídos de uma rigidez radical. É por meio desses artefatos que os sujeitos se inserem ativamente na sociedade. Os dois modos de conversação em pauta são, destarte, dois gêneros diferentes, pois consistem em duas possibilidades distintas de se interagir com o outro, possibilidades estas que demandam estratégias lingüísticas e interacionais próprias, sendo os chats a contraparte da conversação face a face no ambiente virtual, nos termos de Marcuschi (2004), ou a transmutação dessa conversação, nos termos de Araújo (2003, 2004). A propósito, este último autor se presta justamente a advogar a tese de que **o chat consiste em um novo gênero textual**, a qual apresentaremos sucintamente nas linhas a seguir.

Araújo (2003, 2004), partindo da teoria bakhtiniana de gêneros do discurso⁷ (cf. Bakhtin, 1997) e da discussão proposta por Xavier (2002) sobre o novo modo de enunciação propiciado pelo hipertexto (o modo digital de enunciar), sustenta o seguinte raciocínio: se dermos importância à esfera de atividade humana em que se insere o gênero discursivo objeto de análise (visto que todos os discursos trazem as marcas e as finalidades da esfera da qual procederam), à medida que tais esferas se modificarem os gêneros que aí circulam sofrerão um complexo processo de *transmutação* — termo proposto por Bakhtin

⁶ Quando nos referimos à função, não temos em mente qualquer tipo de chat, mas, particularmente, àqueles que se desenvolvem por meio dos **Messengers** (*Yahoo! Messenger*, *MSN Messenger* etc.), ferramentas de bate-papo virtual cujos interlocutores, normalmente também conhecidos no “mundo real”, interagem geralmente com propósitos semelhantes aos de um encontro face a face ou aos de uma conversação telefônica.

⁷ Embora prefiramos a expressão ‘gênero textual’, optamos pela expressão ‘gênero do discurso’ nas passagens que se referem ao pensador soviético Mikhail Bakhtin, a título de coerência terminológica.

(1997) — gerando novos gêneros com um estilo similar à nova esfera que o absorveu. Portanto, o chat adviria justamente de um processo de transmutação. Assim Araújo (2004) sintetiza a natureza desse novo gênero:

O *chat* é oriundo do que Bakhtin chama de *diálogo cotidiano* (...), pois as marcas do diálogo permanecem no *chat*. No entanto, tais marcas, uma vez transmutadas para a *Web*, parecem gerar uma nova formatação ao *diálogo cotidiano*, o que nos levou a formular a hipótese segundo a qual o *chat* se trata de um gênero emergente. (Araújo, 2004: 94)

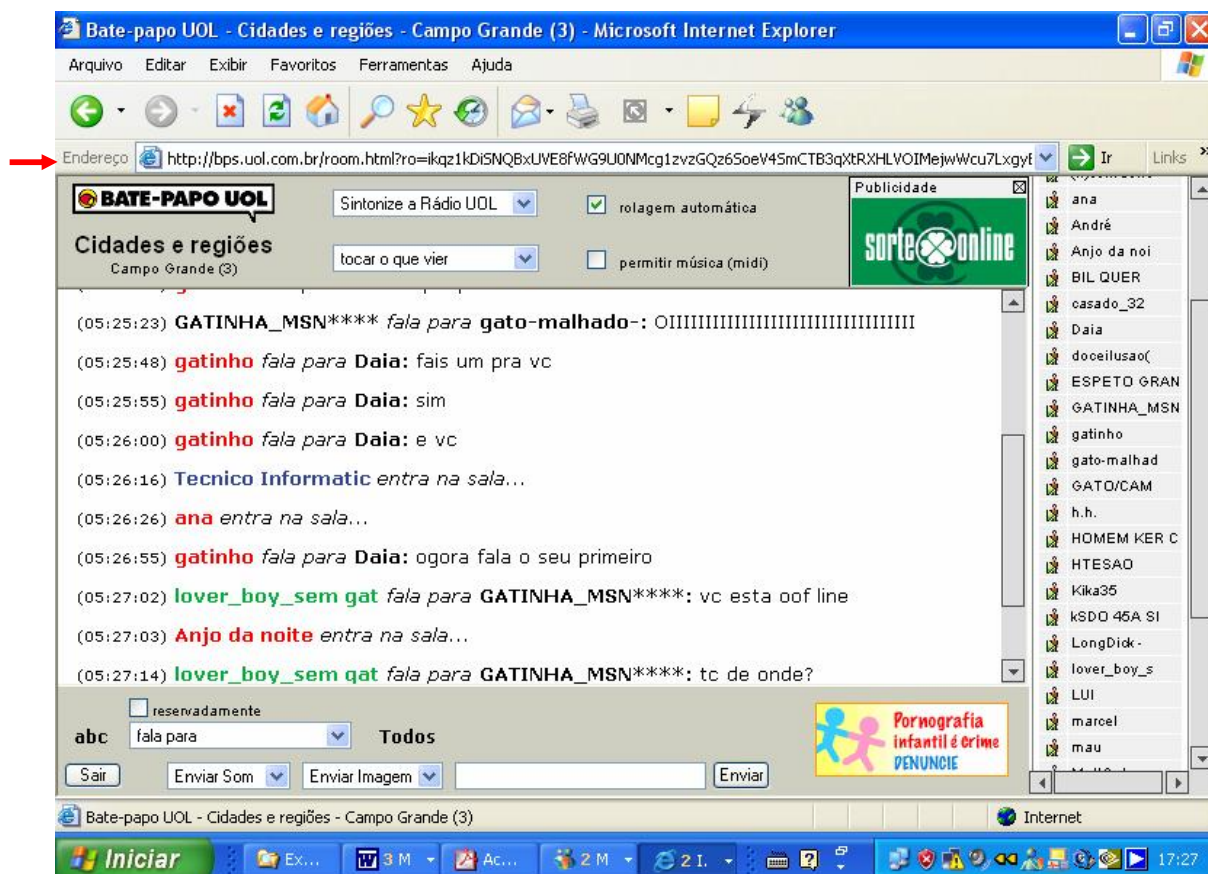
O que o autor chama de *diálogo cotidiano*, retomando Bakhtin (1997), é aquilo que entendemos por conversação face a face. Com base nesse raciocínio, o chat seria uma transmutação da conversação face a face para um novo domínio discursivo, o **hipertexto**, já que assume características próprias deste espaço, como a fusão de som, imagem e escrita em um contexto digital. Entenda-se aqui hipertexto em um sentido amplo, como algo que exorbita tanto a não-linearidade da leitura quanto os *links* e os nós textuais, integrando uma multiplicidade de semioses (escrita, imagem, som), indispensáveis à constituição do sentido no ambiente virtual (cf. Xavier, 2002).

Por outro lado, devemos ressaltar que o trabalho de Araújo (2003) volta-se apenas para a análise de um tipo de chat, por ele denominado *chat na Web*⁸. Trata-se dos chats imersos no contexto hipertextual da Web, hospedados em diversos sites (*UOL*, *BOL*, *Yahoo!*, *Terra* etc.). Esses chats prescindem da instalação de um programa para a conversa (basta ao usuário a utilização de um navegador — Internet Explorer, Netscape), pois possuem um endereço na Web (“http://...”), como exemplifica a tela 01.

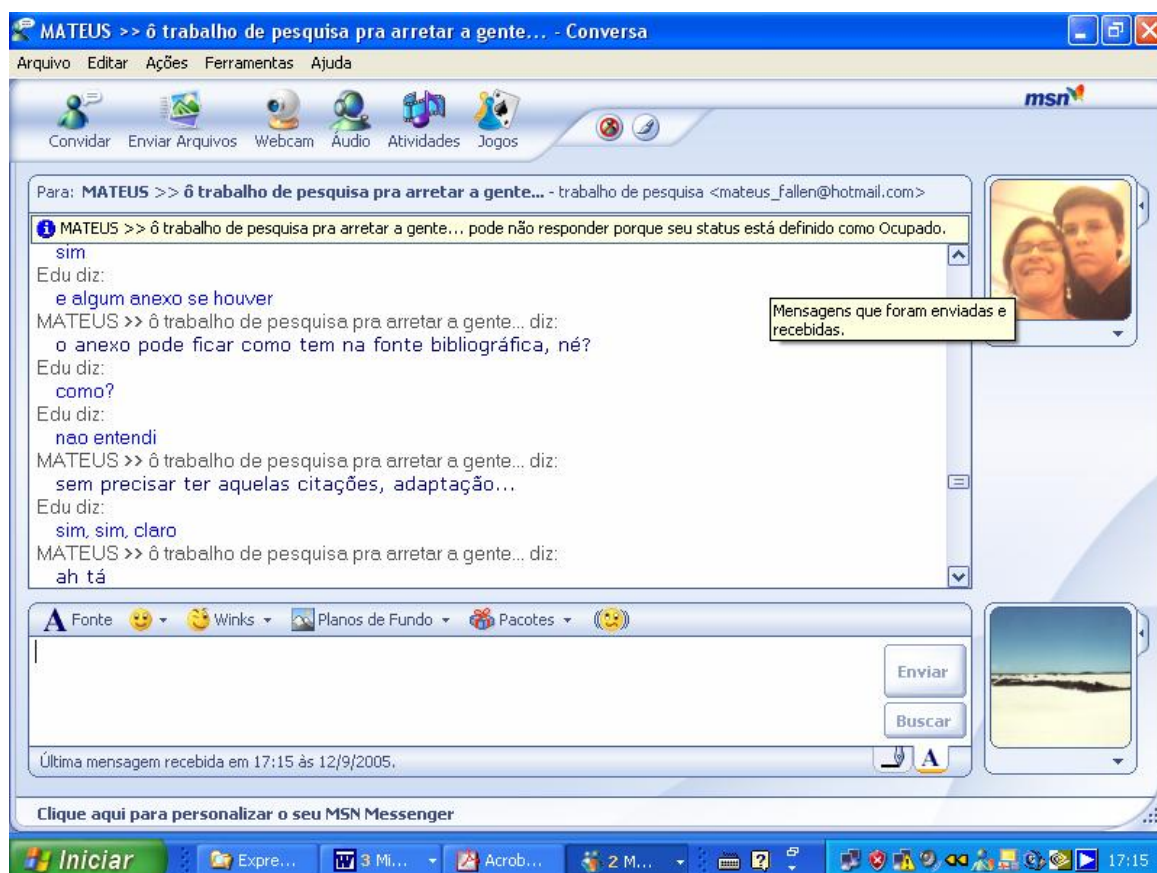
É isso que leva Araújo (2003) a defender que a transmutação se dá do ambiente face a face para o hipertextual, já que os diálogos acontecem por meio das páginas hiperlinkadas da Web. Entretanto, se levarmos em consideração outros modos de conversação on-line, torna-se incoerente a restrição do chat à categoria ‘**gênero hipertextual**’. Os diálogos travados nos Messengers, por exemplo, não possuem um endereço ‘http://...’, pois ocorrem por meio de um outro procedimento tecnológico-digital atualizado num software específico, como podemos perceber observando a tela 02.

⁸ Marcuschi (2004) nomeia o chat na Web de *chat em aberto*. Veremos no capítulo 2 que não há uma tipologia comum dos chats nos estudos da linguagem.

TELA 01 — PÁGINA DE UM CHAT NA WEB



TELA 02 — PROGRAMA 'MSN MESSENGER' EM EXECUÇÃO



Portanto, embora concordemos com Araújo (2003) no que diz respeito ao fato de o chat ser um gênero textual distinto da conversação face a face, preferimos trabalhar com a noção de **ciberespaço** (Lévy, 1999), a qual julgamos mais ampla que a de hipertexto (Xavier, 2002), conforme veremos no próximo capítulo. Isso nos faz preferir, conseqüentemente, a noção de **virtualização** (Lévy, 1996) — também discutida posteriormente — à noção de transmutação (Bakhtin, 1997, Araújo, 2003). Essa opção foi feita porque, além de haver uma correspondência teórica entre os conceitos de ciberespaço e virtualização, julgamos que a noção de transmutação, do ponto de vista da teoria bakhtiniana dos gêneros do discurso, é inadequada à análise das conversações face a face e mediada por computador, pois, de acordo com Bakhtin (1997), a transmutação de um gênero do discurso ocorre quando este, em sua condição de gênero primário (simples), é absorvido por um gênero secundário (complexo), distinção que não cabe ao par conversação face a face e virtual. Nas palavras do pensador soviético,

os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. — aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica e sociopolítica. (...) Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios (Bakhtin, 1997: 281).

Em síntese, descartamos a noção de transmutação por entendermos que o chat não engloba a conversação face a face nem esta é perceptível no interior daquele; a relação que há entre os dois gêneros é de similaridade e não de inclusão. Assim, diríamos que **os chats são um dos muitos gêneros textuais emergentes com o advento e propagação da Internet e consistem em práticas de linguagem que ocorrem no ciberespaço potencializadas pela virtualização da conversação face a face.**

Voltando às relações entre práticas de linguagem e tecnologia, Marcuschi (2002) também afirma que os gêneros que emergiram no século XX por meio das mais diversas mídias (incluindo a Internet) criaram formas comunicativas próprias, dotadas de um certo “hibridismo”, por evocarem gêneros já existentes, algo que desafia as relações entre fala e escrita, inviabilizando de forma definitiva a velha visão dicotômica no tratamento dado às duas modalidades da língua. É o caso, sobretudo, dos chats, que materializam esse hibridismo de forma particularmente inusitada: embora centrados na escrita, possuem propriedades antes consideradas prototípicas e exclusivas da oralidade.

Por exemplo, retomemos aqui a questão da **sincronia** na interação. Como já salientaram Jonsson (1997), Paiva (2001), Marcuschi (2004), entre outros, a conversação mediada por computador traz para o universo das práticas de escrita a interatividade em tempo real entre pessoas geograficamente separadas. Em outras palavras, a modalidade escrita deixou de ser sinônimo absoluto de interação assíncrona. Não se pôde mais traçar diferenças generalizantes entre a fala e a escrita se baseando no fato de os interlocutores interagirem em momentos iguais ou distintos.

Uma outra especificidade, ainda mais surpreendente e relevante para se repensar as diferenças entre fala e escrita, é a **simultaneidade** entre os enunciados dos interlocutores. Segundo Pimentel (2002), alguns programas de chat — como o *Talk* do Sistema Unix e o *ICUII* (*I see you too*) — enviam a mensagem simultaneamente à digitação, possibilitando ao participante, mesmo enquanto digita, visualizar a escrita de seu interlocutor em andamento, inclusive as correções que nela são feitas. De alguma forma, isso nos faz lembrar alguns aspectos da conversação face a face salientados por Marcuschi (1999), como a *fala simultânea* (dois turnos superpostos) e a *sobreposição de vozes* (a fala de um durante o turno do outro), embora seja evidente que tais aspectos atuem diferentemente no funcionamento do chat e da conversação face a face.

Portanto, podemos afirmar que a sincronia e a simultaneidade na interação propiciadas pelas ferramentas de bate-papo virtual já são suficientes para operar mudanças significativas nas condições de produção e circulação do texto escrito, pois este acaba assumindo características tradicionalmente orais. Isso não significa que os diálogos nos chats se resumem a transcrições de conversação face a face, até porque estamos lidando, como dito anteriormente, com dois gêneros textuais distintos. Nossa idéia é de que a escrita no ambiente virtual acarreta modificações na organização lingüístico-discursiva da conversação e nas estratégias interacionais acionadas pelos seus participantes. Investigamos, neste trabalho, um aspecto das conseqüências operadas por tais mudanças, relativo a uma das estratégias de progressão/continuidade referencial, tópica e temática: o uso de **expressões indiciais**, categoria lingüística que compreende tanto os **dêiticos discursivos** (expressões referenciais que tomam o falante/escritor como centro irradiador de um sistema de coordenadas e fazem referência a partes do texto precedentes ou subseqüentes, ao texto em sua completude ou à sua disposição gráfica) quanto os **anafóricos indiciais** (expressões referenciais constituídas por elementos indiciais, normalmente pronomes demonstrativos, as quais se caracterizam não pela retomada

correferencial de um antecedente explícito no cotexto — visão clássica de anáfora —, mas pela remissão a um elemento-fonte contextual, ao passo que orientam o leitor/ouvinte numa busca retroativa, prospectiva ou global da entidade referida)⁹.

Diante disso, o **problema central** que nos guia é: em relação ao funcionamento lingüístico-discursivo e interacional das expressões indiciais, por que há e em que consistem as diferenças entre essas expressões na conversação face a face e na conversação mediada por computador? A hipótese que conduziu a investigação é a de que tais diferenças decorrem das especificidades de ambos os gêneros textuais, mais especificamente de suas condições de produção e recepção. Em outros termos, supomos, por um lado, que as instâncias de interação virtual favorecem certos procedimentos dêiticos e anafóricos não concretizáveis ou em menor abundância na conversação face a face, os quais servirão de base para a organização referencial dessas instâncias de interação; e, por outro lado, acreditamos que o fato de os participantes da conversação face a face partilharem de um mesmo espaço físico e se valerem dos vários recursos paralingüísticos oportunizados pela oralidade conduz a estratégias de referenciação por meio de elementos indiciais que não são integral nem facilmente transportadas para os chats.

A partir das reflexões apresentadas até agora, podemos sintetizar os **objetivos** desta pesquisa nos seguintes itens:

- a) analisar aspectos da interação síncrona no ciberespaço, mais especificamente aspectos da interação nos chats duas ICQ;
- b) identificar e explicar relações entre estratégias de referenciação e especificidades das conversações face a face e mediada por computador.
- c) apresentar e discutir as principais noções de dêixis e anáfora recorrentes na Lingüística, na tentativa de estabelecer o(s) traço(s) caracterizador(es) dessas duas estratégias de referenciação;
- d) propor um novo modo de concepção da relação entre os dêiticos discursivos e os anafóricos indiciais, categorias lingüísticas que constituem o que a literatura costuma chamar de “conjunto das expressões indiciais” (cf. Cavalcante, 2000);

⁹ Ao longo desta dissertação, mais especificamente no capítulo 3, com o propósito de darmos uma maior precisão à abrangência referencial dos termos ‘expressão indicial’, ‘dêitico discursivo’ e ‘anáfora indicial’, analisaremos alguns autores que se dedicaram ao estudo desses elementos lingüísticos. As definições apresentadas a pouco devem ser consideradas, inclusive, como resultados dessas análises.

- e) propor uma nova “tipologia das expressões indiciais” a partir desse novo modo de concepção anunciado em (d);
- f) analisar aspectos formais e relativos ao funcionamento lingüístico-discursivo e interacional das expressões indiciais na conversação mediada por computador, a partir de um estudo comparativo entre esse gênero e a conversação face a face.

1.2 A LINGÜÍSTICA TEXTUAL COMO ARCABOUÇO TEÓRICO

Ainda à guisa de introdução, precisamos apontar quais vertentes da lingüística moderna situam esta pesquisa. Para tanto, partamos da oportuna distinção estabelecida por Herring (1996) entre *comunicação mediada por computador* e *discurso mediado por computador*: o estudo deste seria uma especialização do estudo daquela, distinguindo-se por tomar a perspectiva da Análise do Discurso como método analítico. Embora a terminologia de Herring (1996) não seja a mais adequada à noção de língua(gem) que orienta este trabalho — entendemos as práticas sociais de linguagem que emergiram com o advento da Internet enquanto novas formas de *interação*, e não de *comunicação*¹⁰ —, a distinção que a autora traça mostra-se relevante à delimitação do viés teórico de nossa pesquisa, a qual consistiria, nesses termos, em um estudo da *comunicação* mediada por computador, e não do *discurso* mediado por computador, já que não partimos de nenhuma teoria da Análise do Discurso para alcançarmos nossos objetivos. Na verdade, este trabalho volta-se para aspectos textuais e cognitivos do funcionamento da língua(gem), em detrimento de aspectos sócio-discursivos. Para sermos mais precisos, não é de nosso interesse central, por exemplo, procedermos a uma análise sistematizada da repercussão da tecnologia eletrônica no mundo contemporâneo — embora alguns momentos do trabalho tangenciem esse tipo de reflexão, já que são justamente as práticas inovadoras emergentes com a Web o motivador da pesquisa —, nem à observação de aspectos institucionais, ideológicos ou sócio-históricos ligados aos discursos que os participantes produzem nos chats.

Por outro lado, ainda que nos distanciemos das teorias da Análise do Discurso, seguimos o paradigma da lingüística pós-estruturalista, voltando o nosso interesse para o **funcionamento** da língua(gem), mais especificamente para o funcionamento das

¹⁰ Isso porque, como veremos ainda nesta seção, a perspectiva de língua que nos guia é a de “lugar de interação” (Koch, 2003a); ou seja, a língua não existe alheia aos interlocutores, nem se trata de um código autônomo do qual um falante/escritor lança mão para comunicar suas idéias, mas sim consiste numa forma de se interagir no mundo e (re)construir sentidos conjuntamente.

expressões indiciais em ambientes presencial e virtual. Quais são as expressões indiciais mais recorrentes nessas duas instâncias de interação e por quê? Cumprem que papel na organização composicional dos textos? Que relações estabelecem entre as especificidades dos dois gêneros em questão? Diante de perguntas desse tipo, consideramos que o ramo da Lingüística que poderia nos oferecer um melhor arcabouço teórico para a nossa investigação seria a **Lingüística Textual**, cujas gênese e principais concepções resumiremos nas linhas a seguir.

Sabe-se que a década de 1960 foi um período de intensas transformações em torno do olhar que se lançava para a linguagem no mundo ocidental. Não é à toa que a gênese da guinada lingüística da forma ao uso costuma a esse período ser associada. Também pudera: além de essa ter sido a década do surgimento da Análise do Discurso na França, outras disciplinas começavam a emergir no cenário dos estudos da linguagem, em oposição direta à orientação metodológica da lingüística estruturalista saussuriana. Por exemplo, autores europeus e norte-americanos, a partir do final dessa década, procuraram ir além dos limites do signo e da frase em suas investigações sobre a linguagem. Nasciam, assim, algumas propostas teóricas, independentes umas das outras, que culminariam no que hoje se conhece por Lingüística Textual. O ponto em comum entre todas essas propostas é fácil de se inferir: a concepção do texto enquanto unidade legítima da análise lingüística.

Gradativamente, os horizontes investigativos dessas teorias foram se ampliando, seguindo o “espírito do momento”, e, portanto, remando contra a análise das formas lingüísticas desarticuladas dos usos. Segundo Koch (1997, 1999), de início, autores como Harweg e Isenberg desenvolveram as chamadas *análises transfrásticas*, que procuravam explicar fenômenos cuja compreensão só é possível no interior do texto, como a co-referenciação, a pronominalização, a seleção de artigos, a concordância entre os tempos verbais etc. Até então, o contexto era sinônimo de entorno verbal (*co-texto*), isto é, não se consideravam as condições de produção e circulação do texto para o entendimento da linguagem, muito menos aspectos cognitivos envolvidos em seu funcionamento.

Bentes (2001), apoiando-se em Koch (1997, 1999), explica que, após esse período, com base em princípios do gerativismo chomskyano, houve o período da *construção das gramáticas textuais*, cujos defensores (Lang, Dressler, Petöfi, Van Dijk etc.) acreditavam que o texto possuía propriedades inerentes ao sistema abstrato da língua e que era possível a descrição da *competência textual* do falante. Foi só a partir da década de 1980, articulando-se a outros ramos e teorias lingüísticos que tratam a língua em funcionamento,

que a Lingüística Textual passou a estudar o texto — já concebido enquanto processo, e não mais produto — dentro de seu contexto de produção. O objetivo da disciplina passou a ser, finalmente, investigar a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos em uso. Noções como *textualidade*, *coesão* e *coerência textuais* tornam-se figuras recorrentes nas agendas de autores como Michael AK Halliday, Ruqaya Hasan, Robert Beaugrande, Wolfgang Ulrich Dressler, Teun Van Dijk, Michel Charolles, Ingedore Koch e Luiz Carlos Travaglia. Além disso, ganham roupagens novas as concepções de texto, língua, sentido, entre outras elementares à Lingüística.

Segundo Koch (2003b), duas são as concepções de **texto** que norteiam os trabalhos nessa disciplina atualmente: i) texto enquanto *evento comunicativo no qual convergem ações lingüísticas, cognitivas e sociais* (Beaugrande, 1997); e ii) textos enquanto *formas de cognição social*, os quais constituem, organizam e arquivam o montante de conhecimentos e saberes circulantes e em contínua expansão em uma dada sociedade (Antos, 1997). Longe de serem excludentes, tais noções se complementam. Na verdade, essa redefinição do objeto (o texto) e dos objetivos da Lingüística Textual coaduna-se com as outras abordagens pós-estruturalistas da linguagem, na medida em que todas negariam, de alguma forma, a visão de língua enquanto um código homogêneo. Particularmente em relação à Lingüística Textual, essa noção de código é sobrepujada pela noção de **língua** como ‘lugar de interação’ (cf. Koch, 2003a), a qual, ao lado das concepções de texto já citadas, abraçamos no decorrer da pesquisa. Entendemos que o sujeito constrói sentidos através da língua, se valendo, para isso, não só de formas lingüísticas, mas também da situação de interação imediata, do seu entorno sócio-político-cultural e de conhecimentos arquivados em sua memória (conhecimento de mundo, partilhados, intertextuais, de regras interacionais, de tipos e gêneros textuais adequados à interação etc.). O **sentido**, por sua vez, não é único nem apriorístico ao ato de leitura do sujeito, já que é sempre situado, marcado por atividades de negociação entre os interlocutores e por processos inferenciais (Marcuschi, 2001a, 2003).

Diante disso, podemos dizer que a nossa pesquisa é pautada numa **perspectiva sociointeracionista de linguagem** (cf. Marcuschi, 2001a), **fundamentada pela perspectiva de análise lingüística desenvolvida pela Lingüística Textual**. Buscamos explicações para fatos da língua fora da língua, ou seja, estamos interessados não apenas pelo tipo de sistema que é a linguagem, mas também, como afirma Morato (2004), pelo modo como a linguagem se relaciona com seus exteriores teóricos, com o mundo externo,

com as condições múltiplas e heterogêneas de sua constituição e funcionamento. Preocupamo-nos com a análise das expressões indiciais nos gêneros ‘conversação face a face’ e ‘chat’, adotando uma postura sensível aos fenômenos cognitivos, embora não seja o nosso foco central, e aos processos de textualização na oralidade e na escrita. Estas, a propósito, *não* recebem aqui um tratamento dicotômico de características polares, estritas e estanques, pois são vistas dentro de uma espécie de “grade contínua de usos da língua” formada pela multiplicidade dos gêneros textuais que circulam e se mesclam nas mais diversas esferas da sociedade humana, conforme mostraremos a seguir.

1.3 SOBRE O CONTINUUM TIPOLÓGICO DAS PRÁTICAS SOCIAIS DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Estudos mais recentes sobre práticas orais e escritas defendem a idéia de que elas não podem ser analisadas adequadamente caso se levem em consideração apenas as modalidades da língua que as concretizam, a fala e a escrita. Até por conta da guinada lingüística da forma ao uso, o analista da língua deve, sobretudo, ter em vista certas características ligadas às condições de produção e circulação do texto, como o nível de interação entre os interlocutores, os conhecimentos que eles partilham, a sua relação com o espaço e o tempo de produção e circulação do texto, entre outras.

A aceitação dessa idéia, consubstanciada na já difundida teoria do **continuum tipológico das práticas sociais de produção textual** (Marcuschi, 2001a), é corroborada por uma constatação simples, porém basilar para se entender a relação ‘fala-escrita’: se considerarmos essas características ligadas às condições de produção e circulação dos gêneros, um gênero oral pode se aproximar mais de um gênero escrito do que de um outro gênero oral. Por exemplo, uma conferência (gênero oral) está mais próxima de um ensaio acadêmico (gênero escrito) do que de uma conversação espontânea face a face (gênero oral). Esta última, por sua vez, está mais próxima de uma carta pessoal (gênero escrito) do que da conferência.

Reflexões dessa natureza conduzem Marcuschi (2001a) a afirmar que as diferenças entre fala e escrita devem ser analisadas na perspectiva do uso e não do sistema, ou seja, deve-se estar atento não ao código, mas aos usos que são feitos dele. Com isso, é posta em xeque a velha visão dicotômica e preconceituosa de que os textos falados opõem-se aos textos escritos por serem contextualizados, dependentes, implícitos, redundantes, não-

planejados, imprecisos, não-normatizados, fragmentados, entre outras qualificações pensadas a partir de uma oralidade e de uma escrita pasteurizadas e homogêneas. Marcuschi (2001a) sugere uma diferenciação gradual, escalar, concebendo a fala e a escrita — modos de representação cognitiva e social que se concretizam em práticas específicas, isto é, em gêneros textuais — a partir de um *continuum* de variações:

GRÁFICO 01

REPRESENTAÇÃO DO CONTINUUM DOS GÊNEROS TEXTUAIS NA FALA E NA ESCRITA



Fonte: Marcuschi (2001a: 41)

No gráfico acima, situamos à extrema esquerda os chats. Podemos perceber que se trata de um gênero revelador da impossibilidade de se refletir sobre a relação ‘fala-escrita’ em termos de propriedades dicotômicas de dois pólos opostos. Embora concretizados por meio da escrita, estão mais próximos das conversações e das entrevistas orais. Além disso, os chats, bem como outros gêneros que circulam na Web, têm a capacidade de integrar vários recursos semiológicos (som, imagem, escrita), o que ajuda no seu caráter inovador no contexto da relação ‘fala-escrita’: como afirmar que a escrita é autônoma e descontextualizada, por exemplo, se a todo instante os interlocutores de um chat compartilham e referenciam arquivos de sons e imagens? No exemplo a seguir, quando João envia uma foto a Gustavo, a interpretação do texto escrito mostra total dependência de elementos extratextuais, como se os interlocutores tivessem compartilhando um mesmo espaço físico de interação:

EXEMPLO (1)¹¹

18:26:39		joão envia images[10].jpg
18:26:42	joão	ve essa foto do filme
18:26:46	joão	legal
18:26:58	Gustavo	rsrsrs
18:27:01		Você recebeu C:\Documents and Settings\usuario\Meus documentos\Meus arquivos recebidos\images[10].jpg com êxito de joão.
18:27:10	Gustavo	ó visse como ele tava magro
18:27:14	Gustavo	se comparado hoje?
18:27:27	joão	vi estava mesmo

Fonte: C10¹²

Assim, nada como a análise do gênero ‘chat’ para se atestar que, entre oralidade e escrita, as diferenças são *graduais*, a depender dos gêneros textuais que concretizam tais modalidades. Pautando-se na “teoria do *continuum*”, este trabalho acredita que a estabilidade relativa de cada gênero faz com que os textos que os materializam, orais ou escritos, sejam extremamente variáveis e maleáveis, sendo inviável, pois, sua análise em termos de características exclusivas da fala ou da escrita.

1.4 A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS DA PESQUISA

Para atingirmos os objetivos a que nos propusemos, explicitados no primeiro item desta introdução, trabalhamos com um *corpus* constituído de um conjunto de sessões de conversação espontânea face a face e outro de sessões de conversação mediada por computador, apresentados parcialmente — uma sessão de cada tipo — nos anexos desta dissertação.

A definição e constituição do material que seria analisado guiaram-se, primeiramente, pela necessidade de os dados relativos a cada forma de interação se diferenciarem um do outro apenas quanto aos seus respectivos modos de concepção e materialização. Ou seja, era desejável que os mesmos interlocutores, imbuídos de propósitos similares, interagissem tanto em presença quanto via Internet. Queríamos, com isso, evitar que outras particularidades das condições de produção das conversações face a

¹¹ Os fragmentos de conversação face a face ou mediada por computador dos quais lançamos mão a partir deste ponto, inclusive para exemplificar questões de natureza teórica, foram extraídos de nosso *corpus*. Os exemplos relativos a conversações no MSN Messenger serão apresentados em uma tabela como a do exemplo (1), contendo a hora de envio da mensagem (1ª coluna), o seu autor (2ª coluna) e a mensagem (3ª coluna). Exceto pela falta de data (algo irrelevante à nossa análise), é assim que as conversas são salvas automaticamente no “Histórico de Mensagens” de cada usuário do MSN. Mantivemos também as fontes (tamanho, cor e tipo) utilizadas pelos participantes no ato de envio das mensagens. Os nomes ‘João’ e ‘Gustavo’ são ficcionais para preservar a identidade dos informantes.

¹² Na parte inferior direita das tabelas que contêm os exemplos de conversação face a face ou no MSN, seguem uma sigla (C5, C6, C7... C12) indicando, por meio da numeração de 5 a 12 conforme consta no quadro 01 (seção 1.4), à qual conversação pertence cada fragmento apresentado.

face e dos chats (como desenvoltura dos interlocutores com a ferramenta de bate-papo, nível de conhecimentos compartilhados entre si, assunto a ser tratado, ocultação de identidade etc.) mascarassem a comparação que intentávamos realizar.

Para tanto, a primeira decisão tomada foi a de não trabalharmos com as conversações pela Internet com múltiplos participantes desconhecidos, ou seja, com os chats em aberto (ou via Web). Normalmente, participam desses chats várias pessoas, geralmente que se desconhecem, interagindo simultaneamente umas com as outras. O anonimato dos participantes, o fluxo permanente de indivíduos na sala, a troca constante de interlocutores e a quebra de convenções sociais (regras de polidez) fazem com que as interações, em geral, não sejam interpessoais nem centradas, como nas conversações face a face, mas grupais e superficiais, ou, nas palavras de Marcuschi (2004), “hiperpessoais”. Para atestarmos o que estamos afirmando, vejamos um exemplo extraído de uma sala de bate-papo do UOL¹³:

(16:47:16) GRAZILDO100% grita com Grazilda: GRA AGORA É SERIO.....
 (16:47:27) Negra 29 rj: sai da sala...
 (16:47:54) GRAZILDO100% *grita com* TODOS: ESTOU PROJETANDO UM RELACIONAMENTO EM BASES SOLIDAS CONTIGO PORÉM SEM PERDER O CHARME E A FUNCIONALIDADE.....
 (16:48:02) MAHLE: entra na sala...
 (16:48:03) Gostosa: entra na sala...
 (16:48:06) Gostosa *grita com* TODOS: eu e meu marido realizamos nossa fantasia em um motel, gravamos nosso primeiro filme caseiro com 19 minutos de duração, confira...
www.casadaesafadinha.hpg.com.br
 (16:48:08) poderosadanet: entra na sala...
 (16:48:11) minduim: entra na sala...
 (16:48:21) NANDA: sai da sala...
 (16:48:24) GRAZILDO100% *grita com* TODOS: NAUM GOSTARIA DE SAIR COMIGO????
 (16:48:36) sape *fala para* cumpadi: dadonde q tu é?
 (16:48:40) GRAZILDO100% *grita com* TODOS: ALGO EMOCIONANTE TIPO.....SIMBA SAFARI DE MOTO!!!!
 (16:48:41) catarina: entra na sala...

Além disso, partilhamos da opinião de Hilgert (2001) de que esses encontros em aberto possuem um caráter “maquinal”, não pessoal, tendo em vista o aspecto humano das conversações presenciais. As identidades que emergem nesse espaço conversacional não possuem história, nem compromisso com as ações ali travadas. Segundo o autor,

a transição de turnos (...), mais do que uma simples alternância de enunciados lingüísticos, envolve identidades e histórias humanas que geram, em situação face a face, sentidos imprevistos, manifestados por signos não só lingüísticos, fatores todos responsáveis por uma organização conversacional bem mais complexa. (Hilgert, 2001: 34-35)

¹³ Exemplo coletado pelo pesquisador em 2003.

Dessa forma, na tentativa de nos aproximarmos da natureza interpessoal e centrada da conversação face a face, escolhemos analisar chats cuja interação não se dá no anonimato. Optamos por trabalhar com informantes de faixa etária e nível de escolaridade similares, que utilizassem com bastante frequência algum software de envio e recebimento de mensagens instantâneas, os chamados ‘Messengers’. A escolha desse tipo de programa se deu pela sua popularidade entre os participantes de salas de chat em todo o mundo, inclusive no Brasil, e pelo fato de propiciarem interações mais centradas, diferentemente do aparente caos temático e da constante troca de parceiros das salas de bate-papo em aberto.

Definidos os perfis dos sujeitos e do chat de que eles participariam, convidamos dois informantes universitários, entre 20 e 25 anos, colegas de turma há cerca de três anos e usuários do software ‘MSN Messenger’ há mais de quatro para conversarem informal e espontaneamente sobre cinema e assuntos afins. Esses informantes já costumavam utilizar a ferramenta entre si, com constância de cerca de uma a três vezes por semana. São dotados, portanto, de “competência tecnológica” suficiente para garantir uma conversação pela Internet fluente e legítima. Entendemos “competência tecnológica” nos termos de Paiva (2004), como o saber manipular os softwares destinados à conversação via Internet, tirando o maior proveito possível de todas as ferramentas disponíveis.

Escolhemos o tema ‘cinema’ para motivar a conversação em especial por ser do interesse (não-profissional) de ambos os participantes, embora eles não soubessem que a escolha levou esse aspecto em consideração. Informamos-lhes que estávamos interessados nas impressões de ambos sobre os filmes a que iríamos pedir para que assistissem antes de cada conversação, lhes revelando nossos escusos objetivos — a análise do material lingüístico — somente após a última conversa travada. Assim agimos para reduzir a natural preocupação dos informantes em relação aos seus desempenhos lingüísticos. Convém frisar que pedimos para que eles se sentissem à vontade se as impressões relatadas após a exibição do filme os levassem naturalmente para outros assuntos ligados ou não ao cinema. Seria esse também o objetivo de nossa suposta pesquisa. Também deixamos os informantes livres para navegarem ou não pela Internet ou para interagirem ou não com outros internautas que, por acaso, se encontrassem no MSN ou em outro programa de bate-papo naquele momento. Sabemos que a interação com múltiplos usuários simultaneamente é uma prática constante dos habituados ao gênero.

Durou cerca de dois meses a coleta dos dados de nossa pesquisa, o que pode ser observado no quadro abaixo:

QUADRO 01 — CALENDÁRIO DE COLETA DE DADOS

	Filme	Tipo de conversação	Duração da conversação	Data da exibição do filme e da conversação
Conversações “piloto”	C1. <i>Laranja Mecânica</i> , de Stanley Kubrick	Face a face	30min	18/06/05
	C2. <i>Os esquecidos</i> , de Joseph Ruben	Via MSN	1h5min	26/06/05
	C3. <i>Olga</i> , de Jaime Monjardim	Face a face	30min	01/07/05
	C4. <i>O declínio do império americano</i> , de Denys Arcand	Via MSN	1h7min	06/07/05
Conversações selecionadas para compor o <i>corpus</i>	C5. <i>Reencarnação</i> , de Jonathan Glazer	Face a face	30min	09/07/05
	C6. <i>O aviador</i> , de Martin Scorsese	Via MSN	1h3min	16/07/05
	C7. <i>Uma lição de amor</i> , de Jessie Nelson	Face a face	30min	23/07/05
	C8. <i>As invasões bárbaras</i> , de Denys Arcand	Via MSN	1h20min	27/07/05
	C9. <i>Efeito borboleta</i> , de Eric Bress e J. Mackye Gruber	Face a face	30min	31/07/05
	C10. <i>O homem do ano</i> , de José H. Fonseca	Via MSN	1h7min	06/08/05
	C11. <i>Brilho eterno de uma mente sem lembranças</i> , de Michel Gondry	Face a face	30min	13/08/05
	C12. <i>Mais uma vez amor</i> , de R. Svartman	Via MSN	1h11min	20/08/05

Para a realização de uma sessão de conversação face a face, os informantes assistiam ao filme juntos e, logo em seguida, dava-se início à conversação. Já quanto à conversação no MSN, os informantes, de posse do mesmo filme, assistiam-lhes em horários semelhantes e locais distintos (em suas respectivas casas); em seguida, o encontro acontecia no ambiente virtual. Conforme se percebe no quadro 01, foram seis encontros presenciais e seis virtuais, os quais se intercalaram.

Para compor o *corpus* que seria efetivamente analisado, achamos prudente não selecionarmos as duas primeiras conversações de cada modalidade (que funcionaram, portanto, como conversações “piloto”), pois os informantes, por vezes, sinalizaram verbalmente um certo desconforto em saber que suas contribuições orais e escritas estavam sendo registradas e que, posteriormente, seriam ouvidas ou lidas por terceiros. Desse modo, trabalhamos com oito sessões de conversação, quatro face a face (C5, C7, C9 e C11) e quatro via MSN (C6, C8, C10 e C12), o que equivale respectivamente a 2h e 4h41min. Esses dois conjuntos aparentemente desproporcionais (o número de horas do conjunto de sessões no MSN é mais que o dobro do número de horas do conjunto de

sessões de conversação face a face) se justificam na medida em que o volume de texto de uma “conversação oral” é significativamente maior em comparação ao volume de texto de uma “conversação por escrito”, conforme podemos perceber por meio da observação das amostras em anexo.

Quanto ao método de coleta do material, as conversações face a face foram gravadas em fitas de áudio e submetidas integralmente a transcrições ortográficas realizadas pelo pesquisador. Este, embora presente no momento da exibição do filme, ligava o gravador e se ausentava do ambiente no ato da conversação para atenuar possíveis inibições por parte dos informantes ou inoportunas interrupções na conversa. Os chats, por sua vez, salvos automaticamente pelo software de bate-papo e arquivados no “Histórico de Mensagens” dos informantes, eram enviados via e-mail para o pesquisador.

Consideramos o conjunto de nossos dados bastante relevante, tanto para esta como para outras pesquisas¹⁴, não apenas por sua singularidade e autenticidade, mas também pelo fato de ser parcialmente constituído por um gênero textual que, apesar de historicamente recente e ainda em formação, já foi amplamente incorporado no conjunto de nossas práticas de linguagem. Além disso, as conversas no Messenger apresentam formulações típicas da oralidade, mas consistem numa manifestação característica da escrita, pois esse é o seu modo de concepção e representação. Como bem lembra Marcuschi (2001b), embora a tecnologia envolvida nessas novas formas de comunicação não crie um novo objeto para a Lingüística, traz novas relações do sujeito com a língua — isto é, cria novas formas de uso da língua enquanto prática interativa, cria novos gêneros textuais — as quais merecem, sem dúvidas, ser investigadas. É a isso que se destina a presente dissertação.

¹⁴ As sessões utilizadas no trabalho (C5 a C12) foram doadas ao Núcleo de Estudos Lingüísticos da Fala e Escrita (NELFE) da UFPE.

2. O CIBERESPAÇO E A VIRTUALIZAÇÃO DA CONVERSAÇÃO FACE A FACE

Este capítulo é dedicado a reflexões sobre o ambiente virtual e sobre as práticas sociais de linguagem que lá vigoram, na tentativa de inventariar e compreender algumas especificidades dos chats. Veremos que, se por um lado não há como recorrerem certas estratégias lingüísticas e interacionais caracterizadoras da conversação face a face e difíceis de serem utilizadas nos diálogos escritos, por outro as condições de produção dos chats favorecem certas estratégias inviáveis ou desnecessárias aos encontros presenciais. Essas especificidades, como sugerido na apresentação de nossos objetivos (capítulo 1), interferem nas estratégias de referenciação indicial recorrentes nas conversações mediadas por computador.

Também neste capítulo defenderemos que o *ambiente chat síncrono*, um dos universos do ciberespaço, é o responsável por operar o que chamamos de “virtualização da conversação face a face”, fazendo com que se configure um novo gênero textual na sociedade da informação: o gênero ‘chat’. Além disso, situaremos de modo comparativo as conversações face a face e mediadas por computador, por vezes tomando como base reflexões sobre a relação ‘fala-escrita’. Para tanto, partiremos de diversos estudos sobre o ambiente virtual, sobretudo aqueles que tomaram os chats como objetos de análise; alguns desses estudos, inclusive, já foram aqui citados. Convém frisar que não faremos nenhuma exposição meticulosa de nenhum desses trabalhos, mas apresentaremos e discutiremos as considerações que achamos relevantes aos propósitos de nossa pesquisa, dialogando sempre que oportuno com exemplos de nosso *corpus*.

2.1 A CONSTITUIÇÃO DO CIBERESPAÇO E DA CIBERCULTURA

Um dos maiores pensadores do impacto que o desenvolvimento da tecnologia computacional operou e opera no mundo foi o filósofo francês Pierre Lévy. Em suas obras *As tecnologias da inteligência* e *Cibercultura*, ambas publicadas no início dos anos 90, o autor se dedica a historiar a trajetória do computador no século XX, desde o surgimento das complicadas parafernálias americanas da década de 40 até a popularização dos microcomputadores e da *World Wide Web* por todo o mundo no início dos anos 90.

Salienta Lévy (1993) que o primeiro computador dos anos 40 ocupava um andar inteiro de um grande prédio, pesava várias toneladas e era conectado a circuitos por intermédio de cabos. Nos anos 50, os cabos recolheram-se ao interior da máquina, mas os computadores ainda eram programados transmitindo-se à máquina instruções em código binário através de cartões e fitas perfuradas. Não eram todos, portanto, que podiam operar essa complicada ferramenta, mas apenas os especializados. Na verdade, segundo Lévy (1999), os computadores, até a década de 60, eram reservados aos militares para cálculos científicos e consistiam em “grandes máquinas de calcular, frágeis, isoladas em salas refrigeradas, que cientistas de uniformes brancos alimentavam com cartões perfurados e que de tempos em tempos cuspiam listagens ilegíveis” (Lévy, 1999: 31).

Foi só depois que o código binário migrou para o interior do computador e o seu domínio passou a ser dispensável ao usuário. No final dos anos 70, as telas se difundiram, o que também facilitou a operacionalização das máquinas e, conseqüentemente, sua popularização. Lévy (1999) afirma que, nessa época, a população civil começou timidamente a usar a ferramenta, que passara a ser, para tanto, comercializada. Foi nesse instante que se dispararam processos econômicos e sociais de grande alcance: por exemplo, a automação da produção industrial e de alguns setores do terciário — como os bancos — e o uso do computador enquanto um instrumento de diversão e criação de textos, imagens e músicas. A invenção do computador pessoal transformaria, assim, a informática em um meio de massa para a criação, simulação e interação entre pessoas, empresas e instituições, alterando algumas de nossas práticas sociais, inclusive algumas de nossas práticas lingüísticas. Posteriormente, a criação e popularização da Web muito corroboraria nesse sentido, fazendo emergir práticas de linguagem bastante inusitadas, como os chats, por exemplo. Olhemos mais de perto esse período.

Segundo Bogo (2005), a gênese da Internet ocorreu em solo norte-americano, em 1969, para interligar laboratórios de pesquisas e manter a comunicação das bases militares dos Estados Unidos mesmo que o Pentágono fosse riscado do mapa por um ataque nuclear. Conhecida até então como ‘ArpaNet’, a rede teve seu nome mudado para ‘Internet’ quando passou a abrigar também as universidades americanas e, em seguida, de todo o mundo. Inicialmente, a Internet possibilitava somente a troca de banco de dados e dispositivos gráficos entre os pesquisadores, mas não tardou para que a possibilidade de interação verbal na rede passasse a existir, mas apenas de forma assíncrona, por meio do e-mail.

Hoje, a Internet é a soma de aproximadamente 50 mil redes internacionais espalhadas pelo mundo, as quais podem se comunicar entre si. Uma dessas redes é a **World Wide Web** — ou simplesmente **Web** — a que mais cresce no mundo todo, sendo a responsável pela popularização da Internet.

De acordo com Araújo (2003), a Web foi criada em 1991, na Suíça, e, originariamente, servia para fazer a conexão entre os computadores das instituições de pesquisa com o propósito de hiperlinkar importantes documentos científicos, ou seja, ligá-los entre si em um mesmo suporte, o que dinamizaria e facilitaria o acesso. O diferencial entre a Web e as outras redes da Internet consiste no fato de a primeira ter se adaptado mais facilmente ao **Windows**, ambiente gráfico que possibilita o funcionamento de texto (*Word*), imagem (*Power Point*) e som (*CD Player*), entre outros recursos e aplicativos. A Web funciona através de seu próprio protocolo, o **HTTP** (*Hipertext Transfer Protocol* ou protocolo de transferência de hipertexto), sigla que aparece em todos os endereços da rede. Sua popularidade é tanta que não é rara a confusão entre essa rede específica e a Internet — o conjunto de redes.

Conta-nos Lévy (1999) que, no início dos anos 90, a informática encontrava-se fundida com as telecomunicações, o cinema, a televisão, entre outras mídias. Já havia ocorrido a invasão do videogame, da informática de interfaces gráficas e interações sensório-motoras, e dos hipertextos e cd-roms. Foram somadas a esse cenário as possibilidades de novas formas de relacionamentos entre o “eu” e o “outro” — seja este outro “algo” (informação) ou “alguém” (indivíduos) — propiciadas pelo surgimento e pela popularização da Web. Os participantes das redes de computadores que já havia desde o final da década de 70 se reuniram e cresceram em número disparatadamente, abrindo todos os domínios da sociedade no mundo inteiro. Esse novo movimento sócio-cultural é e foi o responsável pela configuração daquilo que Lévy (1999) se refere como **ciberespaço**.

O ciberespaço impôs novos caminhos ao desenvolvimento tecno-econômico e desencadeou uma mutação sócio-cultural, abrindo novos espaços de sociabilidade através da linguagem e de circulação de informação e conhecimento, isto é, inaugurou um estilo de relacionamento entre indivíduos e informação que independe de espaços físicos. Para tanto, muito contribuiu a constante evolução da tecnologia: quanto menores e mais baratos tornavam-se os computadores, maiores tornavam-se as suas capacidade de armazenamento, confiabilidade e rapidez de acesso. Assim Lévy (1999: 17) define o termo:

[ciberespaço] é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

De acordo com Lévy (1999), o termo ‘ciberespaço’ foi cunhado em 1984, pelo escritor norte-americano William Gibson, no romance de ficção científica *Neuromante*, para designar algo como “espaço sem geografia”, ao se referir ao cenário onde lutam as multinacionais para invadir as “fortalezas secretas de informação”, isto é, o universo formado pelas redes de computadores. A palavra foi rapidamente adotada tanto pelos usuários quanto pelos estudiosos da Internet, assim como Pierre Lévy.

Como qualquer prática recorrente no ciberespaço, as conversações nas salas de chat coabitam com outros elementos que constituem o que se convencionou chamar de **cibercultura**: o “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (Lévy, 1999: 17). Os chats pertencem, desse modo, como qualquer outro gênero textual, a uma esfera social específica e são constituídos através de convenções acordadas no interior de tal esfera, nesse caso no interior da cibercultura — ou da cultura eletrônica, como prefere Marcuschi (2004). Também como qualquer outro gênero textual, não surgem já definidos: particularmente, são constituídos por um processo de criação e desenvolvimento de programas de software entre outros recursos técnicos. A cibercultura propicia a interação dos seres humanos entre si, dos hardwares com os softwares e dos seres humanos com hardwares e softwares.¹⁵

Portanto, a essência do ciberespaço é a dinamicidade propiciada pelos sujeitos que nele circulam ativamente, interagindo entre si e com os inúmeros textos do ambiente. O computador tornou-se uma ferramenta de interação por meio da qual os sujeitos penetram num novo universo de produção e leitura de textos, elaborando novos gêneros ligados à interatividade, como o gênero ‘chat’. É no ciberespaço, mais especificamente em um de seus ambientes — o ambiente chat síncrono, como mostraremos a seguir —, que se estabelecem tais “diálogos por escrito”, os quais refletem as especificidades da

¹⁵ **Hardware** é o conjunto de partes mecânicas, elétricas, eletrônicas, magnéticas e eletromagnéticas do computador, onde os dados entram, são processados e saem, isto é, é a parte física do computador, a máquina propriamente dita: unidade de processamento, monitor, teclado, mouse, impressora, scanner etc. O hardware executa os **programas de software**, que traduzem as instruções que são enviadas para o computador em uma linguagem que este possa entender. Para maiores informações sobre estes e outros termos recorrentes na cibercultura recomendamos o site www.aisa.com.br.

cibercultura. Antes, porém, vejamos resumidamente como surgiu e se desenvolveu esse “gênero ciberespacial”, de rápida popularização no Brasil e no mundo.

2.2 A EMERGÊNCIA E POPULARIZAÇÃO DO GÊNERO ‘CHAT’

O primeiro programa de chat, o **IRC** (*Internet Relay Chat*) surgiu em agosto de 1988, na Finlândia, antes, portanto, do aparecimento da Web (cf. Marcuschi, 2004). De início, era ligado apenas à rede pessoal de seu criador, Jarkko “Wiz” Oikarinen, membro do Departamento de Informação e Processamento do Conhecimento da Universidade de Oulu, mas já em novembro do mesmo ano a novidade estava ligada à Internet. De acordo com Araújo (2003), até então, só participavam do IRC aqueles que possuíam senha, mas, a partir de agosto de 1990, devido à criação do servidor *eris.berkeley.edu*, qualquer um já poderia se conectar ao canal e viver a experiência de conversar em tempo real, com muitas pessoas simultaneamente, por meio do computador. Acabava, nesse momento, a limitação do número de participantes na atividade de interação em rede por meio dessa ferramenta.

Araújo (2003) nos lembra que a fama mundial dos chats é decorrente de eventos históricos, como a Guerra do Golfo Pérsico, em 1991, quando muitos documentos começaram a circular pela Internet, despertando a curiosidade dos freqüentadores dos chats que se reuniam em um único canal de IRC para discutir sobre a Guerra. Outros tópicos de inesgotáveis debates em salas de chat foram o movimento social russo contra Boris Yeltsin em 1993, o grande terremoto japonês de Kobe em 1994 e o assassinato de Ytzahak Rabin em 1995. Tais acontecimentos foram marcos para os chats, que ganharam *status* de grande ferramenta de comunicação, encantando pessoas de todo o mundo por serem capazes de propiciar interação, entre muitas pessoas, em tempo real, por meio de um computador, com o custo de uma ligação local. A descoberta desse espaço fez com que os programas de softwares criados para promover a interação mediada por computador fossem se sofisticando cada vez mais. Na verdade, essa década marca a incessante multiplicação pelo mundo do número de programas de bate-papo, que, hoje, ao lado do e-mail, divide o título de gênero mais praticado no ambiente virtual.

No Brasil, a Internet surgiu no final da década de 80, mais precisamente em 1988, por meio da ação conjunta do Ministério da Ciência e Tecnologia, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e das Fundações de Amparo à Pesquisa dos Estados de São Paulo, do Rio

de Janeiro e do Rio Grande do Sul (FAPESP, FAPERJ e FAPERGS, respectivamente) (cf. Paiva, 2004). Não tardou para que também houvesse aqui a disseminação dessas ferramentas de conversação virtual. Para termos idéia, até agosto de 2005, segundo dados apresentados pelo MSN Brasil¹⁶ — software dos bate-papos que compõem o *corpus* deste trabalho e um dos maiores sucessos mundiais na área de aplicativos interativos —, há 13 milhões de usuários utilizando o programa no país, ao passo que o número de usuários em todo o mundo é de 170 milhões. Esses quase 8% do total de usuários do MSN fazem com que o Brasil seja o segundo maior mercado do mundo em número de usuários desse tipo de software.

2.3 O VIRTUAL E A DESTERRITORIALIZAÇÃO NOS CHATS

Na Lingüística, é comum a recorrência de expressões como ‘ambiente virtual’, ‘mídia virtual’, ‘gêneros virtuais’ etc. quando o assunto é a relação entre linguagem e Internet. Como ficou notório nas páginas até aqui, não fazemos diferentemente neste trabalho. Convém, todavia, abrirmos espaço para apresentarmos as noções de ‘virtual’ e ‘virtualização’, até porque advogamos que os chats consistem em “conversações virtuais” ou na “virtualização de conversações face a face”, e é justamente as especificidades que decorrem dessa virtualização que o configuram em um novo gênero textual e que fazem com que os interlocutores exercitem novos usos no tocante às expressões indiciais.

Para tanto, retomemos Lévy (1996), que, ao tentar compreender a essência da virtualização do ciberespaço a partir de elucubrações sobre o hipertexto — ou seja, na visão do autor, sobre o conjunto de textos escritos, sonoros e imagéticos ligados não-linearmente no ciberespaço —, afirma que o virtual, como o real, atinge as modalidades do estar junto, a constituição do “nós”. Isso pode ser percebido, sobretudo, pelo desenvolvimento das mais diversas comunidades virtuais, agrupamentos sociais com interesses comuns — ou que agem com interesses comuns num dado momento —, que se constituem no ciberespaço para fins específicos, formando uma rede de relações virtuais (Erickson, 1997; Marcuschi, 2004). Definiremos ‘comunidade’ como

uma coleção de membros com relacionamentos interpessoais de confiança e reciprocidade, partilha de valores e práticas sociais com produção, distribuição e uso de bens coletivos num sistema de relações duradouras (Marcuschi, 2004: 22).

¹⁶ Fonte: <http://www.s2.com.br/scripts/release.asp?releaseId=18202&clienteId=362> (acessada em 7 de setembro de 2005).

A noção de comunidade não se aplica precisamente a todas as práticas da Internet; na verdade, segundo Erickson (1997), são poucos os casos em que há a possibilidade de aplicação. Por exemplo, em se tratando da definição apresentada acima, é questionável dizer que os participantes que interagem em salas de chats em aberto, marcadas pela superficialidade, pelo anonimato e pela rotatividade dos participantes, constituam uma comunidade. Ainda assim, não se pode negar que os participantes dos chats em aberto constroem e compartilham momentos de interação; o mesmo acontece com o navegador que clica nos pontos de conexão (*links*) de um hipertexto.

Portanto, diremos que o universo de informações e as possibilidades de interação disponibilizadas pela Internet, em geral, congregam “comunidades” à sua existência. Entretanto — e ainda que necessitem de suportes físicos pesados para atualizar-se —, tais práticas não possuem um lugar definido, ou seja, tais práticas são “virtuais”. Nas palavras de Lévy (1996: 19), o hipertexto é “desterritorializado, presente por inteiro em cada uma de suas versões, de suas cópias e de suas projeções”. Contribui para produzir em qualquer lugar acontecimentos de atualização textual, navegação e leitura, e apenas estes acontecimentos são verdadeiramente situados.

De modo análogo, podemos afirmar que uma das principais modalidades da virtualização, no que diz respeito à relação dos chats com as conversações face a face, consiste no desprendimento do “aqui”, ou melhor, na constituição de um “novo aqui”, a sala de bate-papo virtual, em que as presenças dos participantes não são marcadas corporalmente, mas através, sobretudo, da modalidade escrita da língua, além de elementos paralingüísticos, como o tamanho e a cor da fonte, os emoticons etc. Embora seja possível atribuir um endereço, por exemplo, a uma sala de chat em aberto ou a um contato pelo MSN Messenger, tal endereço é transitório e de pouca importância.

Dessa forma, com base em Lévy (1996) e na natureza do tipo de chat que estamos a investigar — o chat dual ICQ via MSN —, neste trabalho tomamos a expressão **‘virtualização da conversação face a face’** como a transposição, para o espaço virtual (o ciberespaço), dos elementos verbais e não-verbais e das estratégias lingüísticas e interacionais que caracterizam a conversação face a face. Como os interlocutores dos chats estão querendo interagir, e como, para isso, seria mais propícia a situação face a face, eles trazem de forma criativa para o espaço virtual tais elementos e estratégias; entretanto, como se encontram em um novo ambiente de interação — o ambiente chat síncrono —, tais marcas ajustam-se/adaptam-se às peculiaridades do ciberespaço.

Vale salientar que o processo de virtualização da conversação face a face pode receber outros nomes, de acordo com a perspectiva de análise. Hilgert (2001), por exemplo, por dar ênfase às semelhanças entre os dois gêneros, denomina esse procedimento, assim como Meise-Kuhn (1998), *re-oralização*. Quem também compartilha dessa terminologia é Braga (1999: 26 *apud* Barros, K., 2001: 356), para quem “a aproximação das condições de interação características de uma conversa face a face gera marcas de ‘oralização’ na escrita”.

À guisa de exemplo, Quanto às modificações no funcionamento dêitico espacial de cada evento conversacional, vejamos os fragmentos abaixo, um de conversação face a face e outro de conversação via MSN, respectivamente. Em (2), o dêitico ‘aqui’ é utilizado por João para fazer referência ao espaço físico em que ele e Gustavo se encontram, enquanto em (3), a referência de ‘aki’ é o espaço virtual (o ciberespaço) atualizado na tela do computador. Este último é utilizado essencialmente com função fática.

EXEMPLO (2)¹⁷

João: e todo mundo/ dizem que todo mundo no mundo conhece sharon stone... ela ganhou muito dinheiro ((som ininterrupto de despertador)) ela soube administrar muito bem a carreira dela aí hoje em dia ela faz o filme que ela quer (3s) isso é **aqui** é?

Gustavo: é

João: aonde?

Gustavo: mas vai parar... deve ser o celular... esquece

Fonte: C3

EXEMPLO (3)

19:18:42	Gustavo	tem certeza?
19:18:49	joão	tenho
19:19:57	joão	sim
19:19:58	joão	kd tu
19:20:05	Gustavo	to aki

Fonte: C10

Em suma, ainda que necessitem de objetos concretos — os computadores — para virem a existir, assim como os hipertextos os chats não possuem um lugar, isto é, encontram-se **desterritorializados**, no sentido de que há um desengate que, paradoxalmente, ao mesmo tempo em que separa os interlocutores do espaço físico ordinário, os aproxima em um novo espaço, um espaço virtual, o ciberespaço.

Logo, as conversações nos *chats* estão num “mundo de possíveis” (cf. Lévy, 1999), calculáveis a partir de um modelo digital, cuja interação com o usuário resultará na

¹⁷ Em todos os exemplos, os realces na cor amarela, verde ou azul são de nossa autoria.

atualização dos possíveis. Os chats são resultantes da digitalização que designa o processo de cálculo de porções textuais. Trata-se de um mundo virtual no sentido da possibilidade de cálculo computacional, um “universo de possíveis calculáveis a partir de um modelo digital e de entradas fornecidas por um usuário” (Lévy, 1999: 74).

Por outro lado, enquanto os interlocutores dos chats encontram-se separados geograficamente, a interação, como já mencionado aqui, se dá de modo quase-simultâneo, a depender da qualidade das máquinas dos participantes e da velocidade da conexão. Sabe-se que a escrita, por essência, é virtualizante, já que desterritorializa e dessincroniza. O inusitado dos chats está justamente no fato de se concretizarem através da escrita, mas operarem sincronicamente. São, portanto, conversações virtuais, na medida em que desterritorializam, porém sincrônicas (ou quase-simultâneas).

O que permite pessoas, posicionadas em geografias distintas, interagirem entre si por meio de “trocas de turnos conversacionais por escrito” é justamente a democratização e a mutabilidade do conjunto de informações do ciberespaço. Já que é possível ao internauta ter acesso ao mar de textos que nele se encontra, tanto se alimentando desse universo quanto o alimentando, configura-se a possibilidade de esses encontros sincrônicos mediados pela escrita se atualizarem. Assim como todas as informações digitais que circulam no ciberespaço, os turnos¹⁸ da conversação em salas de chat são enviados através de uma linha telefônica e um modem, e as informações são transportadas em sua forma digital passando por satélites de telecomunicação.

Todo o aparato tecnológico que está por trás do funcionamento do chat, sem dúvida, interfere na natureza do gênero, o diferenciando da conversação prototípica, face a face. Algumas características mais evidentes — como o uso de uma outra modalidade da língua (os chats se concretizam por meio da escrita) — e outras nem tanto — como novos procedimentos referenciais decorrentes, por exemplo, de uma nova relação espacial entre os sujeitos (como vimos, o ‘aqui’ possui estatutos dêiticos diferentes na conversação face a face e na conversação virtual) — fazem com que o chat, embora possa ser concebido como uma contraparte da conversação ordinária em um novo ambiente (o ciberespaço), seja uma

¹⁸ Amplamente difundido na Análise da Conversação — já que uma das características básicas constitutivas da organização da conversação face a face é a troca de turnos (Marcuschi, 1999) —, o conceito de turno é aplicado neste trabalho também às contribuições verbais ou não-verbais (por meio de emoticons, por exemplo) dos participantes dos chats. Entendemos por turno “qualquer intervenção dos interlocutores (participantes do diálogo) de qualquer extensão” (Galembek, 1993: 60). Assim, como na conversação face a face, os interlocutores dos chats alternam-se por meio de turnos nos papéis de “falante” e “ouvinte” (escritor e leitor), ainda que essa alternância seja de natureza diferente nos dois gêneros, pois é moldada pelas diferentes condições de produção de cada um.

prática social de linguagem original em relação ao que já existe, configurando-se como um novo gênero textual. A esse respeito, Marcuschi (2004) diz que um novo meio tecnológico interfere na natureza do gênero produzido, em termos de forma e função. Na esteira deste autor, partimos do princípio de que, na medida em que mudamos da esfera do face a face para a esfera do virtual, mudamos o gênero textual:

Que aspectos da relação face a face transferem-se para o novo gênero? Qual a interferência do anonimato mantido num apelido (*nickname*)? O que muda quando a relação *interpessoal* passa a ser uma relação *hiperpessoal*, como no caso de um *bate-papo em aberto* numa sala de bate-papo virtual? Criam-se novas formas de organizar e administrar os relacionamentos interpessoais nesse novo enquadre participativo. (Marcuschi, 2004: 17)

Ainda que nossos dados de conversação virtual, em termos de “enquadre participativo”, sejam deliberadamente bastante semelhantes aos nossos dados de conversação face a face, afastando-se, pois, dos chats em aberto aos quais Marcuschi (2004) se refere na passagem supracitada, nossa posição é de que os chats duais desenvolvidos através dos programas do tipo ‘MSN’ consistem de igual maneira em um novo gênero textual, já que as características advindas com o processo de virtualização também interferirão em sua composição.

2.4 O AMBIENTE CHAT SÍNCRONO

Anteriormente, dissemos que o ciberespaço abriga tanto os chats quanto as outras formas de interação mediadas pelo computador. Tal diversidade justifica-se na medida em que o ciberespaço está longe de ser homogêneo; ao contrário, apresenta uma grande heterogeneidade de formatos e permite modos diversos de interação. Diante disso, Marcuschi (2004), com base em Wallace (2001), afirma haver ambientes virtuais com características próprias, cada um abrigando um conjunto específico de “gêneros emergentes”. Esses ambientes não são propriamente os gêneros, muito menos domínios discursivos — no sentido de esfera de produção discursiva ou atividade humana que dão origem a vários gêneros (Marcuschi, 2002) —, mas sim espécies de **espaços virtuais de produção e processamento textual**. O autor sistematiza um total de seis ambientes, a saber:

- a) **o ambiente Web:** a *World Wide Web*, com todos os recursos que esse ambiente descentralizado, interativo e passível de expansão ilimitada pode oferecer;

- b) **o ambiente e-mail:** o correio eletrônico, meio de comunicação interpessoal ou institucional capaz de fazer circular os mais diferentes documentos dos mais diversos tamanhos;
- c) **os foros de discussão assíncronos:** discutem-se temas específicos nesse ambiente, cujas relações são continuadas e movidas por interesses comuns;
- d) **o ambiente chat síncrono:** ambiente destinado normalmente a conversações informais ou aulas (aulas chat) em tempo real, cujos participantes interagem simultânea ou reservadamente;
- e) **o ambiente mud:** ambientes interativos cujos participantes são jogadores que criam personagens, inserem músicas, conversam entre si etc.
- f) **o ambiente de áudio e vídeo:** as videoconferências, com vídeo e voz síncronos servindo a várias finalidades.

O gênero que analisamos, como o próprio nome indica, é produzido no ambiente apresentado no item (d). No entanto, os chats duais, espontâneos e entre participantes conhecidos são apenas um dos muitos modos de interação do ambiente chat síncrono, que também abriga os chats em aberto, os reservados, os educacionais, entre outros. Tentemos sistematizar três das principais formas de interação nesse ambiente.

Araújo (2003), ao afirmar haver três tipos de chats — o *IRC*, o *ICQ* e o *chat na Web*, tem em vista, sobretudo, o aparato tecnológico que fundamenta a interação. Não trabalharemos aqui com essa classificação, por acharmos mais relevante pensar os tipos de chat com base nos diferentes enquadres participativos que eles configuram. Na verdade, a terminologia utilizada pelo conjunto de autores que estudam o gênero, conforme sugeriu o próprio Araújo (2003), oscila tremendamente, de acordo com o critério utilizado para o desenvolvimento de uma tipologia dos chats (as modalidades enunciativas envolvidas na interação, o aparato tecnológico que a sustenta, os enquadres participativos nela constituídos etc.). Exemplifiquemos a partir da observação de um par de autores. Fonseca (2002) classifica os chats em videoconferências (acesso à voz e à imagem do interlocutor), voice chat (acesso à voz e ao texto do interlocutor) e chats de texto (acesso apenas ao texto). Estes últimos, para o autor, se dividem em chats de texto livre (tema livre e ausência de moderador), chats de texto moderado (tópico definido e presença de moderador) e chats de texto especial (semelhante ao anterior, mas com data e horário determinados). Marcuschi (2004), por sua vez, caracteriza o chat em aberto, o chat

reservado, o chat ICQ ou agendado, o chat em salas privadas, a entrevista com convidado e a aula chat ou aulas virtuais. Portanto, além de suas categorias e seus princípios de classificação serem outros, este último autor não considera as videoconferências como chats, divergindo de Fonseca (2002).

Com base na classificação de Marcuschi (2004), podemos afirmar que satisfaz aos propósitos dessa dissertação apenas discutirmos, resumidamente, características específicas dos chats em aberto, reservados e ICQ. Portanto, caracterizemos de maneira sucinta o funcionamento de cada um dos três tipos.¹⁹

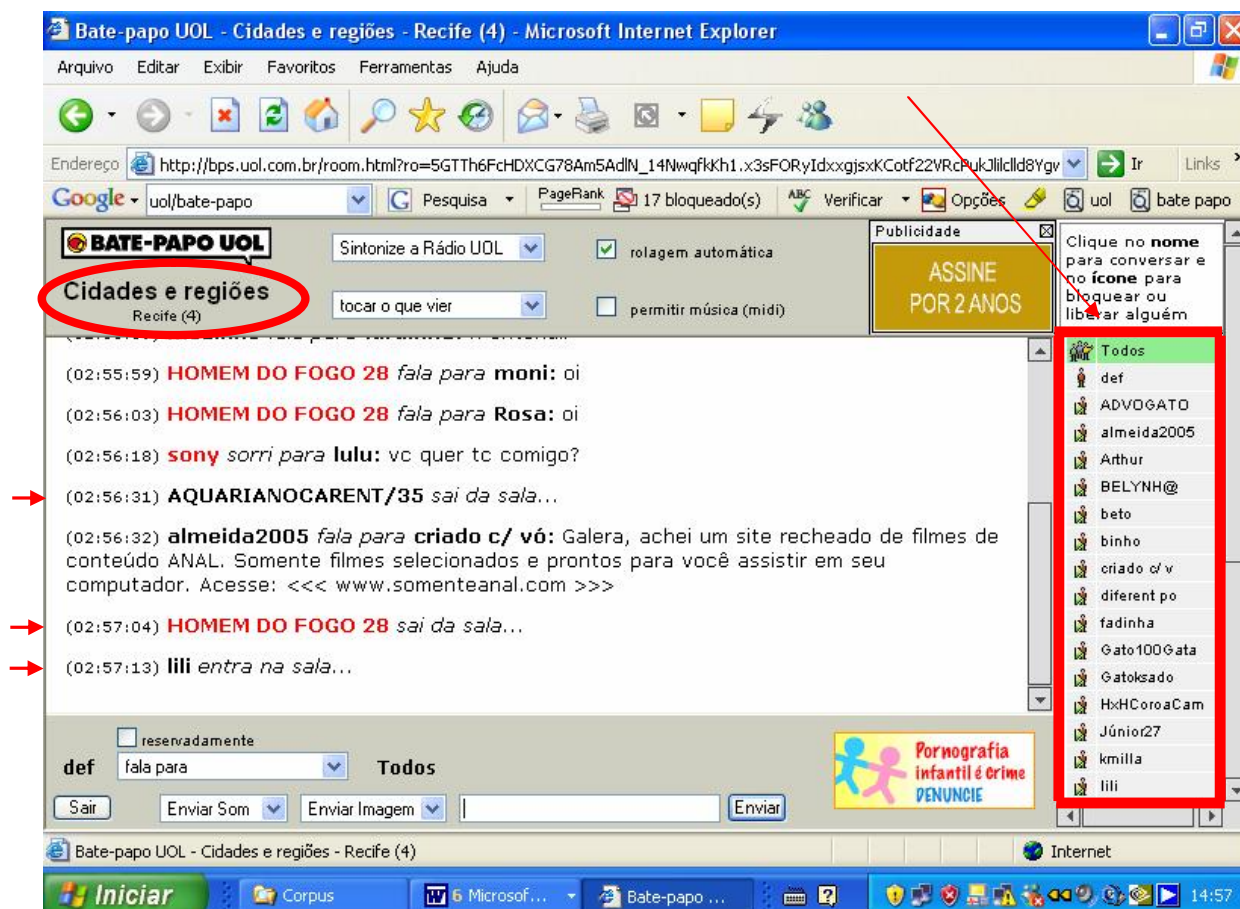
Talvez a forma mais acessível de se “teclar” pela Internet seja por meio dos **chats em aberto** via Web, por prescindirem da instalação de um programa específico no computador, sendo necessário apenas um *navegador*, como o *Internet Explorer* ou *Netscape*. Além disso, são muitos os sites que hospedam essas salas de bate-papo gratuitamente (*UOL, Terra, BOL, Yahoo!, Globo* etc.), visitadas constantemente por um vasto número de participantes de qualquer lugar do mundo. Por isso, a metáfora da “festa à fantasia” para caracterizar os chats em aberto é muito pertinente: várias pessoas, em geral desconhecidas e anônimas, apresentam-se por meio de um apelido (*nickname* ou *nick*) — no caso, a “fantasia” — para interagirem em conjunto, como podemos observar a partir da tela 03.

Em geral, o participante escolhe uma determinada sala para conversar de acordo com seus interesses específicos. As salas são normalmente distribuídas por temas (sexo, amizade, religião, política, música etc.), faixa etária ou cidades e regiões — como a sala retratada na tela 03. O fato de os participantes raramente se apresentarem com o seu nome verdadeiro repercute na construção da identidade dos sujeitos e na administração/preservação de suas faces. Como os indivíduos podem variar a todo instante seu *nick*, é comum a volatilidade das identidades sociais que passeiam de sala em sala, como percebemos por meio da referida tela, que registra o momento de duas saídas e uma entrada da/na sala em curto espaço de tempo.

¹⁹ Embora não estejam em nosso campo de análise, não nos custa dizer que, também no ambiente chat síncrono, encontram-se os **chats educacionais**, que se diferenciam dos demais por possuírem fins didáticos, o que também repercute na sua forma de organização e na relação entre os participantes. Normalmente, nos chats educacionais (também conhecidos como ‘aulas chat’), interagem várias pessoas e uma delas atua assimetricamente em relação às demais, como coordenadora/mediadora da conversa. Em geral, quem cumpre essa função é um professor ou monitor, mas também um aluno pode atuar nesse sentido. A contraparte dos chats educacionais no “mundo real” seriam as aulas presenciais ou mesmo as discussões acadêmicas. Chats desse tipo podem ser travados tanto em uma sala de chat na Web — a mesma que abriga um bate-papo em aberto ou reservado — quanto por meio de softwares específicos, como os do tipo ICQ.

TELA 03

CHAT EM ABERTO, COM DESTAQUE PARA A LISTA DOS NICKS DOS PARTICIPANTES



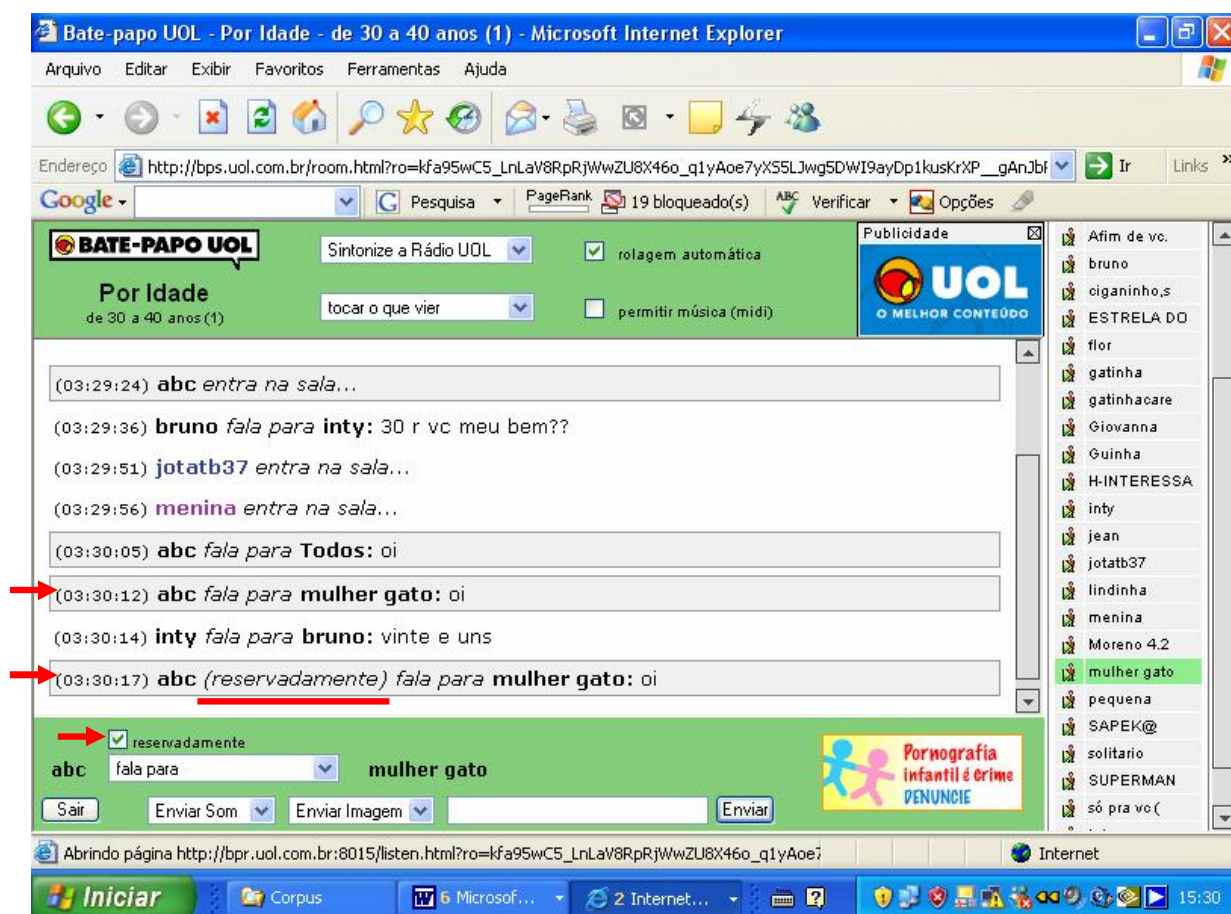
Para quem não está acostumado a essa forma de interação, a multiplicidade de indivíduos nas salas de chats em aberto pode aparentar caótica, sobretudo porque os turnos normalmente não se apresentam encadeados, sob forma de pares adjacentes, pois, quando entram em uma sala, o indivíduo penetra em diversas conversações em andamento. Ele cumprimenta a todos ou seleciona um participante determinado para conversar, que pode, por sua vez, ser ou não ser responsivo. Em geral, as contribuições dos participantes são curtas, e um aspecto muito peculiar é o fato de um participante poder enviar falas de outros a um terceiro. A propósito, segundo Hilgert (2001), essa é uma das características que mais diferenciam os chats em aberto das conversações face a face, pois, muitas vezes, secretamente, um participante executa comandos que não são bilaterais. Tudo isso faz com que Marcuschi (2004: 48) afirme que, nos chats em aberto, ocorra

uma relação mais hiperpessoal do que interpessoal, pois a participação não é centrada no indivíduo e nas relações individuais e sim no grupo. Quando as relações deslizam para o

interpessoal mais definido, então surge um novo gênero [o chat reservado] e a sala aberta é abandonada.

Percebe-se que Marcuschi (2004) não se contenta apenas com a idéia de que o chat é um novo gênero textual, mas também afirma que as suas diversas modalidades também são exemplares de gêneros distintos. Infelizmente, o aprofundamento dessa instigante discussão desvirtuar-nos-ia dos objetivos deste trabalho. Centremo-nos apenas no fato de, nos chats em aberto, ser possível manter vários diálogos paralelos. Tais diálogos podem ser mantidos com o desconhecimento de todos os parceiros, na medida em que se seleciona a opção ‘reservadamente’, momento registrado na tela 04.

TELA 04 — PASSAGEM DO CHAT EM ABERTO PARA O CHAT RESERVADO



É isso o que Marcuschi (2004) afirma ser a passagem do hiperpessoal para o interpessoal e o surgimento de um novo gênero — o **chat reservado**. Nele, dois interlocutores se correspondem na intimidade, impossibilitando os demais participantes da sala a terem acesso a seus turnos (trata-se de uma comunicação bilateral, de um para um), embora possam continuar tendo acesso às falas dos outros membros da sala e comunicar-se

com eles se desejarem. Nos chats reservados, os indivíduos, além de conversarem sem serem espionados pelos demais participantes da sala, podem escolher exclusivamente apenas um parceiro para conversação, eliminando as contribuições dos demais, para eles e para outros, de seu campo de visão. Neste caso, a sala e os recursos permanecem os mesmos do chat em aberto, mas só ficam presentes as duas pessoas que se selecionaram para “conversar mais sossegadamente”. Como consequência, a falta de adjacência entre os turnos diminui e os participantes tendem a se manter fiéis a um tema por mais tempo, desenvolvendo mais substancialmente certos tópicos.

Portanto, conversações reservadas, conseqüentemente duais, estão bem mais próximas da conversação face a face do que o chat em aberto, sobretudo por haver uma maior centração temática, diminuindo o que Marcuschi (2001b: 19) chama de “tumulto comunicativo”. Isso justifica a nossa escolha por trabalharmos com chats duais, pois o fenômeno que analisaremos (as expressões indiciais) vem à tona, sobretudo, quando o tópico progride.

Por fim, os **chats ICQ** surgiram em agosto de 1996, em Israel, e foram disponibilizados na Internet ainda no fim desse mesmo ano. As letras ‘I’, ‘C’ e ‘Q’ referem-se à pronúncia do enunciado inglês ‘I seek you’ (“eu procuro você”), pois a essência do programa é a sinalização para o usuário de todos os seus amigos que se encontram conectados e que também tenham instalado o programa em seu computador. Na verdade, o usuário deve compor uma lista de amigos (ver tela 05) para que a interação automática em tempo real aconteça, pois o sistema rastreará os amigos listados. O usuário também pode enviar mensagens assíncronas a seus amigos off-line.

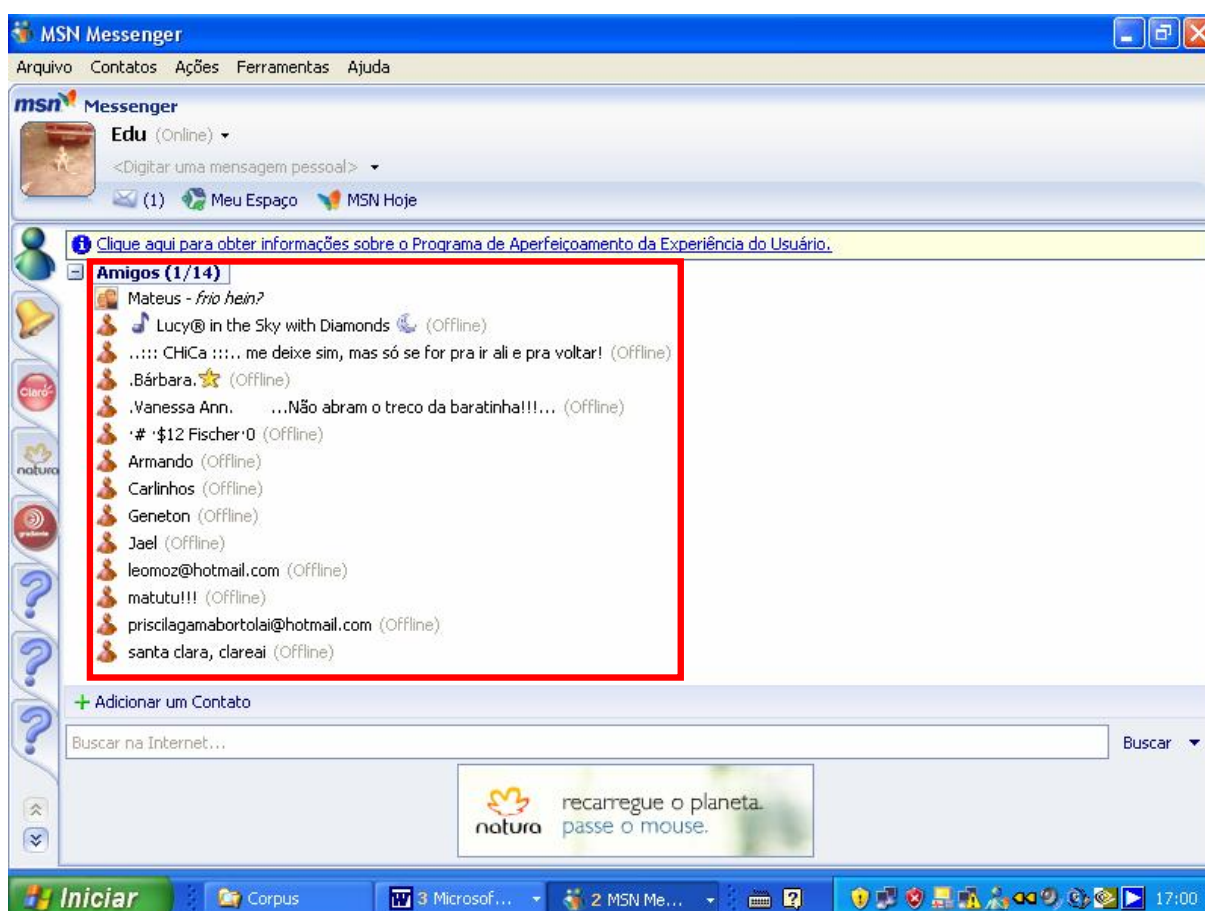
Vê-se que este é o inusitado do ICQ e, provavelmente, um dos fatores responsáveis pela conquista de milhões de usuários em todo o mundo: o fato de ele criar uma lista de amigos do internauta (ver tela 05), sinalizando-lhe quando qualquer um deles estiver em condições de dialogar no ciberespaço. Quando isso acontece, o sujeito pode de imediato remeter uma mensagem ao seu amigo, iniciando uma conversação virtual, assim como numa chamada telefônica. As interações, portanto, não se dão no anonimato — como acontece na maioria das conversações do IRC, sejam em aberto, sejam no reservado.

Ainda que, por serem duais, sejam semelhantes aos chats reservados, os chats ICQ surgem como mais um tipo de bate-papo não apenas por se desenvolverem fora da Web (assim como na interação pelo IRC, há a dependência da instalação de um programa específico no computador do usuário), mas, sobretudo, pelos recursos dos programas que

os viabilizam. Tais programas, além de tornar a interação mais interpessoal, devido aos participantes serem conhecidos uns dos outros, dotam-na de características singulares. Por exemplo, embora os diálogos sejam, a princípio, duais, a dupla pode convidar outro(s) participante(s) para interagirem num mesmo espaço virtual.

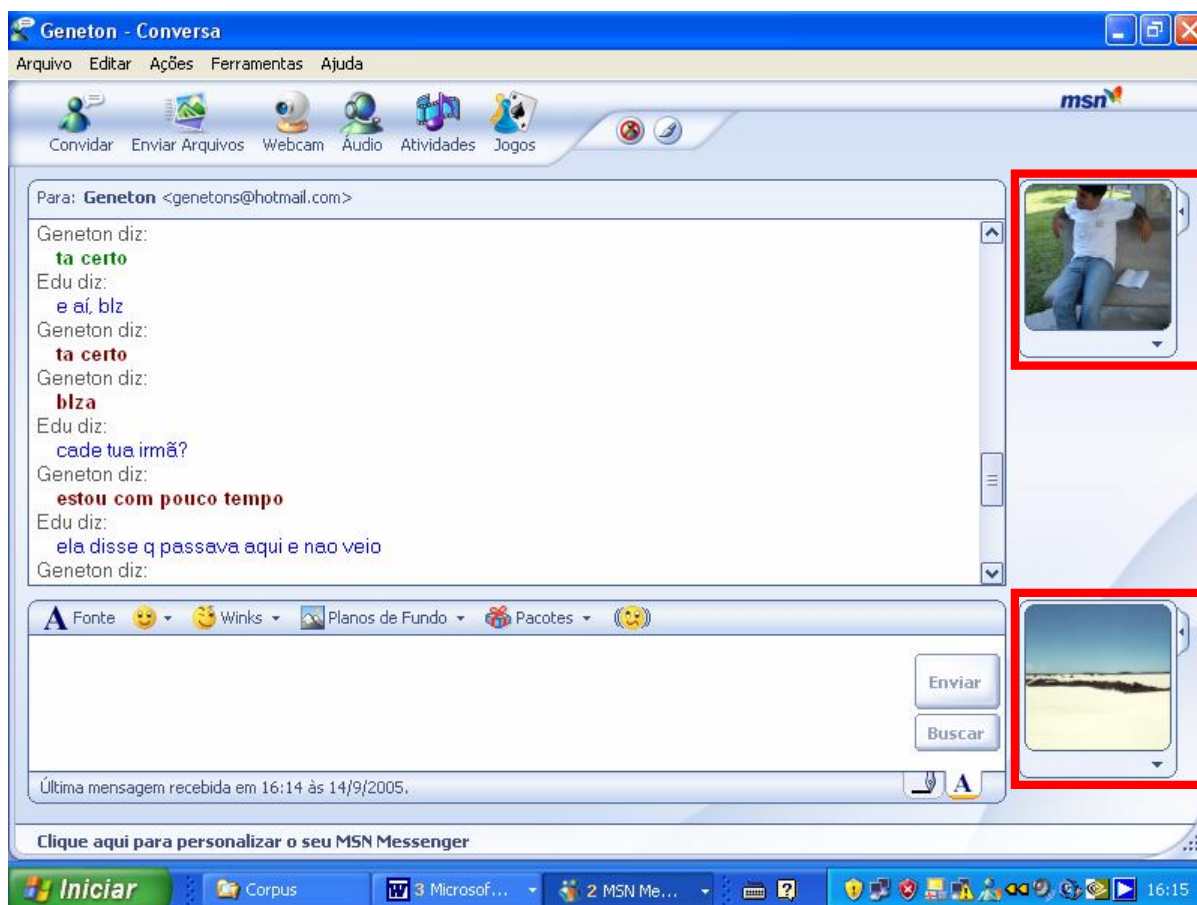
TELA 05

CHAT ICQ (MSN MESSENGER), COM DESTAQUE PARA A LISTA DE AMIGOS DO USUÁRIO



Outra característica desse tipo de conversação é a possibilidade de os participantes compartilharem fotos, documentos, músicas, entre outros arquivos, numa velocidade quase-instantânea. A propósito, Jonsson (1997) afirma que, no ICQ, o fato de os usuários poderem partilhar os mesmos documentos dá-lhes a sensação de que estão também partilhando o mesmo espaço físico, e não apenas um espaço virtual, o que repercute no uso de certos procedimentos referenciais comuns à conversação face a face. Por exemplo, nas caixas de diálogo do MSN, costuma aparecer a “Imagem de Exibição” de cada participante — como destaca a tela 06 —, isto é, uma foto por eles escolhida, que pode ser alterada a qualquer momento.

TELA 06
CHAT MSN MESSENGER,
COM DESTAQUE PARA AS “IMAGENS DE EXIBIÇÃO” DOS PARTICIPANTES



Desse modo, em uma das conversas de nosso *corpus*, João se surpreende com a “Imagem de Exibição” de Gustavo, e a ela se refere como o poderia fazer numa situação presencial, como se estivesse sendo olhada ou apontada por ambos os participantes num dado espaço físico. E a indagação de João (‘que foto e essa’), embora não explicite à qual foto se refere, é compreendida por Gustavo, que prontamente lhe responde. Isso porque o dêitico ‘essa’ configura, no exemplo, um apontar referencial para o ciberespaço, mais especificamente para o espaço virtual atualizado na caixa de diálogo:

EXEMPLO (4)

18:13:11	joão	oi
18:13:19	Gustavo	oi, oi
18:13:29	joão	que foto e essa
18:13:32	joão	??
18:13:56	Gustavo	eu e minha mãe
18:14:01	Gustavo	nunca visse?

Fonte: C10

Segundo Erickson (2000), os programas de conversação pela Internet geralmente são elaborados com base em suas contrapartes prévias, ou seja, com base em gêneros já existentes no mundo real e que cumprem funções similares ao gênero emergente. Assim, um programa de chat simularia as atividades desenvolvidas numa conversação face a face, sendo natural, desse modo, estratégias de referenciação como a do exemplo (4). No entanto, a dinâmica da utilização do programa pelos participantes extrapola as expectativas de seus criadores, favorecendo usos bem distintos da prática que inspirou a configuração da ferramenta. Em outras palavras, ainda que o programa seja rígido, os usos que são feitos deles não o são; conseqüentemente, também são variadas e inovadoras algumas estratégias de interação e desenvolvimento conversacional das quais os participantes lançam mão.

Como já explicado anteriormente, devido a sua popularidade entre os internautas de todo o mundo, bem como pela possibilidade de eliminarmos variáveis indesejáveis à comparação que desejávamos fazer entre o chat e a conversação face a face, optamos pela análise de chats desse último tipo — chats ICQ, por meio do programa de software ‘MSN Messenger’ —, deixando de lado os chats desenvolvidos no IRC ou na Web e/ou organizados diferentemente em termos de finalidade e relação entre os participantes.

2.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CHATS ICQ À LUZ DA INTERAÇÃO FACE A FACE

Como já frisado aqui, é muito delicada a posição do gênero ‘chat’ no *continuum* da relação ‘fala-escrita’. Embora seja um gênero que se manifesta através da modalidade escrita da língua, apresenta características dos gêneros prototípicos orais. Crystal (2001) afirma que os chats possuem uma espécie de “escrita primitiva”²⁰, pois se encontra em seu estado puro, não editado, espontâneo:

EXEMPLO (5)

18:20:18	Gustavo	li 1 crítica sobre o filme q falava q n entendia pq o nome era as invasoes barabaras
18:20:32	Gustavo	mas ele menso ele menciona no filme
18:20:34	joão	como é
18:20:51	joão	ele fala no filem
18:21:36	Gustavo	fala-se no filem algma coisa sobre invasoes barbaras
18:21:39	Gustavo	lembra
18:21:40	Gustavo	?

Fonte: C8

²⁰ Embora concordemos com a observação de Crystal (2001) de que a escrita dos chats é “primitiva”, nos afastamos da idéia promovida por algumas análises da relação entre a fala e a escrita de tendências dicotômica ou culturalista (Marcuschi, 1997a), as quais parecem julgar a escrita como a evolução da fala. Concebemos o material verbal dos chats e da conversação espontânea face a face como “primitivos”, por serem produtos minimamente reformulados e editados, que se confundem com o seu processo de construção.

A rápida passagem acima exemplifica que o **produto** escrito final, o texto que o autor disponibiliza na tela de seu interlocutor, se confunde com seu próprio **processo** de construção. Além de rupturas com certas convenções escritas — rupturas estas decorrentes do desejo de se economizar tempo (“li 1 crítica sobre o filme q falava q n entendia pq...”) ou de simples erros de digitação (“invasoes barabaras”, “fala-se no filem algma”) —, as marcas de construção do texto normalmente não são apagadas como o seriam em se tratando de outro gênero da modalidade escrita. Assim como a auto-correção apresentada na mensagem ‘18:20:32’ do exemplo acima, vemos na superfície dos chats, bem como na maioria dos gêneros orais, repetições, truncamentos, reinícios, entre outras consequências da **simultaneidade entre planejamento e verbalização**, até então associada exclusivamente à oralidade. Ao contrário de outras práticas de escrita, o automonitoramento diminui e é menos cobrado, pois a preocupação com a correção não é grande, aparecendo normalmente apenas nos casos em que sua ausência provavelmente desvirtuaria, dificultaria ou impediria o entendimento do texto, como nas correções efetuadas em (6) e (7):

EXEMPLO (6)

18:20:09	Gustavo	me liguei mais na história
18:20:17	Gustavo	se bem q é muito bom ver alguns autores
18:20:19	Gustavo	atores

Fonte: C10

EXEMPLO (7)

17:24:14	joão	que menina estas falando
17:24:18	joão	??
17:24:37	Gustavo	a esposa do cara que era dono da casa do lago
17:24:44	Gustavo	que yinha dois filhos pequenos
17:24:54	Gustavo	tinha
17:24:58	joão	sim o que tem ela

Fonte: C8

A ruptura do gênero com a modalidade escrita da língua é tanta a ponto de Marcuschi (2004) especular se é possível o modo como a escrita está sendo utilizada nos chats alterar a própria forma de se escrever, já que o que se tem, em termos lingüísticos, é uma escrita não-monitorada, isenta de censuras, revisões, correções. Segundo o autor,

as mudanças que com tanta rapidez ocorrem na linguagem oral pelo fato de a usarmos a todo momento podem começar a se tornar mais freqüentes e velozes na escrita quando passarmos a usá-la com tamanha freqüência. Não seria demais imaginar que um dia se pudesse admitir várias formas de escrita (várias grafias) a depender do contexto de uso dessas escritas. Estamos longe de uma tal atitude, mas ela não é mais impensável. (Marcuschi, 2004: 62-63)

Um exemplo bem pontual nesse sentido consiste na difusão dos **emoticons** — elementos provenientes da virtualização da conversação face a face — para práticas “tradicionais” da escrita. Emoticons (do inglês *emotion* + *icons* = ícones de emoção) são ícones de expressões faciais humanas, construídos originalmente a partir de sinais de pontuação e outros caracteres utilizados na escrita alfabética. São espécies de elementos ideográficos, em que o mais importante é a idéia a ser transmitida do que as palavras exatas. Para lê-los, deve-se virar a cabeça na posição horizontal:

QUADRO 02
EXEMPLOS DE EMOTICON

Emoticon	Significado
: -)	Feliz
: - (	Triste
; -)	Piscadela
: -)))	Gargalhada
8 -)	Óculos

Em estudo sobre esses elementos, Komesu (2002: 171) atenta para o fato de eles estarem migrando para outros gêneros escritos, fora do ambiente virtual, ainda que seu emprego só tenha sentido no ciberespaço por causa dos limites estabelecidos pelo teclado do computador. Além disso, na maioria dos softwares de bate-papo pela Internet, inclusive no MSN Messenger, esses símbolos encontram-se estilizados e disponíveis aos interlocutores por meio de uma janela de fácil acesso, que destacamos na tela 07.

Devemos frisar que, embora sejam mais freqüentes nos chats, os emoticons não são exclusivos desse gênero, pois também aparecem nos e-mails pessoais, blogs e flogs. A presença deles nos bate-papos vem amenizar a ausência de elementos não-verbais, visando à representação de um contexto de produção face a face. Na tentativa de otimizar o diálogo virtual, esses elementos são utilizados para fazer referência a gestos, expressões faciais, objetos que se associam a determinados significados — como relógio (atraso, pressa, tempo), flor (carinho, amor), lábios vermelhos (beijo, paixão) —, indicando as posturas dos interlocutores e simulando situações recorrentes em uma conversação na modalidade oral.

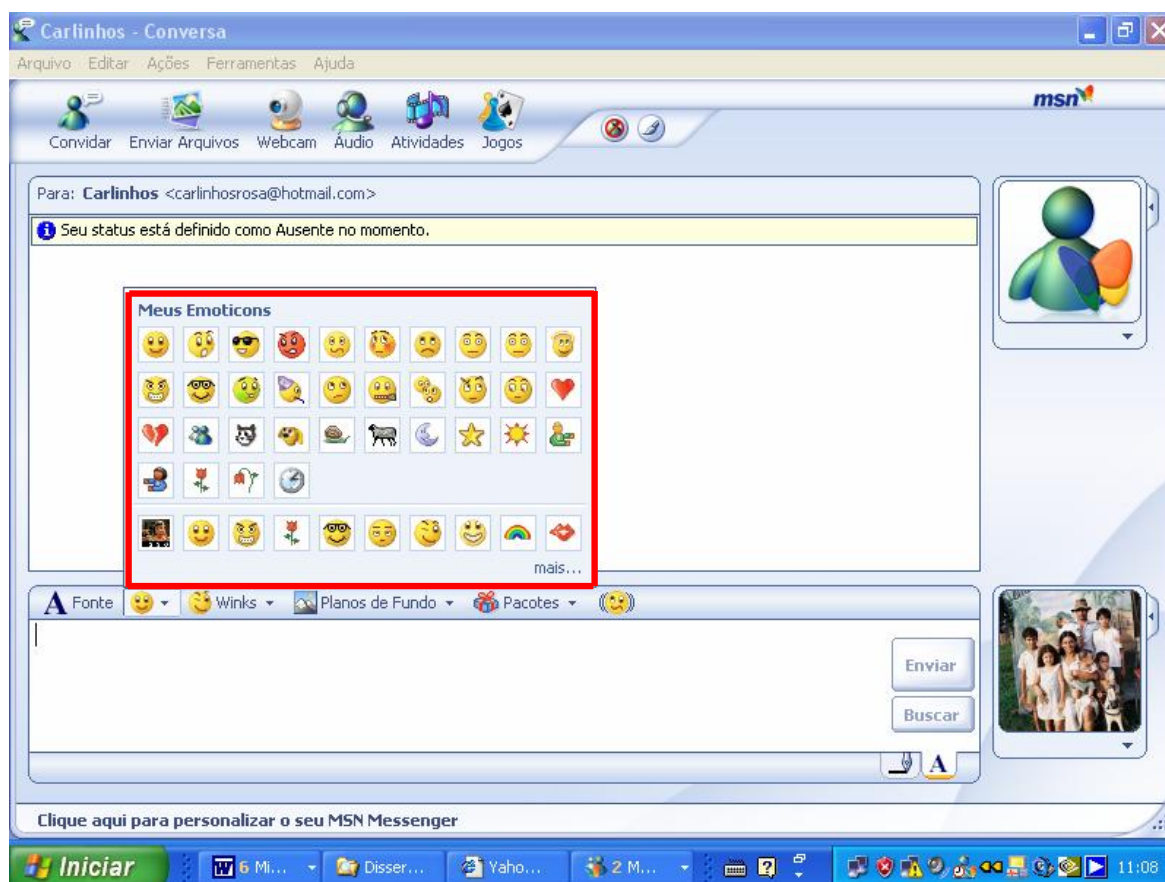
EXEMPLO (8)

18:31:31	Gustavo	ó, claudia é mulher do diretor, sabia?
18:31:43	joão	vi nos extras
18:32:04	Gustavo	so por isso ganhou o papel
18:32:07	Gustavo	
18:32:09	Gustavo	rsrs
18:32:19	joão	

Fonte: C10

TELA 07

JANELA 'MEUS EMOTICONS' NO MSN MESSENGER



Em (8), devido ao fato de João, em um momento anterior, ter se revelado fã da atriz Cláudia Abreu, esposa do diretor do filme ‘O homem do ano’, Gustavo, de modo sarcástico (18:32:07), provoca o parceiro (18:32:04) e consegue irritá-lo (18:32:19). Podemos observar que os emoticons atuam neste fragmento conversacional de modo bastante significativo, ilustrando as expressões faciais (riso sarcástico e ar de contrariedade, respectivamente) e sinalizando metaforicamente as posturas dos interlocutores na interação (o diabo sorrindo está associado à perversidade, zombaria, enquanto uma face vermelha com sobrancelhas em “v” significa irritação, raiva). Poderíamos dizer que, assim como as expressões faciais funcionam na oralidade como **pistas** ou **convenções de contextualização** (Gumperz, 1998), esses elementos exercem tal papel nos chats analisados. É válido expormos resumidamente o conceito mencionado.

John J. Gumperz explica o que são as convenções ou pistas de contextualização num artigo de mesmo nome, publicado em sua versão original em 1982. O autor parte de uma crítica à noção de **diversidade lingüística** preconizada pelas abordagens tradicionais da sociolingüística, para as quais essa diversidade é determinada por fenômenos sociais *a*

priori, isto é, pelas variáveis sociais: idade, sexo, posição geográfica, classe social do indivíduo etc. Afastando-se dessa perspectiva, encontra-se a visão defendida por Gumperz (1998), para quem a diversidade lingüística é mais do que uma questão de comportamento individual, visto que ela funciona como recurso comunicativo nas interações verbais cotidianas, como uma espécie de evidência empírica de cooperação social. A tese do autor é de que os interlocutores categorizam eventos, inferem intenções e apreendem expectativas com base em conhecimentos de estereótipos (“convenções”) relativos às diferentes maneiras de falar. Em suma, as variáveis lingüísticas contribuem para a interpretação do que está sendo feito na interação comunicativa. Conseqüentemente, a fala tanto é constituída a partir do contexto como o constitui, ou seja, o contexto não é dado, mas sim construído no momento da interação.

Diante disso, Gumperz (1998) parte do seguinte pressuposto, que deságua no conceito de convenções de contextualização: uma elocução, podendo ser compreendida de várias maneiras, é interpretada pelas pessoas com base em suas definições do que está acontecendo no momento da interação, ou seja, com base no **enquadre** ou **esquema** familiar, nos termos de Bateson (1998) e Goffman (1998)²¹. Essa espécie de recorrência do *contexto de situação* (cf. Malinowski, 1972) Gumperz (1998) denomina **tipo de atividade**, ou simplesmente **atividade**, a qual se caracteriza por:

- a) ser uma unidade básica de interação socialmente relevante em termos da qual o significado é avaliado;
- b) não ser uma estrutura estática, mas um processo dinâmico, que se desenvolve e se modifica à medida que os participantes interagem;
- c) não ser capaz de determinar significados, mas somente de restringir interpretações, canalizando inferências.

E em que os participantes da interação se apóiam para inferir o tipo de atividade que emerge das elocuições? É justamente esse o papel das convenções ou pistas de contextualização. Segundo Gumperz (1998), a canalização de interpretação se realiza por implicaturas conversacionais baseadas em expectativas convencionizadas de co-ocorrência entre conteúdo e estilo de superfície. É através desses traços convencionais

²¹ O *enquadre*, conceito introduzido por Bateson (1998 [1972]) e desenvolvido por Goffman (1998 [1974]), situa a metamensagem contida em todo enunciado para dela podermos inferir o sentido implícito da mensagem. Assim sendo, em qualquer interação, os interlocutores estão permanentemente introduzindo ou mantendo enquadres que organizam o discurso. Nesse sentido, as convenções de contextualização são marcas verbais ou não-verbais presentes no ato da enunciação responsáveis pela configuração dos enquadres.

presentes na superfície da mensagem que os falantes sinalizam e os ouvintes interpretam não só o tipo de atividade em questão, como também o conteúdo semântico e as relações entre as elocuções.

Em suma, pistas de contextualização são todos os traços lingüísticos, paralingüísticos e extralingüísticos que contribuem para a sinalização de pressuposições contextuais. No que diz respeito à forma como se manifestam na interação face a face, a depender do repertório lingüístico historicamente determinado dos participantes, elas se constituem, de acordo com Gumperz (1998: 100), através de:

- a) mudanças de código, dialeto e estilo;
- b) fenômenos prosódicos (ritmo, acento, tom, volume da voz, entoação etc.);
- c) escolhas lexicais e sintáticas;
- d) expressões formulaicas;
- e) aberturas e fechamentos conversacionais;
- f) estratégias de seqüenciamento;
- g) pausa, tempo de fala, hesitações;
- h) distanciamento entre interlocutores, postura, olhar, gestos.

Diante disso, é fácil supor que certos tipos de pistas de contextualização presentes nos diálogos cotidianos são, *a priori*, intransponíveis para o ciberespaço. Vejamos, por exemplo, os itens (b), (g) e (h) apresentados acima. O próprio Gumperz (1998), ao refletir sobre as bases perceptuais dessas pistas, destaca a existência de sinais rítmicos e fonéticos que contribuem para a constituição do contexto. Por sua vez, Birdwhistell (1970 *apud* Gumperz, 1998) demonstrou, em análise sistemática dos sinais não-verbais, que, no momento da fala, todas as partes do corpo (olhos, rosto, membros, torso) produzem automaticamente sinais específicos que, embora passem muitas vezes despercebidos, emitem informações. Ratificamos, assim, nossa posição de que os emoticons são um dos recursos pelos quais os usuários dos chats ICQ sinalizam pistas não-verbais uns aos outros.

Vejamos mais um exemplo de nosso *corpus*. Em (9), os dois participantes estão operando em contextos diferentes: enquanto João, em tom de brincadeira, tenta provocar Gustavo, este faz questão de frisar que está falando sério (17:36:04 e 17:36:06) e acaba, de fato, se irritando com a postura de deboche do colega. As letras maiúsculas (17:37:27)

também sinalizam o tom irritado de Gustavo, pois, de acordo com a “netiqueta”²², elas significam que o participante está gritando.

EXEMPLO (9)

17:34:49	Gustavo	Oxe
17:34:57	Gustavo	tás calado hoje
17:35:09	joão	impressão sua
17:35:11	Gustavo	fala mais
17:35:23	joão	fala tu
17:35:39	Gustavo	
17:36:00	Gustavo	lá lá lá
17:36:02	joão	
17:36:04	Gustavo	
17:36:06	Gustavo	é sério
17:36:07	Gustavo	fala
17:36:21	joão	
17:36:47	Gustavo	ai ai ai
17:37:09	joão	
17:37:27	Gustavo	POR FAVOR, PARE COM ISSO
17:37:43	joão	fala
17:37:49	Gustavo	fale vc algo
17:38:14	joão	
17:38:29	joão	se nao tem o que falar
17:38:35	joão	saia do msm rrsrrsrsrs

Fonte: C8

Outro elemento proveniente da virtualização da conversação face a face e que, assim como os emoticons, vem ganhando espaço na escrita tradicional interpessoal são as “risadinhas”, também, a propósito, objeto de estudo de Komesu (2002). Indicativos da postura, do estado de espírito do escrevente, as “risadinhas” consistem no registro por escrito da expressão humana do humor e/ou do sarcasmo, por meio de onomatopéias (*hehehehe*, *kkkkkkkk*, *hauhauhau*) ou referência explícita (*risos*, *rs*):

EXEMPLO (10)

17:32:58	Gustavo	tas vendo a foto?
17:33:09	joão	não
17:33:13	Gustavo	pq?
17:33:35	joão	porque nao quero
17:33:43	Gustavo	como assim
17:33:45	Gustavo	nao entendi
17:33:46	joão	podre
17:33:52	Gustavo	tas vendo?
17:33:53	joão	e leca
17:33:58	Gustavo	hauahauhauhauhauh
17:34:01	Gustavo	Hauahaua
17:34:01	joão	rsrsr
17:34:03	Gustavo	kkkkkkkkkkkkkkkk

Fonte: C6

²² Ao conjunto de regras de comportamento (etiqueta) na Internet, os internautas costumam chamar de **netiqueta**. Essas regras refletem tanto convenções significativas (por exemplo, letras maiúsculas em e-mails e chats significam gritos) quanto normas gerais de bom senso para a convivência dos milhões de usuários na rede (por exemplo, procure responder a todas as mensagens pessoais e lembre-se de agradecer às pessoas que o ajudarem). Fonte: www.jakobi.com.br/Netiqueta (acessada em 08 de setembro de 2005).

Em nossa cultura, não raro, os interlocutores engajados numa situação de interação face a face sinalizam seus enquadres através do “riso” ou do “semblante risonho”, os quais, muitas vezes, contextualizam enquadres do tipo “isto é brincadeira” (Bateson, 1998), inclusive sinalizando para o ouvinte a necessidade de ele inferir exatamente o contrário do que está explícito. Segundo Bateson (1998:60), as pistas que delimitam e contextualizam os enquadres de brincadeira metacomunicam algo parecido com: “Essas ações, nas quais estamos presentemente engajados, não denotam o que seria denotado por aquelas ações que essas ações denotam”. Daí conclui-se que as mensagens trocadas nesses contextos, de alguma forma, não são verdadeiras. Desse modo, as “risadinhas” dos chats muitas vezes atuam na constituição desse tipo de enquadre, funcionando como pistas de contextualização. Na verdade, alguns emoticons também atuam de tal maneira, como ficou claro no exemplo (9). O fragmento abaixo une risadinha e emoticon na construção desse tipo de enquadre:

EXEMPLO (11)

17:27:33	Gustavo	como tu demorou pra escrever isso
17:27:37	Gustavo	o q tu ia dizer?
17:27:41	Gustavo	deissitiu?
17:27:49	joão	nada
17:27:56	joão	comecou
17:28:00	Gustavo	rsrsrs
17:28:13	joão	gosto muito disso se vc soubese
17:28:41	Gustavo	

Fonte: C6

Nos chats analisados, mas ainda nos chats “piloto”, percebemos que Gustavo queixava-se com frequência da demora de João para enviar-lhe uma mensagem e que João não gostava quando Gustavo fazia esse tipo de comentário, se irritando, por vezes, verdadeiramente. Em (11), mas uma vez, Gustavo toca na questão (três primeiras mensagens), mas ameniza o comentário criando um enquadre do tipo “isto é brincadeira”, por meio de uma risadinha (17:28:00) e de um emoticon (17:28:41).

No entanto, em alguns momentos, as risadinhas podem construir *indevidamente* o enquadre “isto é brincadeira” e fazer com que a contribuição verbal do participante não seja levada a sério, algo que também não é raro de acontecer na conversação face a face. As mensagens iluminadas no fragmento (12) exemplificam o que estamos dizendo. Os risos de Gustavo em 18:25:34 contribuem para a constituição não desejada desse enquadre, o qual ele tenta refazer em 18:26:05, quando verbaliza o modo como sua afirmação deve ser interpretada (“nao... é serio”).

EXEMPLO (12)

18:23:16	Gustavo	como vc explicaria o título?
18:23:37	joão	agora nao sei
18:23:40	joão	e tu
18:24:00	Gustavo	agotra como assim?
18:24:05	Gustavo	saberá qdo?
18:24:12	joão	nao sei
18:24:23	Gustavo	oxe
18:24:28	Gustavo	tá cum fome é?
18:24:33	Gustavo	rsrssr
18:24:34	joão	nao
18:24:38	joão	vc entendeu
18:24:42	Gustavo	pior q nao
18:24:47	Gustavo	mas deixa p lá
18:24:51	Gustavo	explico assim:
18:25:00	joão	fala
18:25:32	Gustavo	os barbaros estao invadindo o imperio americano
18:25:34	Gustavo	rsrs
18:25:49	joão	kkkk
18:25:52	joão	gracinha...
18:26:05	Gustavo	nao... é serio: ele fala de uma invasao, pior invasao de toso os tempos
18:26:14	Gustavo	na hora em que o aviao ataca as torrs gêmeas

Fonte: C8

Ainda quanto à migração de particularidades dos chats para outros gêneros, convém também ressaltar o uso de **abreviações**, as quais, segundo Crystal (2001) e Hilgert (2001), constituem marcas lingüísticas próprias do gênero em debate. Ao contrário dos emoticons e das risadinhas, as abreviações não consistem na virtualização de elementos extralingüísticos da conversação face a face, embora sejam decorrentes dessa virtualização: devido à sincronia na produção, os participantes dos chats sofrem uma espécie de “pressão pragmática”, conforme salienta Crystal (2001). Para ganharem tempo, a busca pela economia de caracteres é uma constante na digitação dos enunciados; daí muitas palavras serem abreviadas, como atestam boa parte dos exemplos apresentados até aqui. Algumas dessas abreviações se cristalizam no conjunto de convenções do gênero ‘chat’, migrando, por vezes, para outros gêneros escritos, sobretudo aqueles mais informais, como o bilhete. É o caso, por exemplo, na língua portuguesa, de *vc* (você), *blz* (beleza), *pq* (porque), entre outras construções.

Em contrapartida, abreviações menos comuns acabam dificultando o entendimento das mensagens, como podemos ver nos três exemplos a seguir, nos quais o interlocutor explicita sua incompreensão quanto ao significado de abreviações não usuais — (13) e (14) — e de enunciados que contêm abreviações — (15).

EXEMPLO (13)

18:00:51	Gustavo	foram duas cenas de telefone q eu achei bonitas
18:01:02	joão	quais
18:01:04	joão	??
18:01:11	Gustavo	fica como se fosse duas pessoas no mesmo espaço, mas falando ao telefone
18:01:18	Gustavo	uma foi essa na hora do fogo
18:01:22	Gustavo	a outra nao to lembrado
18:01:29	joão	sim lembro
18:01:33	Gustavo	de qual?
18:01:47	joão	das duas
18:01:55	Gustavo	qual foi a outra?
18:02:31	joão	quando ele estava na sala de projeção
18:02:40	Gustavo	falando com quem?
18:02:49	joão	e o cara queria compra a ci
18:02:53	Gustavo	ci?
18:03:00	joão	a companhia

Fonte: C6

EXEMPLO (14)

18:19:08	joão	mais tem coisas que gostei muito no filme
18:19:13	joão	exp
18:19:14	Gustavo	o q
18:19:19	Gustavo	hã?
18:19:22	joão	a fotografia
18:19:27	Gustavo	o que é exp?
18:19:28	joão	as cores da cena
18:19:38	joão	exemplo

Fonte: C10

EXEMPLO (15)

17:18:26	joão	tu lembra que aparecia um cara que era professor de Historia
17:18:41	joão	na TV falando sobre o 11 de setembro
17:18:42	Gustavo	nesse filme ou no anterior?
17:18:46	Gustavo	sim, nesse
17:18:50	joão	nesse
17:18:56	Gustavo	lemro, mas nao lembro do rosto
17:19:02	joão	eu acho que era o cara
17:19:07	Gustavo	pq?
17:19:13	joão	tenho quase certeza
17:19:22	joão	por causa do rosto
17:19:23	Gustavo	tu lembrou do rosto, foi?
17:19:26	Gustavo	sei
17:19:29	joão	foi
17:19:37	joão	acho que era ele
17:19:43	Gustavo	ele podia estar a hist. tb
17:19:51	joão	como
17:19:54	joão	??

Fonte: C10

Além das abreviações, a natureza síncrona dos chats também favorece a configuração de **enunciados curtos**, algo já afirmado por Crystal (2001), Fonseca (2001) e Marcuschi (2004). A análise de cinco minutos ininterruptos de qualquer uma das conversações pela Internet de nosso *corpus* já é suficiente para percebermos o quanto não se prolongam as contribuições de nossos informantes, diferentemente dos diálogos travados face a face, em que, muitas vezes, um interlocutor mantém o turno por um bom

tempo e a troca de turno só ocorre com a interrupção do outro. Os exemplos (16) e (17) ilustram esse contraste:

EXEMPLO (16)

17:30:45	Gustavo	tu viu mente brilhante nao né?
17:30:49	Gustavo	o filme
17:30:52	joão	vi
17:30:58	Gustavo	gostasse
17:31:01	Gustavo	?
17:31:01	joão	muito
17:31:09	joão	não
17:31:10	Gustavo	tua cara , igual a esse filme
17:31:14	Gustavo	detestei os dois
17:31:18	joão	confundi com brilho
17:31:23	Gustavo	hum hum
17:31:46	joão	com brilho eterno de uma mente sem lembranças
17:31:55	Gustavo	rsrsrs
17:32:09	Gustavo	sei
17:32:12	joão	
17:32:21	Gustavo	essa lingua é pra quê?
17:32:27	Gustavo	pra o quê?
17:32:27	joão	pratu
17:32:30	Gustavo	pra quem?
17:32:32	Gustavo	pq
17:32:33	joão	para vc
17:32:35	Gustavo	?
17:32:44	joão	esse risos
17:32:52	joão	sim voltando ao filme
17:32:58	Gustavo	tas vendo a foto?
17:33:09	joão	não
17:33:13	Gustavo	pq?
17:33:35	joão	porque nao quero
17:33:43	Gustavo	como assim
17:33:45	Gustavo	nao entendi
17:33:46	joão	podre
17:33:52	Gustavo	tas vendo?
17:33:53	joão	e leca
17:33:58	Gustavo	hauahauhauhauhauh
17:34:01	Gustavo	hauahaua
17:34:01	joão	rsrsr
17:34:03	Gustavo	kkkkkkkkkkkkkkkk
17:34:08	joão	sim
17:34:11	joão	o filme
17:34:21	joão	gostei muito de Ava e Ket
17:34:41	Gustavo	quem é aquela va
17:34:43	Gustavo	ava
17:34:45	Gustavo	Ava
17:34:46	Gustavo	?
17:34:52	joão	opra com essas fotos
17:34:59	joão	que coisa podre
17:35:00	Gustavo	opra?
17:35:05	Gustavo	rsrsrsrsrs
17:35:09	Gustavo	é divertido
17:35:14	Gustavo	quem é aquela Ava?
17:35:22	joão	não sei
17:35:45	Gustavo	a atriz
17:35:54	joão	não sei

Fonte: C6

EXEMPLO (17)

Gustavo: mas aí já mudou o clima que eu tava... tu acredita? o clima que eu tava era um como eu vi aquele final alternativo/ porque na verdade eu pensava que eles iam ficar bem... assim antes de de ela aparecer ali eu oxe ele vai se encontrar com ela no no na:: fase adulta e vão namorar... eu pensei isso aí quando ela apareceu aí eu oxe dito e feito só que (eles não se encontraram)

João: mas a vida deles os dois juntos era um atraso tão feio que talvez se eles se encontrassem adultos ((risos)) ia dar em merda ((risos)) porque assim pelo que deu a entender a desgraça toda da vida daquele homem era a mulher ((risos)) porque era ele co/ era ele fazer algum jeito de ficar com ela que dava uma desgraça... e ele pegou e disse a ela quando ela era criança que ela pegasse o beco que se não ia matar a mãe não sei não sei quê aí tudo deu certo na vida dele... o homem tinha já tava adulto... tinha se formado... tinha feito faculdade... todos os amigos estavam bem... a mulher aparentemente tava bem... ninguém sabe se o irmão dela tava bem mas deveria tá também... tá entendendo não? a o a impressão que dá é que el/

Gustavo: o irmão dela tava bem ele não se formou? se lembra não naquela cena?

Fonte: C9

Além da evidente maior agilidade da fala em relação à digitação, a enorme diferença entre o tamanho dos enunciados dos dois tipos de conversação pode também ser explicada pelas condições de produção dos dois eventos sócio-interativos. Normalmente, uma pessoa executa diversas ações no ciberespaço simultaneamente: lê e escreve e-mails, visita os mais diversos tipos de sites, ouve música no tocador de arquivos mp3, conversa com vários internautas ao mesmo tempo... O fluxo de informações nesse ambiente multisemiótico é intenso, o que faz com que os participantes evitem longas contribuições, já que, para dar conta satisfatoriamente de todas essas possíveis ações, precisam de habilidade e agilidade manuais e mentais para maximizar e minimizar as diversas caixas de diálogo e páginas da Web.

Outro ponto que interfere no tamanho das mensagens nos chats é a impossibilidade de haver marcadores de um interlocutor sobrepostos ao turno do outro para monitorar este último se o seu enunciado for enviado de uma só vez. Expliquemos melhor: segundo Marcuschi (1999), na conversação face a face, o ouvinte produz sinais convergentes (*sim, isso*), indagativos (*como assim?*, *será?*) ou divergentes (*não, nada disso, peraí*) que orientam o falante para este prosseguir ou trilhar novos caminhos na conversação. Esses “sinais retroalimentadores” podem ser de natureza lingüística (*sei, é, certo, sim*), paralingüística (*ahã, unhum*) ou extralingüística (acenos de cabeça, sorrisos, gestos com as mãos). São denominados “turnos inseridos” por Galembeck (1993) e, segundo este autor, embora não transmitam conteúdos informativos, são necessários ao bom andamento conversacional por indicarem ao interlocutor se este está se fazendo entender ou não. O próximo fragmento de conversação face a face ilustra essa questão:

EXEMPLO (18)

Gustavo: a primeira volta dele foi ali né? foi com o homem... que ele começa a chamar o homem de pedófilo... não sei o quê

João: fo:i

Gustavo: não foi? que como eu não sabia né? eu fiquei e:::ita e a criança/ aí eu pensei naquele momento que ele era ele se lembrando do que aconteceu... aí eu pensei e:::ita que criança inteligente... você é um peDÓfilo e não sei o quê não sei o quê lá e ou você salva a vida da sua filha ou não sei o quê... só que aquilo era óbvio ele fazendo isso com a criança mas com a mente de adulto não é?

Fonte: C9

Já nos chats, para conseguirem esse alto grau de interatividade, os participantes tendem a enviar rápidos “jatos de escrita” e esperar do ouvinte esses sinais retroalimentadores. Isso ocorre porque o próprio contexto de produção dos chats não favorece enunciados mais longos, os quais impedem que um participante forneça ao outro tais sinais. O fato de os interlocutores não se verem nem se escutarem resulta na incerteza do interesse e da compreensão de suas considerações. Dessa forma, quanto mais envios de mensagem são realizados de ambos os lados, mais interativa torna-se a conversação, o que faz com que os parceiros optem por mensagens menores, por vezes, inclusive, dividindo em partes um enunciado “completo” do ponto de vista da interação face a face, como percebemos pelo exemplo (19). Tal divisão possibilita a emissão de sinais retroalimentadores (17:31:13; 17:31:22), que estabelecem uma espécie de “autorização” para que o interlocutor continue:

EXEMPLO (19)

17:30:45	Gustavo	cade tu?
17:30:59	joão	esotu aqui
17:31:08	Gustavo	vem ca...
17:31:13	joão	diz
17:31:15	Gustavo	qdo a pessoa
17:31:19	Gustavo	fica doente
17:31:22	joão	sim
17:31:24	Gustavo	é bom se drogar é?
17:31:39	joão	não
17:31:43	joão	era um tratamento experimental

Fonte: C8

Os já citados emoticons também podem funcionar como sinal indicativo da atenção do interlocutor. Podemos ver que, em (20), mais especificamente em 18:04:42 e 18:04:59, João faz uso de dois marcadores convergentes, um lingüístico e um paralingüístico, respectivamente:

EXEMPLO (20)

18:04:34	Gustavo	a velhice...
18:04:41	Gustavo	ai ai ai
18:04:42	joão	sim
18:04:49	Gustavo	(suspiro)
18:04:59	joão	
18:05:22	Gustavo	que éisso?
18:05:33	joão	estou prestando atenção
18:05:45	joão	fala
18:06:02	Gustavo	não
18:06:13	Gustavo	só estpu suspirando mesmp

Fonte: C8

Como se vê, certas marcas da conversação face a face nitidamente associadas à oralidade não são de todo apagadas com a sua virtualização. Entretanto, para que tal virtualização ocorra, o texto conversacional, ainda que possa vir integrado a imagens e sons, deve ser representado fundamentalmente na modalidade escrita da língua e se adaptar a certas características do ciberespaço, ganhando novas roupagens. É por isso que autores como Marcuschi (2004), conforme comentamos anteriormente, afirma que a escrita dos chats se dá numa certa combinação com a fala, manifestando um **hibridismo** particular. Essa natureza híbrida dos chats, segundo Hilgert (2001), decorre do fato de os interlocutores se sentirem falando, mas serem obrigados a escrever devido às particularidades do meio que os põe em contato, o que resulta numa espécie de texto “falado por escrito”. Quanto a essa afirmação, convém nos determos em algumas questões postas por esse autor.

Com base em Marcuschi (1997a), Hilgert (2001) não concebe fala e escrita numa perspectiva dicotômica — em que se evidenciam as diferenças e semelhanças lingüísticas de textos escritos e falados e se ignoram as suas condições de produção. Com base na perspectiva do *continuum* das práticas sociais da fala e escrita (ver capítulo 1), seu estudo objetiva discutir as estratégias de construção do texto conversacional da Internet, partindo dos resultados alcançados pelos estudos da conversação face a face. Mais especificamente, o autor intenta analisar, na construção da conversação *on-line*, a organização da alternância de turnos e a formulação dos enunciados que os constituem.

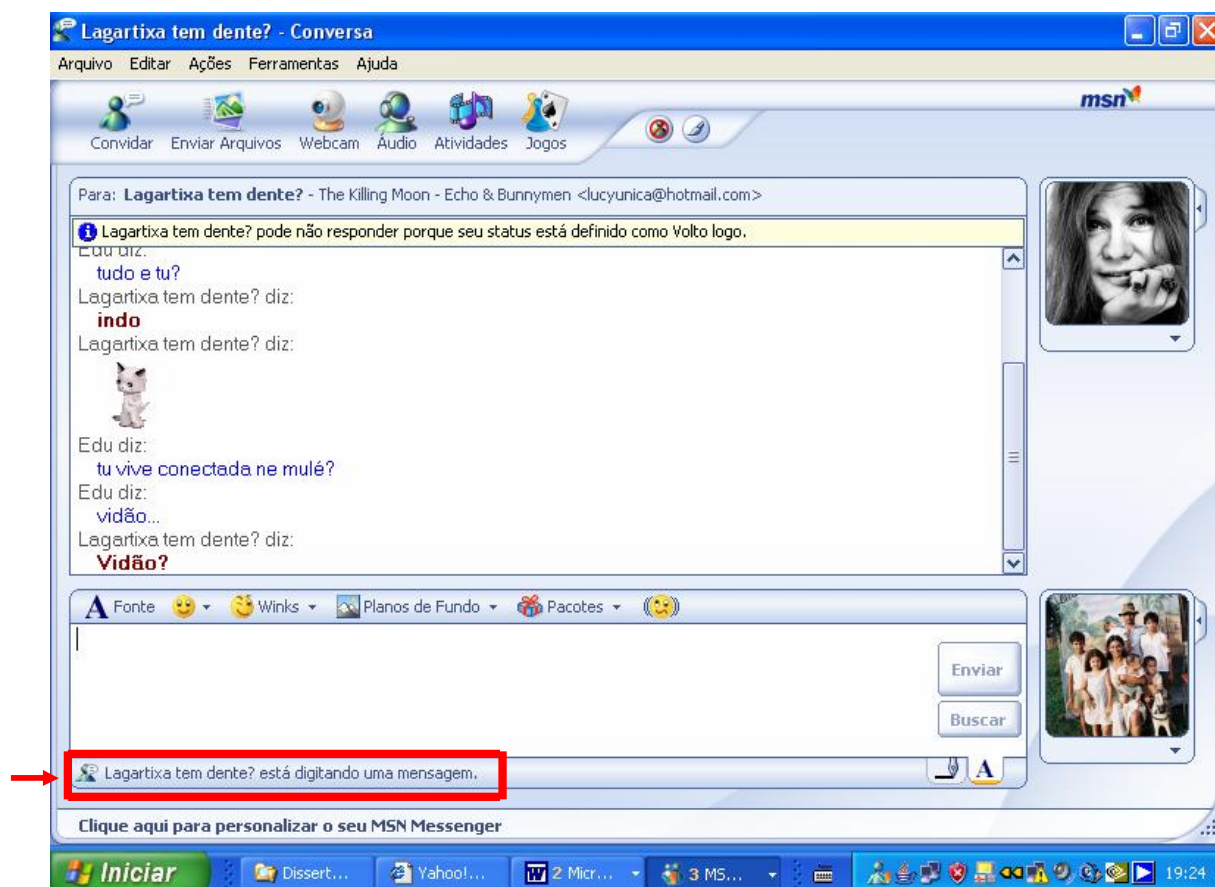
Hilgert (2001) parte de princípio semelhante àquele que conduz este trabalho: a escrita, em conjunto com as condições de produção proporcionadas pelas ferramentas de chats, imprime características próprias à conversação. Seu intuito, bem como o nosso, não é apenas contrapor fala e escrita, mas pôr em relação duas práticas conversacionais distintas, para cujas diferenças contribuem esses dois modos de realização: a natureza do face a face e as especificidades do ciberespaço. Mas, ao contrário do autor, não estamos

interessados exatamente na organização da alternância dos turnos das duas práticas, mas, sobretudo, no funcionamento das expressões indiciais na troca de tais turnos.

Como Hilgert (2001), entendemos que uma conversação mediada por computador é um diálogo instaurado por dois ou mais interlocutores conectados à rede mundial de computadores, os quais trocam mensagens predominantemente lingüísticas em tempo real. A ferramenta (programa) por meio da qual os informantes dessa pesquisa interagiram — o MSN Messenger — permite que um interlocutor saiba o exato momento em que o outro está digitando uma mensagem, embora o acesso a ela só se realize quando este clica com o mouse no botão de envio da mensagem ou digita a tecla *Enter*. A tela abaixo, representação da caixa de diálogo entre dois participantes (*Lagartixa tem dente?* e *Edu*), registra o momento em que um deles (*Lagartixa tem dente?*) está digitando uma mensagem.

TELA 08

INDÍCIO DE DIGITAÇÃO DE MENSAGEM NO MSN MESSENGER



Os usuários do MSN mostram-se, inclusive, atentos a esse indício de digitação de mensagem, o que corrobora com a nossa afirmação de que, mais do que sincronia, há

nesses encontros ciberespaciais uma relação de quase-simultaneidade. Logo, comumente, os interlocutores estão fazendo inferências no tocante à formulação da mensagem; por exemplo, se a mensagem de aviso de digitação demorou muito em relação ao material lingüístico que apareceu na tela, o participante poderá inferir, corretamente ou não, que o seu interlocutor hesitou no ato da escrita ou que apagou aquilo que havia escrito, como ilustra o exemplo (21).

EXEMPLO (21)

18:32:00	Gustavo	como tu demora digitando
18:32:03	Gustavo	rsrsrs
18:32:11	joão	
18:32:13	Gustavo	ou tu desiste do que vai escrever?
18:32:20	Gustavo	assuma
18:32:22	joão	vai tomar no cu
18:32:25	Gustavo	baixo
18:32:32	Gustavo	kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk

Fonte: C8

Essa quase-simultaneidade dos diálogos virtuais tipo ICQ lhes propicia uma dinâmica intensa, como numa conversação tradicional face a face, tanto que a sensação de se estar falando favorece o uso de referências metalingüísticas e expressões do universo da oralidade, como “fala”, “calado”, “conversa” e similares, como registram os trechos de interação a seguir:

EXEMPLO (22)

17:34:57	Gustavo	tás calado hoje
17:35:09	joão	impressão sua
17:35:11	Gustavo	fala mais
17:35:23	joão	fala tu

Fonte: C8

EXEMPLO (23)

19:20:06	joão	tenho que ir
19:20:07	Gustavo	esperando você
19:20:11	Gustavo	Imaginava
19:20:16	Gustavo	valeu, foi ótimo o papão
19:20:23	Gustavo	papo
19:20:28	joão	xau

Fonte: C10

EXEMPLO (24)

17:37:35	joão	porque vc pensou que eu nao sabai
17:37:36	Gustavo	e eu sabia
17:37:39	Gustavo	sou culto rrsrs
17:37:46	Gustavo	que eu nao sabai
17:37:47	Gustavo	rrsrs
17:38:05	joão	
17:38:14	Gustavo	rrsrs
17:38:30	joão	tu ta pessimo para conversar

Fonte: C6

Por outro lado, não se pode negar que o emprego do verbo “teclar” atesta a consciência entre os participantes de que algo além de fala está ocorrendo ali:

EXEMPLO (25)

19:00:53	joão	o que esta fazendo
19:00:59	Gustavo	que coisas?
19:01:06	Gustavo	a entendi
19:01:08	Gustavo	nao demoro
19:01:12	Gustavo	tava te esperando
19:01:17	joão	vc esta tc com outra pessoa
19:01:28	Gustavo	não

Fonte: C10

Hilgert (2001) já havia chamado a atenção para essa espécie de “sensação de oralidade” que acomete os participantes dos chats e que se evidencia pela análise do léxico da conversação virtual. O autor também atenta para o fato de os usuários tentarem “traduzir” por escrito manifestações exclusivas da fala, como **alongamentos vocálicos**. No exemplo (26), objetivando sugerir intensidade, Gustavo virtualiza uma entonação característica da oralidade, por meio da repetição da vogal ‘e’ da palavra ‘gostei’ e do uso de letras maiúsculas, uso este que, por convenções dos usuários dos chats, significa aumento do volume da voz.

EXEMPLO (26)

18:11:01	joão	vc falou que nao gostou do de Nicole
18:11:03	Gustavo	gostei pq é bom de ver
18:11:05	Gustavo	lhe prende
18:11:10	Gustavo	gostei
18:11:15	Gustavo	não GOSTEEEEEEI
18:11:16	Gustavo	mas gostei
18:11:23	Gustavo	qualquer coisa é melhor que este

Fonte: C6

Já afirmamos que, no *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual, a conversação pela Internet se aproxima dos bilhetes, das cartas pessoais, entre outros gêneros da modalidade escrita centrados na comunicação interpessoal. Também já dissemos que os chats diferem desses outros gêneros escritos por serem realizados em tempo real e construídos por turnos. Além disso, os interlocutores das cartas pessoais e dos bilhetes se conhecem, o que não necessariamente precisa acontecer com os participantes dos chats (ainda que em nosso *corpus* os informantes sejam conhecidos um do outro). Fatos como esses autorizam Hilgert (2001: 26) a concluir que, apesar de escrito,

a conversação na Internet é concebida como fala, por ser essencial e intensamente dialogal, desenvolvendo-se por meio da alternância de turnos (...), não a confundido com um texto falado prototípico, por não ter realização fônica.

Outra marca dos chats que atestam esse caráter de texto falado por escrito é a **troca de turnos** como princípio organizacional mínimo. Convém lembrar que a virtualização interfere na organização dos turnos nos chats, o que acarreta algumas diferenças que devem ser consideradas tendo em vista os objetivos de nossa pesquisa. Por exemplo, tomando os nossos dados como base, se na conversação face a face os interlocutores já se alternam com frequência, na Internet essa frequência aumenta devido à dimensão mais curta dos turnos, como já exemplificamos anteriormente — exemplos (16) e (17).

Outro ponto a considerar a respeito da troca de turnos na Web é o fato de falar um por vez ser mais do que uma questão de “netiqueta”, mas, em geral, uma condição do meio eletrônico. No MSN Messenger, por exemplo, o enunciado não chega ao “ouvinte” aos poucos, como na conversação face a face, mas de uma só vez, após o “falante” acionar o comando enviar. O intervalo de turnos consiste no tempo decorrido entre o aparecimento, no monitor, do turno de um e de outro interlocutor, tempo esse que pode ser bem mais longo do que na conversação face a face, devido à velocidade de digitação dos participantes na formulação do turno, à própria velocidade do meio (sua transmissão) e à possibilidade de eles estarem simultaneamente teclando com outros participantes. Esse último aspecto Hilgert (2001: 32) afirma ser menos comum nas interações presenciais, pois nelas “os interlocutores obrigam-se a uma certa etiqueta, determinada por uma prática sociocultural, que os leva a deferências mútuas no desdobramento conversacional”, ou seja, costuma ser indelicado manter mais de uma conversa presencial ao mesmo tempo. E mesmo nos chats, quando isso acontece, são comuns os pedidos de atenção por parte dos interlocutores, como atesta o fragmento abaixo:

EXEMPLO (27)

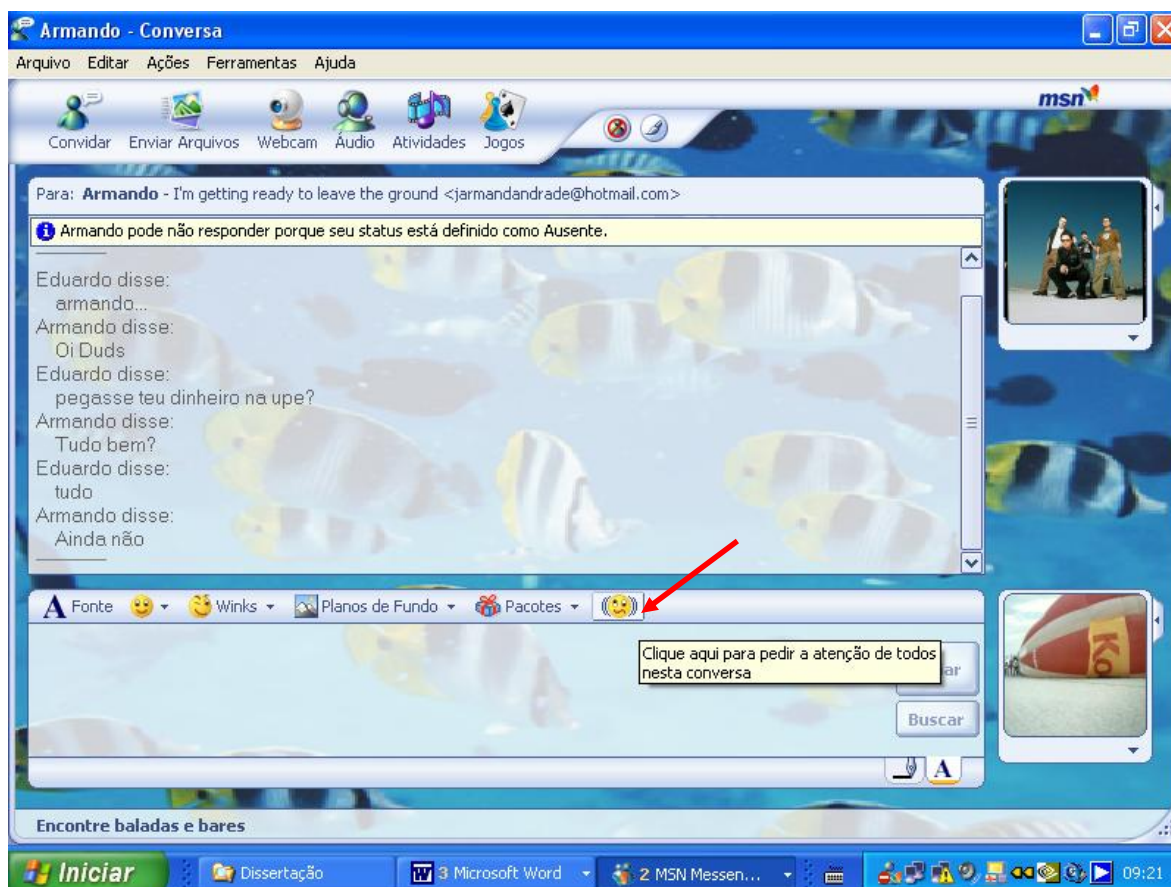
19:00:47	joão	porque demoras
19:00:53	Gustavo	ã?
19:00:53	joão	o que esta fazendo
19:00:59	Gustavo	que coisas?
19:01:06	Gustavo	a entendi
19:01:08	Gustavo	nao demoro
19:01:12	Gustavo	tava te esperando
19:01:17	joão	vc esta tc com outra pessoa
19:01:28	Gustavo	nao
19:01:33	joão	parece
19:01:38	Gustavo	tava vendo uns sites
19:01:45	Gustavo	de filmes
19:01:46	joão	que sites
19:02:33	Gustavo	oi
19:02:37	Gustavo	de filmes
19:02:39	joão	sim
19:02:42	joão	kd vc
19:02:45	joão	moreu

Fonte: C10

Queixas como as apresentadas acima por João são tão freqüentes entre os usuários dos chats que o programa MSN possui um ícone específico que, ao ser clicado, faz tremer a tela do participante ao som de uma campainha, conforme mostra a tela 09.

TELA 09

ÍCONE PARA PEDIR ATENÇÃO AO INTERLOCUTOR NO MSN MESSENGER



Também quanto à forma de organização da conversação mediada por computador, Barros, K. (2001), em artigo sobre os chats educacionais, afirma que, assim como a conversação face a face, os chats ocorrem em turnos conversacionais, mas sofrem restrições decorrentes do ambiente virtual, como a falta de sincronização das ações dos participantes devido à ausência tanto de contato visual quanto auditivo, como já apontado por Hilgert (2001). A autora também lembra que estudos de interações presenciais têm comprovado que sinais paralingüísticos e extralingüísticos muito contribuem para a organização do sistema de troca de turnos.

Outra particularidade decorrente da virtualização da conversação é a **repetição fiel** de qualquer enunciado já enviado anteriormente. Quando pertinente, uma mensagem pode

ser reiterada por outro ou pelo mesmo interlocutor, como respectivamente nos mostram estes trechos de conversa entre nossos dois informantes:

EXEMPLO (28)

17:36:47	joão	porque vc pensou isso que eu nao sabia que era a atriz que era ava gardner
17:36:47	Gustavo	...
17:37:10	Gustavo	nao entendi "porque vc pensou isso que eu nao sabia que era a atriz que era ava gardner"

Fonte: C6

EXEMPLO (29)

17:57:52	Gustavo	gostei da parte em que ele tá no incendio , acho q na casa, e liga ao telefone...
17:57:54	joão	aviador
17:57:58	Gustavo	quem fez cabo do medo?
17:58:15	joão	martin
17:58:25	Gustavo	com Leonardo?
17:58:30	joão	não
17:58:40	joão	pera ai
17:58:43	Gustavo	sim
17:58:49	joão	e é tudo com leorando
17:58:55	Gustavo	rs
17:59:02	joão	leonardo
17:59:04	joão	sim
17:59:16	joão	tu gostou de que
17:59:44	Gustavo	Gustavo diz: gostei da parte em que ele tá no incendio , acho q na casa, e liga ao telefone...

Fonte: C6

Por outro lado, nas conversações face a face, a repetição sempre possui um caráter parafrástico — exemplo (30) —, sendo quase impossível a repetição *ipsis literis* de turnos maiores, como em (28) e (29). Além disso, ainda que haja repetição *ipsis literis*, os turnos sofrerão inevitáveis modificações prosódicas, as quais inexistem nos chats.

EXEMPLO (30)

Gustavo:	eu não vi romeu e julieta não
João:	tu o quê?
Gustavo:	eu não vi o FILme romeu e julieta não

Fonte: C5

A virtualização não só repercute nos procedimentos de locação de turnos nos chats, mas também interfere em seus **processos de formulação**, diferenciando-os, em certa medida, do cenário da conversação face a face. Ainda que, como mostramos, haja a diminuição do automonitoramento nos diálogos virtuais, o que possibilita o aparecimento para o interlocutor de repetições, reinícios e truncamentos — exemplo (5) —, outros fenômenos decorrentes da oralidade *não* são transportados para a escrita. Na conversação face a face, o interlocutor acompanha o processo de construção do enunciado do outro com **absolutamente todos** os desvios, interrupções, hesitações, pausas, correções e repetições

desse enunciado, o que não acontece nos chats. Vestígios do processo de verbalização intrinsecamente ligados à oralidade abundam obviamente nas conversações face a face:

EXEMPLO (31)

Gustavo: agora outra coisa o clima do filme também pare/ o clima do filme parece com o filme/ com:: (2s)
os outros com o sexto sentido

João: é porque por causa dessa história de reencarnação o filme é:: quer fazer um clima suspen::se um clima/ tá entendendo não? o filme o filme/ os/ as cores do filme também são muito (2s) carregadas são muito pesadas as cores não tem cor direito no filme

Fonte: C5

Outro ponto que deve ser considerado é a impossibilidade de registro das pausas na conversação pela Internet. Em (31), por exemplo, as pausas decorrentes da hesitação dos falantes na formulação de seus turnos — (2s) — fazem parte do produto conversacional, podem ser percebidas pelo ouvinte, o que não ocorre nas interações por meio dos chats. Ainda assim, nos chats, não raro há seqüências de pontos (três ou mais) que parecem ser utilizadas com este fim, como uma espécie de tentativa de retorno ao oral:

EXEMPLO (32)

19:16:54	Gustavo	ia ficar ótimo uma satir a em cima do filme
19:17:01	Gustavo	tipo aquele filme, como é o nome...
19:17:12	João	vc tenta ter duas converças ao mesmo tempo
19:17:22	Gustavo	calma
19:17:26	Gustavo	como é o nome
19:17:27	Gustavo	

Fonte: C10

Fato semelhante é a abundancia de interrogações ou exclamações, quando apenas um sinal daria conta do sentido interrogativo ou exclamativo. Também nesses casos, trata-se de uma tentativa de evocar impressões da interação face a face, praticamente irre recuperáveis com o processo de virtualização:

EXEMPLO (33)

17:56:00	João	ele tem luma parceria
17:56:04	Gustavo	?
17:56:12	Gustavo	de oliverira??
17:56:25	João	o que?
17:56:30	Gustavo	luma de oliveira?
17:56:35	Gustavo	???
17:56:47	João	o que???
17:56:50	Gustavo	esquece

Fonte: C6

Em trabalho sobre a relação ‘fala-escrita’, Barros, D. (2001: 60) também menciona a diferença no processo de formulação como identificador das duas modalidades. Segundo a autora,

é a questão do tempo também que dá à escrita a possibilidade de reelaborar seu texto sem deixar marcas (...) e de apresentá-lo como algo acabado. A fala, ao contrário, expõe as marcas deixadas pela formulação e pelas reelaborações, oferecendo sempre pistas e traços das revisões, das mudanças de encaminhamento, das reformulações, sob a forma de procedimentos de correção, paráfrase, hesitação, repetição, interrupção, etc.

Porém, como já ilustrado anteriormente, o software MSN Messenger subverte essa característica da escrita, já que é possível que um participante infira — nem sempre acertadamente — os momentos de desistência, de hesitação ou de maior cuidado na elaboração da mensagem, ao conhecer os intervalos de tempo de digitação de seu interlocutor. Por outro lado, é inegável que essa possibilidade oferecida pelo MSN, ainda que subverta os cânones da escrita tradicional, esteja muito aquém da simultaneidade propiciada pelo meio fônico e face a face.

A esse respeito, Hilgert (2001) afirma que afeta o caráter interativo dos chats o fato de seus participantes não acompanharem a formulação dos enunciados de seus parceiros do mesmo modo que acompanham na conversação face a face. Um interlocutor quase não contribui com a construção dos enunciados do outro, bem como este, por sua vez, fica privado de perceber manifestações constituídas de elementos não-lingüísticos (limita-se aos emoticons), os quais, na interação face a face, muito norteiam a formulação dos enunciados.

Por esse mesmo motivo, embora diante da possibilidade de se saber o intervalo de tempo exato em relação à digitação da mensagem, o participante de uma conversação via Web nunca saberá por certo qual a razão, por exemplo, da demora da digitação, isto é, não saberá com certeza se o interlocutor desistiu do que estava escrevendo, se está hesitando em escrever, se não sabe o que escrever etc. Sempre haverá dúvida se o enunciado que aparece na tela foi formulado fluentemente ou se houve “problemas” que o levaram, por exemplo, a demorar na seleção lexical, deletar, reescrever certos segmentos ou reordenar outros.

Por fim, quanto à **sintaxe** dos enunciados no bate-papo virtual, tenhamos algumas observações importantes aos objetivos desta dissertação. Da mesma forma que na conversação oral, nos chats há o apagamento recorrente de uma série de constituintes da oração, decorrentes da relação de interdependência sintático-semântica entre os turnos. Exemplificam isso as primeiras trocas de turnos de duas conversações, uma face a face e outra via Internet, respectivamente:

EXEMPLO (34)

João: qual era o nome do filme mesmo?

Gustavo: tu não lembra não é?

João: é o que mesmo? sam é?

Gustavo: i am sam

Fonte: C7

EXEMPLO (35)

17:15:14	joão	tu gostou do filme
17:15:17	joão	??
17:15:24	Gustavo	sim muito
17:15:30	Gustavo	e vc?
17:15:34	joão	tb

Fonte: C8

Na visão de Hilgert (2001), essas lacunas na oração descaracterizam a conversação na Internet como um texto escrito e a aproximam das especificidades da conversação espontânea face a face, condicionada pela alternância de turnos em tempo real. Também a respeito do uso do código lingüístico nos chats, Barros, K. (2001) afirma que a dinâmica desse tipo de interação favorece — além do uso de grafias com convenções próprias, muitas abreviaturas e ausência de acentuação gráfica — a ocorrência de uma sintaxe particular, telegráfica. Esta última característica pode ser constatada por meio do último exemplo apresentado.

Em suma, o que mais aproxima esses dois gêneros conversacionais é a natureza processual e dinâmica de ambos, decorrente da simultaneidade dos encontros face a face e da quase-simultaneidade dos diálogos via Web. Vimos nesta seção que:

- a) como na conversação face a face, o princípio organizacional mínimo dos chats é a **troca de turnos**, e estes mantêm uma relação de **interdependência sintático-semântica** entre si. Entretanto, falar um por vez é mais do que uma questão de “netiqueta”, mas sim uma condição do meio eletrônico. O intervalo de turnos na Web pode ser bem mais longo do que na oralidade, por questões tecnológicas ou situacionais, como, por exemplo, pela manutenção de “conversas paralelas”. Não raro os pedidos de atenção por parte dos interlocutores recorrem;
- b) seja pelo fato de o participante executar outras ações no ciberespaço enquanto tecla com alguém, seja pela impossibilidade de haver sinais retroalimentadores de um interlocutor sobrepostos à fala de outro, há nos chats o predomínio de **enunciados curtos**, em comparação aos diálogos face a face;

- c) por vezes, como na oralidade, o **produto** escrito das interações em salas de chat se confunde com seu **processo** de construção. Devido à pressa na digitação, algumas marcas de construção do texto normalmente não são apagadas, resultando em auto-correções, repetições, truncamentos, reinícios, entre outras consequências da simultaneidade entre planejamento e verbalização;
- d) o **automonitoramento** é pouco cobrado nos chats analisados, aparecendo normalmente apenas nos casos em que um erro de digitação ou uma formulação inadequada provavelmente desvirtuaria, dificultaria ou impediria o entendimento do texto. Em geral, a escrita nesse ambiente é não-monitorada, isenta de censuras, revisões ou correções;
- e) há a possibilidade de um participante do MSN Messenger ter conhecimento do momento em que o outro está digitando uma mensagem, ainda que o acesso a ela só se realize na íntegra. Daí a relação de **quase-simultaneidade** presente nessa prática verbal;
- f) os **emoticons**, elementos muito recorrentes nos chats, são provenientes da virtualização da conversação face a face. São uma espécie de ícones de expressões faciais humanas, constituídos a partir de caracteres utilizados na escrita alfabética ou de “carinhas” estilizadas. Assim como as expressões faciais funcionam na oralidade como “convenções de contextualização” (Gumperz, 1998), esses elementos exercem tal papel nos bate-papos virtuais;
- g) as “**risadinhas**”, quer onomatopaicas (*hehehehe*, *kkkkkkkk*, *hauhauhau*), quer por rubricas (*risos*, *rs*), também são indicativas da postura dos participantes;
- h) as **abreviações** também constituem marcas lingüísticas próprias dos chats, mas, ao contrário dos emoticons e das risadinhas, não consistem na virtualização de elementos extralingüísticos da conversação face a face, mas sim decorrem da “pressão pragmática” inerente à situação de interação;
- i) a **repetição fiel** (*ipsis literis*) de enunciados já enviados anteriormente é uma particularidade dos chats, pois a repetição na oralidade normalmente possui um caráter parafrástico, sofrendo mudanças no mínimo prosódicas;
- j) **alongamentos vocálicos** e **aumento do volume de voz**, presentes nas conversações face a face, também são comuns nos chats, por meio de repetição de vogais e uso de

maiúsculas, respectivamente. Os sentidos almejados com tais empregos na oralidade tornam-se semelhantes na escrita;

- k) enquanto na conversação face a face a **pausa** é um elemento freqüente, ela não se faz presente na conversação pela Internet. O que mais pode se aproximar desse elemento é a seqüência de pontos (três ou mais), mas que não é utilizada com o mesmo fim;
- l) o léxico dos participantes dos chats indiciam que, para eles, tais práticas, embora sejam escritas, mantêm um forte vínculo com o universo das práticas orais. São constantes **referências metalingüísticas e expressões do universo da oralidade** (“fala”, “calado”, “conversa” etc.), embora o emprego do verbo “teclar” sugira algo além da fala;
- m) outra tentativa de “retorno ao oral” é a **abundância de interrogações ou exclamações**, quando apenas um sinal daria conta do sentido interrogativo ou exclamativo do turno.

A partir desse rol de características, podemos afirmar que, embora as estratégias de organização de turnos e de formulação de enunciados nos dois gêneros acabem se identificando, mesmo assim, aspectos decorrentes da virtualização da conversação face a face, como por exemplo a realização por escrito e a limitação aos recursos tecnológicos da ferramenta computacional utilizada pelos participantes, acabam configurando a esse gênero emergente características próprias. Isso significa que, **se por um lado não vão recorrer procedimentos específicos da interação face a face difíceis de serem representados na escrita virtual, por outro o ciberespaço favorece certas estratégias inviáveis ou desnecessárias aos encontros presenciais.**

Em suma, tanto as diferenças como as semelhanças entre os dois ambientes — e, conseqüentemente, entre os dois gêneros — existem e repercutem no funcionamento das expressões indiciais utilizadas em ambas as práticas, conforme mostraremos nos próximos capítulos.

3. PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO

ANAFÓRICA E DÊITICA

E O CONJUNTO DAS EXPRESSÕES INDICIAIS

Dedicamos este capítulo à revisão e discussão de pelo menos quatro noções teóricas elementares ao nosso trabalho: **referência**, **anáfora**, **dêixis** e **expressão referencial**. Quando possível, valemo-nos do *corpus* de nossa pesquisa para argumentarmos a favor das perspectivas teóricas aqui defendidas. Um dos aspectos relevantes do capítulo é o estabelecimento dos respectivos traços fundamentais das estratégias de referenciação anafórica e dêitica. Para tanto, advogamos a favor da concepção ampla de anáfora, sumariando as idéias de alguns autores sobre tal fenômeno, e analisamos as principais teorias sobre a dêixis, extraindo-lhes pontos de convergência.

Na verdade, as discussões teóricas aqui travadas e suas conseqüentes conclusões têm como objetivo maior dar subsídios à concepção de **expressão indicial** proposta na última seção do capítulo, onde defendemos que as expressões indiciais são “expressões referenciais híbridas” por apresentarem traços distintivos caracterizadores tanto dos dêíticos quanto dos anafóricos. Tais expressões, por conseguinte, estariam situadas numa zona de intersecção entre a anáfora e a dêixis, ou seja, numa espécie de “*continuum* das expressões indiciais”, ao contrário do que supõe a perspectiva dicotômica que situa os anafóricos indiciais e os dêíticos discursivos em dois pólos estanques e opostos (cf. Cavalcante, 2000).

3.1 A REFERÊNCIA NUMA PERSPECTIVA PROCESSUAL E A INSTABILIDADE DOS REFERENTES

Segundo Koch (2003b), a tessitura de qualquer texto envolve três princípios de referenciação. O primeiro princípio, a **ativação**, consiste na introdução de um referente até então não mencionado. A expressão referencial permanece, assim, em foco para os interlocutores, de tal forma que o referente fica saliente no texto, podendo servir de âncora para a ativação de outros referentes que a eles discursivamente se associem. O segundo princípio, a **reativação**, diz respeito à ativação de um referente já introduzido no texto em uma outra circunstância, ou seja, trata-se da permanência do foco referencial do texto. Por

fim, o terceiro princípio, a **de-ativação**, tem a ver com a desativação de um referente em foco por conta da ativação de um novo referente.

Como toda expressão referencial, as expressões indiciais também realizam esses três princípios, que se sucedem ciclicamente na construção de um modelo textual. Permanentemente, essas expressões ativam, reativam e de-ativam referentes e refletem a sua instabilidade constitutiva: o referente configurado no processo de ativação, quando reativado, é re-elaborado pelo seu próprio fazer discursivo — ainda que seja referido pela mesma expressão, pois os seus entornos lingüístico e situacional não serão mais os mesmos.

Vejamos o fragmento abaixo, em que as expressões indiciais em destaque, ao mesmo tempo em que fazem parte de uma cadeia referencial, não remetem a um referente fixo, autônomo e prévio ao discurso:

EXEMPLO (36)

João: mas eles dão muito indícios guga do que tá acontecendo (2s) o filme inteiro eles dão indícios do que tá acontecendo

Gustavo: eu não entendi não e muitas coisas também eu ficava sem entender... me dava uma agonia... porque uma hora ele tava na clínica né? ele tava na clínica e porque levaram ele **praquela casa**? eu não entendi isso também

João: que casa menino?

Gustavo: ele não tava na clínica? e por que levaram ele **praquela casa**? a casa onde:: a homem-aranha beijou o velho? o médico?

João: ali era a casa dele guga... fazia parte do tratamento... tu não escutasse não?

Gustavo: não

João: ele foi na clínica e disse que queria fazer o tratamento aí ele foi lá e mapeou todas as áreas do cérebro que ele se lembrava da mulher aí eles pegaram deram uma pílula a ele e disse olhe quando você chegar em casa você vai tomar a pílula depois a gente vai lá fazer o tratamento você vai acordar como se tivesse sido uma noite de bebedeira

Gustavo: e **aquela casa** era a dele era?

João: era a casa dele aí ele chegou em casa tomou a pílula/

Gustavo:

[eu não sabia não que **aquilo** era a casa dele
era mesmo era? realmente

João:
guga

(...)

Gustavo: aí eu ache/ no início eu tava achando que era um sonho ele tá **ali naquela casa** com aquele povo na maior cachorrada

Fonte: C11

Nesse exemplo, a “casa” a que Gustavo faz referência vai ganhando novos contornos ao longo do próprio fazer discursivo. O objeto referido é elaborado no curso da

prática discursiva, transformando-se a partir dos contextos que se sucedem. A cada nova contribuição de João, Gustavo passa a ter uma visão nova sobre o objeto referido, cujo sentido vai sendo modificado a cada reativação desse referente no diálogo. Isso atesta a fragilidade da idéia de que os referentes são externos ao discurso e designados especularmente por meio da língua. Longe disso, em toda atividade de interação em que a produção de sentidos seja resultado de contribuições lingüísticas sociocognitivamente contextualizadas, os referentes designados por qualquer expressão referencial — incluindo as expressões indiciais — devem ser vistos como fabricados pela própria prática social da linguagem. Em outros termos, não há referentes extralingüísticos anteriores ao ato de linguagem. Nas palavras de Marcuschi (2003: 20), “a discretização do mundo empírico (extra-mental) não é um dado apriorístico, mas uma elaboração sócio-cognitiva”.

A noção de referência que sustenta teoricamente esse modo de entender as palavras e expressões designadoras é a que vê o ato de referir enquanto um **processo de referenciação**, tal como postulam Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), Mondada e Dubois (1995, 2003), Koch e Marcuschi (1998), Marcuschi e Koch (1998), Koch (2003b), Marcuschi (1998, 2003), entre outros. Essa perspectiva, situada no âmbito da Lingüística Cognitiva e da Psicologia Cognitiva e abraçada pela Lingüística Textual, vê a referenciação como constitutiva de uma **atividade discursiva**. Ou seja, ao contrário do reflexo objetivo de um dado elemento da realidade, a referência passa a ser “o resultado da operação que realizamos quando, para designar, representar ou sugerir algo, usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade” (Koch, 2003b: 79).

Observemos um outro encadeamento referencial também extraído de nossos dados. Neste fragmento, os interlocutores conversam sobre o local em que os protagonistas do filme se conheceram:

EXEMPLO (37)

Gustavo: eu não entendi::: eu ficava sem entender como é que eles tinham se encontrado **no ônibus** e tavam dizendo que era na praia... aí depois eu fiquei pensando não então quer dizer que eles TAVAM na praia e pegaram **um ônibus**

João: ((risos)) era muita inferência pra uma pessoa só guga ((risos))

Gustavo: ((risos)) eu fiquei pensando **aquele trem** era na praia eu fiquei pensando ((risos)) juro que eu pensei

João:

João: é muita inferência gustavo peraí praia é praia **trem** é **trem**

pro:::nto

Em (37), curiosamente, Gustavo utiliza a expressão indicial ‘aquele trem’ após ter designado por duas vezes consecutivas o referido local pelo termo ‘ônibus’. Podemos perceber que, nesse contexto, é de menor importância o substantivo que compõe a expressão referencial escolhida pelos interlocutores para designar o espaço que se opõe ao local ‘praia’. A rigor, ‘trem’ e ‘ônibus’ designam dois objetos de mundo distintos, mas, na medida em que o intuito dos sujeitos é designar um outro espaço que se diferencie do espaço ‘praia’, os termos ‘ônibus’ e ‘trem’ acabam por estabelecer uma espécie de “correspondência discursiva” no desenrolar dessa instância de interação. O ato de referir, portanto, consistiu em um processo de construção de um objeto cognitivo e discursivo, realizado por meio de negociações e modificações efetuadas pelos sujeitos falantes à medida que a interação foi se desenvolvendo. Os referentes, considerados objetos sócio-culturais, foram construídos ao longo dessa atividade interativa.

Por circunstâncias opostas às apresentadas em (36), esse último exemplo atesta que as expressões referenciais não são etiquetas que precisamente se ajustam a determinadas entidades do mundo real. Portanto, não há como estarmos de acordo com a concepção clássica de referência, que crê no poder referencial da linguagem por meio de uma ligação direta e verdadeira entre palavras e coisas, como se fosse possível um mundo autônomo já discretizado em entidades independentemente de qualquer sujeito que a elas se refiram. Afastamo-nos, destarte, de tal perspectiva, para a qual os referentes são vistos como objetos do mundo, isto é, são representados na memória discursiva dos interlocutores como objetos conhecidos, dados. Este raciocínio é justamente a base do paradigma da Semântica Formal, que defende a idéia de que por meio do sentido dos elementos da língua alcançamos uma referência no mundo, numa espécie de correspondência biunívoca entre palavra e objeto (cf. Frege, 1892). “Há uma relação estreita entre linguagem e mundo”, diriam os formalistas, para quem as palavras e expressões estão disponíveis para apropriação e uso dos sujeitos; para quem as entidades do mundo real são imutáveis e objetivas, já discretizadas antes de serem referidas; para quem a referência de um nome é o próprio objeto de mundo (concreto ou abstrato) que ele nomeia.

Com o intuito de frisar tal afastamento teórico, Mondada e Dubois (1995, 2003) sugerem o emprego do termo **‘referenciação’** em vez de ‘referência’, e **‘objeto-de-discurso’** em vez de ‘referente’, ressaltando a idéia de objeto que se constitui e se

estabelece no decorrer da interação.²³ Em outras palavras, é pelo próprio discurso que os objetos-de-discurso são introduzidos, delimitados, desenvolvidos e modificados. Tais objetos não preexistem ao discurso, não estão no mundo à disposição dos falantes, nem possuem uma estrutura fixa, já que não representam referentes codificados lingüisticamente. Há uma instabilidade no léxico das línguas naturais, cujos significados são plásticos, e é isso que faz com que esses objetos sejam construídos e reconstruídos *durante* a interlocução; sejam representações que construímos das coisas durante nossas práticas sócio-comunicativas, e não as coisas propriamente ditas.

Na linha desses autores, acreditamos que nem o significado das palavras, nem os referentes abstratos ou mundanos aos quais elas se referem são estáveis, pois dependem da maneira como são percebidos e modelados pelos sujeitos nas práticas sociais de linguagem. Como dizem Mondada e Dubois (1995, 2003), tais variações no discurso devem ser interpretadas como dependentes da pragmática da enunciação e não da semântica dos objetos. Blikstein (1983) também já dizia que os referentes são uma realidade fabricada a cada instância de interação, e que os construímos não só com base no significados das expressões referenciais, mas também sob a influência do que aprendemos em nossa cultura. Nesse sentido, as expressões referenciais criam representações mentais dos objetos-de-discurso referidos, e o sentido se constrói quando essas representações se ligam a conhecimentos culturalmente compartilhados. Vejamos mais um exemplo:

EXEMPLO (38)

18:50:40	Gustavo	as vezes o filme me lembrou cidade de deus
18:50:45	Gustavo	alguma vez te lembrou?
18:50:48	joão	um pouco
18:50:54	Gustavo	é o contexto
18:50:58	joão	as cores vivas
18:51:03	Gustavo	mas o primeiro é bem melhor

Fonte: C10

Em (37), os sujeitos dialogam sobre o filme brasileiro ‘O homem do ano’, quando Gustavo resalta que tal filme se assemelha ao também brasileiro ‘Cidade de Deus’, objeto-de-discurso que é retomado no tempo ‘18:51:03’ pela expressão ‘o primeiro’. O que autoriza essa retomada certamente *não* é a localização espacial no diálogo dos referentes em potencial (‘O homem do ano’ e ‘Cidade de Deus’), pois ‘Cidade de Deus’ é o último filme — e não o primeiro — a ser referido. A retomada só é possível devido aos

²³ Embora sigamos essa concepção de referência enquanto processo, enquanto atividade realizada durante o fazer discursivo, *não* deixaremos de utilizar a expressão ‘referente’ para designar os ‘objetos-de-discurso’ atualizados pelas expressões referenciais, embora, a rigor, seja esta última a expressão em consonância com a terminologia empregada pela teoria.

conhecimentos compartilhados sobre o contexto da interação: qualquer filme poderá receber o estatuto de ‘o primeiro’ tendo em vista que “o último” sempre consistirá no ‘O homem do ano’, filme a que os participantes do chat acabaram de assistir, tópico motivador da conversação on-line e, portanto, objeto-de-discurso permanentemente ativado, pronto para ser tacitamente retomado. Eis mais um exemplo que colabora com a tese de que o referente não está no mundo, nem no texto, nem se encontra isolado e pré-estabelecido na mente dos interlocutores; ele é uma imagem que se fabrica durante o discurso, no contexto da interação.

Portanto, podemos dizer que a nossa concepção sobre o ato de referir nos revela uma nova perspectiva em se tratando da interpretação das relações entre linguagem e mundo. As expressões referenciais são mais que simples representações extensionais de referentes do mundo extramental. Assumimos a referenciação como um processo lingüístico de representação do mundo diretamente relacionado às práticas simbólicas humanas. Tais práticas não são atribuídas a um sujeito abstrato, mas a “uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo” (Mondada e Dubois, 1995: 20). Os referentes (objetos-de-discurso) não são entidades reais do mundo, mas representações construídas pelos sujeitos no processo discursivo; são produtos culturais da atividade cognitiva e interativa desses sujeitos; e são dinâmicos, pois, uma vez introduzidos, podem ser modificados, desativados, reativados, transformados, recategorizados, (re)construindo-se, assim, o sentido, no curso da progressão textual.

Por fim, sistematizemos seis pontos decorrentes dessa perspectiva de trabalho, alguns deles já apontados por Koch (2003b: 80-81). As análises dos exemplos apresentados nesta seção argumentam a favor das assertivas a seguir:

- a) a referência diz respeito, sobretudo, às operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve;
- b) o que é habitualmente considerado como um ponto estável de referência pode ser “descategorizado”, tornar-se instável, evoluir sob o efeito de uma mudança de contexto ou de ponto de vista (Mondada e Dubois, 2003: 27);
- c) dialeticamente, o discurso constrói aquilo a que faz remissão, ao mesmo tempo que é tributário dessa construção: todo discurso constrói uma representação que opera como uma memória compartilhada, “publicamente” alimentada pelo próprio discurso;

- d) eventuais modificações, físicas ou de qualquer outro tipo, sofridas “mundanamente” ou mesmo predicativamente por um referente, não acarretam necessariamente no discurso uma recategorização lexical, sendo o inverso também verdadeiro;
- e) o processamento do discurso é estratégico: implica, da parte dos interlocutores, a realização de escolhas significativas entre as múltiplas possibilidades que a língua oferece;
- f) a interpretação de uma expressão anafórica, nominal ou pronominal, consiste não em localizar um segmento lingüístico (um “antecedente”) ou um objeto específico no mundo, mas sim em estabelecer uma ligação com algum tipo de informação que se encontra na memória discursiva dos interlocutores.

3.2 À PROCURA DE UM CONSENSO PARA A NOÇÃO DE DÊIXIS

Apresentada a concepção de referência que rege este trabalho, passemos a discutir a noção de dêixis que aqui tomamos.

De origem grega, a palavra ‘dêixis’ passou ao latim com o valor de mostrar, indicar, assinalar (Cavalcante, 2000). A base de seu significado está vinculada, portanto, à idéia de mostração, indicação, remissão a referentes. Todavia, os elementos dêíticos não efetuam uma mostração qualquer, mas um apontar em que o sentido do objeto apontado é atualizado a partir da identidade dos sujeitos e/ou da sua posição espaço-temporal na instância de interação. Ou seja, as expressões dêíticas se apóiam nos parâmetros de pessoa, lugar e tempo da enunciação, abrangendo respectivamente:

- a) os pronomes de primeira e segunda pessoas (dêíticos pessoais: *eu, tu, meu, teu* etc.);
- b) os localizadores espaciais (dêíticos espaciais: *aqui, lá, ali* etc.);
- c) e os localizadores temporais (dêíticos temporais: *hoje, ontem, daqui a pouco* etc.).

Todavia, nosso interesse com esta pesquisa reside no funcionamento de determinadas expressões dêíticas cujos parâmetros de ancoragem não coincidem exatamente com as categorias indicadas acima, pois o eixo da designação não é o lugar ou o momento da *enunciação*, mas o lugar ou o momento do *texto* onde aparece a expressão dêítica. Vejamos:

EXEMPLO (39)

17:37:47	Gustavo	rsrsrs
17:38:05	joão	
17:38:14	Gustavo	rsrsrs
17:38:30	joão	tu ta pessimo para converçar
17:38:34	Gustavo	esse filme que ele fez Hell's Angels existiu?
17:38:38	Gustavo	chato
17:38:38	joão	o que é que tu tem
17:38:46	Gustavo	pq eu to rindo
17:38:47	joão	sim
17:38:50	Gustavo	?
17:38:55	Gustavo	sei lá
17:38:59	Gustavo	acho engraçado
17:39:02	Gustavo	essas fotos
17:39:11	Gustavo	olhe o mau humor
17:39:12	Gustavo	...
17:39:21	Gustavo	respondi minha pergunta lá em cima

Fonte: C6

O exemplo (39) traz em seu último turno a expressão referencial ‘minha pergunta lá em cima’, que estabelece um apontar para uma porção de discurso anteriormente veiculada na caixa de diálogo. O sujeito — Gustavo — se toma como origem desse apontar e seu enunciado torna-se o centro das coordenadas espaciais configuradas no espaço virtual da caixa de diálogo. O dêitico ‘lá em cima’ designa, assim, um lugar do texto, e não o espaço físico em que se encontra Gustavo (como um dêitico espacial), nem um lugar anteriormente indicado lexicalmente nesse texto (como um elemento anafórico). Trata-se, portanto, de um **dêitico textual** ou **discursivo**.

Em geral, este é o sentido atribuído aos dêiticos pelos lingüistas e filósofos que se debruçaram para estudá-los: elementos que se distinguem dos outros elementos da língua por remeterem ao posicionamento físico ou textual do falante/escritor na enunciação. Também é a partir dessa perspectiva que conceberemos o componente caracterizador da dêixis. Para discutirmos um pouco a questão, reportar-nos-emos resumidamente aos seguintes autores: Bühler (1982), Lahud (1979), Jakobson (1957)²⁴, Fillmore (1971), Apothéloz (2003), Charaudeau & Maingueneau (2004), Cavalcante (2004), Levinson (1983), Lyons (1977), Benveniste (1988), Ehlich (1982) e Marcuschi (1997b). Os aspectos divergentes dessas teorias não são relevantes aos objetivos desta seção, que é estabelecer o traço fundamental da dêixis, capaz de caracterizar uma expressão referencial de natureza dêitica. Esse traço, como veremos, parece-nos ser o principal ponto de intersecção entre esses autores.

²⁴ Jakobson, R. “Les embrayeurs, lês catégories verbales et le verbe russe” (1957). In: *Essais de linguistique générale*. Paris, Minuit, 1963. (citado em Lahud, 1979).

Comecemos, então, a sumariar o pensamento de Bühler (1982) a respeito do estatuto da dêixis. Na tentativa de construir uma “nova teoria da linguagem” que se afaste de uma visão representativa de mundo, esse autor propõe uma concepção de linguagem a partir de dois campos: o **campo simbólico**, constituído pelas palavras que *nomeiam*; e o **campo mostrativo**, constituído pelas palavras que *indicam*, cujos significados dependem da situação de interação particular. No dizer de Bühler (1982), o primeiro campo é constituído pelas **palavras designadoras** e o segundo, pelas **palavras ostensivas**. As palavras ‘aqui’ e ‘ali’, por exemplo, mudam por completo o sentido de acordo com a localização espacial do falante, provocando a necessidade de o sujeito conhecer a situação do acontecimento verbal para lhes atribuir sentido; pertencem, assim, ao campo mostrativo.

Na verdade, para Bühler (1982), os dêiticos são os elementos que fazem parte desse campo mostrativo (também chamado de “campo dêitico”), cujo eixo é definido pelo “**eu-aqui-agora**” (“eu-origem”), origem de todo e qualquer ato verbal. O enunciador é o centro desse campo na teoria bühleriana. Dessa forma, a noção de dêixis é transposta para o âmbito da teoria da linguagem, passando a ocupar um lugar fundamental. O autor conclui que, enquanto no campo simbólico as palavras designadoras possuem um significado “completo”, no campo mostrativo o significado depende das pistas situacionais, requerendo uma indicação que permita a identificação do objeto referido.

Em síntese, para Bühler (1982), o campo mostrativo, de natureza lingüística, se constitui a partir de um sistema de coordenadas instituído por cada ato de enunciação e só por ele. A inesgotável produtividade significativa da linguagem verbal advém, sobretudo, do fato de existir em sua estrutura palavras pertencentes a esse campo (os dêiticos), que permite a cada falante/escritor, em cada ato de fala/escrita, dizer “eu”, instituindo-se como centro de um campo mostrativo em que se desenham coordenadas referenciais.

Pensamento semelhante acomete Lahud (1979), que afirma que o significado de um dêitico não pode se restringir a sua descrição propriamente dita. Ao contrário de Bühler, porém, postula dois significados para esses elementos: um **variável** e um **constante**, a depender da situação de interação. Ao tomar com subsídio a distinção semiológica entre *ícone* (relação de semelhança entre o sinal e o objeto), *índice* (relação existencial entre o sinal e o objeto) e *símbolo* (relação convencional entre o sinal e o objeto), apresentada pelo filósofo americano Charles Peirce (1931-1935)²⁵ — para quem os demonstrativos seriam

²⁵ Peirce, C. S. *Collected papers*. The Belknap Press of Harvard University Press, 1931-1935. (citado em Lahud, 1979)

índices e as demais palavras, símbolos —, Lahud (1979) mostra caber aos dêiticos tanto o estatuto de **índices** (significado variável) como de **símbolos** (significado constante), já que não somente indicam e individualizam o objeto, mas também portam uma significação convencional que torna a referência possível. Por exemplo, a palavra ‘eu’, em condições normais de uso, sempre vai se referir ao indivíduo que dela se utiliza; logo, independente do referente que designa, seu significado sempre pode ser expresso enquanto “a pessoa que fala no momento em que a palavra ‘eu’ é proferida”; ou seja, os dêiticos também possuem uma significação geral única e constante, tanto que são dicionarizados. Consistem, desse modo, nos termos de Lahud (1979), em “**símbolos-índices**”.

Jakobson (1957) também partilha dessa idéia ao se referir aos “*embrayeurs*”²⁶, terminologia utilizada pelo autor para nomear os dêiticos. Para ele, esses elementos combinam as funções de símbolo, por seu caráter convencional, e de índice, pela relação existencial com o objeto que designa. Essa “classe de unidades do código lingüístico” é peculiar, segundo o autor, devido ao fato de sua significação obrigar a levar em consideração o processo de enunciação, pois tais unidades estabelecem uma relação incontornável entre enunciado e enunciação.

Fillmore (1971) é outro autor que reflete sobre o fenômeno dêitico de modo muito significativo. Assim como Bühler (1982), se debruça sobre a dêixis tendo em vista amplas pretensões. Acredita que os estudos dos elementos deiticamente ancorados orientam para novos procedimentos de análise da língua, devido ao fato de os dêiticos imporem uma série de questionamentos de natureza empírica e conceitual antes impensados pela gramática tradicional, que dispensa o papel do contexto para a interpretação de suas sentenças. Para Fillmore (1971), a dêixis é responsável pela determinação de certos aspectos do ato comunicativo no qual as interlocuções acontecem. Esses aspectos são as **coordenadas dêíticas**, cujo foco irradiador é o sujeito enunciador.

Convém mencionar que Fillmore (1971) é o responsável por ampliar a classificação clássica da dêixis — dêixis pessoal, espacial e temporal, fundada respectivamente nos sujeitos da interação e na sua localização espacial e temporal — e levar em consideração o tipo de dêixis objeto de nosso estudo. O autor distingue cinco possibilidades dêíticas: a **dêixis pessoal**, relacionada à identidade dos interlocutores (*eu, tu*); a **dêixis espacial**, relacionada ao(s) lugar(es) em que os interlocutores se encontram na situação de interação (*aqui, aí*); a **dêixis temporal**, relacionada ao tempo de codificação (*encoding time*) e

²⁶ Os ‘*embrayeurs*’ de Jakobson (1963) foram traduzidos para o inglês como ‘*shifters*’.

decodificação (*decoding time*), nos quais o ato de fala é, respectivamente, enviado e recebido (*agora, ontem*); a **dêixis discursiva**, relacionada às partes precedentes e subseqüentes ao discurso (*o parágrafo abaixo, a frase anterior, minha pergunta lá em cima* — conforme registramos em nosso último exemplo); e a **dêixis social**, relacionada às identidades sociais dos interlocutores e aos seus papéis desempenhados na interação, ou seja, atrelada às relações de simetria ou assimetria que se estabelecem entre os interlocutores decorrentes de fatores como idade, sexo, poder social etc., as quais condicionam a escolha de uma maior ou menor formalidade lingüística.

Concordamos quase na íntegra com essa classificação de Fillmore (1971); acrescentemos-lhe, apenas, a **dêixis memorial**, que consiste no uso de expressões nominais demonstrativas cujos referentes não estão presentes nem no cotexto nem na situação comunicativa, mas na “memória” comum dos interlocutores (Apothéloz, 2003; Charaudeau & Maingueneau, 2004), fazendo remissão às suas experiências no mundo, conforme percebemos no exemplo a seguir:

EXEMPLO (40)

Gustavo: nã:o eu acho que o filme tinha tudo pra dar certo e não deu

João: e o que foi que faltou pra dar certo?

Gustavo: ((enfático)) um final legal

João: e o que era o final legal que tu queria?

Gustavo: **esses filmes de hoje em dia** é assim

João: ahn

Gustavo: não pode ter um final que feche o filme porque senão vai dizer que o filme é clichê... eu já notei isso também entendeu?

Fonte: C5

Em (40), o enunciador, ao fazer uso da expressão demonstrativa em destaque, implicitamente sugere que o leitor localize no espaço de sua memória os dados para a compreensão do enunciado, pois o objeto-de-discurso alvo do processo de referenciação não fora designado anteriormente por outra expressão, nem está presente no contexto situacional. Por isso, diz-se que esse procedimento dêitico recupera um referente armazenado na memória do interlocutor. A referenciação é possível, pois, no dizer de Apothéloz (2003: 70), os dêiticos memoriais evocam “um referente cuja evidência é tal, para o locutor, que ele equivale a um referente que acabou de ser evocado no próprio texto”. Vale salientar que, nesse caso em especial, a escolha do demonstrativo ‘esse’, em oposição a ‘aquele’, é o responsável por situar o conjunto de filmes alvo da referência no

mesmo contexto temporal da situação de interação: Gustavo refere-se a “*esses* filmes de hoje em dia” e não a “*aqueles* de antigamente”. O demonstrativo registra, assim, essa espécie de “distância temporal” entre os interlocutores e o objeto-de-discurso.

Ainda no terreno da dêixis memorial, também é oportuno frisar que tanto as estratégias não-dêíticas de introdução de referentes quanto as estratégias que se valem da dêixis memorial apontam em direção ao conhecimento comum dos interlocutores, ao passo que as introduções referenciais por dêixis de pessoa, de tempo e de espaço remetem, em geral, apenas ao campo da situação empírica de fala. A diferença nos tipos de remissão desses dois procedimentos de referenciação (introduções não-dêíticas e por dêixis memorial) é o tipo de instrução dada ao leitor/ouvinte e os implícitos que cada uma acarreta. Podemos perceber que não haveria nenhuma sensação de estranheza ou inadequação contextual, se substituíssemos em (40) o demonstrativo ‘esses’ pelo artigo definido ‘os’. Todavia, segundo Cavalcante (2004),

conquanto o efeito fosse aparentemente o mesmo, mudariam as condições de saliência, pois o demonstrativo acentua a ilusão de atenção conjunta, como se o referente, ainda que ativado pela primeira vez, pudesse ser facilmente acessado pelo destinatário.

Tal particularidade, Ehlich (1982) definiu enquanto “procedimento dêítico”, conforme veremos ainda nesta seção.

As cinco categorias dêíticas levantadas por Fillmore (1971) — dêixis pessoal, espacial, temporal, discursiva e social — concentram-se na importância do reconhecimento do ponto de vista do falante para a compreensão do elemento dêítico. Portanto, assim como Bühler (1982), Fillmore (1971) também vê naquele que enuncia a âncora mor para a atualização desses elementos referenciais. O conhecimento da situação do emissor na instância de interação é fundamental para a compreensão dos elementos dêíticos, inclusive daqueles que se referem a partes do discurso — os dêíticos discursivos. A propósito, esses elementos, de acordo com Fillmore (1971), atuam na organização textual, funcionando como sinais orientadores para o leitor/ouvinte. Para isso, metaforizam o espaço ou o tempo da produção discursiva verbal ou escrita, pois imprimem características de proximidade e distanciamento físico (*abaixo, acima*) ou temporal (*seguinte, anterior*) a certas porções do discurso, como mostramos no exemplo (39) — *minha pergunta lá em cima*.

Outros dois autores que defendem que toda localização dêítica pressupõe a posição do falante no tempo de formulação é Levinson (1983) e Lyons (1977). Para o primeiro, o que caracteriza fundamentalmente a dêixis é seu **caráter egocêntrico**. As expressões

dêiticas estão ancoradas em pontos específicos do evento comunicativo, os **centros dêiticos**, orientados pela figura do falante. Sendo assim, segundo o autor, em toda a enunciação:

- a) a pessoa central é o falante;
- b) o tempo central é o tempo no qual o falante produz o enunciado;
- c) o lugar central é a localização do falante no tempo da enunciação;
- d) o centro discursivo é o ponto do texto no qual o falante está correntemente na produção de seu enunciado;
- e) o centro social é o status social do falante, em relação ao qual está o status de seu interlocutor ou dos referentes.

Pelo item (d), percebemos que Levinson (1983) também leva em consideração a existência da dêixis discursiva, a qual consiste no uso de expressões para se referir a uma porção de discurso contida no texto, o que pode incluir até o próprio texto. Segundo o autor, tendo como marco o lugar ou o momento do próprio texto em que são utilizadas, expressões como ‘essas palavras’ e ‘as seguintes linhas’ também executam uma espécie de “referência metalingüística” por retomarem a própria forma.

No que diz respeito a Lyons (1977), são propósitos mais amplos que o conduzem à análise da dêixis, assim como Bühler (1982) e Fillmore (1971). A fim de refletir sobre a ontogênese da referência, ele debruça-se sobre o fenômeno dêitico, concebendo-o como a localização e identificação de pessoas, processos, objetos, eventos e atividades em relação ao contexto espaço-temporal desenvolvido no ato de enunciação. Na verdade, para este autor, a dêixis é a origem da referência, e, conseqüentemente, é inerente à linguagem. Outro ponto frisado pelo autor diz respeito à ostensão como valor genérico e fundamental dos dêiticos.

Lyons (1977) afirma que a situação típica do enunciado é egocêntrica, porque o falante coloca-se em seu próprio ponto de vista e estabelece a si próprio como referencial para as coordenadas de espaço e tempo. Portanto, haveria uma base dêitica sob a estrutura gramatical e sob a interpretação de qualquer expressão referencial, pois, parafraseando este autor, se um referente tem uma localização textual, ele será encontrado em uma certa parte do universo do discurso tal qual está estruturado, temporariamente, pelo texto; e a expressão referencial anafórica que sucede esse referente identifica-lo-á pela localização

textual do antecedente. Assim, o uso anafórico dos artigos definidos e dos pronomes pessoais e demonstrativos, por exemplo, seriam derivados da dêixis, pois a fonte de referência desses elementos é fornecida pela “dêixis” que orienta o leitor/ouvinte para determinada “porção de discurso” na qual o referente se encontra.

Em suma, podemos dizer que a dêixis, na visão desse autor, é um princípio organizador da linguagem e precisa ser compreendida no contexto da enunciação e sob a ótica do enunciador. O ponto-zero — o “origo”, nos termos de Bühler (1982) — é o ponto de partida para a análise das relações entre o ato de fala e a situação. Nessa perspectiva, a dêixis é inerente a todo procedimento anafórico, questão a que voltaremos ainda neste capítulo.

As chamadas análises enunciativas da língua também atribuem ao fenômeno dêitico importante papel na compreensão da natureza da linguagem. Vêm na dêixis a responsável pela construção e organização da enunciação. Na verdade, a noção de dêixis de Lahud (1979) citada anteriormente, conforme o próprio autor deixa transparecer, é herdeira dessa perspectiva enunciativa, cujo representante maior encontra-se na figura do lingüista francês Émile Benveniste.

Para Benveniste (1988), a enunciação, objeto de sua teoria, consiste no funcionamento da língua por meio de um ato individual de utilização. O autor demonstra especial preocupação com o ato/processo de enunciação e os elementos nele envolvidos (pessoa, espaço, tempo — o *aparelho formal da enunciação*, nos termos benvenistianos), e não apenas com o produto resultante desse ato/processo. O ponto de partida de sua teoria pode ser encontrado no artigo que abre a conhecida coletânea *Problemas de Lingüística Geral I*, intitulado *Tendências recentes em Lingüística Geral* (data original: 1954). Nele, o lingüista aborda algumas questões fundamentais de fundo epistemológico: Qual é a tarefa da Lingüística? O que é língua? Como se deve descrever a língua? Se a função da linguagem é dizer alguma coisa, qual a natureza dessa “coisa” e como ela se articula à língua? Para o autor, essas questões, ainda que preliminares à análise da língua, nem sempre são postas conscientemente pelos lingüistas preocupados com a estrutura — entendendo-se estrutura como o condicionamento mútuo das partes de um todo (estruturalismo europeu) ou como a distribuição dos elementos e a sua capacidade de associação ou de substituição (estruturalismo americano).

Opondo-se a fatores comuns aos empreendimentos estruturalistas, Benveniste (1988) julga necessária a introdução de um novo elemento na constituição de sua teoria da

linguagem: o **sujeito enunciador**. Partindo da distinção entre dois níveis macro-sistêmicos de análise lingüística, o *semiótico* e o *semântico*, o autor não chega a refutar a noção estrutural de signo, mas vê esse elemento apenas enquanto uma unidade semiótica. Uma análise lingüística no nível semântico, em sua completude (e não somente *intralingüística*), extrapolaria essa dimensão, posto que traria para o cenário, além da frase — modalidade fundamental do comunicar, o discurso, com todas as suas implicações pragmáticas.

O nível semântico de análise lingüística requer, portanto, referência ao sujeito enunciador, o qual assume função importante na teoria do lingüista francês, repercutindo no destaque que é dado ao papel dos pronomes ‘eu’ e ‘tu’ na atividade lingüística. Para Benveniste (1988), o homem só se constitui como sujeito na e pela linguagem, pois só a linguagem fundamenta na realidade do ser o conceito de “ego”. Mas não basta o ‘eu’ para que o sujeito emerja, pois só experimentando o contato com o outro — com o ‘tu’ — é que o homem passa a ter consciência de si mesmo.

Fica nítida, assim, a importância dada por essa teoria aos pronomes pessoais e, como conseqüência, aos outros elementos dêiticos, cuja análise, segundo Benveniste (1998), não pode estar ligada exclusivamente a diferenças formais, mas deve considerar, de modo especial, aspectos relativos ao processo da enunciação. Para o autor, ‘eu’ e ‘tu’ só possuem existência lingüística no ato de fala. Embora não negue o significado simbólico do pronome, ou seja, o fato de ‘eu’ significar a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém ‘eu’, afirma Benveniste (1998) que cada ‘eu’ possui sua referência própria e, conseqüentemente, corresponde a uma entidade discursiva que se constitui unicamente pelas circunstâncias — essa idéia, como vimos, fora retomada posteriormente por Lahud (1979). Pressupondo um ‘tu’ necessário à situação interlocutiva, o pronome ‘eu’ atrela-se a outros indicadores dêiticos (pronomes demonstrativos e possessivos, advérbios de tempo e lugar, formas verbais), que passam a ser organizados em função desse **“eu-enunciador” — o ponto central da enunciação** —, dele necessitando para sua própria existência discursiva. E cada vez que o falante enuncia ‘eu’, o faz como um ato novo, criando uma nova instância de enunciação.

Em resumo, para Benveniste (1998), os dêiticos são marcas da enunciação no enunciado. Seu estatuto passou a ser o tema principal da orientação teórica que costuma ser designada por Teoria da Enunciação, a qual acabou por representar a concretização do processo de conscientização progressiva das dimensões pragmáticas nos estudos lingüísticos.

Diante do destaque atribuído aos indicadores de subjetividade ‘eu/tu’ para o entendimento da essência da linguagem, é natural Benveniste (1998) afirmar que o traço essencial que caracteriza um elemento dêitico é a relação que ele estabelece com a instância do discurso que o contém, a partir do indicador de pessoa, tempo ou lugar. Ou seja, os dêiticos são elementos que fazem referência à realidade enunciativa e possuem como centro da enunciação o falante/escritor.

Antes de concluirmos, não devemos omitir o salto qualitativo operado por Ehlich (1982), para quem a dêixis estabelece focos de atenção orientando cognitivamente o leitor/ouvinte quanto ao discurso em andamento. Centrado na perspectiva da Pragmática Funcional, a idéia-base de Ehlich (1982) é que, para que a compreensão possa acontecer na situação de interação, falante e ouvinte precisam partilhar de uma orientação prévia comum. Para tanto, o falante conduz o olhar do ouvinte para um determinado referente, identificável quer no espaço dêitico real (dêixis pessoal, espacial e temporal), quer no espaço metaforizado do texto (dêixis discursiva). Para o autor, é nisso que consiste o “procedimento dêitico”. Todavia, Ehlich (1982) não nega que essa orientação tem como âncora o enunciador, ou seja, que **o falante/escritor conduz o leitor/ouvinte irradiando focos de atenção a partir de sua posição enunciativa**.

Apóia-se, sobretudo, em Ehlich (1982) a noção de Marcuschi (1997b) de dêixis discursiva enquanto **“estratégia de monitoração cognitiva”**. Para este último, os dêiticos discursivos funcionam como um recurso organizador de textos, por meio dos quais o falante/escritor facilita a compreensão do texto para o ouvinte/leitor. Esses elementos exercem um papel metacognitivo, pois criam uma perspectiva comum e preferencial de observação discursiva e são estratégias de referenciação que alteram o foco de atenção do leitor/ouvinte. Nas palavras do autor,

[a dêixis discursiva é] um mapeamento cognitivo com a função básica de orientar tanto o ouvinte como o leitor quanto a conteúdos. (...) Tem a importante missão de mostrar para que entidades lingüísticas (ou discursivas) o leitor/ouvinte deve voltar preferencialmente sua atenção a fim de estabelecer as conexões mais viáveis naquele dado momento. Tem a ver com o estabelecimento e a mudança de foco. (...) Portanto, mais do que **referir**, (...) [os dêiticos discursivos] são funcionalmente adequados para **gerar focos de atenção**. (Marcuschi, 1997b: 158)

Esse breve apanhado serviu para que mostrássemos os vários pontos de contato existentes entre alguns dos mais citados autores que se dedicaram a pensar sobre o

fenômeno dêítico. Todos eles, por caminhos às vezes distintos, atrelam a referência dêítica a um sistema de coordenadas cujo centro irradiador é o falante/escritor. Além disso, mesmo considerando a primazia do enunciador sobre os demais participantes do discurso, não ignoram a intrincada relação entre o ‘eu’ e o ‘tu’ em qualquer situação de interação.

Desse modo, podemos dizer que a dêixis conduz necessariamente qualquer descrição da linguagem para a perspectiva do processo da enunciação. Necessariamente, o dêítico toma algum elemento de seu significado da situação enunciativa em que está sendo usado; apresenta uma condição de subjetividade decorrente da relação visceral entre os participantes do discurso e tal situação.

Em suma, todos os autores apresentados nesta seção, apesar de manterem algumas diferenças teóricas, tipológicas, terminológicas e/ou de foco de observação, concordam que a dêixis é um meio de se referir a um elemento dentro de um espaço físico (campo dêítico situacional), memorial (campo dêítico da memória) ou textual (campo dêítico do discurso) organizado de acordo com as coordenadas de quem enuncia, levando sempre em conta para quem se enuncia. Vale frisar também o fato de ter sido, normalmente, a preocupação com o funcionamento da linguagem em geral que fez com que esses estudiosos voltassem seu olhar para a dêixis. De igual modo, acreditamos que estudar o fenômeno dêítico significa maturar o olhar científico que lançamos sobre a linguagem e seus usos.

3.3 A AMPLIAÇÃO DO CONCEITO DE ANÁFORA

Por um bom tempo, perdurou na literatura a associação da anáfora a três características básicas:

- a) retomada de um antecedente;
- b) presença de um elemento anaforizante (elemento que retoma) e outro anaforizado (elemento retomado);
- c) correferência (o mesmo referente designado no discurso por duas ou mais expressões).

Esses traços relacionam-se a seguinte concepção limitada do fenômeno anafórico: a relação anafórica emerge quando uma expressão aponta para um referente já designado no cotexto anterior, isto é, na superfície textual até então mostrada. Segundo esse ponto de vista, o fenômeno ‘anáfora’ atrela-se à idéia de correferencialidade, supondo uma ligação direta e explícita entre o elemento anafórico e o elemento retomado (o seu antecedente).

Como exemplos de autores que trabalham nessa perspectiva, da qual nos afastaremos, podemos citar Halliday e Hasan (1976) e Milner (2003).

Para Halliday e Hasan (1976), a relação anafórica clássica dá-se por meio das expressões pronominais, as quais, vazias de significação, são interpretáveis porque referem elementos já referidos explicitamente no cotexto, como atesta a cadeia referencial iluminada a seguir:

EXEMPLO (41)

João: e o que tu fizesse com teus gibis da mônica?

Gustavo: **ruth** que rasgou tudinho

João: oxe **ela** tava louca foi?

Gustavo: **ela** era criança

Fonte: C5

Nessa perspectiva, a essência da anáfora é a identidade referencial entre duas ou mais expressões mencionadas na superfície textual. No exemplo apresentado, o pronome ‘ela’ possui o mesmo referente que o nome ‘ruth’, já designado. Diferencia-se do modo de referir das expressões — pronominais ou não — que remetem diretamente a entidades da situação real de comunicação e não possuem nenhuma ligação cotextual, como em (42):

EXEMPLO (42)

18:13:11	joão	oi
18:13:19	Gustavo	oi, oi
18:13:29	joão	que foto e essa
18:13:32	joão	??
18:13:56	Gustavo	eu e minha mãe
18:14:01	Gustavo	nunca visse?

Fonte: C10

O fragmento acima já foi apresentado no capítulo 1 — exemplo (4). Trata-se do início de uma conversação, em que João mostra interesse pela “Imagem de Exibição” de Gustavo (“que foto é essa??”) apresentada na caixa de diálogo do MSN. Percebamos que o processo de referenciação não se estabelece por intermédio de uma fonte **cotextual**, mas apóia-se em um elemento **contextual**: uma foto compartilhada pelos dois participantes do diálogo virtual. A natureza do processo de referenciação em questão diferencia-se da natureza do procedimento anafórico clássico, exemplificado em 41.

Milner (2003), por sua vez, pautado numa concepção vericondicional de referência, divide as anáforas em dois tipos: as pronominais — exemplo (41) — e as nominais. Sua definição de procedimento anafórico, tanto em relação às anáforas nominais quanto em

relação às pronominais, também está centrada na idéia de retomada referencial, assim como Halliday e Hasan (1976). Vejamos:

Há relação de anáfora entre duas unidades A e B quando a interpretação de B depende crucialmente da existência de A, a ponto de se poder dizer que a unidade B só é interpretável na medida em que ela retoma — inteira ou parcialmente — A. Esta relação existe quando B é um pronome [anáfora pronominal] cuja referência virtual só se estabelece pela interpretação de um N” que o pronome “repete”. Ela existe igualmente quando B é um N” [anáfora nominal] cujo traço definido — ou seja, o traço identificável do referente — depende exclusivamente da ocorrência, no contexto, de um certo N” — na verdade, geralmente, o mesmo do ponto de vista lexical. (Milner, 2003: 94-95)

Atualmente, tal modo de enxergar o funcionamento anafórico, ainda que represente boa parte dos estudos sobre o fenômeno, é considerado redutor no âmbito da Lingüística Textual, já que ignora procedimentos anafóricos de natureza essencialmente interpretativa. A partir do momento em que explicações cognitivas ganharam espaço no interior da referida disciplina, alguns autores perceberam que um anafórico não exige obrigatoriamente um antecedente explícito no cotexto, embora sempre faça remissão a alguma pista da superfície textual que lhe serve de “**âncora**” (cf. Marcuschi, 2000; Koch, 2003b) para ser interpretado. Analisemos a cadeia anafórica iluminada a seguir:

EXEMPLO (43)

João: sei lá essas coisas de filme americano também...

Gustavo: que se descobre tudo né?

João: que alguém vai pro **um julgamento**... por um acaso **a testemunha** vai depor aí **a advogada** de acusação procura saber tudo da vida dela pra usar contra ela e é sempre uma coisa sentimental... pro povo chorar... não é? se fosse como no no::: (2s) nos julgamentos brasileiros que vo/ o advogado não pode fazer a pergunta diretamente pro pro pro

Fonte: C7

No exemplo acima, os sintagmas ‘a testemunha’ e ‘a advogada’ não possuem um referente cotextual antecedente; conseqüentemente, não estabelecem relação de correferencialidade com nenhuma outra expressão; também não retomam referentes já construídos, mas sim introduzem novos referentes. No entanto, o que autoriza sua constituição definida (ao invés de indefinida, o que *a priori* seria mais natural, tendo em vista que se trata da introdução de novos referentes textuais) é a expressão indefinida ‘um julgamento’, que funciona como âncora, ativando uma espécie de frame a partir do qual podem ser tomados como dados vários elementos associados ao universo dos tribunais,

inclusive as figuras da “testemunha” e da “advogada”. Temos nesse caso, portanto, um procedimento anafórico, ainda que não-correferencial.

São casos como esse que impulsionam, por exemplo, Marcuschi (2000) a ampliar o conjunto das expressões anafóricas, considerando dois grandes grupos de anáfora:

- a) as **anáforas diretas**, que estabelecem correferência ou retomadas parciais (trata-se de processos de reativação de referentes prévios, recuperando-os total ou parcialmente);
- b) e as **anáforas indiretas**, que, por não reativarem referentes, não estão vinculadas nem à noção de correferência, nem à de retomada (trata-se de processos de introdução de novos referentes). A relação de correferência, portanto, determina apenas o primeiro conjunto de anáforas.

Koch (2003b), por sua vez, define ‘anáfora indireta’ como uma expressão definida anafórica, sem referente explícito no cotexto, mas inferível a partir de elementos nele explícitos, os quais a autora, bem como Marcuschi (2000), denomina “âncoras”. A âncora permite que o referente da anáfora indireta seja ativado por meio da mobilização de conhecimentos dos mais diversos tipos armazenados na memória dos interlocutores. Vejamos mais um exemplo: no diálogo abaixo, a expressão referencial ‘a história’ ancora-se no elemento ‘o filme’ contribuindo para a progressão da conversa e para a construção da coerência, por desencadear o estabelecimento da relação semântica de ingrediência (todo filme tem uma história). Embora os dois termos iluminados não sejam correferenciais, é inegável a relação de remissão, portanto anafórica, existente entre ambos:

EXEMPLO (44)

João: eu gostei muito do **o filme**... tu gostou?

Gustavo: não

João: por quê?

Gustavo: porque eu não gostei... achei chato de ver... muito chato de ver... **a história** pode até ter sido interessante né? o fato de a gente não saber que eles tinham já feito essa experiência né? né isso? O tchan do filme

Fonte: C11

As anáforas indiretas remetem, assim, a um referente novo para o discurso, mas tido tacitamente como conhecido para o interlocutor devido a uma outra expressão (âncora), já proferida anteriormente, que estabelece com o elemento anafórico uma relação de remissão, ainda que não correferencial. Em outras palavras, a introdução desse novo referente se manifesta por um elemento formalmente definido (‘a história’, por exemplo),

relacionado a uma outra entidade mencionada antes no cotexto (‘o filme’, por exemplo), com a qual não mantém ligações de correferencialidade. A relação anafórica dá-se por **inferência**, pois está intimamente ligada ao conhecimento partilhado: ainda que o anafórico remeta a uma fonte explícita do cotexto, somente o conhecimento de mundo compartilhado pelos interlocutores permite o estabelecimento da conexão semântico-pragmática entre os dois elementos, o anaforizante e o anaforizado. Parafraseando Marcuschi (2000), trata-se de uma estratégia de ativação de referentes novos e não de uma reativação de referentes já conhecidos. Entretanto, mesmo efetuando a introdução de um novo referente, a anáfora indireta, assim como a direta, contribui para a continuação da relação referencial global.

Kleiber (1991) também leva em consideração esses casos mais abrangentes do fenômeno anafórico, tratando-os enquanto “instâncias de relação associativa”. Segundo o autor, quatro características se vinculam à **anáfora associativa**, as quais não se afastam dos traços apontados aqui como constitutivos do fenômeno da anáfora indireta. Para esse autor, a anáfora associativa:

- a) introduz um novo referente no texto;
- b) é constituída por meio de uma expressão definida;
- c) estabelece relação com outro elemento mencionado anteriormente no texto;
- d) estabelece uma relação discursiva e contextual, mas aponta para um saber *a priori* ou convencional associado aos elementos constituintes da relação anafórica.

Concepção também semelhante é a de Apothéloz (2003), que afirma que a anáfora associativa é constituída, em geral, por sintagmas nominais definidos dotados de uma certa dependência interpretativa em relação a um referente anterior ou posteriormente designado e pela ausência de correferência entre essas duas expressões. O autor afirma que essa concepção mais ampla da anáfora acarreta conseqüências para a noção de antecedente, dentre as quais destacamos as seguintes:

- a) um anafórico não “se refere ao seu antecedente” (a não ser em casos de expressões metalingüísticas ou metadiscursivas); as formas de retomada também são expressões referenciais no sentido mais geral do termo;
- b) o antecedente não é um elemento indispensável ao funcionamento das formas de retomada;

- c) o antecedente estabelece relação semântica com a forma de retomada dentro do contexto de enunciação;²⁷
- d) o funcionamento das retomadas anafóricas e das expressões referenciais em geral está intimamente associado à construção dos sentidos do texto.

Assim, com base em Marcuschi (2000), Koch (2003b), Kleiber (1991) e Apothéloz (2003), caracterizamos a anáfora não por ela recuperar um antecedente, mas por depender sempre de pistas fornecidas pelo cotexto, as quais funcionam como âncora (fonte). Em outras palavras, tomaremos como anáfora toda expressão que remeter a — mas não necessariamente retomar²⁸ — um elemento-fonte explicitado ou não no cotexto anterior ou posterior (catáfora). De acordo com essa perspectiva ampla de anáfora, é apenas a **remissão cotextual** (e não a retomada cotextual ou a correferencialidade) que distingue os anafóricos — diretos ou indiretos — das outras expressões referenciais. Sua característica fundamental é a presença de uma âncora, uma fonte que permite o encadeamento, a continuidade da referência global, por meio do estabelecimento de relações correferenciais, co-significativas²⁹ ou meramente inferenciais, por meio de associações baseadas em nossos conhecimentos de mundo e partilhados e em nossos estereótipos culturais.

Destaquemos, por fim, um ponto importante levantado por Cavalcante (2002a), que diz respeito à natureza sócio-cognitiva das anáforas diretas e indiretas. A autora defende que também há recorrência a conhecimentos compartilhados para a viabilização das inferências no processamento das anáforas diretas, ainda que isso se dê principalmente com as anáforas indiretas. Em ambos os procedimentos anafóricos, então, há remissão ao cotexto e ao conhecimento comum dos interlocutores; o que muda é o grau em que é estabelecida essa remissão. Observemos o fragmento conversacional abaixo:

²⁷ Apothéloz (2003: 58) nos mostra que no enunciado

Um jovem suspeito de ter desviado uma linha telefônica foi interrogado há alguns dias pela polícia em Paris. Ele “utilizou” a linha de seus vizinhos para ligar para os Estados Unidos por uma quantia de 50000F. O tagarela foi levado ao tribunal.

a forma de retomada ‘o tagarela’ requer, para fins de identificação do antecedente, além de conhecimentos de mundo para o estabelecimento de inferências, o conhecimento de atributos que lhe foram dados no decorrer do texto por via de uma predicação.

²⁸ Marcuschi (1998: 5) resume claramente a distinção entre ‘referir’, ‘remeter’ e ‘retomar’. **Referir** é toda atividade de designação realizável com a língua sem implicar uma relação especular língua-mundo; **remeter** é uma atividade de processamento indicial na co(n)textualidade; e **retomar** é uma atividade de continuidade de um núcleo referencial. Portanto, retomada implica remissão e referenciação; remissão implica referenciação, mas não necessariamente retomada; e referenciação não implica necessariamente remissão nem retomada.

²⁹ A correferencialidade não implica na co-significação (cf. Marcuschi, 1998; Marcuschi e Koch, 1998; Cavalcante, 2004), como atestam as retomadas pronominais, que embora sejam correferenciais não são co-significativas. Além disso, muitas anáforas correferenciais costumam recategorizar seus antecedentes e explicitar essa recategorização por meio de formas com outros significados.

EXEMPLO (45)

Gustavo: e por que o:: o homem do senhor dos anéis bate no carro dele perguntando se ele quer alguma coisa?

João: porque ele não sabia que ele/ que tinha apagado a memória dele?

Gustavo: certo e por que ele perguntou se ele queria alguma coisa?

João: porque ele ficou com medo do que tinha acontecido... porque não tinha o negócio da memória? se não tinha apagado? se ele tava perdido porque ele não viu ele com a mulher... entendeu não? não era pra ele tá ali já que eles tinham apagado a memória dele com a mulher... quer ajuda não sei o quê... tá entendendo não? ele pensava que a pessoa tava perdida

Gustavo: e ele tava de novo com a mulher?

João: tava

Fonte: C11

O exemplo (45) atesta perfeitamente a observação de Cavalcante (2002a), pois, para a atualização dos referentes das anáforas diretas, é inegável o alto teor inferencial dependente de certos conhecimentos partilhados por Gustavo e João, advindos da sua recente experiência com o filme em debate (*Brilho eterno de uma mente sem lembranças*). Embora quase todas as retomadas pronominais sejam exemplos de anáforas diretas (a exceção consiste no pronome ‘eles’, em azul, que designa não só o mesmo referente introduzido pela expressão ‘o homem do senhor dos anéis’ como também os seus comparsas no filme), a construção dos elos correferenciais (iluminados de amarelo e verde) requer o preenchimento de lacunas por inferências baseadas em elementos da memória dos interlocutores, igualmente aos casos de anáfora indireta.

3.4 O CONJUNTO DAS EXPRESSÕES REFERENCIAIS

Neste capítulo, já foram discutidas três noções elementares ao nosso estudo, as quais retomaremos aqui à guisa de sistematização:

- a) **Processo de referenciação:** o ato de referir consiste numa atividade sócio-discursiva, e não no ato de designar por meio da língua um referente estável no mundo. Trata-se de um processo de construção de um objeto cognitivo e discursivo, realizado por meio de negociações e modificações efetuadas pelos sujeitos falantes à medida que a interação vai se desenvolvendo. Esse objeto não preexiste ao discurso, pois é no próprio discurso que vai sendo construído e reconstruído.
- b) **Dêixis:** a referência dêitica toma o falante/escritor como centro irradiador de um sistema de coordenadas; ou seja, o ponto de vista de quem enuncia sempre é o fulcro da

compreensão da dêixis — ainda que também seja levado em conta para quem se enuncia. Há seis possibilidades de referência dêitica: a *dêixis pessoal*, relacionada à identidade dos interlocutores; a *dêixis espacial*, relacionada ao espaço em que se dá interação; a *dêixis temporal*, relacionada ao momento em que ocorre a interação; a *dêixis social*, relacionada às identidades sociais dos interlocutores e aos seus papéis na interação; a *dêixis discursiva*, relacionada às partes do discurso em andamento, às partes precedentes e subseqüentes ao discurso, à disposição gráfica do texto; e a *dêixis memorial*, relacionada nem ao cotexto (como a dêixis discursiva) nem à situação comunicativa (como as demais), mas à “memória” comum dos interlocutores.

- c) **Anáfora**: procedimento referencial caracterizado não apenas pela retomada correferencial de um antecedente explícito no cotexto (anáfora direta), mas também pela remissão a um elemento-fonte (âncora) contextual (anáfora indireta ou associativa). Não se trata de uma estratégia que envolve somente habilidades lingüísticas, pois são recorrentes em ambos os tipos de anáfora a construção de inferências e associações baseadas nos conhecimentos de mundo e partilhados dos interlocutores e em seus estereótipos culturais.

Na verdade, essas três concepções servem como pano de fundo para a caracterização das expressões indiciais na conversação face a face e nos chats da Internet, visto que tais expressões possuem estatutos dêíticos e/ou anafóricos, funcionando, destarte, como **expressões referenciais**. Mas não confundamos “expressões indiciais” com “expressões referenciais”, na medida em que a segunda consiste numa classe mais ampla, que abrange a primeira.

Entendemos por “expressões referenciais” todas as formas lingüísticas de construção de referentes, as quais se diferenciam pelo modo como indicam ao leitor/ouvinte como o escritor/falante pretende que ele identifique e interprete o referente (cf. Koch, 2003b; Cavalcante, 2003a, 2003b, 2004). Isso significa que as expressões referenciais precisam ser vistas como **multifuncionais**: sua função não é apenas referir; pelo contrário, elas contribuem para elaborar o sentido, indicando pontos de vista, assinalando direções argumentativas, sinalizando dificuldades de acesso ao referente, monitorando a atenção do interlocutor para determinadas partes do discurso e recategorizando os objetos presentes na memória discursiva dos interlocutores. Pensar de forma diferente implica filiar-se à perspectiva representacionista de referência, da qual já marcamos o nosso afastamento.

Desse modo, há aquelas expressões referenciais introdutoras de referentes que nunca foram mencionados no texto, nem sugeridos por meio de expressões semântica ou pragmaticamente a eles relacionadas. Esses referentes são apresentados ora como se já os conhecêssemos, porque o falante/escritor supõe que já saibamos do que se trata, ora como se de fato fossem realmente novos. Outras vezes, um referente é citado no texto, e o enunciador lança mão de algumas expressões referenciais para retomá-lo diretamente. Se pusermos em foco esse jogo de ativação e reativação de referentes, presente em qualquer texto, oral ou escrito, as expressões referenciais poderão ser divididas em dois grandes blocos, dentre os quais reside no segundo o nosso interesse investigativo:

- a) Expressões referenciais que **introduzem novos referentes no discurso sem promoverem nenhum tipo de continuidade referencial**, seja direta ou indireta, como em (46):

EXEMPLO (46)

João: não... no outro filme ela tá maior
Gustavo: tá mais bonita em guerra dos mundos
João: tu acha? (2s) eu achei a carinha dela tão (2s) engraçada... exótica ((risos))
Gustavo: ela parece com a tua irmã

Fonte: C7

- b) Expressões referenciais que **realizam a continuidade referencial de objetos presentes no discurso**, ou porque foram explicitamente evocados — em (47), o pronome ‘ela’ retoma correferencialmente a expressão ‘bruna marquesine’ — ou porque são dali inferíveis — em (48), o referente do pronome ‘deles’ (algo como “produtores norte-americanos”) é possível de atualização devido ao fato de tal pronome se ancorar na expressão ‘filmes dos USA’, introduzida anteriormente:

EXEMPLO (47)

11:00:14	joão	o
11:00:16	joão	oi
11:00:28	Gustavo	oi, nem avisasse
11:00:37	joão	pois é
11:00:45	joão	estou aqui na hora marcada
11:00:51	Gustavo	tá
11:00:53	joão	sou um pessoa pontual
11:01:01	Gustavo	q bom
11:01:08	Gustavo	😊
11:01:11	joão	sim e bruna marquesine?
11:01:17	Gustavo	que é que tem ela?

Fonte: C12

EXEMPLO (48)

11:47:20	Gustavo	o filme foi gravado em dois meses
11:47:26	Gustavo	set e out de 2004
11:47:29	Gustavo	é pouco?
11:47:34	João	não
11:47:59	João	filmes dos USA
11:48:07	joão	bem produzido
11:48:15	joão	é isso t
11:48:18	joão	tb
11:48:37	joão	mais a produção deles e muito grande

Fonte: C12

Por sua vez, as expressões referenciais do primeiro tipo — exemplo (46) — podem ser divididas em **dêiticas** e **não-dêiticas**. Se, quando o referente novo for introduzido, houver alguma marca de remissão a uma das coordenadas dêiticas de pessoa, tempo, espaço ou memória dos interlocutores, como a estabelecida pelo possessivo ‘tua’ em (46), a expressão referencial é dêítica; de maneira análoga, na ausência dessas marcas, a expressão referencial é não-dêítica. O fato é que ambas as estratégias atualizam objetos no discurso sem constituir um elo referencial (direto ou indireto) com qualquer outro elemento explícito na superfície textual. No dizer de Cavalcante (2004: 2), há introdução referencial “quando um objeto for considerado novo no cotexto e não tiver sido engatilhado por nenhuma entidade, atributo ou evento expresso no texto”.

Já as expressões referenciais do segundo tipo — do grupo da continuidade — mantêm uma espécie de base de referência no cotexto. Logo, as expressões referenciais de ordem dêítica não se limitam ao primeiro tipo, ou seja, realizam tanto a introdução quanto a continuidade de referentes, já que, como mostramos na seção 3. 2, o “campo dêítico” dos dêíticos discursivos consiste no texto em si (ou seja, no cotexto), falado ou escrito.

É fato que qualquer expressão referencial do grupo da continuidade estabelece um vínculo, correferencial ou não, com o elemento ou porção textual da base. Isso já é o suficiente para ela ser considerada uma **anáfora**, não importa se direta ou indireta, com dêítico ou sem dêítico, de ampla ou restrita abrangência referencial. A rigor, isso significa que os dêíticos discursivos são, em primeira instância, expressões referenciais anafóricas. Esse ponto de vista vai de encontro à distinção tão recorrente entre os autores que tratam do assunto — inclusive Cavalcante (2000) —, os quais costumam pôr, numa atitude dicotômica, os dêíticos discursivos de um lado e as anáforas de outro. Por meio deste trabalho, nos afastamos de uma radical dualidade, na medida em que tomamos como base a idéia de que **todo dêítico discursivo é um anafórico**, embora, é claro, nem todo anafórico seja um dêítico discursivo.

Essa proposta de reenquadramento das expressões referenciais baseia-se no princípio de que todo procedimento referencial que remeta, no mínimo, a qualquer âncora do cotexto é, no fundo, anafórico. Não interessa se tal âncora é um antecedente correferencial, ou se é um outro referente distinto, ou se não constitui nem mesmo um referente, mas sim um conteúdo proposicional, como nos encapsulamentos³⁰. Também não importa se a expressão anafórica seja simultaneamente dêitica; nesse caso, tal expressão exerce um **procedimento referencial híbrido**: seria tanto anafórica quanto dêitica.

Desse modo, **a anáfora revela-se a grande categoria que agrupa todas as expressões referenciais do eixo da continuidade**. Isso não é o mesmo que dizer que todos os dêíticos são anafóricos, pois, com exceção dos discursivos, os demais não se ancoram no cotexto, mas na situação de interação. Também não significa dizer que não há anáforas introdutoras de referentes, pois, se fosse assim, só haveria anáforas correferenciais. Mas, como já salientamos, a correferencialidade não é pré-requisito para o estatuto anafórico; basta ser mantida uma relação com a continuidade referencial global, como o fazem as anáforas indiretas.

O quadro abaixo foi inspirado em Marcuschi (2000) e Cavalcante (2003b). Ele resume claramente como concebemos as expressões referenciais de acordo com as categorias ‘anáfora’ e ‘dêixis’:

QUADRO 03
O CONJUNTO DAS EXPRESSÕES REFERENCIAIS

Expressões referenciais	Introdutoras referenciais não-anafóricas	Não-dêíticas
		Dêíticas
	Continuadoras referenciais (anáforas)	Não-dêíticas
		Dêíticas

Por fim, quanto aos aspectos formais das expressões referenciais, há diferentes modos de elas se atualizarem em textos orais ou escritos, dentre os quais destacamos alguns:

- a) nomes próprios: *Eduardo, Severino, Tereza* etc.;
- b) pronomes pessoais retos ou oblíquos: *eu, lhe, comigo* etc.;
- c) pronomes demonstrativos: *isto, isso, aquilo* etc.;
- d) expressões nominais com artigo definido: *a briga, o currículo do professor* etc.;

³⁰ Trataremos da questão dos encapsulamentos no próximo capítulo.

- e) expressões nominais com demonstrativo: *essas perguntas, este corredor, aquele capítulo da novela* etc.;
- f) expressões nominais com possessivos: *tua intuição, nossos pontos em comum* etc.;
- g) expressões nominais com advérbios: *a minha amiga aqui, as lojas de hoje* etc.;
- h) expressões nominais com elementos que indiquem ordenação: *o parágrafo seguinte, o próximo capítulo* etc.;
- i) expressões nominais com artigo ou pronome indefinido: *uma boa notícia, algumas considerações importantes* etc.;
- j) expressões nominais sem determinantes, expressando valores genéricos: *sonhos infantis, desespero de causa* etc.;
- k) elipses de pronomes ou expressões nominais: *Ele se retirou da sala e ø não deu explicações*.

Em geral, dentre esses conjuntos, apenas os relativos às letras (c), (e), (g) e (h) podem ser considerados expressões indiciais, e, mesmo assim, o merecimento de tal rótulo vai depender do funcionamento da expressão nos liames textuais³¹.

3.5 EXPRESSÕES INDICIAIS: A IMPRECISA DISTINÇÃO ENTRE OS DÊITICOS DISCURSIVOS E OS ANAFÓRICOS INDICIAIS

Ao longo deste trabalho, afirmamos que o fenômeno lingüístico objeto de nossa investigação são as expressões referenciais denominadas **expressões indiciais**, que costumam ser divididas na literatura em dois grandes blocos: o das **anáforas indiciais** e o dos **dêiticos discursivos**. Entretanto, estabelecer as fronteiras entre tais categorias é tarefa das mais controversas. Na verdade, entendemos que, por mais que se definam os mais distintos e variados critérios de classificação, as expressões indiciais não podem ser dicotomicamente distribuídas nesses dois grandes grupos que se opõem pelos traços ‘anafórico’ e ‘dêitico’, pois, como sugerimos na seção anterior, há expressões que executam concomitantemente esses dois procedimentos referenciais. Vejamos mais detalhadamente a questão.

³¹ Discutiremos os aspectos formais das expressões indiciais no capítulo 4, mais precisamente na seção 4. 3.

Se tomássemos como base concepções restritas de dêixis e anáfora, diferente das que chegamos no desenrolar das seções 3. 2 e 3. 3, seria fácil a distinção entre os casos de dêixis e os de anáfora, distinção que se fundaria apenas na localização do referente, conforme anunciam Charaudeau & Maingueneau (2004: 147):

se ele [o referente] se encontra *no texto*, há uma relação anafórica, mas, se o referente encontrar-se na *situação de comunicação imediata* (fazendo intervir os interlocutores, o momento de enunciação, ou os objetos perceptíveis) há uma referência dêitica. (ênfase dos autores)

Dito de outro modo, em uma perspectiva restrita, os sentidos das expressões referenciais dêiticas, para serem atualizados, exigem que se saiba quem fala, com quem se fala, onde e quando se passa a interação. Os referentes a que os dêíticos remetem não têm, portanto, âncoras/fontes no cotexto, tal como os anafóricos. Os dêíticos apontam não para outras expressões ou porções textuais, mas para referentes que representam entidades situadas ou pressupostas na interação que se efetiva naquele momento.

No entanto, afirmações desse tipo só fariam sentido caso *não* houvesse expressões dêiticas que, em vez de remeterem diretamente ao contexto situacional (como os dêíticos pessoais, espaciais, temporais, memoriais e sociais), funcionassem como apontadores enunciativos, ou seja, apontassem para partes do texto ou para o próprio texto em sua completude. Conhecidas como **dêíticos discursivos** ou **dêíticos textuais**, essas expressões, como já discutido na seção 3. 2, não remetem ao espaço físico do falante/escritor na instância do discurso real, mas localizam partes do discurso em andamento à medida que fazem referência à disposição das unidades gráficas do texto, propondo, muitas vezes, a sua arrumação vertical, quando escrito, ou temporal, quando falado. Portanto, os distintos modos de remissão dos dêíticos discursivos põem-nos mais próximos dos anafóricos do que dos outros tipos de dêitico, conforme sintetiza o quadro abaixo:

QUADRO 04

TIPOS DE DÊITICO DE ACORDO COM O CRITÉRIO DE REMISSÃO AO COTEXTO

EXPRESSÕES DÊITICAS	Sem necessária remissão ao cotexto (≠ anáfora)	Dêitico pessoal
		Dêitico temporal
		Dêitico espacial
		Dêitico memorial
		Dêitico social
	Com necessária remissão ao cotexto (= anáfora)	Dêitico discursivo

Vale salientar que, embora nos casos de dêiticos discursivos o campo dêítico migre da situação para o próprio texto, essas expressões mantêm o subjetivismo próprio da dêixis, pois a retomada cotextual não perde de vista a noção de proximidade em relação ao enunciador e, conseqüentemente, ao espaço/tempo da enunciação. Em (49), por exemplo, os interlocutores tomam a caixa de diálogo como um campo dêítico com coordenadas espaciais, cujo centro irradiador é modificado a cada enunciado enviado. A expressão dêítica ‘minha pergunta lá em cima’ (17:39:21) passa a funcionar, portanto, como esse centro irradiador, configurando um espaço virtual de enunciação:

EXEMPLO (49)

17:38:34	Gustavo	esse filme que ele fez Hell's Angels existiu?
17:38:38	Gustavo	chato
17:38:38	joão	o que é que tu tem
17:38:46	Gustavo	pq eu to rindo
17:38:47	joão	sim
17:38:50	Gustavo	?
17:38:55	Gustavo	sei lá
17:38:59	Gustavo	acho engraçado
17:39:02	Gustavo	essas fotos
17:39:11	Gustavo	olhe o mau humor
17:39:12	Gustavo	...
17:39:21	Gustavo	respondi minha pergunta lá em cima

Fonte: C6

Essas expressões dêíticas se confundem com determinadas anáforas, justamente por esse apanágio de focarem elementos do cotexto. Além disso, como há essa mudança do campo dêítico canônico (a situação real de interação) para o ambiente textual, os dêiticos discursivos tomam como marco referencial a instância em que é enunciado — caso contrário não seriam dêiticos — e marcam algum local do espaço geográfico do texto da mesma forma que o faz um anafórico constituído por uma expressão nominal demonstrativa, aquilo que a literatura costuma denominar “anafórico indicial”. Este último elemento também orienta o interlocutor em uma busca retroativa para a atualização do objeto-de-discurso que se desenvolve, como se percebe em (50):

EXEMPLO (50)

11:01:47	Gustavo	e eu fui na locadora atrás...
11:01:52	Gustavo	de simplesmente amor
11:01:57	Gustavo	...
11:02:00	Gustavo	existe esse filme?

Fonte: C6

Desde Fillmore (1971), já circulam exemplos na literatura que atestam que a anáfora e a dêixis não são fenômenos excludentes. Elementos dêíticos podem exercer

procedimento anafórico quando, além de levar em consideração o enunciador e a enunciação, estabelece uma relação de correferencialidade com outra entidade do cotexto:

EXEMPLO (51)

João: ele foi **na clínica** e disse que queria fazer o tratamento aí ele **foi lá** e mapeou todas as áreas do cérebro que ele se lembrava da mulher aí eles pegaram deram uma pílula a ele e disse olhe quando você chegar em casa você vai tomar a pílula depois a gente vai lá fazer o tratamento você vai acordar como se tivesse sido uma noite de bebedeira

Fonte: C11

No exemplo acima, a expressão ‘na clínica’ é retomada correferencialmente pelo circunstancial ‘lá’, cuja escolha fora motivada pela pressuposição do local onde João se encontrava no instante da interação (ele usa ‘foi lá’, em vez de ‘veio aqui’, por exemplo, por não se encontrar na clínica referida no momento da enunciação), o que atesta o caráter dêitico da expressão. Nesse caso, mesmo não sendo um exemplo clássico de dêitico discursivo, percebemos que a expressão realiza uma remissão dupla, já que se refere a regiões já mencionadas no cotexto e, simultaneamente, aponta para um espaço físico opondo-se à posição real dos interlocutores; isto é, a expressão é anafórica e dêitica ao mesmo tempo.

Também contribui para o abrandamento da fronteira entre a dêixis e a anáfora o fato de alguns dos anafóricos indiciais executarem, além da remissão ao cotexto, a remissão ao saber enciclopédico-cultural partilhado pelos interlocutores, procedimento similar ao dos dêiticos memoriais, como é o caso da expressão indicial ‘aquele filme’ no exemplo a seguir:

EXEMPLO (52)

Gustavo: João você é do contra... todo filme que a gente viu que eu tinha vontade de ver de novo tu não tem

João: menino tu queria ver **o dos ets** ((risos)) tu queria ver **o dos ets** ((risos))

Gustavo: eu vi **o filme** de novo... sozinho

João: menino... **o dos ets**... eu gosto de história menino

Gustavo: **o filme** é ÓTIMO os esquecidos

João: **aquele filme** é ruim

Fonte: C11

Antes de começarmos a desenvolver esta pesquisa, já não estávamos convencidos da consistência das fronteiras, apontadas por alguns autores, entre as anáforas indiciais e os dêiticos discursivos, expressões referenciais marcadas pelo traço da indicialidade e, portanto, denominadas “**expressões indiciais**”. Acreditávamos que, caso de fato existissem

diferenças que autorizassem lançarmos um olhar dicotômico para os dois fenômenos, essa distinção ainda não havia sido satisfatoriamente postulada pelos trabalhos que a abordaram.

Por exemplo, em sua Tese de Doutorado sobre as expressões indiciais, Cavalcante (2000) propôs estabelecer critérios capazes de caracterizar os dêiticos discursivos e diferenciá-los das anáforas indiciais. No entanto, tal trabalho parte de pressupostos diferenciadores estabelecidos anteriormente às análises. Já na introdução, Cavalcante (2000: 18-19) afirma que tomou

como dêiticos discursivos apenas os que são reconhecidos e aceitos como tais, isto é, os que se **referem, em função metalingüística**, às próprias formas de texto, ou as (sic) seqüências ordenadas de texto, bem como aqueles que retomam conteúdos proposicionais, ou seja, os que **abrangem informações difusas**. (ênfase nossa)

A autora procedeu da mesma forma na seleção das anáforas indiciais, a fim de contrapô-las aos dêiticos discursivos. Para definir as características e os possíveis subtipos de tais anáforas, Cavalcante (2000: 19) diz ter se restringido

às expressões referenciais com pronomes de natureza demonstrativa, circunstancial e às vezes numeral, e com outras formas dêiticas equivalentes sempre que **recuperavam entidades pontualmente localizáveis**. (ênfase nossa).

Portanto, a autora parte de uma espécie de “caracterização *a priori*”, capaz de agrupar, antecipadamente a qualquer análise, as expressões indiciais em duas categorias distintas: a dos dêiticos discursivos e a das anáforas indiciais. Conforme apontam os trechos em negritos nas duas citações, tal caracterização baseia-se em dois critérios: o da **referência metalingüística** (na dúvida se uma expressão faz parte de uma ou de outra categoria, quando há esse tipo de referência se está diante de um dêitico discursivo) e o da **abrangência referencial**. Este último critério diferencia um anafórico de um dêitico discursivo na medida em que correlaciona a dêixis discursiva à capacidade de remeter a conteúdos dispersos no texto (“informações difusas”), e a anáfora à capacidade de retomar entidades pontuais presentes no texto (“entidades pontualmente localizáveis”). Pensar assim significa classificar o exemplo (53) como um caso de anáfora indicial (o elemento anafórico ‘esse’ retoma outro elemento pontual no cotexto) e o exemplo (54) como um caso de dêixis discursiva (os elementos dêiticos ‘nisso’ e ‘assim’ encapsulam informações cotextuais difusas):

EXEMPLO (53)

18:17:58	Gustavo	gostasse da atuação dela?
18:18:16	João	gostei
18:18:23	Gustavo	ficou cômico às vezes
18:18:29	Gustavo	achom q nao era esse o tom
18:18:44	Gustavo	mas eu gostei

Fonte: C10

EXEMPLO (54)

João: por que tu pensava que ela tinha fugido?			
Gustavo: eu pensei que ela tinha fugido/ vê como foi que eu pensei... olha como eu entendi o filme... naquela hora na primeira vez que apareceu... ela vai buscar a escova de dente e ele fica esperando... ela foge dele... pede pra fazer esse procedimento... ele fica esperando ela no carro até de noite que foi aquela cena... aí ele começa a chorar porque ela não foi... e aí quando ele vai atrás dela ela tá beijando outro cara... ela já tinha feito o procedimento... entendeu como foi a lógica que eu construí?			
João:	menino puta que pariu ((risos))		
Gustavo: mas não é uma lógica possível?			
João: é: mas o filme mas é é muita/			
Gustavo: aí eu fiquei nisso ... pensando que era assim			

Fonte: C11

Mais perturbador ainda é o fato de a lingüista, em outra parte de seu trabalho, reconhecer que o critério da abrangência referencial não é suficiente para diferenciar dêiticos discursivos de anafóricos. Em determinado momento, Cavalcante (2000: 139) afirma que

não devemos atrelar o procedimento discursivo à abrangência da referência processada, sob pena de tornar insolúvel o problema da separação entre dêiticos discursivos e anafóricos indiciais. (ênfase nossa)

Porém, logo adiante, continua:

propomos uma solução alternativa de conservar a restrição do escopo referencial, sempre subjacente ao desenvolvimento dessa pesquisa, atendendo, assim, à maneira tradicional de classificar os anafóricos: como elementos que recuperam referentes pontuais no contexto (Cavalcante, 2000: 140).

Considerações aparentemente contraditórias como essas nos instigaram a procurar uma solução mais consistente e satisfatória para a distinção entre os dêiticos discursivos e os anafóricos indiciais, mas sempre considerando a possibilidade de inexistência de alguma distinção realmente relevante entre tais categorias lingüísticas.

A própria Cavalcante (2002a, 2002b, 2003b, 2004) também reviu as principais conclusões de sua Tese de Doutorado. Acreditamos que a culminância resultante do conjunto desses trabalhos da autora seja a base de uma proposta viável para atenuar os

conflitos conceituais, delimitativos e terminológicos entre a dêixis discursiva e os anafóricos indiciais, que permanecem insolúveis desde que a noção de dêixis discursiva surgiu com Fillmore (1971). Façamos, então, um apanhado de importantes pontos desses trabalhos com o objetivo de lhe extrair algumas conclusões de relevância teórica, mas que também orientarão em parte as análises das expressões indiciais no chat e na conversação face a face, em termos comparativos, as quais desenvolveremos no próximo capítulo.

Com o objetivo de clarificar as fronteiras entre os dois fenômenos em questão, Cavalcante (2002b) parte das pesquisas pragmático-semânticas de Lyons (1977), Levinson (1983) e Fillmore (1971), dos estudos enunciativos de Benveniste (1988) e Lahud (1979), e das contribuições cognitivo-discursivas e pragmático-funcionais de Apothélos (1995), Ehlich (1982), Marcuschi (1997b), entre outros. Segundo Cavalcante (2002b), é ponto pacífico entre esses autores — apesar da heterogeneidade teórica que os conduzem — a atribuição de dois critérios para a identificação dos dêiticos discursivos:

- a) a referência a porções difusas do discurso (o critério da **“abrangência referencial”** já apresentado nesta seção);
- b) a consideração do posicionamento do falante/escritor na situação enunciativa (o **“consenso entre teóricos sobre a noção de dêixis”** apresentado na seção 3. 2, o qual fundamenta tal noção neste trabalho).

A origem desses critérios remonta a Fillmore (1971) e Lyons (1977), sendo assumidos posteriormente por Levinson (1983), Apothélos (1995), Marcuschi (1995, 1997b), entre outros autores. Segundo o primeiro critério, como vimos, os exemplos (53) e (54) consistiriam, nesta ordem, em uma ocorrência de anáfora e dêixis discursiva. Entretanto, é controverso considerar o exemplo (54) como um dêitico discursivo à luz do segundo critério, pois, a partir de uma visão restrita de dêixis, não seria função dos elementos ‘nisso’ e ‘assim’ deixar subentendida a posição do falante no tempo de formulação; nesses contextos, portanto, tais expressões poderiam ser entendidas como exclusivamente anafóricas, ainda que retomem e encapsulem informações difusas no cotexto.

Além desses dois critérios, conforme salientamos na seção 3. 2, um outro critério para a delimitação dos dêiticos discursivos é a **“referência metalingüística”** — c) —, isto é, a remissão que se dá em termos de “forma” do antecedente (remete-se à menção) e não em termos de seu “conteúdo proposicional”. É o que se observa em (55):

EXEMPLO (55)

17:25:28	Gustavo	e aí o que tu achasse do filme?
17:25:36	Gustavo	rsrsrs
17:25:39	Gustavo	hauahua
17:25:49	joão	gostei
17:25:52	joão	e você?
17:26:01	Gustavo	já dá pra imaginar né?
17:26:05	Gustavo	precisa dizer?
17:26:07	joão	porque
17:26:18	Gustavo	péssimamente pessimo
17:26:28	joão	eu acho ate que se tivessi visto no cinema eu ia gostar muito
17:26:41	Gustavo	e tu num gostou muito não?
17:26:54	joão	gostei nao muito
17:27:21	joão	o filme não é muito bom
17:27:33	Gustavo	como tu demorou pra escrever isso

Fonte: C6

Para Cavalcante (2002b), nenhum desses três critérios isolados — (a) a abrangência referencial difusa, (b) a função de organizar a disposição dos elementos no texto de acordo com o posicionamento do falante/escritor na situação de interação e (c) a retomada metalingüística — é suficiente para definir os dêiticos discursivos, pois são traços também recorrentes em muitos anafóricos indiciais. Embora concordemos com esse ponto de vista, opomo-nos à afirmação da autora de que a gênese desse dilema advém da falta de sustentabilidade empírica da diferença entre as noções de anafóricos e dêiticos. Avaliado como um critério frágil por Cavalcante (2002b), acreditamos, sim, que os dêiticos, sejam eles discursivos ou não, se diferenciam de um anafórico (desde que não-dêitico) por instaurarem um elo com a situação enunciativa cuja marco-zero referencial é o falante. A autora justifica sua não-aceitação desse critério afirmando que

não somente é possível identificar anafóricos que observam as coordenadas dêiticas do falante como também é freqüente encontrar a situação oposta, em que certos dêiticos discursivos negligenciam a localização do enunciator ao remeterem a entidades discursivas (Cavalcante, 2002b: 3).

Não negamos em sua completude tal consideração de Cavalcante (2002b), até porque seria impossível diante das provas empíricas de sua legitimidade. No entanto, acreditamos que a validade dessa afirmação não refuta o critério de distinção entre dêiticos e anafóricos. Entendemos que, quando o anafórico considera as coordenadas dêiticas do falante, temos um exemplo de retomada anafórica e dêitica em simultâneo, conforme mostramos no exemplo (51); e, quando a expressão indicial, rotulada de dêitico discursivo, prescinde de fato do posicionamento de quem a enuncia para ser compreendida, temos um exemplo de anáfora indicial apenas, e não de dêitico discursivo. Seria o caso do exemplo (54).

Por outro lado, acreditamos que os elementos indiciais do exemplo (54) guiam o destinatário numa espécie de busca retroativa da entidade referida. Portanto, há um comportamento dêitico, ainda que em menor grau, em se tratando desse tipo de expressão indicial. Diante dessa convicção, com base em Cavalcante (2002b), concebemos a deiticidade como um *continuum* de variados graus, o que faria com que se colocasse esses últimos empregos dêiticos num ponto baixo do *continuum*, por não serem dotados de um alto teor de subjetividade. Isso significa pôr em xeque a dicotomia existente entre dêixis discursiva e anáfora indicial.

Desdobrando essas considerações, concluímos que:

- a) **todo dêitico discursivo é um anafórico**, pois retoma elementos explícitos na superfície do texto (anáfora direta) ou inferíveis a partir de uma fonte também presente na superfície do texto (anáfora indireta), critério básico, como vimos na seção 3. 3, para o merecimento do título ‘anafórico’;
- b) **todo anafórico indicial exerce um procedimento dêitico**, pois orienta o leitor/ouvinte numa busca retroativa da entidade referida, tomando como ponto de partida para essa busca o momento de sua própria enunciação, critério básico, como vimos na seção 3. 2, para o merecimento do título ‘dêitico’.

Outra consideração importante sobre a delimitação entre essas duas categorias lingüísticas vem de Ehlich (1982) e consiste na noção de **foco** ou **focalização**. Retomada por Marcuschi (1997b) e Cavalcante (2000, 2002b), tal noção dá subsídios a mais um critério de distinção entre os dêiticos discursivos e os anafóricos. Para Ehlich (1982), enquanto os dêiticos discursivos introduzem no texto um novo foco referencial, o procedimento anafórico funciona de modo totalmente oposto: é dele que o falante se vale para **não** refocalizar uma entidade já introduzida e para manter um foco previamente estabelecido. Trocando em miúdos, apesar de os dêiticos discursivos funcionarem de modo semelhante às anáforas, remetendo a uma porção textual explicitada no cotexto, os primeiros possuem a característica própria de refocalizar, conduzindo a atenção dos interlocutores para o objeto-de-discurso designado. Nessa perspectiva, enquanto o anafórico indicial se ocupa da continuidade referencial do texto, *progredindo* um tópico discursivo, os dêiticos discursivos selecionam focos de atenção, *inaugurando* um tópico discursivo. Vale salientar que Ehlich (1982) praticamente limita as expressões anafóricas às expressões pronominais correferenciais (concepção restrita de anáfora), o que favorece sua postura dicotômica com base em tal critério.

Em consonância com esse autor, Cavalcante (2002b) afirma que a atualização em um texto desses dois tipos de procedimento resulta em uma espécie de “jogo de *flashes*”, os quais são acionados pelo enunciador a todo instante, indicando ao interlocutor que segmentos específicos devem ser focados (por meio de dêiticos discursivos) e quais outros devem permanecer como fundo (por meio de retomadas meramente anafóricas). Entretanto, embora pertinente, a noção de focalização não é capaz de afetar a nossa conclusão de que todo dêitico discursivo é um anafórico e que todo anafórico indicial exerce um procedimento dêitico, o que faz com que permaneçam delicados para nós os limites entre dêiticos discursivos e anafóricos.

Há outros traços distintivos entre os procedimentos anafórico e dêitico que precisamos mencionar, em geral decorrentes de um traço que já discutimos, o da abrangência referencial. Por exemplo, um dêitico discursivo geralmente não é correferencial nem co-significativo, já que, em se tratando de encapsulamentos de porções textuais difusas, não há exatamente um termo particular que lhe sirva de antecedente. Em contrapartida, anafóricos correferenciais e co-significativos não são raros de se encontrar. Também por resumirem conteúdos proposicionais, os dêiticos discursivos costumam efetuar categorizações por estratégias de nominação, ao passo que a **recategorização** lexical é um processo recorrente apenas entre os anafóricos.

Diante disso, aprofundamos a proposta de Cavalcante (2002b) em situar essas duas categorias numa espécie de zona cinzenta, de contornos mal definidos, em que comumente se confundem. Várias expressões indiciais partilham ao mesmo tempo de características anafóricas e dêíticas, características estas que, indevidamente, costumam ser apresentadas pela literatura como pertencendo exclusivamente a uma ou outra categoria. O gráfico 02 sintetiza os traços distintivos fundamentais dos dêiticos discursivos e anafóricos, traduzindo a fragilidade da fronteira por meio de dois pólos opostos, um representativo do dêitico discursivo prototípico ideal e outro representativo do anafórico indicial prototípico ideal, abstrações que não refletem a realidade do conjunto das expressões indiciais, as quais, na verdade, apenas tendem para um pólo ou outro do gráfico, de acordo com o conjunto de traços que as caracterizam:

GRÁFICO 02

A FRAGILIDADE ENTRE AS CATEGORIAS 'ANAFÓRICO INDICIAL' E 'DÊÍTICO DISCURSIVO' ("O CONTINUUM DAS EXPRESSÕES INDICIAIS")

EXPRESSÕES INDICIAIS	
Anafóricos indiciais	+ + + + + + + + Remissão a elemento ou porção cotextual - - - - - - - -
	- - - - - - - - - - Vínculo com a enunciação + + + + + + + + + + +
	- - - - - - - - - - Ampla abrangência referencial + + + + + + + + + +
	+ + + + + + Possibilidade de ser correferencial ou co-significativo - - - - -
	+ + + + + + + + + + + Recategorizadores - - - - - - - - - - -
	- - - - - - - - - - Retomada metalingüística + + + + + + + + + + +
	- - - - - - - Função organizadora de segmentos discursivos + + + + + + +
	- - - - - - - - - - Refocalizadores + + + + + + + + + + + + + + +
Dêíticos discursivos	

Isso significa que todas as expressões referenciais — incluindo os dêíticos discursivos — que dependem de fontes cotextuais e contêm elementos indiciais situam-se em uma zona de interseção entre a dêixis e a anáfora. Em outras palavras, elas compartilham das características da anáfora e da dêixis (são **expressões híbridas**), pois subsiste em qualquer procedimento anafórico um comportamento remissivo a um campo dêítico. Lyons (1977) já era adepto dessa idéia, para quem qualquer elemento anafórico dirige a atenção do interlocutor para uma parte do texto (cotexto), como se dissesse a ele que lá está o referente.

Assim, é anafórica toda expressão referencial capaz de promover a continuidade da referência, seja direta ou indiretamente. Quando este traço é associado à característica de se tomar o falante como ponto de partida da referência, algo particular aos dêíticos, há, então, um fenômeno híbrido. E é a natureza indicial, ostensiva dos demonstrativos a responsável pelo seu estatuto dêítico, mesmo quando eles estão retomando anaforicamente entidades pontuais, pois continuam tomando como referencial o falante — se bem que de modo sutil. Mas vale lembrar que as expressões referenciais contendo demonstrativos também podem operar como exclusivamente dêíticas, quando introduzem referentes novos no discurso (refocalizam) a partir de remissões à **situação física de interação** (remissões

extralingüísticas). O fragmento a seguir traduz essa característica muito recorrente na conversação face a face:

EXEMPLO (56)

Gustavo: e a gente pensa que ela é que é a encarnação...	reencarnação não aí já é uma coisa sua... não sei se é porque eu
João: já sabia a respeito	
Gustavo: é porque você já sabia	
João: de que ia ser o menino? ((barulho de objeto caindo)) ma/	o menino também o que foi isso ?
Gustavo:	
João: foi o negócio que caiu da caixa (3s) mas o menino também é muito sem sem... sem personalidade também	

Fonte: C5

Logo, quando o anafórico é assinalado com um componente indicial, em geral um demonstrativo, ele exercerá um procedimento dêitico independentemente do escopo da porção textual que retoma, pois, nessa instância, se configura um campo dêitico, cujo centro é o momento em que se situa a última enunciação do falante/escritor — a que contém o elemento indicial. Há um procedimento de remissão para a linearidade espacial (gêneros escritos) ou temporal (gêneros orais) do texto. Temos, nesses casos, um fenômeno híbrido de anáfora e de dêixis, o que simplifica e flexibiliza a classificação das expressões indiciais, admitindo a sobreposição dos dois processos, anafóricos e dêiticos. Vale salientar que esse hibridismo não se registra apenas na relação entre anáfora e dêixis discursiva, mas também com a dêixis espacial, temporal e memorial, conforme atestamos nos exemplos (51) e (52).

Em suma, **tanto os dêiticos discursivos quanto os anafóricos remetem a um elemento ou porção do texto, isto é, são elementos fóricos. Entretanto, nem todos os anafóricos são indiciais e, os que o são, possuem maior ou menor grau de deiticidade, que dependerá do vínculo mantido com a situação enunciativa. De qualquer modo, exercem o mesmo procedimento dêitico típico da dêixis discursiva.**

4. AS EXPRESSÕES INDICIAIS NA VIRTUALIZAÇÃO DA CONVERSAÇÃO FACE A FACE

Ao longo deste capítulo, analisaremos quantitativa e qualitativamente o conjunto de expressões indiciais catalogadas em nosso corpus de conversações face a face e mediada por computador. Para tanto, elegemos algumas categorias de análise no intuito de evidenciarmos as diferenças entre o funcionamento das expressões indiciais nos dois gêneros textuais em questão. Primeiramente, a análise se voltará para aspectos envolvendo as **categorias de remissão e retomada anafóricas**, as quais se prestam para classificar as expressões indiciais em *encapsuladoras*, *indiretas*, *de retomada total* e *de retomada parcial*. Também discutiremos e ampliaremos a noção de “encapsulamento” ou “nomeação”, a fim de analisarmos mais detalhadamente esse procedimento nas duas modalidades de conversação. Nesse sentido, nos debruçaremos comparativamente sobre aspectos relativos à direção do movimento referencial das expressões indiciais encapsuladoras, bem como sobre as especificidades dos rótulos encapsuladores. Ainda no que diz respeito aos critérios de remissão e retomada anafóricas, analisaremos as expressões indiciais de retomada total sob a luz dos conceitos de “anáfora fiel” e “anáfora infiel”.

O segundo critério de análise levantado para a comparação entre os dois gêneros conversacionais em foco consiste na **instância do universo discursivo remetido** por meio da expressão indicial. Tal critério, como veremos, possibilita a classificação dessas expressões em expressões indiciais *situacionais*, *físico-textuais*, *memoriais* e *cotextuais*. Estas últimas — as expressões indiciais cotextuais — também serão analisadas a partir dos turnos em que se encontram as porções textuais a que elas remetem.

Além do mais, vale salientar que aspectos relativos à constituição formal das expressões indiciais nas interações face a face e virtual também serão levados em consideração no presente capítulo.

3.5 TIPOS DE ANÁFORA NA VIRTUALIZAÇÃO DA CONVERSAÇÃO FACE A FACE

Dedicamos esta primeira seção à análise de alguns procedimentos anafóricos a fim de serem estabelecidas relações entre expressões indiciais, tipos de anáfora e os dois

modos de conversação sobre os quais nos debruçamos — a conversação face a face e a conversação mediada por computador. Como vimos no capítulo anterior, toda expressão indicial é um elemento fórico, já que não só os anafóricos indiciais, como também os dêiticos discursivos mais próximos do pólo esquerdo do “*continuum* das expressões indiciais” (ver gráfico 02), executam uma remissão ao cotexto, retomando elementos explícitos na superfície do texto (anáfora direta) ou inferíveis a partir de uma fonte também presente na superfície do texto (anáfora indireta). Logo, é possível a observação do funcionamento de qualquer expressão indicial a partir de categorias que se relacionam a estratégias de remissão ao cotexto, ou seja, a estratégias anafóricas de referenciação.

Destarte, vejamos uma possível classificação para as anáforas, de acordo com os **critérios de remissão e retomada**. No capítulo anterior (seção 3. 3), caracterizamos dois tipos de anáforas: as diretas, que retomam o objeto-de-discurso em sua totalidade (anáforas correferenciais) ou de modo parcial³²; e as indiretas, que não são correferenciais, mas se relacionam a uma espécie de âncora cotextual. Todavia, para ocorrer anáfora, nem mesmo é necessário que exista uma âncora pontual, localizável facilmente no cotexto. Às vezes, o anafórico remete a trechos difusos, que não podem ser relacionados a um referente ou a uma âncora pontuais — procedimento que costuma ser associado aos dêiticos discursivos. Vejamos o fragmento conversacional abaixo:

EXEMPLO (57)

Gustavo: não... eu tô dizendo... aquilo/ a gente passou o filme todo então vendo um flash back não é isso?
João: vendo coisas da/ na mente dele
Gustavo: não menino... não só foi coisa da mente dele... tinha coisa acontecendo ali
João: tinha
Gustavo: não era só da mente dele não (2s) a história da menina e tudo e tal da da da homem-aranha e:: outras coisas também ele no médico... tudo aquilo era flash flash back... ele indo na livraria entregar um presente a ela e ela beijando o outro... tudo aquilo não foi flash back?
João: tudo era... o que tava acontecendo de verdade só ele conhecer ela de novo e eles tarem ali no carro
Gustavo: mas aquilo ali já tinha acabado foi logo no início do filme... a partir desse ponto nada mais voltou foi tudo flash/ nada mais andou foi tudo flash back aí voltou a andar agora no final... **isso** que é ruim porque ((risos)) eu passei o filme todinho até agora no final pensando que era a continuidade do filme e não entendendo

Fonte: C11

³² A retomada parcial consiste na retomada anafórica de apenas um elemento ou parte da expressão anaforizada. Por exemplo: *aí no início eles são um grupo de amigos aí acontece um::: uma coisa que eles são presos e um menino é abusado (2s) um menino é abusado né? aí depo::is quando eles crescem esse grupo de amigos que ficam um pouquinho distante aí MAtam a filha de sean penn* (Fonte: C7)

Em (57), o demonstrativo ‘isso’ funciona indicialmente e, por meio de uma sumarização, de uma condensação, eleva ao estatuto de objeto-de-discurso informações dispersas nos trechos anteriores do diálogo: o fato de os responsáveis pelo filme em debate terem se valido — “excessivamente”, de acordo com Gustavo — do recurso do *flash back*. Opera-se, assim, algo parecido com o que na literatura se costuma denominar **“encapsulamento”** (Conte, 2003; Koch, 2003b) ou **“nomeação”** (Apothéloz, 2003; Apothéloz e Chanet, 2003), o que não deixa de ser um procedimento anafórico indireto, mas que, curiosamente, também partilha traços de anáfora direta por remeter diretamente ao cotexto, resumindo-o.

Conte (2003: 178) define encapsulamento anafórico como “um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora para uma porção precedente do texto”. Para a autora, a forma encapsuladora é constituída de um nome geral ou avaliativo como núcleo lexical e, em geral, um determinante demonstrativo (por exemplo, “este fato”, “essa situação”); seria, portanto, indicial em potencial. Acrescentaríamos à concepção de Conte a possibilidade de haver também encapsulamentos de porções conseqüentes e/ou por meio de formas encapsuladoras desprovidas de um núcleo lexical, como podemos mostrar com o exemplo (58), em que Gustavo se vale da expressão indicial ‘assim’ para, além de resumir a descrição do roteiro do filme, anunciá-la, monitorando cognitivamente o seu interlocutor no desenvolvimento da conversação:

EXEMPLO (58)

João: qual é o filme?

Gustavo: é o que é **assim** são dois/ é um cineasta e o cineasta tem um namorado aí chega um rapaz que conhece/ era amiguinho do cineasta quando ele era criança quando o cineasta era criança (2s) aí depois descobre que ele não era o amigo do cineasta quem é o amigo do cineasta é o irmão dele que morreu e era um travesti

Fonte: C11

A versatilidade desse procedimento anafórico consiste no fato de as porções encapsuladas do texto poderem ser de extensão e complexidade variadas, o que autoriza Conte (2003) a afirmar que o encapsulamento anafórico é um excelente recurso coesivo. Os referentes das expressões que operam o encapsulamento não são indivíduos, mas eventos, situações, processos, que, segundo a autora, são introduzidos no texto por meio de uma “objetificação” do que já estava presente no modelo discursivo, no caso dos encapsulamentos retrospectivos. Vejamos mais dois exemplos, um de cada modalidade de conversação:

EXEMPLO (59)

18:12:59	Gustavo	gosto tb de filmes proximos ao meu universo
18:13:07	Gustavo	é claro que nao precisa se localizar em PE
18:13:09	joão	sei
18:13:16	Gustavo	mas que seja signifcaivo pra mim
18:13:18	joão	que universo
18:13:24	Gustavo	meu mundo
18:13:25	joão	exemplo
18:13:33	joão	qual seu mundo
18:13:35	joão	??
18:13:40	Gustavo	e num filme de ficcao cientifica a gente pode encontrar isso
18:14:16	Gustavo	acho q um filme pra ser bom tem que misturar relações humanas, um pouco de suspense...
18:14:39	Gustavo	e precisamos nos identificar com alguém
18:14:44	Gustavo	nem que seja com o ilao
18:14:46	joão	um filme de ficção pode ter isso
18:14:48	Gustavo	vilo
18:14:59	Gustavo	vilao
18:15:04	Gustavo	e num foi o que eu disse
18:15:09	joão	rrrrrrkkk
18:15:24	Gustavo	qual a graça
18:15:33	joão	vilo
18:15:37	Gustavo	imaginei
18:15:47	joão	autiva
18:15:50	Gustavo	acho q é importante esmo essa coisa da identificação

Fonte: C6

EXEMPLO (60)

Gustavo: ela não disse que tava infeliz? ele não disse a ela? ela não disse? tsc o médico não disse a ele que ela tava infeliz aí o que foi que aconteceu? o médico disse a ele... aí eu pensei bom é ela fugiu e foi pedir ao médico pra fazer esse negocio da memória e ele foi atrás dela no outro dia viu que ela tava com outro cara e pediu também... e aí começou... ele não querendo e se arrependendo... e foi **isso** que aconteceu de fato agora num tempo anterior e não no tempo presente... não foi **isso**? tu tá acompanhando meu raciocínio?

Fonte: C11

Em suma, o “encapsulamento anafórico”, também conhecido como “nomeação”, permite resumirmos/englobarmos, em uma única expressão referencial, informações distribuídas de modo difuso no cotexto, bem como veicularmos pontos de vistas, colaborando, dessa forma, para uma melhor organização dos conteúdos e para uma ação interativa entre os interlocutores. Tal procedimento anafórico, muito recorrente nos dois gêneros aqui analisados, vale-se não só de sintagmas nominais de base lexical, mas também de demonstrativos — (60) — ou mesmo de advérbios — (58) — sem nenhuma base lexical.

Portanto, em se tratando de procedimentos anafóricos exercidos pelas expressões indiciais, compreendemos a possibilidade de vários modos de remissão ao cotexto, descritos a seguir e sintetizados no quadro 05:

- a) quando há retomada total de referentes (**anáfora direta total**);
- b) quando há retomada parcial de referentes (**anáfora direta parcial**);

- c) quando não há retomada de referentes, mas remissão a um referente por relações associativas (**anáfora indireta**);
- d) e quando há a instituição de um referente novo no discurso que encapsula conteúdos proposicionais de modo retrospectivo ou prospectivo (**anáfora encapsuladora**).

QUADRO 05
TIPOS DE EXPRESSÃO INDICIAL
DE ACORDO COM OS CRITÉRIOS DE REMISSÃO E RETOMADA

EXPRESSÕES INDICIAIS	Com retomada	Anáfora direta de retomada total (correferencial)
		Anáfora direta de retomada parcial
	Sem retomada, só remissão	Anáfora indireta
		Anáfora encapsuladora

Das **660** expressões indiciais (EI) encontradas em nossos dados, **513** ocorreram nas conversações face a face (CFF) e **147**, nas conversações mediadas por computador (CMC). Analisando esse conjunto de expressões de acordo com os critérios de remissão e retomada, constatamos que tanto nos diálogos travados face a face quanto nos chats recorrem os quatro procedimentos anafóricos apresentados no quadro 05, com predomínio do mecanismo de encapsulamento, seguido, nesta ordem, pelas estratégias de retomada total, de remissão indireta e de retomada parcial. A tabela 01 apresenta quantitativamente esses resultados:

TABELA 01
EI na CFF e na CMC de acordo com os critérios de remissão e retomada

EI de acordo com os critérios de remissão e retomada	Quantidade		%	
	CFF	CMC	CFF	CMC
a) EI encapsuladoras	234	102	46 %	70 %
b) EI de retomada total	188	33	37 %	22 %
c) EI indiretas	84	11	16 %	7 %
d) EI de retomada parcial	7	1	1 %	1 %
Total	513	147	100 %	100 %

A análise de nossos dados atestou a importância dos encapsuladores para a construção do texto dialogado oral ou escrito. Em ambas as modalidades de conversação, não raro os interlocutores empacotam porções de discurso por meio desse tipo de expressão indicial, sintetizando tais porções e as individualizando em novos objetos-de-

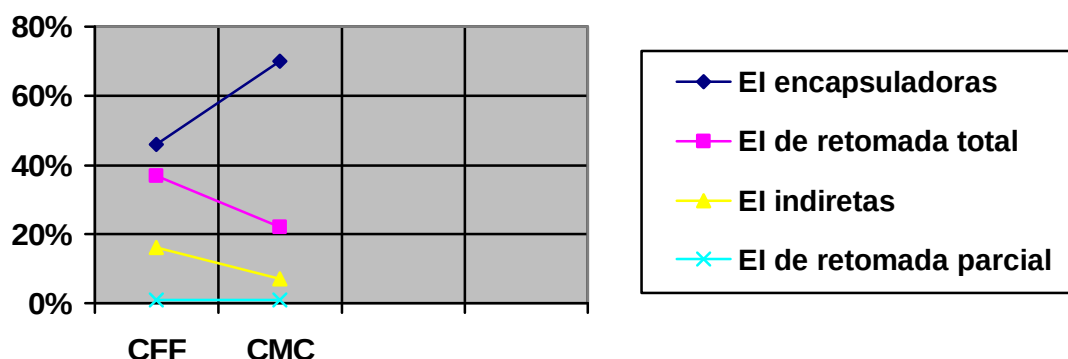
discurso, conforme registram os exemplos (57), (59) e (60). Esse procedimento de referenciação também pode se dar de modo catafórico — exemplo (58) —, ou seja, o interlocutor pode encapsular informações ainda não apresentadas no diálogo, monitorando seu parceiro para o que será dito a partir daquele instante em que a expressão indicial é proferida no discurso. Mas, independentemente da direção (retrospectiva ou prospectiva) em que se estabelece a remissão anafórica, a ativação desses novos referentes é essencial para o equilíbrio entre progressão e continuidade tópica do texto dialogado, à medida que a expressão indicial encapsuladora, ao passo que eleva ao estatuto de objeto-de-discurso informações anteriormente difusas no cotexto, faz com que tais porções de discurso permaneçam em foco para os interlocutores, permaneçam salientes no texto, podendo ser facilmente referidas no decorrer da conversação, ou até mesmo ancorar a construção de outros referentes que a elas discursivamente se associem. Em (59), por exemplo, após o primeiro encapsulamento (18:13:40), o objeto-de-discurso é retomado em dois momentos (18:14:46 e 18:15:50), sendo o último por meio de uma expressão nominal (‘essa coisa da identificação’ — sic) que, além de reativar, qualifica o objeto-de-discurso em foco.

Portanto, a abundância e importância desses elementos não é exclusividade dos textos argumentativos escritos, conforme sugere Conte (2003). Sua relevância para a conversação advém do fato de eles operarem uma espécie de “mudança de nível” (Cf. Koch, 2003b), pois atualizam em objetos-de-discurso informações difusamente enunciadas. Essa também é a opinião de Apothéloz (2003), para quem as “nomeações” (encapsulamentos) podem ir além de uma simples retomada de informação, contribuindo para os aspectos mais especificamente construtivos do discurso. Vale salientar que Apothéloz e Chanet (2003) também afirmam que a principal característica das nomeações consiste no fato de elas atualizarem um conjunto de informações em objetos-de-discurso, algo que pode ser perfeitamente executado, segundo os autores, sem a presença de uma base lexical, como revela a grande maioria das expressões indiciais de nosso *corpus*; foi o que mostraram os exemplos até agora apresentados nesta seção.

Embora as expressões indiciais encapsuladoras se mostrem produtivas tanto nas conversações face a face quanto nos chats, os resultados de nossa análise quantitativa e comparativa, apresentados na tabela 01, também apontam para o fato de que é nas conversações travadas no ciberespaço que esse procedimento anafórico encontra terreno mais fértil, em comparação com os outros mecanismos de remissão e retomada presentes em ambos os gêneros. Na virtualização da conversação face a face, enquanto os

procedimentos de retomada total e de remissão indireta caem, respectivamente, 15 e 9 pontos percentuais, totalizando 24 pontos percentuais, algo proporcionalmente inverso ocorre com as expressões indiciais encapsuladoras: sobe 24 pontos percentuais a ocorrência dessa estratégia de referenciação nos diálogos virtuais. Por sua vez, a quantidade de retomadas parciais permanece proporcionalmente estável. O gráfico 03, simulador do processo de virtualização da conversação face a face na relação com as expressões indiciais e com os critérios de remissão e retomada, ilustra a comparação entre esses dados.

GRÁFICO 03
Virtualização da CFF na relação com as EI
e os critérios de remissão e retomada



Uma possível explicação para essa mudança no perfil do conjunto das expressões indiciais na virtualização da conversação face a face reside no fato de as expressões encapsuladoras terem a capacidade de condensar, sobretudo por meio do demonstrativo neutro ‘isso’, informações dispostas numa série de turnos alternados ou pertencentes a um único interlocutor, seja qual for o estatuto de tais informações. Como são próprias do gênero ‘chat’, se comparado à interação face a face, uma maior mutabilidade na troca de turnos, uma maior recorrência de turnos não adjacentes e a configuração de turnos menores (ver capítulo 2), maior a necessidade desse tipo de procedimento retrospectivo, tendo em vista a organização da atividade conversacional no ciberespaço.

Em contrapartida, observamos que movimentos prospectivos em relação à estratégia de encapsulamento — como no exemplo (58) — tendem a se reduzir com a virtualização. Diferentemente da conversação face a face, para economizar tempo de digitação — preocupação da maioria dos participantes de um bate-papo virtual (ver capítulo 2) — evita-se “anunciar” o que será dito nos chats por meio de expressões indiciais prospectivas, o que de certa forma diminui o grau de monitoramento cognitivo do

interlocutor. Encapsuladores prospectivos nos chats ocorrem, geralmente, apenas quando a porção de discurso encapsulada é resultado da repetição *ipsis literis* de enunciados produzidos anteriormente pelo próprio participante, pelo seu interlocutor ou mesmo por usuários do ciberespaço estranhos à conversação (exemplos (61) e (62), em 18:34:26 e 18:45:05). Como mostramos no capítulo 2, são os recursos ‘copiar’ e ‘colar’, próprios dos gêneros digitais, que permitem este tipo de procedimento referencial:

EXEMPLO (61)

18:34:26	Gustavo	Bom filme ,estreia interessante de José Henrique Fonseca .Começa melhor do que termina e a interpretação de Natália Lage deixa a do sempre maneirista Murilo Benício. Cláudia Abreu ,esposa do diretor ,geralmente é uma boa atriz ,mas neste filme ,sua atuação é insípida .
18:34:30	Gustavo	qua qua qua
18:34:54	Gustavo	nao entendi isso: e a interpretação de Natália Lage deixa a do sempre maneirista Murilo Benício.
18:35:26	joão	deve ta faltando um pedaço

Fonte: C10

EXEMPLO (62)

18:44:45	Gustavo	tinha uma crítica que dizia q a normalidade ..
18:44:50	Gustavo	esqueceve vê isso:
18:45:02	joão	tá
18:45:05	Gustavo	Sem entender muito bem o que está acontecendo, Máique! instantaneamente se transforma de homem comum a idolo local, sendo paparicado por todos e procurado até mesmo por pessoas influentes. A normalidade do meio com relação ao assassinato de início causa estranheza, até que o próprio público também se acostuma com o fato. E é a partir deste momento que o filme começa a perder seu ritmo.
18:45:53	joão	onde tu pegou todas essas críticas

Fonte: C10

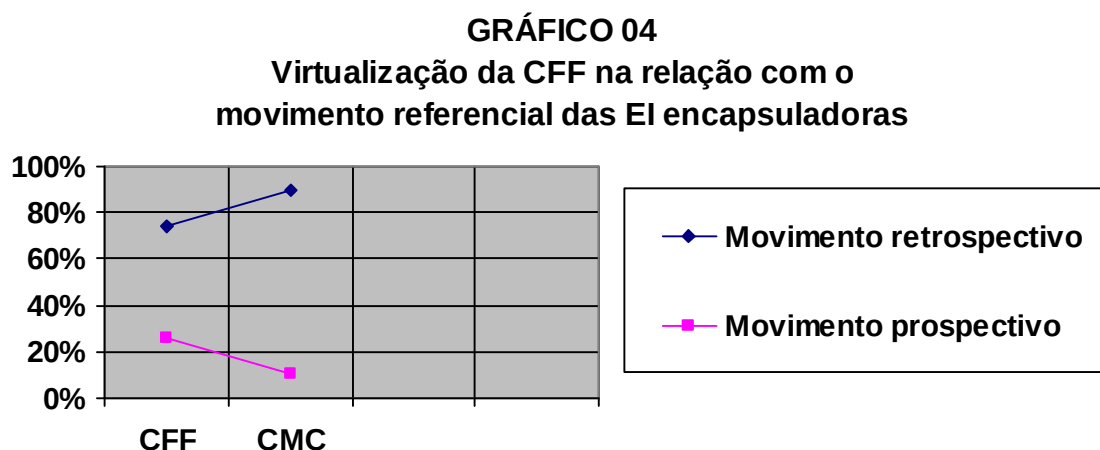
Em conformidade com o que estamos afirmando, a discriminação da totalidade das expressões indiciais encapsuladoras de nosso *corpus*, tendo em vista a direção do movimento referencial (retrospectivo ou prospectivo), atesta que, realmente, ainda que o movimento retrospectivo seja mais comum em ambos os gêneros conversacionais, nos chats esse predomínio beira a totalidade. A tabela 02 classifica, de acordo com a direção do movimento referencial, as 234 expressões encapsuladoras presentes nas conversações face a face e as 102 expressões semelhantes encontradas nas conversações mediadas por computador:

TABELA 02

El encapsuladoras na CFF e na CMC de acordo com o movimento referencial

El encapsuladoras de acordo com o movimento referencial	Quantidade		%	
	CFF	CMC	CFF	CMC
a) El encapsuladoras de movimento retrospectivo	172	92	74%	90%
b) El encapsuladoras de movimento prospectivo	62	10	26%	10%
Total	234	102	100%	100%

Destarte, visualizemos como se representa o processo de virtualização da conversação face a face, agora levando em consideração o movimento referencial das expressões indiciais encapsuladoras. O gráfico 04 simula o acréscimo e o decréscimo de 16 pontos percentuais que, respectivamente, as ocorrências dos encapsuladores retrospectivos e prospectivos apresentam na passagem do face a face ao ciberespaço, de acordo com os dados quantificados na tabela 02:



Outro aspecto que pode ser correlacionado ao aumento do número de expressões indiciais encapsuladoras após a virtualização da conversação face a face é o fato de os outros tipos de expressão indicial segundo os critérios de remissão e retomada — a remissão indireta (sobretudo) e as retomadas total e parcial — requererem normalmente uma base lexical em sua constituição. É o caso da expressão indicial indireta (em verde) no fragmento a seguir:

EXEMPLO (63)

Gustavo: quando ela botou **a fita** aí eu oxe ela tá dizendo que fez o negocio aí eu fiquei oxe será que eles fizeram?

João: MAS ELA TINHA DITO GUSTAVO AO CARA QUE ELA TINHA FEITO

(...)

Gustavo: a acompanhe meu raciocínio (2s) eu crente que eles tinham se encontrado pela primeira vez ali então ninguém tinha feito/ na minha cabeça ninguém tinha feito o tratamento... se ninguém tinha feito o tratamento como é que/ de onde veio **essa fita**? entendeu? ela fazendo **aquela confissão**... aí eu pensei oxe (2s) então quer dizer que ele conseguiu de uma forma/ vê o que foi que eu fiquei pensando ele/ porque ele não tava tentando colocar ela num num nuns processos traumáticos da vida dele né que ele não conse/

Fonte: C11

Em (63), a expressão ‘aquela confissão’ referencia indiretamente a expressão ‘essa fita’, visto que, de acordo com o filme a que os participantes estão se referindo, na fita

estava gravada uma confissão. Essa relação “contém/está contido” autoriza a referência à confissão como algo dado, já que se ancora na referência à fita, objeto-de-discurso reativado inúmeras vezes ao longo da conversação. Vejamos que, nesse exemplo, apenas o uso do demonstrativo ‘isso’ não daria conta do processo de referenciação em jogo, havendo a necessidade de o interlocutor empregar uma expressão indicial com base lexical explícita — no caso, a expressão indicial indireta ‘aquela confissão’.

Há também os casos em que a expressão indicial possui uma base lexical, mas esta se encontra elíptica, podendo ser inferida a partir do contexto. Em (64) e (65), por exemplo, na constituição das expressões indiciais em destaque, é dispensável a presença dos substantivos ‘pessoas’ e ‘novela’, respectivamente:

EXEMPLO (64)

17:46:51	Gustavo	mas se for assim a maioria das biografias sao de pessoas mortas, teria que acabar com a pessoa morrendo é?
17:46:58	joão	e na verdade não foi
17:47:03	Gustavo	me pareceu mais um coitado de que um vencedor
17:47:07	Gustavo	coitado
17:47:13	joão	nao é isso
17:47:18	Gustavo	mas todo mundo morre, né?
17:47:19	joão	todo mundo morre
17:47:23	Gustavo	entao explique melhor
17:47:42	joão	mais tem pessoas que tiveram tudo e morre sem nada
17:47:56	Gustavo	e ele é uma dessas?
17:48:02	joão	isso

Fonte: C6

EXEMPLO (65)

18:53:06	Gustavo	ó será q foi por isso q natalia lage gnhou papel de destque em novela
18:53:08	Gustavo	?
18:53:25	joão	como assim
18:53:28	joão	???
18:53:39	Gustavo	pq ela tava sumida da tv
18:53:48	Gustavo	aí voltou nessa como uma vilã

Fonte: C10

Diante disso, supusemos que a necessidade de uma base lexical explícita na constituição de uma expressão indicial fosse de encontro aos princípios da economia verbal e da rapidez no processamento textual oriundos da agilidade da digitação característica dos chats. Como as expressões encapsuladoras — especialmente em gêneros mais espontâneos, como as duas modalidades de conversação em questão — podem se constituir *sem* base lexical (por meio do demonstrativo neutro ‘isso’, por exemplo), seria freqüente a ocorrência desse procedimento nos chats em detrimento das retomadas ou de outros tipos de remissão *com* base lexical explícita. Essa hipótese foi comprovada ao discriminarmos analiticamente as nossas 660 expressões indiciais de acordo com a presença ou ausência de uma base lexical em sua constituição. Os resultados aparecem na tabela a seguir:

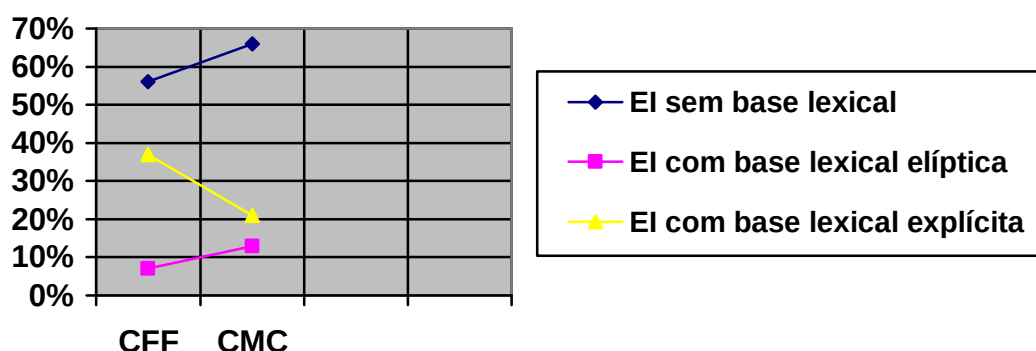
TABELA 03**EI na CFF e CMC de acordo com a presença ou ausência de base lexical**

EI de acordo com a presença ou ausência de base lexical	Quantidade		%	
	CFF	CMC	CFF	CMC
a) EI sem base lexical	285	97	56%	66%
b) EI com base lexical elíptica	37	31	7%	13%
c) EI com base lexical explícita	191	19	37%	21%
Total	513	147	100%	100%

Percebamos que a percentagem de expressões indiciais de base substantiva explícita (c) é significativamente menor nas conversações mediadas por computador. De acordo com a análise de nosso *corpus*, cai 16 pontos percentuais a ocorrência desse tipo de expressão indicial nos chats, quando comparados às interações face a face. Por outro lado, sobe 10 e 6 pontos percentuais, respectivamente, a ocorrência de expressões indiciais sem base lexical (a) e com base lexical elíptica (b). A partir dessas informações, o gráfico 05 registra mais uma representação do processo de virtualização da conversação face a face.

GRÁFICO 05

Virtualização da CFF na relação com a ausência ou presença de base lexical na constituição das EI



A preferência pelos demonstrativos neutros — ou seja, pelas expressões indiciais sem base lexical — nas remissões cotextuais indiciais demanda muitas vezes dos participantes dos chats um alto poder de inferenciação na compreensão de informações essenciais ao bom andamento conversacional. Entretanto, essas inferências nem sempre são feitas a contento, sobretudo por se tratar de um modo de interação que não conta com os diversos recursos paralingüísticos e supra-segmentais de que os interlocutores lançam mão na interação face a face. Assim, o uso excessivo de remissões sem base lexical por

vezes acaba pondo em risco a compreensão entre os interlocutores, como atestam os quatro exemplos a seguir. Em (69), inclusive, apenas quando João se vale de uma expressão indicial com base lexical (17:48:37) é que o mal entendido se desfaz. Atentemos ainda neste último exemplo para o fato de Gustavo utilizar o demonstrativo ‘isso’ (17:44:45) a fim de encapsular informações difusas anteriormente no diálogo e João entender que esse procedimento consistia numa retomada metalingüística, se referindo ao termo ‘bem de vida’, o que contribuiu para que houvesse os mais de quatro minutos de desentendimento.

EXEMPLO (66)

17:35:14	Gustavo	quem é aquela Ava?
17:35:22	joão	não sei
17:35:45	Gustavo	a atriz
17:35:54	joão	não sei
17:35:57	Gustavo	tu sabe quem é?
17:35:59	joão	nao conheço
17:36:06	Gustavo	imagine eu?
17:36:23	Gustavo	eu nao sei se qdo eu vi eu tava com sono?
17:36:30	Gustavo	sei lá
17:36:34	Gustavo	detestei
17:36:37	Gustavo	e aquel final
17:36:38	Gustavo	?
17:36:46	Gustavo	mas já desiste
17:36:47	joão	porque vc pensou isso que eu nao sabia que era a atriz que era ava gardner
17:36:47	Gustavo	...
17:37:10	Gustavo	nao entendi "porque vc pensou isso que eu nao sabia que era a atriz que era ava gardner"

Fonte: C6

EXEMPLO (67)

18:13:31	Gustavo	essa foto aí é de um casamento por interesse
18:13:36	Gustavo	sim, entendi.
18:14:01		A transferência de "169489001126107563[1].jpg" está concluída.
18:14:08	Gustavo	visse
18:14:10	Gustavo	?
18:14:13	joão	vi
18:14:16	joão	o
18:14:23	joão	logico que e
18:14:24	Gustavo	sabe quem sao?
18:14:39	joão	nao
18:14:52	Gustavo	e como é que tu sbe que é intersse?
18:15:28	joão	uma mulher bonita e jovem com um homem velho e gordo
18:15:42	Gustavo	ela ia adorar ser chamada de bonita e jovem
18:16:10	joão	comparado a ele
18:16:13	Gustavo	é mayara magri (ex-global decadente) e herval rossano, nada mais nada menos de que uma bala da direção de emissoras de tv
18:16:16	Gustavo	novelas
18:16:41	joão	so podia ser
18:16:50	Gustavo	podre
18:16:59	Gustavo	mas tb a gente fala ninguém sabe né?
18:17:02	Gustavo	mas q parece parece
18:17:03	joão	realmente
18:17:17	joão	é sem saber
18:17:38	joão	nos so vemos a aparencia
18:17:44	Gustavo	é
18:17:55	Gustavo	mas que ele é pode pra ela...
18:17:58	Gustavo	podre
18:18:14	joão	sei
18:18:46	joão	a foto mostra isso
18:18:52	Gustavo	isso oq uê?

Fonte: C8

EXEMPLO (68)

17:16:54	Gustavo	por falar nisso, onde foi parar o menino q ficou com escritora?
17:17:08	joão	tu lembra daquele cara que aparece na TV
17:17:20	joão	isso mesmo
17:17:25	Gustavo	nao?
17:17:28	joão	eu acho que era o cara da
17:17:32	joão	TV
17:17:33	Gustavo	clama isso mesmo o que?

Fonte: C8

EXEMPLO (69)

17:44:04	joão	ela so estava com ele porque ele era bem de vida
17:44:12	joão	bem de vida e podre
17:44:18	Gustavo	podre pq?
17:44:24	Gustavo	pq ee comprou os alunos?
17:44:27	joão	bem de vida
17:44:27	Gustavo	ele
17:44:38	joão	para fazer o pai feliz
17:44:45	Gustavo	isso é podre?
17:44:50	Gustavo	foi por amor
17:45:06	joão	isso
17:45:12	Gustavo	é podre?
17:45:17	joão	porque
17:45:29	Gustavo	????????????????????????????????
17:45:48	Gustavo	????????????????????????????????
17:45:51	joão	e podre?
17:46:08	joão	porque e podre?
17:46:16	Gustavo	foi vc q disse é pdre
17:46:20	Gustavo	tá doido?
17:46:32	Gustavo	oão diz: bem de vida e podre
17:46:36	joão	eu falei que "bem de vida" e podre
17:46:44	joão	entendeu
17:46:46	Gustavo	nao
17:47:00	Gustavo	vc disse que ele era podre?
17:47:04	Gustavo	é isso?
17:47:10	joão	não
17:47:13	Gustavo	oxe
17:47:20	Gustavo	e entao oq é?
17:47:26	Gustavo	reomule
17:47:28	joão	na minha frase eu falei "bem de vida"
17:47:29	Gustavo	reformule
17:47:36	Gustavo	sim
17:47:38	Gustavo	e podre?
17:47:45	joão	sim
17:47:52	joão	ta difícil de entender
17:47:56	Gustavo	realmente
17:48:05	Gustavo	vc quer dizer que ele é podre???
17:48:12	joão	não
17:48:18	joão	não
17:48:37	joão	eu falei "bem de Vida" esse termo é podre
17:48:40	joão	entendeu
17:48:41	Gustavo	joão diz: ela so estava com ele porque ele era bem de vida joão diz: bem de vida e podre
17:48:48	Gustavo	entendi agora
17:48:53	Gustavo	rsrsrs

Fonte: C8

Em suma, parece que as expressões indiciais sem base lexical são tão produtivas nos chats devido ao fato de a economia verbal ser sempre visada pelos participantes da interação, já que há nesse ambiente aquilo que Crystal (2001) denomina “pressão pragmática” (ver capítulo 2), o que faz com que os participantes preocupem-se

minimamente com aspectos formais e estilísticos no processo de formulação de suas mensagens. Como a escrita no ciberespaço é não-monitorada, a diversidade lexical quanto à referência aos objetos-de-discurso não é cobrada entre os interlocutores dos chats, desde que não dificulte ou impeça o entendimento do texto. Vejamos mais um reflexo dessa característica dos bate-papos na Internet, desta vez por meio da análise das expressões indiciais nominais de retomada total (expressões indiciais correferenciais nominais), de acordo com a distinção estabelecida por Apothéloz (2003) entre **anáfora fiel** e **anáfora infiel**.

No que tange aos nossos dados, trata-se de uma anáfora fiel a expressão indicial nominal que retoma um referente anteriormente introduzido no texto por meio de uma expressão demonstrativa cujo nome nuclear (base lexical) é o mesmo que introduziu o referente:

EXEMPLO (70)

João: aí no início eles são **um grupo de amigos** aí acontece um::: uma coisa que eles são presos e um menino é abusado (2s) um menino é abusado né? aí depo::is quando eles crescem **esse grupo de amigos** que ficam um pouquinho distante aí MAtam a filha de sean penn

Fonte: C7

Já a expressão indicial com caráter infiel aparece quando o nome da forma de retomada — iluminado em verde no exemplo (71) — é diferente daquele da forma introduzida e mantém com este uma relação de sinonímia, hiperonímia, ingrediência, antonomásia etc.:

EXEMPLO (71)

11:29:21	joão	e Dam
11:29:25	joão	tu gostou
11:29:32	joão	da atuação dele/
11:29:34	Gustavo	eu nao gosto dele, mas ele trabalha bem
11:29:35	joão	???
11:29:43	Gustavo	normal
11:29:51	joão	eu achei legal
11:29:55	Gustavo	normal
11:30:03	joão	de onde aquele homem v
11:30:06	joão	veio

Fonte: C12

Além desses dois tipos de retomadas correferenciais definidos por Apothéloz (2003), há também as retomadas cuja base lexical se encontra elíptica, como já ilustramos no exemplo (64). Vejamos mais uma amostra deste terceiro tipo (*aquele Ø das novelas das sete*), a qual, ao nosso ver, não se enquadra nem na categoria ‘fiel’ nem na categoria ‘infiel’:

EXEMPLO (72)

11:03:20	Gustavo	o filme é ruim
11:03:27	joão	é mesmo
11:03:34	joão	acho que a peça é melhor
11:03:48	Gustavo	o roteiro é de Carlos Lombardi
11:03:55	joão	eu vi
11:04:01	Gustavo	aquele das novelas das sete
11:04:02	joão	que era dele
11:04:05	Gustavo	com apelo sexual
11:04:08	joão	sei

Fonte: C12

Assim, procedendo como em momentos anteriores, selecionamos as expressões indiciais correferenciais nominais — ou seja, descartamos as expressões indiciais de retomada total de base pronominal — que apareceram nos dois tipos de conversação. Restou-nos, portanto, um total de 127 expressões nas amostras de conversação face a face e 29 expressões nas amostras de chat, as quais foram discriminadas de acordo com as três categorias exemplificadas em (70), (71) e (72). Vejamos os resultados na tabela 04:

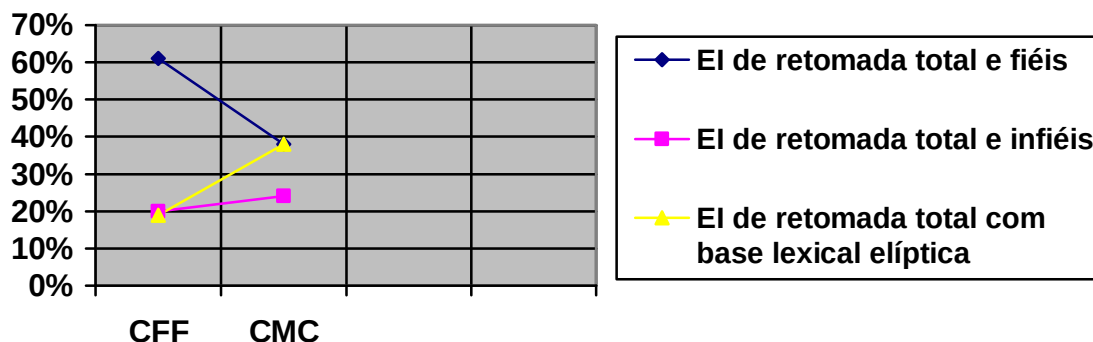
TABELA 04
El correferenciais e nominais na CFF e na CMC
de acordo com as categorias ‘anáfora fiel’ e ‘anáfora infiel’

El correferenciais (de retomada total) e nominais de acordo com as categorias ‘anáfora fiel’ e ‘anáfora infiel’	Quantidade		%	
	CFF	CMC	CFF	CMC
d) El de retomada total e fiéis	78	11	61%	38%
e) El de retomada total e infiéis	25	7	20%	24%
f) El de retomada total com base lexical elíptica	24	11	19%	38%
Total	127	29	100%	100%

É fato que, com a mudança de meio (do face a face para o virtual), no que diz respeito às expressões indiciais nominais e de retomada total, a percentagem de expressões indiciais fiéis cai consideravelmente, ao passo que sobe a percentagem das expressões indiciais infiéis e com base elíptica — em menor e maior proporção, respectivamente. Esse resultado nos leva a crer que, por causa da economia verbal inerente ao ciberespaço, as repetições lexicais, tão comuns às conversações orais espontâneas, são evitadas quando os participantes passam a digitar — ao invés de oralizar — suas contribuições conversacionais.

O gráfico 06, correspondente ao processo de virtualização da conversação face a face levando-se em consideração as categorias ‘anáfora fiel’ e ‘anáfora infiel’, ilustra, mais uma vez, a necessidade de concisão verbal dos chats.

GRÁFICO 06
Virtualização da CFF na relação com as EI correferenciais e nominais e as categorias ‘anáfora fiel’ e ‘anáfora infiel’



Em suma, os resultados das análises apresentados nesta seção indicam que as categorias de remissão e retomada que classificam as expressões anafóricas em anáforas de retomada total (correferenciais), anáforas de retomada parcial, anáfora indireta e anáforas encapsuladoras mostraram-se produtivas para a comparação entre o funcionamento das expressões indiciais nas conversações face a face e mediada por computador. Isso porque, como toda expressão referencial que aponta para porções cotextuais pontuais ou difusas, as expressões indiciais, tipicamente dêiticas ou não, exercem um procedimento genuinamente anafórico.

Desse modo, vimos que, com a virtualização da conversação face a face, ganham espaço no texto dialogado as **expressões indiciais encapsuladoras de base não-lexical e que exercem remissão retrospectiva**, as quais estão de acordo com o “princípio da economia verbal”, o qual muitas vezes conduz as interações no MSN. Além disso, os encapsulamentos retrospectivos são indispensáveis em qualquer tipo de conversação, seja ela face a face ou virtual, o que já não parece ser verdade para os encapsulamentos prospectivos: uma vez que, nas interações face a face, estes parecem atuar mais como marcadores conversacionais do que como sintetizadores de porções discursivas ou monitores cognitivos, nos chats sua presença acaba sendo considerada um “desperdício lingüístico”, indo de encontro ao princípio da economia verbal. Tal princípio também foi verificado no funcionamento não só das expressões indiciais encapsuladoras, como

também das expressões indiciais correferenciais, visto que a virtualização da conversação face a face favorece a **elipse do núcleo das formas de retomada total** em detrimento da repetição fiel da mesma base nominal.

Ainda tomando como base as categorias de remissão e retomada e os quatro tipos de expressão indicial que delas decorrem, resta-nos observarmos em particular o comportamento dos encapsuladores nominais, aqueles que efetuam um tipo de coesão lexical denominado pela literatura “**rotulação**” (cf. Francis, 2003). Dedicaremos a seção seguinte a tal feito.

4.2 OS RÓTULOS INDICIAIS NA VIRTUALIZAÇÃO DA CONVERSAÇÃO FACE A FACE

O procedimento referencial da rotulação é um dos principais meios pelos quais as expressões nominais conectam e organizam textos. Os chamados rótulos (cf. Francis, 2003) empacotam porções textuais por meio de uma realização lexical; fazem, pois, remissão a partes maiores e, normalmente, difusas do texto, retrospectiva ou prospectivamente. Segundo Francis (2003), normalmente os rótulos são constituídos de um nome nuclear precedido de um demonstrativo, podendo ou não ter modificadores. Os rótulos são importantes na tessitura do texto por resumirem conteúdos proposicionais já explicitados no cotexto e adicionarem alguma nova informação ao discurso — como em (73) — ou ainda provocarem mudança de direção na construção dos sentidos, em conformidade com os propósitos da enunciação.

EXEMPLO (73)

João: aí no início eles são um grupo de amigos aí acontece um::: uma coisa que eles são presos e um menino é abusado (2s) um menino é abusado né? aí depo::is quando eles crescem esse grupo de amigos que ficam um pouquinho distante aí MAtam a filha de sean penn

Gustavo: ahn

João: aí ele/ aí começa aquela história de querer saber quem foi aí eles ficam ligando ficam querendo ligar a morte da filha dele a um acontecimento do passado... tá entendendo? e **esse clima** que eles querem fazer não não não (2s) não fica muito bom (2s) eles não conseguem fazer com que o filme fique lúgubre/ o fil/ pronto o filme é bem escuro também as cores são escuras o filme/

Fonte: C7

Percebe-se, assim, que essa categoria indicial pertence ao conjunto das expressões indiciais encapsuladoras. Na verdade, precede à ação de rotular a de encapsular. De acordo com Francis (2003), um rótulo serve para empacotar uma extensão do discurso, e não há

nenhum sintagma nominal particular a que ele se refira, mas sim uma oração ou orações que são nomeadas pela primeira vez. Sua importância para a progressão de um texto, conversacional ou não, se funda na possibilidade de indicar ao leitor como uma extensão do discurso deve ser interpretada, introduzindo um novo objeto-de-discurso — antes latente — a partir do qual uma nova predicação é desenvolvida. Os rótulos servem para dizer ao interlocutor que seccione em sua mente o que veio antes, operando uma mudança de direção de grande importância para o desenvolvimento conversacional.

Em sua tese sobre as expressões indiciais, Cavalcante (2000) afirma haver três espécies de rotuladores funcionando como “dêiticos discursivos”. À medida que não estamos trabalhando com a tradicional divisão entre dêiticos e anafóricos, estendemos essa classificação a qualquer rótulo indicial, quer predominantemente dêitico, quer predominantemente anafórico. Vejamos em que consistem as categorias, as quais são seguidas por respectivos fragmentos ilustrativos.

- a) **nome geral:** a expressão indicial tem significado tão genérico que se aplica a uma ampla variedade de conteúdos (*aquela coisa, esse negócio, essas questões* etc.):

EXEMPLO (74)

João: brilho eterno de um mente sem lembrança é diferente eu não vi ainda não mas é diferente

Gustavo: tem certeza?

João: tenho... uma mulher faz um:: tratamento pra esquecer o cara ou é ele que faz um tratamento pra esquecer e: não sei o que acontece... eu sei que um faz um tratamento uma lavagem cerebral pra esquecer a outra pessoa aí como a outra pessoa não consegue fazer com que ela lembre ou a (inc.) não sei o quê aí a outra pessoa pega e faz uma lavagem cerebral também (2s) aí eles começam a se encontrar num lugar... eles começam a lembrar... **alguma coisa assim**

Fonte: C9

- b) **nome metalingüístico:** a expressão indicial rotula uma extensão discursiva como sendo um tipo particular de linguagem. Segundo Francis (2003), distribui-se dentro dos seguintes grupos: nome ilocucionário (*este aviso, a seguinte conclusão, essas críticas*³³ etc.), nome de atividade languageira (*essa descrição, esta conversa, aquele debate* etc.), nome de processo mental (*a análise acima, estas opiniões, aquele ponto de vista* etc.) e nome de textos (*o fragmento abaixo, a última pergunta, esta seção* etc.):

EXEMPLO (75)

18:34:26	Gustavo	Bom filme, estreia interessante de José Henrique Fonseca. Começa melhor do que termina e a interpretação de Natália Lage deixa a do sempre maneirista Murilo Benício. Cláudia Abreu, esposa do diretor, geralmente é uma boa atriz, mas neste filme, sua atuação é insípida.
18:34:30	Gustavo	qua qua qua

³³ Como no exemplo (75).

18:34:54	Gustavo	nao entendi isso: e a interpretação de Natália Lage deixa a do sempre maneirista Murilo Benício.
18:35:26	João	deve ta faltando um pedaço
18:35:37	Gustavo	Mas ele quis dizer que foi boa??? "Boas interpretações, em especial a de Natália Lage, fazem de O Homem do Ano um dos melhores filmes do ano."
18:35:41	Gustavo	ve a de cima
18:36:23	João	sei disso não
18:36:31	Gustavo	Olha essa:
18:36:32	Gustavo	"É um filme com uma fotografia desperdiçada. O filme é totalmente irregular onde cenas que pretendem ser comédia não cabem no cenário violento do contexto. Personagens estereotipados completam o pacote da Bomba do ano."
18:36:36	João	a de natalia deixa a desejar
18:36:59	Gustavo	tvz tenha sido isso
18:37:17	João	o cara ta metendo o pau em tudo
18:37:22	João	deve ser isso mesmo
18:37:33	Gustavo	essa já era outra pessoa
18:37:44	João	sei
		(...)
18:44:45	Gustavo	tinha uma crítica que dizia q a normalidade ..
18:44:50	Gustavo	esquece vê isso:
18:45:02	João	tá
18:45:05	Gustavo	Sem entender muito bem o que está acontecendo, Máiquel instantaneamente se transforma de homem comum a idolo local, sendo paparicado por todos e procurado até mesmo por pessoas influentes. A normalidade do meio com relação ao assassinato de início causa estranheza, até que o próprio público também se acostuma com o fato. E é a partir deste momento que o filme começa a perder seu ritmo.
18:45:53	João	onde tu pegou todas essas críticas

Fonte: C10

- c) **nome em situação intermediária:** a expressão indicial nem é muito genérica, nem estritamente metalingüística (*por este motivo, esta situação, dessa natureza, nessa circunstância* etc.):

EXEMPLO (76)

João: ah é porque novela tem que ser explicado todo dia pro telespectador porque o telespectador é meio burrinho né?

Gustavo: explicado... todo dia... aí por exemplo essa mu/ essa novela das seis aí a luna aí como as pessoas vão saber quem foi essa luna aí tem que ter aquela foto

João: é porque se fizesse como o filme morresse e não aparecesse foto nem nada quando chegasse com duas semanas ninguém nem lembrava quem foi que tinha morrido

Gustavo: foi

João: é... meu deus do céu ((risos)) por que será isso?

Gustavo: não não é porque as pessoas são burras não é porque também não é uma coisa que obrigatoriamente você tem que ver desde o início e o filme não

João: mas na novela o povo não acompanha tô acompanhando a novela? ((tom irônico))

Gustavo: ((risos)) mas é diferente ((fala muito rápido))

João: zé diferente?

Gustavo: umas pessoas acompanham outras não as pesso/ outras pessoas começam a ver desde o/

João: aí esse artifício da novela de explicar todo dia é pra quem viu naquele dia tá entendendo o que tá vendo?

Fonte: C5

Os três tipos de rótulo apresentados acima apareceram em ambas as conversações analisadas. Uma análise quantitativa e comparativa dessas expressões revelou que há um relativo equilíbrio entre a frequência com que cada tipo ocorre em cada modalidade de

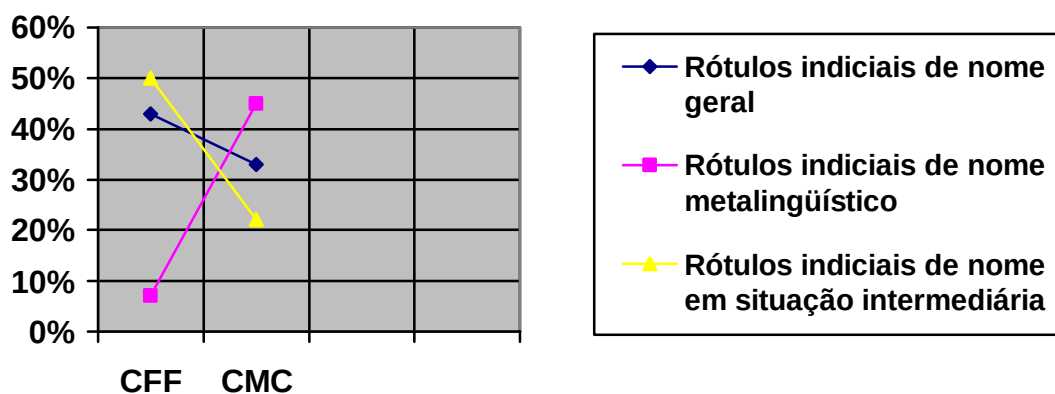
conversação, exceto pela baixa recorrência das expressões indiciais funcionando como rótulos metalingüísticos nas conversações face a face, conforme demonstra a tabela 05.

TABELA 05
Tipos de rótulo indicial na CFF e na CMC
de acordo com a semântica de sua base lexical

Tipos de rótulo indicial	Quantidade		%	
	CFF	CMC	CFF	CMC
a) Rótulos indiciais de nome geral	12	3	43%	33%
b) Rótulos indiciais de nome metalingüístico	2	4	7%	45%
c) Rótulos indiciais de nome em situação intermediária	14	2	50%	22%
Total	28	9	100%	100%

Portanto, devido em grande parte à quase ausência de rótulos indiciais de nome metalingüístico nas interações presenciais, o processo de virtualização da conversação face a face na relação com os tipos de rótulo indicial pode ser representado de acordo com o gráfico 07.

GRÁFICO 07
Virtualização da CFF
na relação com os tipos de rótulo indicial



Uma última observação: semelhantemente às expressões indiciais indiretas, os rótulos — como quaisquer encapsuladores — também não são correferenciais, pois nem mesmo retomam parcialmente nenhum referente já dito; na verdade, introduzem um referente novo para o discurso. Entretanto, ao contrário do que apresentamos como procedimento anafórico indireto (ver capítulo 3), não remetem a nenhuma expressão cotextual específica, pontual, que lhes sirva de fonte, pois encapsulam conteúdos

proposicionais precedentes ou subseqüentes. Mas nem por isso deixam de exercer um procedimento anafórico indireto, conforme reconheceu Cavalcante (2004), numa crítica à distinção estabelecida em Cavalcante (2003) entre as anáforas indiretas e as anáforas encapsuladoras. A autora admite que as mesmas características essenciais que definem as anáforas indiretas permanecem nas encapsuladoras, o que a faz reuni-las num fenômeno maior de referenciação indireta, ainda que o tipo de recuperação promovido pelas anáforas indiretas encapsuladoras seja um pouco diferente: ao modo das correferenciais, resgatam informações do cotexto, sem, no entanto, retomar especificamente nenhum referente preciso. Esclarece-nos Cavalcante (2004: 12) que

as anáforas encapsuladoras se descrevem, pois, pelos mesmos traços básicos das anáforas indiretas (o de não-correferencialidade e o de introdução de um referente novo), mas, diferentemente destas, que remetem a antecedentes pontuais, sem retomá-los, reportam-se a um segmento contextual inteiro e, na impossibilidade de retomá-lo como a uma só entidade, erigem-se em um referente novo no texto.

Portanto, o demonstrativo de uma expressão indicial, conforme se vê em boa parte dos exemplos mostrados neste trabalho, indica ao leitor que o cotexto é o local onde a âncora deve ser localizada (traço anafórico); ao mesmo tempo, junto com o nome encapsulador ou autonomamente, ele remete à proposição precedente ou subseqüente (traço dêitico). Trata-se, pois, de um fenômeno híbrido (anafórico e dêitico) e de referenciação indireta (quando não há retomada, só remissão), conforme já salientamos. Em resumo, acreditamos que todo dêitico discursivo é um anafórico que comporta um elemento dêitico; conseqüentemente, também exerce um procedimento anafórico. Esse ponto de vista fornece precisão à teoria que defendemos de que todo dêitico discursivo é um anafórico dêitico, sem a qual não desenvolveríamos as análises do presente capítulo.

4.3 ASPECTOS FORMAIS RELATIVOS À CONSTITUIÇÃO DAS EXPRESSÕES INDICIAIS

Esta seção é dedicada à apresentação e discussão dos resultados da análise das expressões indiciais levando em consideração a **forma** como tais expressões costumam se atualizar nos dois gêneros conversacionais em questão. A princípio, vale salientar que *não* é meramente essa forma que classificará ou não uma expressão referencial em expressão indicial. Várias expressões referenciais constituídas por demonstrativos — elementos bastante freqüentes na composição das expressões indiciais —, por operarem de modo

exclusivamente dêitico, ou seja, sem efetuar uma remissão ao cotexto, não devem ser classificadas como indicial. Isso porque, como já frisamos, toda expressão indicial é um fenômeno híbrido, ou seja, possui tanto estatuto dêitico quanto anafórico.

Por exemplo, o demonstrativo iluminado em (77), de modo semelhante ao demonstrativo destacado em (56) — último exemplo do capítulo anterior —, não estabelece uma remissão cotextual, mas uma **remissão extralingüística**, isto é, uma remissão à situação física de interação. Não se trata, portanto, de um expressão indicial, mas de um **apontador extralingüístico**.

EXEMPLO (77)

Gustavo: alguém bateu na porta foi?
João: não (2s) eu acho que não (3s) ele era o popular na dele e ela era a popular na dela né? (2s) que eram duas repúblicas diferentes ((abre e fecha constantemente uma caixa)) e o irmão dela/
Gustavo:
faz isso não que fica fazendo barulho

Fonte: C9

As **remissões extralingüísticas**, ao contrário do que talvez se possa supor, *não* são exclusividades da conversação face a face e de outros gêneros orais. Como já exemplificamos no capítulo 2 — seção 2. 3, exemplo (3) —, os interlocutores dos chats, por dialogarem no interior do ciberespaço, configuram uma espécie de “**situação física de interação virtual**”, a qual viabiliza a ocorrência de apontadores extralingüísticos de modo semelhante à conversação face a face. Por exemplo, em (78), o tópico conversacional é redirecionado em 18:01:13 à medida que Gustavo traz uma foto para o interior da situação e a sinaliza com a expressão exofórica ‘isso aí’:

EXEMPLO (78)

18:00:34	Gustavo	q bom q gosto de ver tv e ler
18:00:40	Gustavo	isso posso fazer mais velho
18:00:43	Gustavo	rsrsrs
18:00:51	joão	é
18:00:54	Gustavo	e se eu ficar cego?
18:01:02	Gustavo	tenhoq parender outras coisas entao
18:01:05	joão	pode escutar
18:01:08		Gustavo envia C:\Documents and Settings\usuario\Configurações locais\Temporary Internet Files\Content.IE5\Y3\NOH0V\20728600_1126207342[1].jpg
18:01:13	Gustavo	ve isso aí
18:01:18	Gustavo	kkkkkkkkkkkkkk
18:01:48	joão	o que e isso
18:01:54		A transferência de "20728600_1126207342[1].jpg" está concluída.
18:01:56	Gustavo	chegu?
18:02:01	Gustavo	rsrsrs
18:02:04	joão	vi
18:02:25	joão	o que tem
18:02:38	Gustavo	viu quem é?
18:02:42	joão	??
18:02:48	joão	e o jam

Fonte: C8

Esse procedimento de virtualização permite aos interlocutores dos chats utilizarem apontadores extralingüísticos em busca da atenção conjunta não só a documentos compartilhados nesse espaço virtual (último exemplo), como também a aspectos inerentes ao próprio discurso eletrônico nesse ambiente, como, por exemplo: a cor, o tamanho ou o tipo da fonte de um participante — exemplo (79); a sua “imagem de exibição”³⁴ — exemplo (80); as suas atitudes evidenciadas pelos emoticons, que funcionam como pistas de contextualização — exemplo (81) etc.

EXEMPLO (79)

17:12:51	joão	oi
17:13:08	Gustavo	pra variar
17:13:10	Gustavo	muda a fonte
17:13:23	joão	certo
17:14:18	Gustavo	e aí
17:14:22	Gustavo	udo em cima?
17:14:22	joão	b o r a
17:14:30	Gustavo	vixe que fonte essa?

Fonte: C8

EXEMPLO (80)

18:13:19	Gustavo	oi, oi
18:13:29	joão	que foto e essa
18:13:32	joão	??
18:13:56	Gustavo	eu e minha mae

Fonte: C10

EXEMPLO (81)

17:34:57	Gustavo	tás calado hoje
17:35:09	joão	impressão sua
17:35:11	Gustavo	fala mais
17:35:23	joão	fala tu
17:35:39	Gustavo	
17:36:00	Gustavo	lá lá lá
17:36:02	joão	
17:36:06	Gustavo	é sério 
17:36:07	Gustavo	fala
17:36:21	joão	
17:36:47	Gustavo	ai ai ai
17:37:09	joão	
17:37:27	Gustavo	POR FAVOR, PARE COM ISSO

Fonte: C8

A incidência desse tipo de funcionamento nos chats é tamanha a ponto de proporcionalmente ela aumentar se a confrontarmos com a ocorrência dos mesmos elementos nas interações face a face. Comparando a totalidade dos apontadores extralingüísticos com a totalidade das expressões indiciais (apontadores intralingüísticos) em ambos os gêneros conversacionais, obteremos os resultados apresentados na tabela 06.

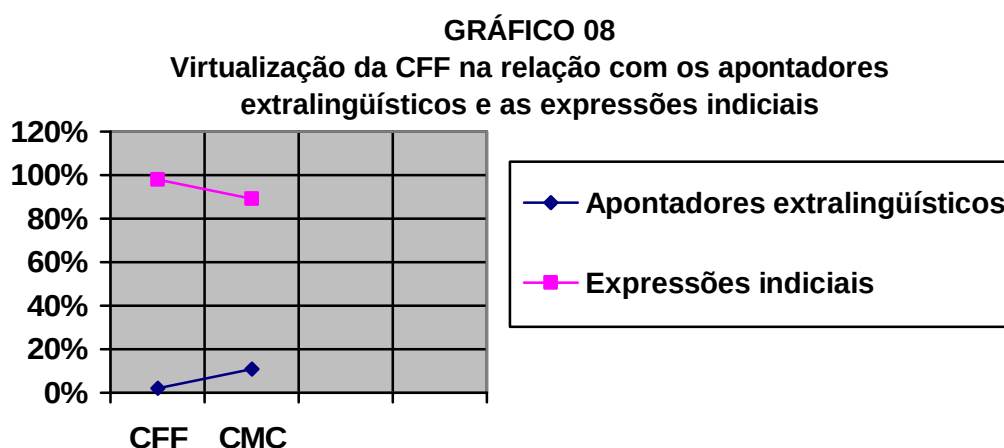
³⁴ Quanto à imagem de exibição, remetemos o leitor ao capítulo 2 (tela 06).

TABELA 06
Expressões indiciais e apontadores extralingüísticos na CFF e na CMC

Expressão referencial	Quantidade		%	
	CFF	CMC	CFF	CMC
a) Expressões indiciais (apontadores intralingüísticos)	513	147	98%	89%
b) Apontadores extralingüísticos	13	19	2%	11%
Total	526	166	100%	100%

As percentagens apresentadas acima mostram que os apontadores extralingüísticos, além de não serem exclusivos das interações na modalidade oral, são ainda mais recorrentes quando no ciberespaço. Isso significa que a virtualização da conversação não elimina esse tipo de funcionamento referencial; longe disso, parece incentivá-lo, devido à configuração de um novo espaço de interação — a sala de chat —, a partir do qual os interlocutores partilham elementos em comum, os quais muitas vezes se transformam em tópico da conversação. Além do mais, já vimos que a conversação nos chats tende a ser menos centrada, pois é raro os participantes do ciberespaço estarem envolvidos somente com esse tipo de atividade quando lá se encontram.

Assim, a representação gráfica do processo de virtualização da conversação face a face em relação aos apontadores extra e intralingüísticos vai de encontro à relação aparentemente indissociável entre apontar extralingüístico e oralidade. É o que retrata o gráfico 08.



Feitas as devidas considerações quanto aos apontadores extralingüísticos, elementos cuja constituição muito se assemelha à das expressões indiciais, vejamos as possibilidades formais de atualização destas expressões com base nas **660** ocorrências que

registramos no *corpus* desta pesquisa. A tabela 07 mostra os resultados da análise, a partir dos quais podemos extrair algumas conclusões.

TABELA 07
Constituição formal das expressões indiciais na CFF e na CMC

Constituição da expressão indicial	Exemplos	Quantidade		%	
		CFF	CMC	CFF	CMC
a) Demonstrativo de 1ª ou 2ª pessoa	<i>isto, isso</i>	122	76	23%	51%
b) Demonstrativo de 1ª ou 2ª pessoa + modificador	<i>isso aí</i>	1	0	0%	0%
c) Demonstrativo de 3ª pessoa	<i>aquilo</i>	31	0	6%	0%
d) Demonstrativo de 3ª pessoa + modificador	<i>aquilo que eu disse, aquilo ali, aquilo do momento dele</i>	6	0	1%	0%
e) Expressão nominal com demonstrativo de 1ª ou 2ª pessoa (demonstrativo + substantivo)	<i>esse termo, essa menina</i>	62	18	12%	12%
f) Expressão nominal com demonstrativo de 1ª ou 2ª pessoa (demonstrativo + substantivo + modificador)	<i>essa história batida, essa hora onde as máfias vão ser reveladas</i>	37	6	7%	4%
g) Expressão nominal com demonstrativo de 1ª ou 2ª pessoa (demonstrativo + núcleo elíptico)	<i>essas (pessoas), essa (novela)</i>	22	14	4%	10%
h) Expressão nominal com demonstrativo de 1ª ou 2ª pessoa (demonstrativo + núcleo elíptico + modificador)	<i>esses (filmes) que vimos, esse (filme) esfera</i>	1	2	0%	1%
i) Expressão nominal com demonstrativo de 3ª pessoa (demonstrativo + substantivo)	<i>aquela casa, aquele homem</i>	59	6	12%	4%
j) Expressão nominal com demonstrativo de 3ª pessoa (demonstrativo + substantivo + modificador)	<i>aquelas partes no tribunal que não decidiu nada, aquele desenho de ele matando os pais</i>	21	1	4%	1%
k) Expressão nominal com demonstrativo de 3ª pessoa (demonstrativo + núcleo elíptico)	<i>aquele (bloqueio)</i>	6	0	1%	0%
l) Expressão nominal com demonstrativo de 3ª pessoa (demonstrativo + núcleo elíptico + modificador)	<i>aquele (autor) das novelas da sete com apelo sexual, aquele (ator) da revista pornô</i>	4	1	1%	1%
m) Advérbio de modo	<i>assim</i>	91	9	18%	6%
n) Advérbio de lugar	<i>aí, lá, aqui</i>	29	9	6%	6%
o) Advérbio de lugar + modificador	<i>lá embaixo no hall, ali quando ele conheceu a menina, minha pergunta lá em cima</i>	13	3	3%	2%
p) Expressão nominal com elemento que indica ordenação	<i>no outro filme, a última conversa que a gente teve</i>	3	1	1%	1%
q) Expressão nominal, de núcleo elíptico, com elemento que indica ordenação	<i>o (filme) anterior, o (enunciado) seguinte</i>	5	1	1%	1%
Total		513	147	100 %	100 %

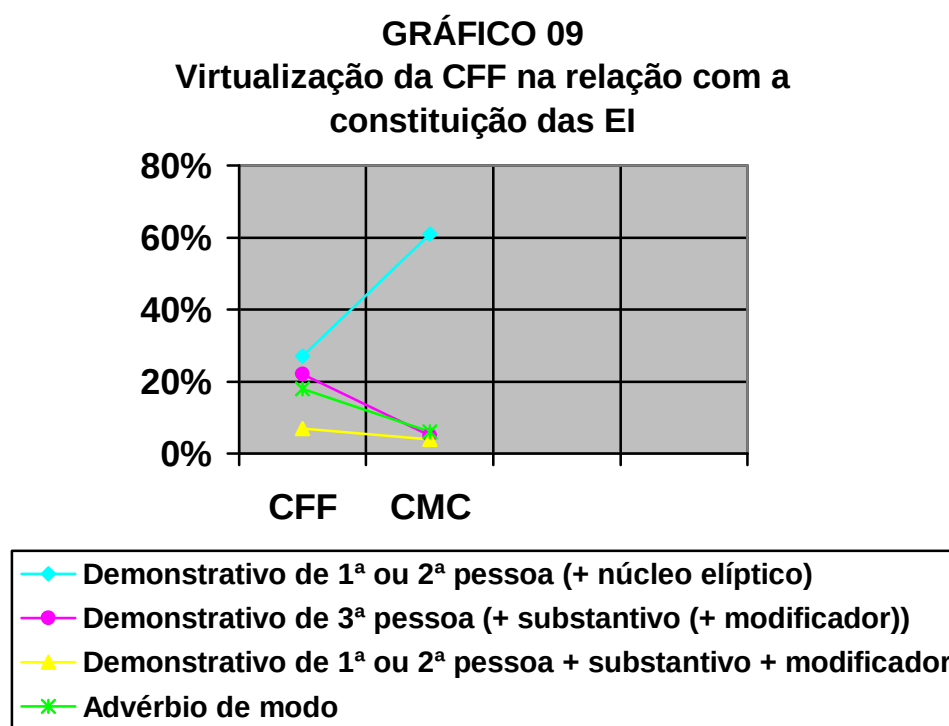
Dentre as dezessete possibilidades de constituição das expressões indiciais apresentadas na tabela acima, sete apresentam uma maior incidência em uma ou outra modalidade de conversação (ver linhas coloridas na tabela). As expressões indiciais atualizadas por apenas um demonstrativo de 1ª ou 2ª pessoa — (a) — ou por uma expressão nominal com demonstrativo de 1ª ou 2ª pessoa e de base lexical elíptica — (g) — são indiscutivelmente mais freqüentes nas conversações mediadas por computador. É provável que tais formas, por serem mais concisas, melhor se adaptem à agilidade das interações síncronas no ciberespaço, ao contrário das expressões indiciais constituídas por um demonstrativo de 1ª ou 2ª pessoa, uma base lexical explícita e um modificador — (f). Daí os participantes dos chats geralmente optarem por (a) nos casos de encapsulamento retrospectivo e por (g) nos casos de retomada total e pontual, o que reforça os nossos achados apresentados na seção 4. 1 deste capítulo.

Já as expressões indiciais constituídas exclusivamente por um advérbio de modo — (m) — encontram cenário mais favorável nas interações face a face, diminuindo a sua ocorrência após o processo de virtualização. De caráter mais prospectivo do que retrospectivo, a expressão indicial ‘assim’ representa a totalidade dos exemplos em ambas as conversações. Ela costuma ser usada pelos interlocutores da conversação oral para anunciar e encapsular porções de discurso a serem ditas. Como a contribuição informacional que tal expressão dá para o discurso é praticamente nula — já que, de modo semelhante a um marcador conversacional, sua principal função é organizacional —, seu uso não é comum nos chats, tendo em vista a economia verbal característica ao gênero. Observação semelhante já fora sugerida também na primeira seção deste capítulo.

Por fim, as expressões indiciais constituídas por apenas um demonstrativo de 3ª pessoa — (c) ou por uma expressão nominal com demonstrativo de 3ª pessoa, base lexical explícita e/ou modificador — (i) e (j) — também são menos freqüentes nos chats do que nas conversações face a face. Essa diminuição pode ser relacionada ao fato de a interação pelos chats se dar num espaço diferente do habitual. Esse espaço, embora se atualize virtualmente, não sugere exatamente a mesma partilha de espaço sugerida numa interação face a face. Portanto, visto que diminui, ainda que minimamente, a sensação de partilha do mesmo espaço, conseqüentemente as remissões a outros espaços e momentos de interação — remissões estas propiciadas pelos demonstrativos de 3ª pessoa — se tornam menos freqüentes. Parece ser mais complexa no ciberespaço, por exemplo, a remissão a “aquele”

objeto-de-discurso, em oposição a “esse” objeto-de-discurso, já que os interlocutores dos chats se situam, a rigor, em dois espaços distintos — o físico e o virtual.

Como síntese, o gráfico 09 ilustra o processo de virtualização da conversação face a face na relação com essas sete formas de atualização das expressões indiciais que apresentaram uma diferença significativa no número de ocorrências nos dois modos de conversação analisados.



4.4 INSTÂNCIAS DO UNIVERSO DISCURSIVO NA VIRTUALIZAÇÃO DA CONVERSAÇÃO FACE A FACE

Nesta última seção, proporemos uma outra tipologia para as expressões indiciais, com base em critérios distintos dos apresentados na seção 4.1 (critérios de remissão e retomada anafóricas). A partir dessa nova classificação, mapearemos os usos que são feitos de cada tipo de expressão indicial nas conversações face a face e mediada por computador. Para tanto, analisaremos a tipologia que Cavalcante (2000) utilizou para categorizar as expressões indiciais, pois a consideramos pertinente aos propósitos comparativos de nossa pesquisa.

Cavalcante (2000) afirma que, além da característica de recuperar entidades cotextuais — o que condiz com seu caráter anafórico —, as expressões indiciais podem também apontar para outras **instâncias do universo discursivo**. Teríamos, então, expressões indiciais apontando para:

- 1) o espaço físico real da comunicação;
- 2) o espaço físico do texto;
- 3) o conhecimento partilhado pelos interlocutores;
- 4) ou o próprio cotexto (instância mais elementar).

A partir dessas diferentes categorias e tomando exclusivamente o traço ‘abrangência referencial’ para separar anafóricos indiciais de um lado e dêiticos discursivos de outro — o que já mostramos, em 3. 5, ser insuficiente —, Cavalcante (2000) descreve quatro tipos de cada expressão indicial em estudo (anafóricos indiciais e dêiticos discursivos), os quais nortearam a classificação que apresentaremos a seguir. Como não assumimos a existência de dois conjuntos de expressões indiciais para cada categoria — já que acreditamos na idéia de um “*continuum* das expressões indiciais”, que vai do mais anafórico ao mais dêitico (ver capítulo 3) —, englobamos o que a autora considera como dêitico discursivo e anafórico indicial em um só grupo, o **conjunto das expressões indiciais**. Esse conjunto pode, assim, ser dividido em quatro tipos, apresentados na tabela 08, de acordo com a instância do universo discursivo ao qual a expressão faz remissão. A referida tabela traz os resultados da análise quantitativa de cada tipo de expressão, na relação com as duas modalidades de conversação.

TABELA 08
EI na CFF e na CMC de acordo com a
instância de universo discursivo remetido

EI de acordo com a instância de universo discursivo remetido	Quantidade		%	
	CFF	CMC	CFF	CMC
a) EI situacionais	182	27	35%	18%
b) EI físico-textuais	55	6	11%	4%
c) EI memoriais	38	3	7%	2%
d) EI cotextuais	238	111	47%	76%
Total	513	147	100%	100%

O primeiro tipo de expressão indicial consiste nas **expressões indiciais motivadas pelo espaço físico real (EI situacionais)**, as quais remetem ao posicionamento real do falante no momento da interação. As EI situacionais não apontam exatamente para o espaço extralingüístico (se assim fossem, não seriam expressões indiciais, e sim apontadores extralingüísticos, como as apresentadas na seção anterior), mas pressupõem a localização espacial e/ou temporal do falante, ao mesmo tempo em que remetem a uma entidade cotextual, de ampla ou estrita abrangência referencial — exemplos (82) e (83), respectivamente. Possuem o mais alto grau de deiticidade, ou seja, estão situados na extremidade direita do *continuum* das expressões indiciais (gráfico 02). São mais recorrentes nas conversações face a face (35%) do que nos chats (18%), e um de seus mais comuns modos de funcionamento reside na referência ao próprio evento conversacional, como no exemplo a seguir:

EXEMPLO (82)

Gustavo: esse negócio de esquecer... de voltar... e começar do zero ou seja você pensar que pode refazer a história isso me comove muito

João: tu queria era voltar pra (inc.)?

Gustavo: não... não queria voltar não menino... até porque eu sei que isso não é possível... eu acho né? mas sei lá isso mexe comigo de alguma forma... não sei porque deve ser alguma coisa de outra encarnação ((risos)) alguma coisa assim

João: nada a ver ((risos))

Gustavo: desde criança isso... entendesse? isso me mexe... isso me hipnotiza... é o tipo de filme que/ eu vou ver... me chame que eu vou ver e fico assim olhando... não vai me cansar (2s) coisas com reencarnação... com coisas assim

João: meio espírita né?

Gustavo: esse negócio de voltar no tempo... em vidas passadas... entendeu? universos paralelos... essas coisas

João: o negócio é voltar... é fazer diferente

Gustavo: você quer conduzir **essa conversa** prum caminho insuportável que não é esse que eu quero ((rindo)) fechei com sua cara ((risos))

Fonte: C9

Também presentes nas interações face a face estão as EI situacionais que retomam correferencial e co-significativamente elementos pontuais do discurso. Em (83), por exemplo, a expressão indicial recupera de modo direto um outro espaço referencial e opõe-no, por meio de um elemento dêitico (“lá”), ao espaço em que se instaura a conversação (“aqui”). Trata-se de um procedimento ao mesmo tempo dêitico e anafórico — além de indicial, à medida que referencia apontando para e “iluminando” objetos-de-discurso disponíveis no campo discursivo (neste caso, o campo cotextual):

EXEMPLO (83)

João: eu vinha no ônibus eu não sei de onde é que eu vinha se era da federal aí tinha uma mulher lá falando que ela tava fazendo faculdade pra direito... e tinha fulaninho que fazia estágio não sei aonde que só queria ser a bala era numa universidade pa/ era numa faculdade particular que ela fazia (2s) e ela disse que queria advoga:r (4s)

Fonte: C7

Ainda nas conversações face a face, as EI situacionais também costumam remeter a porções textuais difusas; todavia, fazem-no extrapolando o cotexto e evocando, além dele, outra “instância do universo discursivo”. Isso porque, ao encapsularem informações anteriormente apresentadas e elevá-las ao estatuto de objeto-de-discurso, trazem para o processo de referenciação a situação comunicativa em questão, referenciando por meio de demonstrativos de 3ª pessoa tudo aquilo que diz respeito a momentos anteriores a tal situação:

EXEMPLO (84)

João: é (2s) eu gostei muito do filme da narrativa do filme... e é engraçado/ a agora assim uma coisa que eu não gostei do filme é que eles se demoram muito ele dentro da mente dele/ eles/ ele dentro da mente dele correndo com ela pra ela/ não esquecê-la

Gustavo: é um saco aquilo

João: assim eles se demoraram demais naquela parte

Fonte: C11

Funcionamento semelhante a esse último também ocorre nos chats. Embora na maioria das vezes as EI situacionais nesse ambiente retomem elementos pontuais, também referem, por meio de demonstrativos de 3ª pessoa, instâncias discursivas outras, em oposição à situação em que o diálogo é travado. É o caso do exemplo (85):

EXEMPLO (85)

19:07:50	Gustavo	a proposito, a casa de claudia abreu era tao chique nera
19:07:53	Gustavo	?
19:07:57	joão	tu morra em que favela
19:08:01	Gustavo	nao
19:08:03	Gustavo	claro
19:08:12	joão	kkk
19:08:24	joão	o que tu achou chique
19:08:25	Gustavo	ustavo diz: a proposito, a casa de claudia abreu era tao chique nera Gustavo diz:
19:08:27	joão	eu nao
19:08:32	Gustavo	ela era baicxa
19:08:36	Gustavo	cabeleleira
19:08:43	Gustavo	a casa era grande, bem ajeitadinha
19:08:50	Gustavo	o cenario devia ser mais acbado
19:08:53	Gustavo	ti nao acha
19:08:55	Gustavo	tu
19:09:07	joão	mais aquela casa ele ja estava com dinheiro

Fonte: C10

Entretanto, esse procedimento referencial ocorre com menor intensidade nos chats se considerarmos a sua incidência na conversação face a face, pois, como vimos na análise dos aspectos formais das expressões indiciais (seção anterior), é menos comum o uso de demonstrativos de 3ª pessoa na constituição dessas expressões no ciberespaço, devido ao duplo espaço em que se inserem os interlocutores dos chats no momento da interação — o espaço real e o espaço virtual. E a presença desses demonstrativos costuma caracterizar esse tipo de funcionamento das EI situacionais, demonstrado em (84) e (85).

Outro procedimento presente nos chats consiste no fato de as EI situacionais remeterem com função fática ao espaço virtual onde ocorre a conversação. Nesses casos, os interlocutores costumam se valer do circunstancial ‘aqui’ apenas para a manutenção do canal da interação, pois, nesse ambiente, é o material verbal o principal responsável por garantir a certeza do estabelecimento da atenção conjunta entre os participantes, diferentemente da conversação face a face. Em (86), por exemplo, devido à ausência de contribuições de *João* — embora por curto período de tempo (menos de 1 minuto) —, Gustavo cobra a presença virtual de seu interlocutor (“*cadê tu?*”), o qual lhe responde de modo indicial no último turno do fragmento:

EXEMPLO (86)

17:29:42	joão	e ela ganhou em cannes
17:29:59	Gustavo	sim, SÓ em Cannes
17:30:20	joão	isso so em cannes
17:30:45	Gustavo	cade tu?
17:30:59	joão	esotu aqui

Fonte: C8

O segundo tipo de expressão indicial reside no conjunto das **expressões indiciais motivadas pelo espaço físico ou pelo eixo temporal do texto (EI físico-textuais)**. A função principal dessas expressões é organizacional: elas situam e guiam o foco de atenção do leitor no espaço físico do texto (conversações mediada por computador) ou no seu eixo temporal (conversações face a face), assinalando pontos específicos na arrumação do discurso. Isso significa que o caráter informativo/argumentativo de boa parte das expressões indiciais — como, por exemplo, a carga semântica dos rótulos encapsuladores — não consta nas EI físico-textuais, as quais são os exemplos mais claros da referenciação indicial enquanto uma “estratégia de monitoração cognitiva” (Ehlich, 1982; Marcuschi, 1997).

As EI físico-textuais possuem um grau de deiticidade quase tão alto quanto as EI situacionais e, em geral, recorrem em textos explanativos, com propósitos científicos, e de

maior labor na construção, como os gêneros da esfera acadêmica (cf. Cavalcante, 2000). Entretanto, ainda que rara, é fato sua presença na conversação face a face, como podemos constatar a partir do exemplo abaixo:

EXEMPLO (87)

Gustavo: você disse o seguinte que é::: o filme era a história duma duma mulher ou de um homem que apagava... não queria mais saber da mulher ou do homem... você não sabia quem fazia o efeito primeiro

João: era

Gustavo: o procedimento primeiro... e disse que como a mulher se esqueceu dele ou o homem se esqueceu dela o outro ia também e fazia a mesma coisa... se esquecia... e pronto

Fonte: C11

De acordo com o nosso *corpus*, EI físico-textuais constituídas por elementos indicadores de ordenação, como ‘o seguinte’ ou ‘a seguir’, são raras na conversação face a face. E mais: formas como ‘abaixo’, ‘acima’, as quais exigem a visualização e a verticalização do texto para o seu uso, são inexistentes na oralidade. Na verdade, nas interações face a face, a grande maioria das EI físico-textuais é constituída pela antecipação do advérbio ‘assim’ a porções discursivas correspondentes a discursos reportados de modo direto — exemplo (88) — ou a trechos predominantemente narrativos — exemplo (89). Por meio de tal antecipação, o interlocutor sinaliza no discurso uma “mudança de nível” (Koch, 2003b) que está por vir, como num encapsulamento prospectivo (ver seção 4. 1):

EXEMPLO (88)

Gustavo: quem disse que ia ficar de olho em quem?

João: a negra a empregada

Gustavo: disse que ia ficar de olho no menino?

João: foi

Gustavo: pra quê?

João: quando ele chegou disse que se ele fizesse aquela família sofrer ou se ele fizesse ela sofrer (3s)

Gustavo: lembro não

João: que ele que ele/ { esquecível

João: que ele fez que ela fez assim você me conhece aí: que ele disse um pouco alguma coisa assim (2s) lembra não é?

Gustavo: não eu lembro desse negócio de você me conhece com a mulher do papai noel

Fonte: C5

EXEMPLO (89)

João: qual é o filme?	
Gustavo: é o que é assim são dois/ é um cineasta e o cineasta tem um namorado aí chega um rapaz que conhece/ era amiguinho do cineasta quando ele era criança quando o cineasta era criança (2s) aí depois descobre que ele não era o amigo do cineasta quem é o amigo do cineasta é o irmão dele que morreu e era um travesti	
João: é má educación mesmo doido ((risos)) é la má educación mesmo	não

Fonte: C11

No que diz respeito ao chat, embora seja um gênero realizado por escrito, o que, a princípio, requereria maiores marcas de monitoração cognitiva, a presença das EI físico-textuais revela-se em menor intensidade (4%) se comparada à presença dessas mesmas expressões na conversação face a face (11%). Nos nossos dados, há poucas expressões indiciais prototípicas da escrita ('acima', 'abaixo' etc.) — exemplo (90) — e raríssimos encapsuladores prospectivos constituídos pelo indicial 'assim' — exemplo (91) —, os quais, em contrapartida, são recorrentes na modalidade face a face da conversação. A razão para essa última constatação advém da parcimônia verbal característica dos participantes do gênero, conforme já comentamos neste e em outros capítulos.

EXEMPLO (90)

18:33:59	Gustavo	natalia, claro...tava vendo algumas criticas, vê:
18:34:14	joão	Sim
18:34:26	Gustavo	Bom filme ,estréia interessante de José Henrique Fonseca .Começa melhor do que termina e a interpretação de Natália Lage deixa a do sempre maneirista Murilo Benício. Cláudia Abreu ,esposa do diretor ,geralmente é uma boa atriz,mas neste filme ,sua atuação é insípida."
18:34:30	Gustavo	qua qua qua
18:34:54	Gustavo	nao entendi isso: e a interpretação de Natália Lage deixa a do sempre maneirista Murilo Benício.
18:35:26	joão	deve ta faltando um pedaço
18:35:37	Gustavo	Mas ele quis dizer que foi boa???"Boas interpretações, em especial a de Natália Lage, fazem de O Homem do Ano um dos melhores filmes do ano."
18:35:41	Gustavo	ve a de cima

Fonte: C10

EXEMPLO (91)

18:23:16	Gustavo	como vc explicaria o título?
18:23:37	joão	agora nao sei
18:23:40	joão	e tu
18:24:00	Gustavo	agora como assim?
18:24:05	Gustavo	saberá qdo?
18:24:12	joão	nao sei
18:24:23	Gustavo	oxe
18:24:28	Gustavo	tá cum fome é?
18:24:33	Gustavo	rsrsr
18:24:34	joão	nao
18:24:38	joão	vc entendeu
18:24:42	Gustavo	pior q nao
18:24:47	Gustavo	mas deixa p lá
18:24:51	Gustavo	explico assim:
18:25:00	joão	fala
18:25:32	Gustavo	os barbaros estao invadindo o imperio americano
18:25:34	Gustavo	Rrs

Fonte: C8

O terceiro tipo de expressão consiste nas **expressões indiciais motivadas pelo conhecimento partilhado pelos interlocutores (EI memoriais)**, as quais põem em foco um referente ou um aspecto do referente introduzido no discurso que pertença ao saber comum dos interlocutores. Em outras palavras, essas expressões refocalizam referentes — normalmente acrescentando-lhes atributos — que supostamente são do conhecimento dos participantes da conversação. A forma de remissão dessas expressões indiciais é similar a dos dêiticos memoriais (ver capítulo 3, seção 3. 2). A diferença é que as EI memoriais, além de remeterem para o conhecimento enciclopédico-cultural ou para o conhecimento que o sujeito partilha com os outros sujeitos do texto, também resumem porções cotextuais difusas, como no caso do rótulo prospectivo apresentado no fragmento de chat abaixo:

EXEMPLO (92)

18:06:20	Gustavo	a velhice é perigosa
18:06:20	joão	sim
18:06:33	Gustavo	vejo alguns velhos q sabem envelhecer
18:06:35	Gustavo	já outros
18:06:38	Gustavo	...
18:06:46	joão	pois é
18:06:56	Gustavo	acho q o trabalho ajuda tb, né?
18:07:06	joão	é muito
18:07:29	joão	as pessoas que vivem como se nunca fossem envelhecer
18:07:37	joão	sofrem mais
18:07:38	Gustavo	as pessoas q nao trabalham, nao tiveram uma vida profissional sofrem muito
18:07:56	Gustavo	é aquela coisa
18:08:15	Gustavo	vc deve buscar prazer na juventde em coisas q tb lhe darao prazer na velhice
18:08:24	Gustavo	e que vc pode fazer na velhice

Fonte: C8

A natureza interpessoal das EI memoriais faz com que elas sejam mais recorrentes em textos situados na extremidade esquerda do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção de linguagem (ver gráfico 01), onde se situam as conversações. Nesses contextos, o sujeito atinge um número menor de interlocutores, normalmente interlocutores de maior grau de familiaridade, e pode ser compreendido mais facilmente quando na utilização dessas formas de remissão. Entretanto, a análise de nosso *corpus* revelou que esse tipo de expressão indicial é um pouco menos presente na conversação mediada por computador (2%), se comparada à sua incidência na conversação face a face (7%). Motivo: o mesmo que explica a diminuição da ocorrência de EI situacionais constituídas por demonstrativos de 3ª pessoa, ou seja, a natureza da remissão, que é feita a um outro espaço de interação, o que reduz a incidência das EI memoriais nos chats, visto que os interlocutores não partilham do mesmo espaço físico de interação, ainda que partilhem do ciberespaço. A propósito, nas conversações face a face, as EI memoriais costumam se constituir por expressões demonstrativas não só de 3ª pessoa — constituição prototípica

das EI memoriais, talvez por sinalizarem que os objetos-de-discurso evocados, embora presentes na memória dos interlocutores, lhes estão distantes física e discursivamente —, como também de 1ª ou 2ª pessoas, conforme atestam respectivamente os exemplos (93) e (94):

EXEMPLO (93)

Gustavo: gente que não conhece cinema assim... que vê pouco filme... ou pessoas muito novas adoram esse filme mesmo né? porque/ né? tem tudo para as pessoas gostarem

João: é porque é aquela história do cinema também da bagagem... quando você assiste muito filme não sei o quê aí você começa a ver um filme aí faz eu já vi isso em outro filme... tá entendendo? mas se você não viu muito filme aí pra você é uma coisa nova... se não tivesse visto de volta para o futuro não sei o quê todas aquelas coisas que você pode voltar e mudar

Fonte: C9

EXEMPLO (94)

Gustavo: e o e em reencarnação é é filmado aonde aquilo? (2s) não diz não né?

João: não diz não

Gustavo: porque parece que (2s) assim ao mesmo tempo que parece um filme de época parece um filme atual

João: porque é um filme atual

Gustavo: mas não parece também um filme de época?

João: por que parece um filme de época? parece não um filme de época não

Gustavo: claro que não parece porque ela não tava com vestido de época não tem nada disso (2s) mas o clima assim a vidinha deles o cotidiano aquela coisa calma aquele casamento ali (3s) não tem não é: uma cidade grande não é um uma metrópole ambientada entendeu?

João: é porque é engraçado esses filmes que não não mostram a cidade não dizem o lugar como matriz... matriz no primeiro eles dizem que é los angeles... não sei o quê... entendesse?

Gustavo: hum

Fonte: C5

Por fim, o quarto tipo de expressão indicial são as **expressões indiciais motivadas pelo próprio cotexto (EI cotextuais)**, que normalmente funcionam como uma expressão indicial encapsuladora, englobando seqüências textuais inteiras ou difusas, de maneira a referir-se a porções de enunciados ou a enunciados completos. Em (95), por exemplo, a expressão ‘nisso’ (17:55:56) enunciada por Gustavo recupera algumas de suas contribuições anteriores, exigindo o estabelecimento de inferências por parte de João para que este as perceba como um determinado objeto-de-discurso individualizado, a saber: o fato de os espectadores do filme em debate, não tendo assistido ao filme que lhe deu origem, ficarem impossibilitados de estabelecer relações entre o comportamento sexual das

personagens femininas ontem e hoje, como por exemplo as mudanças no comportamento da escritora e no comportamento da “mulher que apanha”.

EXEMPLO (95)

17:53:47	Gustavo	o filme mexe com gente
17:53:53	joão	é
17:53:59	joão	mexe
17:54:00	Gustavo	agor talvez nao seja tao bom para quem nao viu o primeiro
17:54:14	joão	eu acho que deve ser
17:54:26	joão	mesmo que nao viu o primeiro
17:54:35	Gustavo	sei nao
17:54:38	joão	porque a historia e bem esplicada
17:54:49	joão	quando os amigos aparecem
17:54:59	joão	foi porque o filho chamou
17:55:04	joão	os amigos do passado
17:55:08	joão	passado
17:55:14	Gustavo	mas aquestao de ele ter comido as mulheres
17:55:16	joão	então fica claro
17:55:20	Gustavo	fica estranho
17:55:25	joão	não
17:55:34	joão	ele falou que era um pegador
17:55:38	Gustavo	e o comportamento sexual das mulheres em comparação a hoje
17:55:43	Gustavo	a escritora
17:55:46	Gustavo	a que apanha
17:55:52	Gustavo	nao podiamos estabelecer relações
17:55:56	Gustavo	o filme perde nisso

Fonte: C8

Mas não só a ampla abrangência referencial caracteriza as EI cotextuais; situadas na extremidade esquerda do *continuum* das expressões indiciais — ou seja, de natureza mais anafórica que dêitica —, essas expressões também podem remeter a elementos pontuais, como no exemplo a seguir:

EXEMPLO (96)

Gustavo:	e e michelle pfeiffer? ela é uma boa atriz?
João:	é
Gustavo:	ela já ganhou oscar?
João:	sei não
Gustavo:	eu nunca vi um filme com essa moça... ela só fez batman e eu não vi

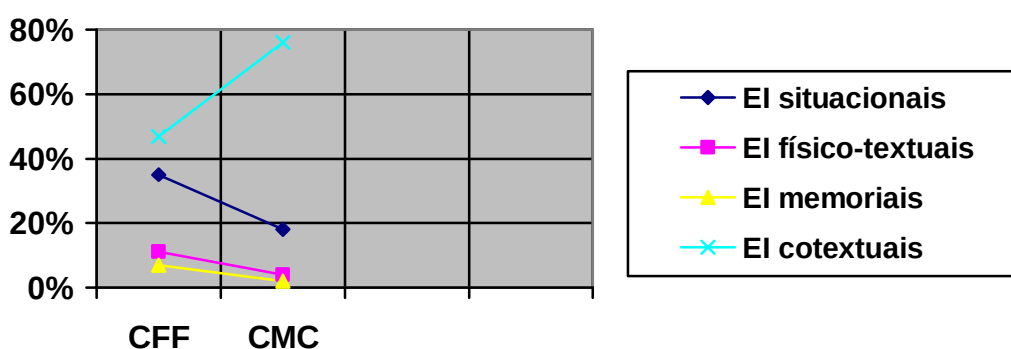
Fonte: C7

Convém lembrar que, a rigor, a remissão cotextual é uma característica comum a todos os tipos de expressão indicial; do contrário, eles não seriam tipos de *expressão indicial*, já que é a remissão ao contexto que caracteriza um procedimento anafórico, procedimento este inerente a qualquer expressão indicial. A diferença é que as expressões indiciais exclusivamente cotextuais não fazem remissão direta a nenhum universo discursivo em especial — como a situação de interação (EI situacionais), a linearidade espaço-temporal do texto (EI físico-textuais) ou a memória dos interlocutores (EI

memoriais) —, mas apenas ao cotexto. Essa espécie de “simplicidade referencial” faz com que tais expressões sejam bastante comuns em situações de interação ordinárias e informais, como as que constam em nosso *corpus*. Em ambos os gêneros conversacionais que analisamos, em especial nos chats (76% contra 47% nas conversações face a face), as EI cotextuais foram as expressões indiciais mais recorrentes.

À guisa de síntese, o gráfico 10 representa, no processo de virtualização da conversação face a face, o comportamento dos quatro tipos de expressão indicial analisados nesta seção. Fica claro que a passagem do espaço físico de interação para o ciberespaço reflete no funcionamento dessas expressões nas duas instâncias conversacionais em questão, o que pode ser visualizado a partir do referido gráfico. Embora os quatro tipos de expressão indicial sejam produtivos em ambos os gêneros conversacionais, **o funcionamento das expressões indiciais nos chats pode ser caracterizado, sobretudo, pela alta predominância de procedimentos indiciais exclusivamente cotextuais**, ou seja, pela extrema recorrência das EI cotextuais.

GRÁFICO 10
Virtualização da CFF na relação com as EI
e as instâncias de universo discursivo remetido



O conjunto das EI cotextuais não é homogêneo. Os exemplos (95) e (96) já mostraram, respectivamente, que elas podem tanto remeter a porções textuais difusas, operando como as EI encapsuladoras, como retomar correferencialmente um objeto-de-discurso anteriormente definido, funcionando como as EI de retomada total. Em ambos os casos e nos dois modos de conversação analisados, a porção ou o elemento cotextual remetido pode ser encontrado: a) no mesmo turno em que é enunciada a expressão indicial; b) em outro turno, mas do mesmo interlocutor; c) em turno de outro interlocutor; d) ou em

vários turnos. Na devida ordem, os exemplos (97), (98), (99) e (100) ilustram essas quatro possibilidades de remissão:

EXEMPLO (97)

Gustavo:	e ela parece com madonna umas horas
João:	por que ela parece com madonna por que tu ta dizendo isso na tua cabeça?
Gustavo:	não porque ela parece com madonna porque parece não tem explicação
João:	ela parece com madonna pequena é?
Gustavo:	é
João:	eu não achei não
Gustavo:	porque naqueles clipes de madonna e que que aparece ela pequena aí parece com essa menina (3s) ELA DAva pra fazer madonna pequena entendeu?
João:	tá tá certo entendi o que você quer dizer ((rindo)) (4s)
Gustavo:	e o filme não tem nada que não dê para entender né? é bem fácil de se entender de/ desde o início não é? é tão bom filme assim
João:	é: só ficasse boiando naquela hora que a mulher foi simhora não foi?

Fonte: C7

EXEMPLO (98)

11:27:24	Gustavo	a peça foi com Luana Piovani e Marcos Palmeira
11:27:35	Gustavo	lembra?
11:27:42	joão	não
11:27:55	joão	era no tempo que eles estavam juntos
11:28:27	Gustavo	sim
11:28:31	joão	quer dizer lembro
11:28:33	Gustavo	foi essa peça q os uniu
11:28:50	joão	sei

Fonte: C12

EXEMPLO (99)

18:08:31	Gustavo	de todos os filmes que vimos até agora
18:08:32	joão	sei
18:08:36	Gustavo	esse foi o que menos gostei
18:08:51	joão	Porque
18:08:56	Gustavo	já falei
18:09:02	Gustavo	a história nao tem nada de mais
18:09:06	Gustavo	é muito fraca
18:09:14	Gustavo	nao lhe envolve
18:09:22	joão	envolve sim
18:09:25	Gustavo	as aventuras de um empresario rico querendo fazer avioes
18:09:28	Gustavo	me popupe
18:09:31	Gustavo	poupe
18:09:32	joão	e porque tu nao gosta de nada
18:09:38	Gustavo	nao ofenda
18:09:46	Gustavo	ce sabe q nao é assim
18:10:01	Gustavo	😞
18:10:06	joão	desse que vimos qual tu falou que gostou
18:10:10	joão	ate agora
18:10:15	Gustavo	menitra
18:10:20	joão	so os esquecidos
18:10:22	Gustavo	gostei do filme dos ets

Fonte: C6

EXEMPLO (100)

João: você só ficou metendo o pau quando o homem começou a correr você começou meter o pau...
 engraçado também que não tem não apareceu uma foto do homem que morreu

Gustavo: aparece só ele morrendo ele coisando assim

João: que nem aparece o rosto dele direito

Gustavo: é engraçado **isso** né? (2s) que sempre nos filmes aparece né?

João: é: na novela né? ((risos))

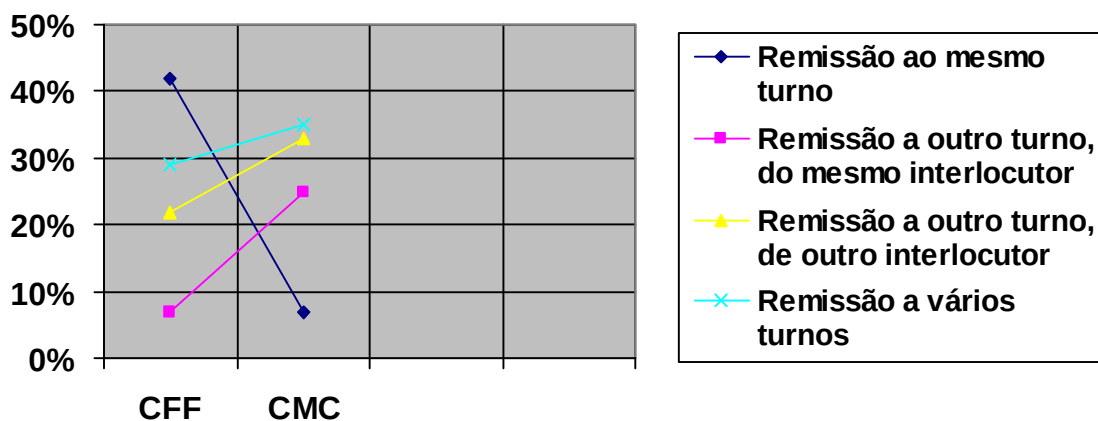
Fonte: C5

A tabela 09 mostra os resultados da análise das EI cotextuais de acordo com o(s) turno(s) a que remetem, enquanto o gráfico 11 retrata o processo de virtualização da conversação face a face de acordo com tais resultados. Enquanto nas conversações face a face 42% das EI cotextuais executam um procedimento de remissão ao mesmo turno em que é enunciada, nos chats tal comportamento está presente em apenas 7% desse tipo de expressão indicial. Em contrapartida, a remissão a outros turnos, do mesmo ou do outro interlocutor, representa 58% dos casos nas interações face a face e 93% das ocorrências nos chats. Um aumento que se justifica, em parte, pela fragmentação dos turnos nas salas de bate-papo e pela conseqüente interdependência sintático-semântica, inclusive entre turnos de um mesmo participante. Também podemos considerar como razão parcial desse quadro o predomínio nos chats de enunciados curtos (muitos, a propósito, resultados da fragmentação referida) devido às condições de interação próprias do meio, conforme vimos no Capítulo 2.

TABELA 09
EI cotextuais na CFF e na CMC, na relação com o(s) turno(s)
em que se encontra a porção textual remetida

EI cotextuais	Quantidade		%	
	CFF	CMC	CFF	CMC
a) EI cotextuais remetendo ao mesmo turno	101	8	42%	7%
b) EI cotextuais remetendo a outro turno, do mesmo interlocutor	17	28	7%	25%
c) EI cotextuais remetendo a outro turno, de outro interlocutor	52	37	22%	33%
d) EI cotextuais remetendo a vários turnos	68	38	29%	35%
Total	238	111	100%	100%

GRÁFICO 11
Virtualização da CFF na relação com as EI cotextuais e os
turnos em que se encontram as porções textuais remetidas



Ao longo não só desta seção como de todo este capítulo, partimos de uma série de categorias de análise a fim de mostrarmos que as diferenças entre as condições de produção das conversações face a face e mediada por computador interferem nas estratégias de referenciação desenvolvidas por meio das expressões indiciais em ambos os gêneros. Dedicaremos, portanto, o último capítulo desta dissertação a sumariarmos e sistematizarmos os principais achados de nossas análises, bem como as contribuições de ordem teórica fornecidas ao longo do trabalho.

5. CONCLUSÕES

Este trabalho versou sobre dois temas por si só bastante amplos e convidativos: o universo digital de produção de textos e a referenciação anafórica e dêitica. Tomamos como objeto de investigação o **chat dual do tipo ICQ** — gênero textual bastante popular no ciberespaço e que permite aos internautas a interação síncrona por escrito — e o comparamos à **conversação dual, espontânea e face a face** — a contraparte desse tipo de chat no “mundo real” —, a fim de constataremos possíveis diferenças na recorrência de certas estratégias lingüísticas e interacionais devido à troca do espaço físico pelo espaço virtual de interação (o ciberespaço). Para tanto, elegemos como foco de nossa análise comparativa o funcionamento das **expressões indiciais**. Recapitulemos, de modo sintético, neste último capítulo, nossos principais resultados e conclusões.

Primeiramente, baseamo-nos nas idéias de Lévy (1996) e denominamos **“virtualização da conversação face a face”** a hipotética passagem do gênero ‘conversação face a face’ do espaço físico ordinário ao ciberespaço. Hipotética porque, por motivos óbvios, não podemos transpor uma mesma conversação para um outro ambiente, mas sim os mesmos sujeitos, imbuídos dos mesmos propósitos. Operamos com a idéia de que a virtualização da conversação face a face consiste na transposição para o ciberespaço, mais especificamente para o ambiente chat síncrono, dos elementos verbais e não-verbais e das estratégias lingüísticas e interacionais que caracterizam a conversação na modalidade oral. Criativamente, os participantes dos chats tentam transferir para esse novo ambiente tais elementos e estratégias, adaptando-os às suas especificidades. Esse recorte conceitual e terminológico, a nosso ver, explica mais satisfatoriamente a relação entre os dois gêneros conversacionais em questão do que a noção de “transmutação da conversação face a face” sugerida por Araújo (2004), com base no conceito de “transmutação” que Bakhtin (1997) utiliza para explicar a relação entre gêneros primário e secundário, relação esta que não se aplica às conversações face a face e mediada por computador.

A leitura de alguns autores que já se propuseram a refletir sobre os chats, junto à análise de nosso *corpus*, indicaram que o ponto de maior convergência entre a conversação face a face e o chat é a **natureza processual, dinâmica e interativa** de ambos, decorrente da simultaneidade inerente à primeira e da quase-simultaneidade constitutiva do segundo. Nesse sentido, a recorrente indistinção entre o produto verbal e seu processo de formulação

é um dos aspectos a destacar: embora em menor intensidade, as auto-correções, as repetições, os truncamentos, entre outros aspectos tão comuns à conversação face a face, também se evidenciam nos chats, devido, em parte, à despreocupação com a revisão e o monitoramento da escrita. Também devemos considerar nos chats a presença — ainda que virtual, por meio de emoticons e risadinhas — do que Gumperz (1998) chama de “convenções de contextualização”, na tentativa de se aproximar das expressões faciais e das posturas dos interlocutores de uma conversação oral. A esse respeito, outros fatores que permanecem após a virtualização da conversação face a face e que contribuem para a contextualização dos enunciados escritos é o alongamento vocálico e o aumento do volume de voz, que são simulados nos chats, respectivamente, pela repetição de vogais e pelo uso de maiúsculas, mantendo-se a multiplicidade de sentidos a eles associados na oralidade. Por fim, destaquemos a troca de turnos como princípio organizacional mínimo de ambas as modalidades conversacionais, salientando que a interdependência sintático-semântica que caracteriza os turnos orais é ainda mais comum nos chats, já que nestes essa interdependência costuma ocorrer não só entre turnos de participantes distintos, como também entre turnos de um mesmo participante, devido às condições de produção no ambiente chat síncrono.

Entretanto, ainda que a troca de turnos também caracterize os chats, vimos que o intervalo entre esses turnos pode ser bem mais longo do que na oralidade, devido à natureza da interação virtual e da tecnologia que a envolve. Por exemplo, os participantes podem demorar no envio de resposta a uma mensagem por estar mantendo uma conversa paralela ou navegando em outros domínios (ou simplesmente essa demora pode ser consequência do baixo potencial de envio e recebimento de dados de sua conexão com a Internet). Diante disso, os internautas tendem a evitar longas contribuições, já que dificilmente estão envolvidos unicamente com aquela ação interativa, como numa conversação face a face dual e centrada. Além disso, precisam manter o canal da interação, e isso só é feito por meio da emissão de turnos, já que não há, por exemplo, marcadores conversacionais, lingüísticos ou paralingüísticos, que orientem os interlocutores a reformular ou prosseguir com seu discurso. Assim, os participantes dos chats geralmente despejam rápidos “jatos” de escrita. Esse misto de fragmentação e parcimônia verbal reflete uma das principais características dos chats, denominada por Crystal (2001) “**pressão pragmática**”. Outra consequência da pressão pragmática reside no uso de abreviações, marcas lingüísticas próprias do gênero, decorrentes da necessidade de se

economizar tempo na digitação das mensagens. Por esse mesmo motivo, é comum a repetição literal, por meio dos recursos ‘copiar’ e ‘colar’, de enunciados já enviados anteriormente ou de discursos de outros sujeitos externos ao diálogo.

Constatadas essas semelhanças e diferenças entre os dois gêneros em foco, verificamos que esse conjunto de especificidades repercute na organização lingüística e discursiva de cada gênero, e conseqüentemente, no funcionamento das expressões indiciais, categoria lingüística cujos traços caracterizadores sempre foram historicamente difíceis de serem precisados, devido à manutenção de uma perspectiva teórica que dividia os **dêiticos discursivos** de um lado e os **anafóricos indiciais** de outro. Com base em Cavalcante (2002b), rompemos com essa alternativa e propusemos uma nova concepção de análise das expressões indiciais, à luz de uma série de discussões teóricas em torno da dêixis e da anáfora. Em linhas gerais, a análise que fizemos do funcionamento dessa categoria lingüística nos revelou que alguns dos processos de referenciação que se valem de expressões indiciais são comuns a ambos os gêneros. Por outro lado,

- a) as novas instâncias de interação propiciadas pela virtualização da conversação face a face favorecem certas estratégias dêiticas e anafóricas — isto é, certas estratégias de referencial indicial — menos correntes na interação presencial;
- b) o fato de os sujeitos de uma conversação face a face partilharem de um mesmo espaço físico e se valerem dos vários recursos paralingüísticos oportunizados pela oralidade conduz a estratégias de referenciação indicial que não são integral nem facilmente transportadas para os chats.

Mas o que caracteriza um funcionamento dêitico e um funcionamento anafórico? Mais que isso, o que os distingue entre si? Qual a relação entre um dêitico discursivo e uma expressão anafórica? Pode uma expressão indicial funcionar ao mesmo tempo dêitica e anaforicamente? Também coube a este trabalho propiciar respostas a tais perguntas, não só por uma questão de contribuição teórica, mas também pela necessidade de clarificar a categoria lingüística tomada para análise. Para tanto, inicialmente discutimos a noção de **dêixis** a partir de uma dúzia de autores — Bühler (1982), Lahud (1979), Jakobson (1957), Fillmore (1971), Apothéloz (2003), Charaudeau & Maingueneau (2004), Cavalcante (2004), Levinson (1983), Lyons (1977), Benveniste (1988), Ehlich (1982) e Marcuschi (1997b) —, na tentativa de encontrarmos pontos de intersecção presentes em suas teorias e estabelecermos o traço fundamental da dêixis, o que de fato caracterizaria uma expressão referencial enquanto uma expressão dêitica. Independentemente de diferentes posições

teóricas, finalidades de análise e nomenclaturas utilizadas, mostramos que **todos esses autores atrelam a referência dêitica a um sistema de coordenadas cujo centro irradiador é o falante/escritor**. Os dêíticos são expressões que referem a um elemento dentro de um espaço organizado de acordo com as coordenadas de quem enuncia, levando sempre em conta para quem se enuncia. Os dêíticos discursivos, em particular, são expressões referenciais que, como qualquer outro dêítico, tomam o falante/escritor como centro irradiador de um sistema de coordenadas; entretanto, essas coordenadas não se estendem pela situação de interação, e sim pelo próprio texto. Assim, os dêíticos discursivos podem fazer referência a partes do texto precedentes ou subseqüentes, ao texto em sua completude ou à sua disposição gráfica. O espaço dêítico instaurado é o próprio artefato textual.

O segundo passo de nossa caminhada rumo à caracterização das expressões indiciais foi cotejar a noção de dêítico discursivo com a concepção ampla de **anáfora**, representada por Marcuschi (2000), Koch (2003b), Kleiber (1991) e Apothéloz (2003). Com base nesses quatro autores, tomamos como anafórica toda expressão referencial que remete a — mas não necessariamente retoma — uma outra expressão ou uma porção de texto explicitada no cotexto anterior ou posterior (catáfora). Em outras palavras, é apenas a **remissão cotextual** (e não a retomada cotextual ou a correferencialidade) que distingue os anafóricos — diretos ou indiretos — das outras expressões referenciais. Sua característica fundamental é a presença de uma âncora que permite o encadeamento, a continuidade da referência global, por meio do estabelecimento de relações correferenciais, co-significativas ou meramente inferenciais. Ora, mas se os dêíticos discursivos exercem uma remissão ao cotexto, logo, irrestritamente, também fazem parte do conjunto de anafóricos. Por outro lado, boa parte dos anafóricos indiciais, por serem constituídos por demonstrativos, executam um procedimento dêítico — embora com menor teor de subjetividade — ao apontar para partes do texto antecedentes, subseqüentes ou globais, tomando o momento da enunciação como origem de um sistema de coordenadas que se estendem pela superfície textual. Diante disso concluímos que:

- a) **todo dêítico discursivo é um anafórico**, pois retoma elementos explícitos na superfície do texto (anáfora direta) ou inferíveis a partir de uma fonte também presente na superfície do texto (anáfora indireta);

- b) e **todo anafórico indicial exerce um procedimento dêitico**, pois orienta o leitor/ouvinte numa busca retroativa da entidade referida, tomando como ponto de partida para essa busca o momento de sua própria enunciação.

Buscamos, então, uma alternativa para a caracterização das expressões indiciais que tanto refletisse essa relação de interpenetração entre as duas categorias lingüísticas quanto se opusesse à tradicional e recorrente postura dicotômica que separa dêiticos discursivos de um lado e anafóricos indiciais de outro, perspectiva teórica cuja fragilidade foi mostrada pelas críticas que fizemos a Cavalcante (2000). Assim, motivados por Cavalcante (2002b), chegamos à conclusão de que as expressões indiciais são **“expressões referenciais híbridas”** por apresentarem, ao mesmo tempo, traços distintivos caracterizadores dos dêiticos e dos anafóricos. Propusemos que esse hibridismo pode ser representado através de um **“continuum das expressões indiciais”** (gráfico 02), algo como uma zona de intersecção entre os hipotéticos procedimentos exclusivamente dêiticos ou anafóricos. Trabalhamos com a noção de que as categorias de que os autores costumam se valer para polarizar as expressões indiciais — remissão ao cotexto, vínculo com a enunciação, abrangência referencial, correferencialidade, co-significatividade, (re)categorização, (re)focalização referencial, retomada metalingüística e monitoramento cognitivo — na verdade consistem em elementos de uma grade contínua onde se situam as expressões indiciais, indo da mais anafórica à mais dêitica.

Assim, tendem para o pólo dos dêiticos discursivos as expressões indiciais que:

- a) mantêm um maior vínculo com a enunciação na remissão ao cotexto;
- b) possuem ampla abrangência referencial;
- c) não são correferenciais, co-significativas ou recategorizadoras;
- d) alteram o foco referencial;
- e) executam uma retomada metalingüística;
- f) organizam seguimentos textuais de modo espacial ou temporal, monitorando cognitivamente o leitor ou o ouvinte.

Em contrapartida, tendem para o pólo dos anafóricos indiciais as expressões indiciais que:

- a) mantêm um menor vínculo com a enunciação na remissão ao cotexto;

- b) possuem estrita abrangência referencial;
- c) são correferenciais, co-significativas ou recategorizadoras;
- d) mantêm o foco referencial;
- e) não executam uma retomada metalingüística;
- f) não organizam segmentos textuais.

Definido o fenômeno lingüístico investigado, constatamos que a virtualização da conversação face a face repercute no funcionamento e no cenário organizacional das expressões indiciais. Nossas conclusões provieram de dois modos de analisar tais expressões. O primeiro modo tomou por base as **formas de remissão e retomada anafórica**, partindo da premissa de que toda expressão indicial é, em primeira instância, uma expressão genuinamente anafórica, já que remete direta ou indiretamente ao cotexto. O segundo modo de análise guiou-se pelas **instâncias de universo discursivo** para as quais uma expressão indicial pode apontar.

Na relação com as categorias de remissão e retomada anafórica, observamos que as expressões indiciais podem exercer um procedimento anafórico de retomada total ou parcial, ou ainda um procedimento anafórico de remissão indireta ou encapsuladora, os quais se prestam a classificá-las em **EI de retomada total**, **EI de retomada parcial**, **EI indiretas** e **EI encapsuladoras**. Essa multiplicidade de modos de referenciar os objetos-de-discurso e pôr o texto dialogado em andamento está presente nas duas modalidades de conversação. Em se tratando das **EI encapsuladoras**, tanto nas interações presenciais quanto nas interações ciberespaciais, os interlocutores costumam empacotar porções textuais e elevá-las ao estatuto de objeto-de-discurso, uma vez que a ativação desses novos referentes mantém o equilíbrio entre progressão e continuidade tópica no texto dialogado: recupera e sintetiza informações anteriormente difusas no cotexto, e faz com que elas permaneçam em foco para os interlocutores, podendo ser facilmente referidas no decorrer da conversação, ou até mesmo ancorar a construção de outros referentes que a elas discursivamente se associem. Como consequência, discordamos daqueles que relacionam os procedimentos de encapsulamento exclusivamente, ou mesmo preferencialmente, aos textos argumentativos escritos (cf. Conte, 2003), já que também tais procedimentos são constantes nas conversações face a face e digital.

Por outro lado, apesar dessa preferência mútua, **os participantes dos chats mostram-se claramente mais inclinados do que os participantes da conversação face a**

face a fazer uso das EI encapsuladoras em detrimento de outros tipos de expressão indicial (gráfico 03). Uma explicação para essa maior recorrência nos chats é porque tal funcionamento atualiza-se melhor em expressões de base não-lexical, sobretudo pronominal (demonstrativo ‘isso,’ por exemplo), favorecendo a agilidade na digitação das mensagens e diminuindo, conseqüentemente, o tempo decorrido de um turno a outro, o que favorece a dinâmica da interação no ambiente chat síncrono. Além disso, também é comum aos chats a disposição do conteúdo da conversação numa série de turnos alternados ou pertencentes a um único interlocutor; logo, essa maior mutabilidade na troca de turnos, muitas vezes não-adjacentes e muito curtos, favorece os encapsulamentos retrospectivos visando à organização da atividade conversacional no ciberespaço.

Quanto à direção do movimento encapsulador, é notória a maior predominância da retrospectão no chat na comparação com a conversação tradicional (gráfico 04). Movimentos retrospectivos são inevitáveis à continuidade e à progressão de qualquer conversação, ao contrário dos movimentos prospectivos, cuja função na conversação face a face é, em geral, de marcador conversacional, sendo sua presença, na maioria das vezes, dispensável ao andamento dos chats, pois vai de encontro ao princípio da economia verbal. Em decorrência disso, evita-se “anunciar” o que será dito nos chats por meio de encapsuladores prospectivos, o que de certa forma diminui o grau de monitoramento cognitivo do interlocutor. Esse tipo de procedimento indicial nos chats ocorre, geralmente, apenas quando a porção de discurso encapsulada é resultado da repetição *ipsis literis* de enunciados produzidos anteriormente pelos participantes ou por internautas estranhos à conversação.

Essa economia na digitação rege tão intensamente as especificidades lingüísticas e a estrutura organizacional dos diálogos na Internet a ponto de na constituição das outras expressões indiciais ela também se fazer presente. Por exemplo, na comparação com as interações face a face, **aumenta nos chats a incidência de expressões indiciais sem base lexical ou com base lexical elíptica em detrimento das expressões indiciais com base lexical explícita** (gráfico 05). Em contrapartida, a conseqüente baixa densidade lexical demanda muitas vezes dos participantes dos chats processos inferenciais essenciais à compreensão os quais nem sempre são alcançados, sobretudo pela ausência dos significativos recursos paralingüísticos e supra-segmentais de que os interlocutores lançam mão na interação face a face. Um outro exemplo que vai nessa mesma direção é o cenário das EI nominais de retomada total: **em termos comparativos, aumenta nos chats a**

incidência das expressões indiciais infiéis ou com base elíptica e cai a participação das expressões indiciais fiéis (gráfico 06), indicando que a repetição lexical, quando possível, tende a ser evitada na conversação medida por computador.

Essa interessante relação entre **forma da expressão indicial** e **modalidade conversacional** foi por nós exaustivamente mapeada. De acordo com o nosso *corpus*, existem dezessete possibilidades de constituição formal das expressões indiciais (tabela 07), dentre as quais sete possuem uma maior incidência em uma ou outra modalidade de conversação e podem ser agrupadas nos quatro grupos a seguir (gráfico 09):

- a) **Demonstrativo de 1ª ou 2ª pessoa (+ núcleo elíptico)**: é indiscutivelmente mais freqüente nos chats. Por ser mais concisa, essa forma melhor se adapta à agilidade das interações síncronas no ciberespaço. Por exemplo, os participantes dos chats tendem a optar pelo emprego do ‘isso’, no caso de um encapsulamento retrospectivo, ou por uma expressão demonstrativa de base elíptica (*essa Ø*), no caso de retomada total e pontual.
- b) **Demonstrativo de 3ª pessoa [(+ substantivo) + modificador]**: é menos freqüente nos ambiente chat síncrono do que no presencial, talvez porque a interação naquele ambiente se dê num espaço diferente do habitual. Esse espaço, embora se atualize virtualmente, não sugere exatamente a mesma partilha de espaço sugerida numa interação face a face, o que diminui a sensação de partilha do mesmo espaço e, conseqüentemente, as remissões a outros espaços e momentos de interação, as quais costumam ser propiciadas pelos demonstrativos de 3ª pessoa.
- c) **Demonstrativo de 1ª ou 2ª pessoa + substantivo + modificador**: não muito freqüente em ambas as conversações, é ainda um pouco mais raro na conversação mediada por computador, devido a sua “alta densidade vocabular”. Quando possível, os participantes dos chats o transformam em (a), economizando tempo na digitação.
- d) **Advérbio de modo**: de característica mais prospectiva do que retrospectiva e representado pelo advérbio ‘assim’, encontra condições mais favoráveis nas interações face a face. Sua principal função é organizacional, funcionando como um marcador conversacional. Logo, tende a ser evitado nos chats, devido à parcimônia verbal inerente ao gênero.

O segundo modo de análise das expressões indiciais — a partir da instância de universo de discurso para a qual as expressões apontam — baseou-se em Cavalcante (2000) e possibilitou-nos classificar essas expressões em **EI situacionais** (quando apontam

para o espaço físico real da comunicação), em **EI físico-textuais** (quando apontam para o espaço físico do texto), **EI memoriais** (quando apontam para o conhecimento compartilhado pelos interlocutores) e **EI cotextuais** (quando apontam exclusivamente para o próprio cotexto). A rigor, todas as expressões indiciais exercem um apontar cotextual, ou seja, são cotextuais; entretanto, o que denominamos ‘EI cotextuais’ são as expressões indiciais que não fazem remissão direta a nenhum outro universo discursivo além do cotexto.

A partir desse retrato classificatório, percebemos que os quatro tipos de expressão indicial aparecem nas conversações face a face e mediada por computador. Entretanto, **os participantes do chat, em comparação aos participantes da conversação face a face, se valem das expressões indiciais cotextuais de modo muito mais freqüente, sendo os demais tipos preteridos com a virtualização da conversação** (gráfico 10), o que é coerente com a igual preferência pelas EI encapsuladoras neste gênero, já que normalmente — mas nem sempre — as EI cotextuais encapsulam informações cotextuais. Quanto ao turno em que se encontra a porção encapsulada ou o elemento remetido pelas EI cotextuais, **enquanto nas conversações face a face o predomínio é pela remissão ao mesmo turno em que é enunciada a expressão indicial, nos chats tal comportamento está presente na minoria das EI cotextuais** (gráfico 11), em detrimento da remissão a outro(s) turno(s). Isso se explica, em parte, pelo predomínio de enunciados curtos, pela fragmentação dos turnos e pela conseqüente interdependência sintático-semântica nos chats, inclusive entre turnos de um mesmo participante.

Por fim, estabeleçamos algumas relações quanto à diminuição dos demais tipos de expressão indicial com a virtualização da conversação face a face, de acordo com o critério ‘instância do universo discursivo apontado’. Embora não nos aprofundemos em tais questões, elas são válidas por resultarem da observação de dados empíricos e motivarem **futuras pesquisas sobre o tema**. Por exemplo, a virtualização do espaço interacional e a *quase*-simultaneidade (diferentemente da simultaneidade total da conversação face a face) que caracterizam a conversação mediada por computador favorecem um terreno menos fértil para o surgimento das **EI situacionais**, as quais possuem um maior grau de deiticidade. Entretanto, essa relação inversamente proporcional entre virtualização e dêixis não se sustenta plenamente à medida que há nos chats uma ocorrência razoável de apontadores extralingüísticos — na verdade, proporcionalmente maior do que nas conversações face a face (gráfico 08) —, os quais possuem alto teor de deiticidade. Já quanto as **EI físico-textuais**, talvez sua menor recorrência nos chats se justifique pelo fato

de lá haver uma menor preocupação com o uso de elementos com função exclusivamente organizacional para o discurso — incluindo nesse rol os marcadores conversacionais — em prol de uma maior agilidade na digitação. Cabe, portanto, aos participantes dos chats uma maior capacidade de inferir mudanças de tópico e de preencher vazios sintáticos comuns ao gênero. Uma última observação diz respeito às **EI memoriais**: ainda que os chats e as conversações face a face em análise possuam o mesmo “enquadre participativo” (cf. Marcuschi, 2004), já que seus interlocutores mantêm um razoável grau de familiaridade, de conhecimentos partilhados, as EI memoriais são menos freqüentes nos chats do que nas conversações face a face. Não sabemos até que ponto essa diferença pode ser explicada pelo fato de os participantes dos chats já estarem em um espaço interacional diferente do habitual nas conversações tradicionais, ou seja, pelo fato de eles partilharem do mesmo ciberespaço, mas de diferentes espaços físicos — o que reduziria a ocorrência de formas de remissão a instâncias discursivas outras, compartilhadas pelos interlocutores, mas ausentes, até então, desse momento específico de interação.

Como últimas e sintéticas palavras, convém dizermos que, no que diz respeito ao funcionamento das expressões indiciais na virtualização da conversação face a face, as **expressões indiciais cotextuais, encapsuladoras, retrospectivas, sem base lexical e constituídas por um demonstrativo de 1ª ou 2ª pessoa** são tão produtivas nos chats devido à “**pressão pragmática**” (cf. Crystal, 2001) que os participantes sofrem ao longo de toda a interação, o que faz com que eles se preocupem minimamente com aspectos meramente formais, organizacionais e/ou estilísticos no processo de formulação de suas mensagens, ainda que o diálogo, por vezes, corra o risco de perder em clareza e significação. É esta pressão pragmática o principal elemento que fornece esse “tom descompromissado” aos chats, que o faz ser até mais espontâneo do que a já considerada espontânea conversação face a face. Sem dúvida, a pressão pragmática é responsável por boa parte das características do gênero aqui investigadas, incluindo aquelas relacionadas aos aspectos formais e funcionais do fenômeno lingüístico em foco — as expressões indiciais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, L. S. 2002. O *chat* educacional: o professor diante desse gênero emergente. In.: DIONÍSIO, A. et. al. (org.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. pp. 19-36.
- APOTHÉLOZ, D. 2003. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M., RODRIGUES, B. B., CIULLA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto (Coleção clássicos da lingüística). pp. 53-84.
- APOTHÉLOZ, D. & CHANET, C. 2003. Definido e demonstrativos nas nomeações. In: CAVALCANTE, M. M., RODRIGUES, B. B., CIULLA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto (Coleção clássicos da lingüística). pp. 131-176.
- APOTHÉLOZ, D. & REICHLER-BÉGUELIN, M-J. 1995. Construction de la référnce et strategies de designation. In: BERRENDONNER, A. & REICHLER-BÉGUELIN, M-J. (eds.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*. Neuchâtel: Institut de linguistique de l'université de Neuchâtel. pp. 227-271.
- ARAÚJO, J. C. R. de. 2003. *Chat na Web*: um estudo de gênero hipertextual. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Fortaleza, UFC.
- _____. 2004. A conversa na web: o estudo da transmutação em um genero textual. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna. pp. 91-109.
- ASSIS, J. A. 2002. *Explicitação/Implicação no E-mail e na Mensagem em Secretária Eletrônica*: contribuições para o estudo da relação oralidade/escrita. Tese de Doutorado. Belo Horizonte, UFMG.
- BAKHTIN, M. 1997 [1952-1953]. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- BARROS, K. S. M. de. 2001. Características organizacionais de aulas pela Internet. In: URBANO, H. et alli. *Dino Preti e seus temas*: oralidade, literatura, mídia e ensino. São Paulo: Cortez. pp. 355-67.
- BARROS, D. L. P. de. 2001. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, D. (org.). *Fala e escrita em questão*. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP. (Projetos paralelos – NURC/SP, 4). pp. 57-77.
- BATESON, G. 1998 [1972]. *Uma teoria sobre brincadeira e fantasia*. In: RIBEIRO, B. T. & GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolingüística Interacional*. Porto Alegre: AGIMOS. pp. 57-69.
- BATISTA, M. E. 1998. *E-mails na troca de informação numa multinacional: o gênero e as escolhas léxico-gramaticais*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
- BENTES, A. C. 2001. Lingüística Textual. *Introdução à lingüística*: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez. v. 1. pp. 245-287.

BENVENISTE, É. 1988. 2ª ed. *Problemas de Lingüística Geral I e II*. São Paulo: Nacional, USP.

BLIKSTEIN, I. 1983. *Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix.

BOGO, K. C. 2005. *A história da Internet: como tudo começou*. Disponível em: <http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=11&rv=Vivencia>. Data de acesso: 07/08/2005.

BÜHLER, K. 1982. The deictic field of language and deitic words. In: JARVELLA, R-J & KLEIN, W. (eds.). *Speech, place and action: studies in deixis and related topics*. New York: John Wiley and Sons. p. 9-30.

CAVALCANTE, M. M. 2000. Expressões indiciais em contexto de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística, UFPE.

_____. 2002a. Dêiticos discursivos: um caso especial de referência indireta? In: CAVALCANTE, M. M. & BRITO, M. A. P. (orgs.). 2004. *Gêneros textuais e referência*. Fortaleza: Prottexto – UFC. CD-Rom.

_____. 2002b. A dêixis discursiva. In: CAVALCANTE, M. M. & BRITO, M. A. P. (orgs.). 2004. *Gêneros textuais e referência*. Fortaleza: Prottexto – UFC. CD-Rom.

_____. 2003a. A construção do referente no discurso. In: CAVALCANTE, M. M. & BRITO, M. A. P. (orgs.). 2004. *Gêneros textuais e referência*. Fortaleza: Prottexto – UFC. CD-Rom.

_____. 2003b. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. In: CAVALCANTE, M. M. & BRITO, M. A. P. (orgs.). 2004. *Gêneros textuais e referência*. Fortaleza: Prottexto – UFC. CD-Rom.

_____. 2004. Processos de referência – uma revisão classificatória. In: CAVALCANTE, M. M. & BRITO, M. A. P. (orgs.). 2004. *Gêneros textuais e referência*. Fortaleza: Prottexto – UFC. CD-Rom.

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. 2004. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo. Contexto.

CHAVES, G. M. M. 2001. Interação on-line: análise de interações em salas de *chat*. In: PAIVA, V. L. M. (org.) *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte, FALE-UFMG. pp. 37-73.

CONTE, M-E. 2003. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M. M., RODRIGUES, B. B., CIULLA, A. *Referência*. São Paulo: Contexto (Coleção clássicos da lingüística). pp. 177-190.

COSTA, M. H. A. 2004. Os dêiticos na correspondência eletrônica. In: CAVALCANTE, M. M. & BRITO, M. A. P. (orgs.). *Gêneros textuais e referência*. Fortaleza: Quatro comunicação. CD-Rom.

CRYSTAL, D. 2001. *Language and the Internet*. Cambridge: Cambridge University Press.

EHLICH, K. 1982. Anaphora and deixis: same, similar or different? In: : JARVELLA, R-J & KLEIN, W. (eds.). *Speech, place and action: studies in deixis and related topics*. New York: John Wiley and Sons. p. 315-38.

ERICKSON, T. 1997. *Social Interaction on the Net: Virtual Community as participatory Genre*. Disponível em: www.pliant.org/personal/Tom_Erickson

_____. 2000. Making sense of computer-mediated communication (CMC): Conversations as genres, CMC Sustems as Genre Ecologies. In: *Proceedings of the Thirty-Third Hawaii International Conference on Systems Science*. (ed. J. F. Nunamaker, Jr.). IEEE Press. Disponível em: http://www.pliant.org/personal/Tom_Erickson

FILLMORE, C. 1971. *Santa Cruz Lectures on deixis*. Berkeley: University of California.

FONSECA, L. 2001. Alocação de turnos em salas de *chat* e em salas de aula. In: PAIVA, V. L. M. (org.) *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte, FAEUFMG. pp. 74-85.

_____. 2002. O uso de *chats* na aprendizagem de línguas estrangeiras. *Caligrama*. Revista do Departamento de Letras Românicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, VI. 07. pp. 101-121.

FRANCIS, G. 2003. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M. M., RODRIGUES, B. B., CIULLA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto (Coleção clássicos da lingüística). pp. 191-228.

FREGE, G. 1892. Sobre o sentido e a referência. ALCOFORATO, P. (org.). In: *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1978. pp. 59-86.

GALEMBECK, P. de T. 1993. O turno conversacional. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP. (Projetos paralelos, — NURC/SP, 1). pp. 55-79.

GOFFMAN, E. 1998a [1974]. Footing. In: RIBEIRO, B. T. & GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolingüística Interacional*. Porto Alegre: AGE. pp. 70-97.

GUMPERZ, J. J. 1998 [1982]. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T. & GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolingüística Interacional*. Porto Alegre: AGIMOS. pp. 98-119.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. 1976. *Cohesion in English*. London: Longman.

HERRING, S. C. 1996. Computer-mediated Discourse. In: _____ (ed.). *Computer-Mediated Communication: Linguistic, Social, and Cross-Cultural Perspectives*. Amsterdam: John Benjamins. pp. 612-27.

HILGERT, J. G. 2001. A construção do texto “falado” por escrito: a conversação na *internet*. In: PRETI, D. (org.). *Fala e escrita em questão*. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP. (Projetos paralelos – NURC/SP, 4). pp. 17-54.

JONSSON, E. 1997. *Electronic Discourse: on speech and writing on the Internet*. Luleå University of Technology (mimeo). Disponível em: [www.ludd.luth.se/users/jonsson/d-essay/electronic discourse.html](http://www.ludd.luth.se/users/jonsson/d-essay/electronic%20discourse.html)

KLEIBER, G. *et alii*. 1991. L'anaphore associative: aspects linguistiques. In: SCHNEDECKER, C. *et alii*. *L'anaphore associative* (aspects linguistiques, psycholinguistiques et automatiques). Paris: Faculté des Lettres et Sciences Humaines. p. 5-64.

KOCH, I. G. V. 1997. Lingüística Textual: retrospecto e perspectivas, *Alfa*, 41: 67-78.

_____. 1999. O desenvolvimento da Lingüística Textual no Brasil. *D. E. L. T. A.*, 15: 167-182.

_____. 2003a [2002]. *Lingüística Textual: quo vadis?* In: KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez. pp. 149-154.

_____. 2003b [2002]. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez.

KOCH, I. G. V. & MARCUSCHI, L. A. 1998. Processos de referenciação na produção discursiva. *D.E.L.T.A.*, 14: pp. 169-190. Número especial.

KOMESU, F. C. 2002. A modalidade escrita nas páginas eletrônicas pessoais da internet: o uso de *emoticons* e de "risadinhas". *Sínteses: Revistas dos Cursos de Pós-graduação*. v. 7. p. 167-80.

LACOMBE, I. A. 2000. *Navegando e aprendendo: reflexões sobre um curso de inglês via rede mundial de computadores*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

LAHUD, M. 1979. *A propósito da noção de dêixis*. São Paulo: Ática.

LEVINSON, S. C. 1983. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.

LÉVY, P. 1993 [1990]. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Ed. 34. Título do original: *Les technologies de l'intelligence*. Tradução: Carlos Irineu da Costa.

_____. 1996 [1995]. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34. Título do original: *Qu'est-ce que le virtuel?* Tradução: Paulo Neves.

_____. 1999 [1997]. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34. Título do original: *Cyberculture*. Tradução: Carlos Irineu da Costa.

LYONS, J. 1977. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.

MALINOWSKI, B. 1972 [1923]. O problema do significado em linguagens primitivas. In: OGDEN, C. K. & RICHARDS, I. A. *O significado de significado: um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. pp. 295-330.

MARCUSCHI, L. A. 1995. *Fala e escrita: relações vistas num continuum tipológico com especial atenção para os dêiticos discursivos*. Maceió: UFAL. Texto apresentado em mesa-redonda no II ENCONTRO NACIONAL SOBRE FALA E ESCRITA. (mimeo)

_____. 1997a. Oralidade e escrita. *Signótica: Revista do Mestrado em Letras e Lingüística/FL-UFG*. Goiânia: Editora da UFG. v. 9, jan./dez. pp. 119-145.

_____. 1997b. A dêixis discursiva como estratégia de monitoração cognitiva. In: KOCH, I. & BARROS, K. (orgs.). *Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação*. Natal: EDUFRN. pp. 156-171.

_____. 1998. Aspectos da progressão referencial na fala e na escrita no português brasileiro. In: *Anais do I Colóquio Internacional de Língua Portuguesa, 1*, Berlim.

_____. 1999 [1986]. 5ª ed. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática.

_____. 2000. *Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras*. (mimeo)

_____. 2001a. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez.

_____. 2001b. A Lingüística e as novas tecnologias. In: *Anais do II Congresso Internacional da Abralin*, Fortaleza, UFC. (mimeo)

_____. 2002. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et al. *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Lucerna: Rio de Janeiro. pp. 19-36.

_____. 2003. *O aspecto lexical no processo de textualização*. Projeto de Solicitação de Renovação da Bolsa do CNPq, UFPE. (mimeo).

_____. 2004. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna. pp. 13-67.

_____. s/d. *A questão do suporte dos gêneros textuais*. (mimeo)

MARCUSCHI, L. A.; Koch, I. G. V. 1998. Estratégias de referenciação e progressão na língua falada. (mimeo)

MCCLEARY, L. E. 1996. *Aspectos de uma modalidade de discurso mediado por computador*. Tese (Doutorado em Lingüística). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo (USP).

MILLER, C. R. 1994a [1984]. Genre as Social Action. In: FREEDMAN, A. & MEDWAY, P. (eds.). *Genre and the New Rhetoric*. London, Taylor & Francis, pp. 23-42.

_____. 1994b. Rhetorical Community: The Cultural Basis of Genre. In: Freedman, Aviva; Medway, Peter (eds.). *Genre and New Rhetoric*. London: Taylos & Fracis. pp. 67-78.

MILNER, J-C. 2003. Reflexões sobre a referência e a correferência. In: CAVALCANTE, M. M., RODRIGUES, B. B., CIULLA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto (Coleção clássicos da lingüística). pp. 85-130.

MONDADA, L. & DUBOIS, D. 1995. Construction des objets de discours et categorisation. In: BERRENDONNER, A. & REICHLER-BÉGUELIN, M-J (eds.). *Du*

syntagme nominal aux objets-de-discours. Neuchâtel: Institut de linguistique de l'université de Neuchâtel. pp. 273-302.

MONDADA, L. & DUBOIS, D. 2003. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referência. In: CAVALCANTE, M. M., RODRIGUES, B. B., CIULLA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto (Coleção clássicos da lingüística). pp. 17-52.

MORATO, E. M. 2004. O Interacionismo no campo lingüístico. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. (Orgs.) *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez. v. 3. pp. 311-351.

NADER, V. H. 2001. *A interação virtual em diálogos da Internet: novas possibilidades para a análise do discurso*. Dissertação. (Mestrado em Lingüística). São Paulo: Universidade de São Paulo (USP).

PAIVA, V. L. M. de O. e. 2004. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna. pp. 68-90.

PIMENTEL, M. G. 2002. *HiperDiálogo: ferramenta de bate-papo para diminuir a perda de co-texto*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Núcleo de Computação Eletrônica, UFRJ.

SOUZA, A. R. 2000. *O "chat" em língua inglesa: interações na fronteira da oralidade e da escrita*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

SWALES, J. M. 1990. *Genre Analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press.

VELLASCO, A. M. de M. S. 1999. O tipo de modalidade de discurso em uma lista de discussões de brasileiros na Internet. *Cadernos de linguagem e sociedade*. 3 (2). Brasília: Thesaurus, 1999. pp. 101-144.

XAVIER, A. C. dos S. 2002. *O Hipertexto na Sociedade da Informação: a constituição do modo de enunciação digital*. Tese de Doutorado. Campinas: IEL, Unicamp.

XAVIER, A. C. dos S. & SANTOS, C. F. 2000. *O texto eletrônico e os gêneros do discurso*. Veredas – revista de estudos lingüísticos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). jan/jun, 2000. v. 4, n. I. pp. 51-57.

YATES, S. J. 2000. Computer-Mediated Communication. The Future of the Letter? In: BARTON, D. & HALL, N. (eds.) *Letter Writing as a Social Practice*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. pp. 233-251. Disponível em: www.simeon.org.uk

ANEXOS

C5

CONVERSAÇÃO FACE A FACE – 09/07/05 – 30 min – Tópico inicial: filme *Reencarnação*, direção de Jonathan Glazer.

Sinopse do filme: Manhattan/Nova York. Uma década depois da morte de seu amado marido Sean, a jovem viúva Anna (Nicole Kidman), de 35 anos, finalmente parece ter conseguido refazer a sua vida e está prestes a se casar novamente, após muita insistência de seu atual noivo, Joseph (Danny Huston). É quando surge um garoto de 10 anos de idade, que também se chama Sean (Cameron Bright), e diz ser a reencarnação do falecido marido de Anna. Com uma coragem anormal para um garoto, Sean a procura para dizer que a ama e que ela não pode se casar com Joseph.

João: e aí ele era ou ele não era a reencarnação?

Gustavo: num sei... aquela mulher que é feia parece é:: (3s) ela (2s) ela fez uma máfia foi pra que:: ele saísse da vida dela, será?

João: foi porque ela disse que ela era a amante dele num foi?

Gustavo: mas... é mentira ou foi verdade?

João: eu acho que é verdade mas/ é/ tem aquela his/ ele pode ter sido sim a reencarnação dele (2s) e no momento em que ele leu as cartas... no momento em que ele leu as cartas aí despertou o inconsciente da do espírito reencarnado (2s) tá entendendo?

Gustavo: então esse negócio da amante por quê?

João: então esse negócio da amante o quê?

Gustavo: e por que não despertou o negócio da amante?

João: porque só deve ter despertado o sentimento que ele tinha pra mulher (2s) e não o que ele tinha com a amante

Gustavo: por quê?

João: só despertou o sentimento bom, doido (3s) não despertou o sentimento ruim

Gustavo: e por que o sentimento da amante era ruim? ((bocejando))

João: na cabeça da criança do do seu certo era ruim (3s) até porque depois que ele soube da história da amante ele saiu da vida dela disse que ele não era sean porque ele só a amava (3s) lembra não?

Gustavo: mas ele não quis sair da vida dela não

João: ele [quis ele disse que ele não er/

Gustavo: [ela que disse que não queria mais nada

João: MAS ele disse que ele não e:ra porque ele a amava (2s) escutasse não?

Gustavo: não ((muito baixo)) eu lembro que que ela dis/[que ele disse que não era/

João: [ele disse

Gustavo: escutei só que num tem nada a ver... é ele quis dizer a verdade mas se mesmo assim ela dissesse vamo fugir junto aí ele ia

João: ((em tom de brincadeira)) mas é porque ele ficou confuso aí o espírito reencarnado quis ir embora ((risos))

Gustavo: ((risos))

João: aí o espírito reencarnado quis ir embora entendesse não?

Gustavo: mas eu ach/

João: e tu acha que é o quê que foi o quê que foi uma máfia foi? vai homem-máfia

Gustavo: não: o eu acho que o filme tinha tudo pra dar certo e não deu

João: e o que foi que faltou pra dar certo?

Gustavo: ((enfático)) um final legal

João: e o que era o final legal que tu queria?

Gustavo: esses filmes de hoje em dia é assim

João: ahn

Gustavo: não pode ter um final que feche o filme porque senão vai dizer que o filme é clichê... eu já notei isso também entendeu?

João: não: o não/

Gustavo: aí fica tudo aquele final em aberto... aquele guerra dos mundos é assim... esse filme é assim... fica tudo uma coisa se: m final

João: e qual foi o final em aberto que teve em guerra dos mundos menino?

Gustavo: aberto que eu digo assim não tem um final... pou e acabou o filme

João: e qual era o final que tu queria em guerra dos mundos? me dê um exemplo

Gustavo: aí fica/ um final que eu digo é assim... de a gente ver que o filme acabou

João: e em guerra dos mundos não deu pra ver que o filme acabou não foi?

Gustavo: não (2s) nem aí

João: deu pra ver sim (inc.)

Gustavo: aí deu pra ver que o filme acabou?

João: se os ets tavam morrendo/

Gustavo: aí deu pra ver/

João: deu pra ver também

Gustavo: que o filme acabou?

João: deu... no momento que o menino disse que que ele não era o sean porque ele só a amava dá pra entender que aquela história ia acabar o menino ia sair dali o menino não ia mais querer ser o sean por isso que ele tava se tratando e tudo mais depois na carta... então ela ia ficar afastada do menino... se a história era ela com o menino e eles não iam tá mais próximo então o filme ia acabar

Gustavo: sim mas eu to falando daquela história ali do suicídio (3s) dela se vestida de noiva no mar

João: ela tava agonia:da aí acabou

Gustavo: podia muito bem/ se ficou ali preto... quinhentas vezes ficou preto ele tava em cima da árvore ficou preto... não sei o quê ficou preto... se era ela tivesse vestida de noiva e tivesse ficado preto (2s) e tivesse passado outra ceninha tu não ia saber que o filme acabou

João: mas aí? nã:o

Gustavo: entendeu não o que é que eu to falando?

João: entendi que podia ter uma continuidade mas ali tava bom ((bocejando)) (3s) quando o menino/ quando ela viu a agonia no juízo dela que o menino apareceu dizendo que era o Sean e aquilo desestruturou a vida dela todinha e aí ta/ e aí tava ela casada de novo com o homem entendesse não? (2s) e é::: o casamento dela era uma merda... era uma coisa não não tão concreta que se aparecesse um homem um menino um garoto que ela sabe nem de que cu saiu dizendo que é o ex-marido dela reencarnado e a vida dela se acaba por causa desse menino

Gustavo: lógico se el/

João: que casamento do caralho é esse?

Gustavo: que casamento do caralho não se é o ex-marido de alguém q/

João: nã:o meu filho se ela realmente gostasse do marido dela ela dizia meu marido moRREU você não pode ser meu marido mesmo se você fosse no/ NOssa história acabou ele morreu acabou-se (3s) eu dizia eu amo fulaninho e vou me casar com fulaninho e acabou-se ... zefini (2s) se o sentimento dela fosse realmente forte pela pessoa que ela CAsou acabou casando (2s) sei não (2s) entendesse não?

Gustavo: não, entendi mas assim e a máfia ela não era a amante do cara a a irmã dela? cadê? que tu disse?

João: não, foi porque eu não gostava daquela mulher mafiosa (2s) nem daquele homem feio ((risos))

Gustavo: quando talvez se a gente ((boceja)) a::i que sono... se a gente se a gente ver os os extras talvez algum detalhe revelador venha aparecer

João: é talvez a gente ainda não viu os extras (3s) não foi?

Gustavo: foi (10s)

João: sim fala de guerra dos mundos... que você disse que não entendeu por que o o final o que era que tu não tinha entendido?

Gustavo: o final?

João: sim

Gustavo: e::u não achei que teve um final concreto um final assim acabou por exemplo os outros tem um final entendeu não?

João: e tu queria o quê?

João: é guga mas existem histórias que têm que ter um finA:::l e tem histórias que não e os outros já que tinha que haver um desfecho tem que haver/ ser dito você ficava vendo você ainda ia terminar o filme e você ia ficar a mulé é fantasma ou não é é? me poupe né?

Gustavo: igual a esse filme... é reencarnação ou não é?

João: menino mas reencarnação é diferen:te fantasma é outra coisa se tu vai contar uma história de fantasma e se tu não diz se fulaninho é fantasma ou se não é que porra de história é essa? o::x ((risos))

Gustavo: e a reencarnação (inc.)

João: a reencarnação como é um um um uma coisa mais polêmica uma coisa mais as pessoas acreditam ou não acreditam uma coisa (2s) pode deixar uma coisa subentendida... mas em os outros ficava impossível (2s) os outros o filme é bom por causa do desfecho

Gustavo: não o filme é bom todo

João: mas o filme é muito bom por causa do desfecho

Gustavo: mas o filme é muito bom de se ver... esse filme é muito bom de se ver também mas não tem um desfecho tu gostou de ver?

João: eu gostei

Gustavo: é muito bom de se ver (1s) o clima né menino/

João: é porque é aquela história também do filme (1s) o filme quer o filme QUER ser um filme (1s) inteligente não sei quê entendesse? e acaba as vezes acaba se perdendo

Gustavo: esse filme?

João: é:: (3s) o o roteiro tem problemas assim (2s) o roteiro é cheio de problemas

Gustavo: desse filme?

João: é:

Gustavo: tu achou?

João: eu achei sim

Gustavo: oxe agora tu é muito contraditório tu tava dizendo uma hora que o filme era maravilhoso... agora tá dizendo que o roteiro tem problemas

João: eu não disse que o filme era maravilhoso não eu disse que o filme o final era pra ser o final e acabou-se

Gustavo: e quais são os problemas do roteiro? ((rindo))

João: ((risos)) ai guga eu não sou roteirista não mas tem isso tem horas que o telespectador fica perdido mesmo na história porque olhe um bom roteiro um bom roteiro de filme pelo menos pra mim é quando se faz o suspense... você não sabe do que trata mas aí chega uma certa hora em que é revelado pro telespectador tá entendendo não? ou o telespectador vai inferindo

Gustavo: você acabou de dizer o que eu tô falando desde o início

João: ou o telespectador vai inferindo as coisas vai dizendo o que são as coisas isso isso e isso ou então não mas também tem aquele tipo de roteiro que deixa pro telespectador ou o o telespectador (2s) vê no final e o filme não deixa de ser ruim por causa disso não

Gustavo: mas você/

Gustavo: você acabou de dizer o que eu to falando... tem/ a gente fica esperando essa hora onde as máfias vão ser reveladas e não não não há máfias para serem reveladas

João: mas tem filme que não precisa disso mas mesmo assim é bom

Gustavo: mas tinha que ter uma máfia pra ser revelada ela ser amante do fulaninho... eu tava dizendo que aquela mulher feia tinha feito uma máfia com ele logo no início quando ele chegou lá não parecia?

João: parecia

Gustavo: que ela entregou as cartas pro menino pro menino endoidar o cabeça

João: mas aí eu vi que o menino tinha que ela tinha escondido a carta (2s) enterrado... como era que ela tinha entregue a carta pro menino?

Gustavo: eu sei lá criava uma situação

João: hum:: novela mexicana é? (4s)

Gustavo: e ele morreu de que o homem que não ficou claro? (2s) de correr foi? então eu não vou mais correr na jaqueira não ((risos))

João: ele deveria ter problema no coração alguma coisa assim

Gustavo: pra cair morto correndo/ mas isso não vem ao caso não

João: é: o que importa é que o menino/ que o homem morreu

Gustavo: agora outra coisa o clima do filme também pare/ o clima do filme parece com o filme/ com:: (2s) os outros com o sexto sentido

João: é porque por causa dessa história de reencarnação o filme é::: quer fazer um clima suspen::se um clima/ tá entendendo não? o filme o filme/ os/ as cores do filme também são muito (2s) carregadas são muito pesadas as cores não tem cor direito no filme

Gustavo: a gente também viu dois filmes sem cor mas tudo bem

João: foi (2s) o filme é muito sem cor (2s) vê um filme de baz

Gustavo: quem é?

João: que fez moulin rouge que fez:: romeu e julieta

Gustavo: kill bill também tem cor

João: é (2s) mas tem mais em (5s) naquele outro... o moulin rouge

Gustavo: eu não vi romeu e julieta não

João: tu o quê?

Gustavo: eu não vi o FILme romeu e julieta não

João: com leonardo dicaprio, claire danes?

Gustavo: com qualquer um

João: eu vi no cinema

Gustavo: eu vi com mônica cascão e cebolinha aquela historia em quadrinhos

João: po::dre... era história em quadrinho?

Gustavo: era eles eram mônica era julieta e cebolinha era romeu

João: era uma história em quadrinho ou era um filminho?

Gustavo: história em quadrinho... eu adorava essa história em quadrinho

João: era de quem era tua era?

Gustavo: eu não tinha coleção de história em quadrinho de mônica?

João: e o que tu fizesse com teus gibis da mônica?

Gustavo: ruth que rasgou tudinho

João: oxe ela tava louca foi?

Gustavo: ela era criança

João: ah:: (2s) e tu dava porque a tua coleção?

Gustavo: ela pegava e as pessoas não diziam nada eu ficava puto (2s) acabou se estragando tudinho

João: que pena aí tu parasse de comprar gibi da mônica quando?

Gustavo: quando eu fiquei grande aí comecei a me interessar por outras coisas

João: ((risos))

Gustavo: sim mas vamos voltar ao filme ((risos))

João: ((risos)) ((risos)) mas se hoje em dia te dessem um gibi da mônica tu ia gostar?

Gustavo: oxe ia amar

João: não? era?

Gustavo: ia aMAR

João: jamá você disse ((risos))

Gustavo: i-a A-MAR

João: tá vendo guga como tu tás? jamá eu/

Gustavo: eu ia amar falando sério

João: é mesmo é?

Gustavo: é

João: quando eu quiser lhe agradecer eu lhe dou uma revista muito mais/ como é? conta mais

Gustavo: é melhor o gibi da mônica

João: o gibi da mônica ou a revista conta mais?

Gustavo: gibi meu filho

João: seja sincero

Gustavo: gibi claro

João: sim então vamos falar do filme/ e olga? o que você achou dos extras de olga? eu achei muito fraquinho

Gustavo: péssimo

João: queria que tivesse mais alguma coisa só tem aquelas coisas escritas e aquele trailer bem pequenininho oxe e aquele trailer bem pequenininho (3s) o trailer era bem pequeno (3s) o trailer não o making of (10s)

Gustavo: eu tô pensando no filme

João: o que tu tá pensando no filme? conta aí

Gustavo: eu queria saber se ele foi a reencarnação tu acha que ele foi ou não?

João: eu acho que ele foi

Gustavo: tu acha

João: acho (4s)

Gustavo: então foi igual à novela né? o homem morreu ele nasceu na mesma hora

João: é agora é é é agora também não se conta quanto tempo faz que o homem morreu?

Gustavo: conta... dez anos

João: dez anos?

Gustavo: não apareceu ten years later?

João: ah é mesmo

Gustavo: lembra não?

João: ah é ele morreu e o outro nasceu quando aparece o negócio (3s) eu acho que foi sim eu acho que ele é a reencarnação sim

Gustavo: e como foi que ele descobriu? também fica vago né o que é que ele tava fazendo ali?

João: quem tava fazendo ali?

Gustavo: o que é que aquele menino tava fazendo naquela festa de aniversário?

João: o::: pai dele morava no prédio tu não lembra não?

Gustavo: e o que é que ele tava fazendo na festa de aniversário?

João: na festa de aniversário?

Gustavo: sim (3s)

João: nã::o ele tava no hall do negócio no noivado dela

Gustavo: era o aniversário da mãe DEla

João: não primeiro ele aparece no noivado dela que ele sai atrás da mulher que a mulher esconde as cartas

Gustavo: aquilo é a festa de noivado dela?

João: é

Gustavo: que o homem faz até o discurso né diz assim é ela:: como é que ele diz? eu chamei ela pra fazer não sei o que ela disse que não... num é?

João: é dez anos depois num sei quê um ano depois num sei o quê lá

Gustavo: ahn

João: aí e no momento onde ele acha as cartas aí ele lê as cartas (2s) que fica o tempo todo na mochila dele e aí:: na minha teoria é que ele recobrava a memória da vida passada dele (3s) entendesse?

Gustavo: sim: mas o que é que ele tava fazendo na festa de noivado?

João: o pai dele num morava no prédio

Gustavo:

criatura?
só porque mora no prédio é convidado é?

João: não ele não tava na festa não ele tava lá embaixo no hall sentadinho

Gustavo: ele não tava batendo uma bolinha?

João: tava... batendo uma bolinha brincando

Gustavo: aí ele não tava na festa

João:

não?
não ele tava lá embaixo aí aquela

Gustavo:

passar

mulher::
aí ele viu a mulher

João: sim aí ele foi atrás dela aí ela escondeu as coisas ali aí ele foi lá e a e abriu e viu as cartas

Gustavo: foi aí que ele subiu dizendo que queria falar com ela né?

João: foi (3s) foi aí que ele queria falar com ela (5s) disse que era o macho de ana e que blá (4s) aí ela ficou nua e pagou peitinho pra ele ((risos)) depois ia papar o menino quando ele fizesse vinte e um anos (3s) diga aí?

Gustavo: era né?

João: e:ra queria fugir com ele

Gustavo: ela queria transar com ele quando ele fizesse vinte e um anos não ela queria CASAR com ele obviamente ela queria transar com ele antes

João: aí é uma fantasia su:a

Gustavo: nada disso até beijo na boca rolou (10s)

Gustavo: fala de olga

João: que é que tem olga? a neve? o sal?

Gustavo: engraçado é dois climas né tão parecido né?

João: parecido e diferente... como assim

Gustavo:

parecido?
a imagem do filme

João: só a imagem (inc.)

Gustavo:

a imagem de olga parece muito com a imagem de de/

João: é porque na em em reencarnação só tem neve gelo e frio e em olga a maioria dos lugares até no brasil tá frio

Gustavo: e o e em reencarnação é é filmado aonde aquilo? (2s) não diz não né?

João: não diz não

Gustavo: porque parece que (2s) assim ao mesmo tempo que parece um filme de época parece um filme atual

João: porque é um filme atual

Gustavo: mas não parece também um filme de época?

João: por que parece um filme de época? parece não um filme de época não

Gustavo: claro que não parece porque ela não tava com vestido de época não tem nada disso (2s) mas o clima assim a vidinha deles o cotidiano aquela coisa calma aquele casamento ali (3s) não tem não é: uma cidade grande não é um uma metrópole ambientada entendeu?

João: é porque é engraçado esses filmes que não não mostram a cidade não dizem o lugar como matriz... matriz no primeiro eles dizem que é los angeles... não sei o quê... entendesse?

Gustavo: hum

João: mas agora nos outros eles não dizem não qual é a cidade não cidade-fantasia não

Gustavo: mas não é como esse filme não esse filme é muito impessoal

João: mas não nã/

Gustavo: matriz pelo menos a gente sabe que é uma cidade que pode ser uma cidade grande esse não te/ (inc.)

João: mas não eu só to dizendo o o é engraçado esses filmes que não dizem o lugar onde são feitos

Gustavo: por que é engraçado?

João: porque era sempre pra se dizer onde era feito se ter um referencial do lugar (3s) e e nesse não... tem a história e não se fala do lugar onde ocorre a história (2s) entendeu?

Gustavo: mais ou menos (8s) e as atuações?

João: ela tá lá né suspirando chorando naquela cena que aparece só o rosto dela

Gustavo: no cinema no teatro sei lá

João: na ópera alguma coisa assim e ela tá ótima ela tá lá pensando pensativa né? que a hora que o homem vai falar com ela ela chega se assusta que parece uma coisa real e não de mentira né?

Gustavo: e o menino só/ de mentira como assim?

João: porque ela tá interpretan/ interpretando né? e parece uma coisa cotidiana quando ela se assusta

Gustavo: e ela/ e o menino a única vez que ele sorri é ali tirando a fotinho

João: é... ele passa o tempo todo sem rir bem sério (3s) bem máfia

Gustavo: bem o quê?

João: máfia (2s) você fica esperando ele ele fazer uma coisa feia (4s) e na verdade eu acho que foi um erro ela casar com aquele homem (3s) ela não gostava dele (2s) foi por causa que ele foi insistente (2s) ele ficou insistindo insistindo pra ela sair insistindo pra não sei quê/

Gustavo:

quem ficou insistindo?

João: o homem

Gustavo: insistindo pra ela sair?

João: foi ele não disse que ficou chamando ela pra sair aí ela não queria depois disse que ficou chamando ela aí depois de um não sei quanto tempo ela quis... depois ficou querendo é:: pedindo ela em casamento ela passou um ano e não quis... lembra não?

Gustavo: lembrei (6s)

João: vai estreiar um filme que eu quero ver

Gustavo: qual?

João: a ilha

Gustavo: com leonardo dicaprio

João: ewan mcgregor

Gustavo: não tem um filme a ilha com leonardo dicaprio?

João: tem mas parece que é ilha não é A ilha não... é ilha com ewan mcgregor é uma ficção científica (3s) e aí vai ou não vai?

Gustavo: ô:::

João: é massa menino... eu quero ver (10s)

Gustavo: e todo mundo parece que é uma máfia né uma máfia você/ eu queria ver os extras por conta disso pra saber se:: esse ar de máfia é um ar de má/ é: algo do diretor ou uma coincidência porque a mãe dela parece que é uma pessoa mafiosa o marido parece/ esse marido novo né? parece que é uma pessoa mafiosa não parece?

João: é a cara do povo o jeito como o povo age também/

Gustavo: a mulher parece que é uma pessoa mafiosa a que a que diz que é amante dele de sean de sean

João: a única pessoa que não parece ser mafiosa é ela

Gustavo: é ela... é o menino parece ser uma pessoa mafiosa

João: parece que o mundo tá conspirando contra ela

Gustavo: é

João: ela é a pessoa inocente a tabacuda

Gustavo: o menino não parece ser também né?

João: parece

Gustavo: a mãe do menino também não parece ser mafiosa não

João: parece não ela parece que tá sofrendo

Gustavo: parece

João: com aquela história/ pronto as duas a mãe dele e a/ por isso que parece tanta/ tão verdade a história

Gustavo: como assim?

João: parece que ele é a reencarnação porque a mãe tava sofrendo

Gustavo: oxe e o que é que tem a ver isso parecer que é

João: porque o menino acreditava mesmo

Gustavo: (inc.)

João: por isso que a pessoa não pensa que é máfia do menino (2s) porque:: a mãe dele tá sofrendo também ele tá fazendo a mãe sofrer

Gustavo: não eu nunca pensei que era máfia do menino não mas eu pensei que ia ser revelado alguma coisa (2s) que ia ser o tchan

João: que tipo de revelação? aí o filme era revelação e não reencarnação

Gustavo: nã:o aí eu não sei que tipo de revelação porque se eu soubesse eu ia fazer os meus filmes ((risos)) entendeu?

João: vixe que brutalidade... mas você po/ pode saber que tipo de revelação você queria que tivesse no filme não é por causa disso que você vai ser um bom roteirista e vai fazer filmes

Gustavo: ((bocejando)) a a:: a::: a amante feia

João: ((bocejo))

Gustavo: a amante feia descobriam que foi tudo uma máfia que ela botou na cabeça do menino fez alguma coisa sei lá (4s) NÃO SEI não sei (2s) ou naquela hora que ele fosse procurar ela é: ele explicasse porque ele não foi procurar ela... o menino reencarnadinho

João: reencarnadinho ((risos))

Gustavo: ((risos)) entendesse?

João: como é a história? explicasse porque ele não foi procurar ela

Gustavo: vamos supor aí ele deu o endereço pra ela né? ela deu o endereço ele foi lá no endereço

João: é o jeito como o menino age é muito estranho

Gustavo: e outra coisa ele foi lá no endereço com aquela bolsa por quê?

João: porque ele vivia com a bolsa nas costas

Gustavo: com as cartas era?

João: era

Gustavo: e ele não tinha medo de ser pego com as cartas não?

João: não ele era uma criança

Gustavo: ((risos)) nada a ver o que tu respondeu visse?

João: sei não ((sorrindo)) era porque o espírito estava nas cartas ((voz de mistério)) aí quando a mulher pegou as cartas o espírito saiu dele (2s) foi boa essa?

Gustavo: não foi péssima

João: ((risos)) e porque não podia não era?

Gustavo: e nas outras cenas ele tá com a bolsa?

João: ((sussurrando)) quase todas ele está com a bolsa

Gustavo: tem certeza

João: ((sussurrando)) absoluta (2s) muito rara a cena que ele não tá com a bolsa

Gustavo: parece com o sexto sentido também o filme (2s) uma crian::ça

João: história de fantasma mas tinha fantasma

Gustavo: tinha não tinha reencarnação... serena e rafael

João: nada a ver serena e tu/ e assim o filme já é um pouquinho complicado e tu ficasse o tempo todo tirando onda... vixe ele lá não sei quê serena não sei quê ele vai ser serena ela vai ser serena ((tom de deboche)) oxe dispense doido toda vez tu fica assim

Gustavo: agora a capa tu viu a capa do do:: do filme?

João: vi

Gustavo: nada a ver né aquela capa (4s)

João: aquela capa dava/ sei lá dá a impressão

Gustavo: parece que é ela que é a reencarnação de alguém não é?
(2s) dá a impressão de quê?

João: de que vai ser horripilante de que vai ter alguma coisa

Gustavo: um filme de terror era isso que eu pensava também não é?

João: porque tem é a a o rosto dela e aquela árvore atrás

Gustavo: e o rosto dela com um jeito macabro né?

João: dá a impressão de que ela vai sofrer ou que vai ficar aleijada alguma coisa sei LÁ alguma coisa

Gustavo: e a gente pensa que ela é que é a encarnação... reencarnação

João: não aí já é uma coisa sua... não
sei se é porque eu já sabia a respeito

Gustavo: é porque você já sabia

João: de que ia ser o menino? ((barulho de objeto caindo)) ma/ o menino também

Gustavo: o que foi isso?

João: foi o negócio que caiu da caixa (3s) mas o menino também é muito sem sem... sem personalidade também

Gustavo: o ator?

João: é: ele fica muito/ SEI LÁ

Gustavo: ele é muito sério né?

João: não é porque ele é muito sério é porque ele não tem carisma faltou alguma coisa no personagem dele aliás todo mundo é muito apagado naquele filme né? só ela... escolheram o povo a dedo

Gustavo: e o menino é feio né?

João: é

Gustavo: tem isso... todo mundo é feio é impressionante

João: TUDO mundo é feio

João: só ela que é bonita (2s) e mesmo assim com aquele cabelinho tem hora que ela não está bonita

Gustavo: todo mundo é feio ali é impressionante

João: todo mundo é feio

Gustavo: aquela mulher que é amante ô mulé feia

João: e aquele cabelo de baby liss dela

Gustavo: ((risos)) e a velha é feia a irmã dela é feia

João: a empregada é feia

Gustavo: o marido é mais ou menos mas ele assim não é bonito (4s) que empregada? ((risos))

João: ((risos)) a mulher menino... a gorda

Gustavo: eu não lembro não ((sorrindo))

João: que o menino chegou e ela disse que:: que ia:: que que ia ficar de olho nele (3s) se lembra não é?

Gustavo: juro que não

João: era negra a única negra do filme... será possível?

Gustavo: quem disse que ia ficar de olho em quem?

João: a negra a empregada

Gustavo: disse que ia ficar de olho no menino?

João: foi

Gustavo: pra quê?

João: quando ele chegou disse que se ele fizesse aquela família sofrer ou se ele fizesse ela sofrer (3s)

Gustavo: lembro não

João: que ele que ele/

Gustavo: esquecível

João: que ele fez que ela fez assim você me conhece aí: que ele disse um pouco alguma coisa assim (2s) lembra não é?

Gustavo: não eu lembro desse negócio de você me conhece com a mulher do papai noel

João: você não prestou atenção no filme não rapaz

Gustavo: eu preste:::i

João: você só ficou metendo o pau quando o homem começou a correr você começou meter o pau... engraçado também que não tem não apareceu uma foto do homem que morreu

Gustavo: aparece só ele morrendo ele coisando assim

João: que nem aparece o rosto dele direito

Gustavo: é engraçado isso né? (2s) que sempre nos filmes aparece né?

João: é: na novela né? ((risos))

Gustavo: a luna é ((risos)) NÃO ((risos)) não é só ((risos)) não é só em novela não

João: na novela sempre tem uma foto da pessoa que morreu na sala

Gustavo: que morreu é é

João: uma foto não um quadro pintado

Gustavo: é ((risos))

João: é ((risos)) por quê? ((risos)) podre

Gustavo: por quê hein?

João: não sei mas sempre tem um quadro pintado

Gustavo: sempre SEMpre ((risos))

João: uma pessoa com a cara assim estranha

Gustavo: ((risos)) sempre por que hein?

João: desde aquela novela que tinha geninho que morreu que saia do quadro

Gustavo: geninho?

João: não era geninho o menino? que novela era aquela? tu que é bom de novela

Gustavo: não sei mesmo... geninho é o irmão de tião em américa

João: pron::to eu não to falando américa não eu tô falando de uma novela passada (3s) por que agora pergunto eu tu que é especialista em novela

Gustavo: quem é esse geninho pera aí quem é esse geninho?

João: geninho que era o fantasma do quadro que o menino saia do quadro

Gustavo: eu tô lembrando disso

João: tu lembra?

Gustavo: mais ou menos

João: em éramos seis era uma vez alguma coisa assim

Gustavo: era não... era da globo

João: era uma vez era da globo

Gustavo: era mas éramos seis não (3s)

João: esqueci o que eu ia dizer ó tu que é especialista/

Gustavo: mas não é desde isso não a próxima vítima tinha um negócio desse (2s) a a a grande mulher... a que morreu

João: sim tu que é especialista em novela por que toda vez que tem alguém/ ((risos))

Gustavo: eu não sou especialista em novela não ((risos))

João: toda vez que tem uma pessoa ((risos)) uma pessoa que que morre na novela tem um quadro na sala?

Gustavo: não sei ((risos)) sei não

João: ((risos))

Gustavo: ((risos))

Gustavo: eu tô com uma ferida aqui

João: o que é isso? ((João olha o braço de Gustavo))

Gustavo: nada

João: ((risos))

Gustavo: ((risos)) eu não sei juro que eu não sei ((risos)) talvez deve ser um clichê né pra pessoa pra pessoa vê é a (3s) PRA aquilo fazer parte do cenário porque novela tem que ter é um/

João:

é porque novela tem que ser explicado todo dia pro telespectador porque o telespectador é meio burrinho né?

Gustavo: explicado... todo dia... aí por exemplo essa mu/ essa novela das seis aí a luna aí como as pessoas vão saber quem foi essa luna aí tem que ter aquela foto

João: é porque se fizesse como o filme morresse e não aparecesse foto nem nada quando chegasse com duas semanas ninguém nem lembrava quem foi que tinha morrido

Gustavo: foi

João: é... meu deus do céu ((risos)) por que será isso?

Gustavo: não não é porque as pessoas são burras não é porque também não é uma coisa que obrigatoriamente você tem que ver desde o início e o filme não

João: mas na novela o povo não acompanha tô acompanhando a novela? ((tom irônico))

Gustavo: ((risos)) mas é diferente ((fala muito rápido))

João: zé diferente?

Gustavo: umas pessoas acompanham outras não as pesso/ outras pessoas começam a ver desde o/

João: aí esse artifício da novela de explicar todo dia é pra quem viu naquele dia tá entendendo o que tá vendo?

Gustavo: tu não sabia disso? (2s)

João: mas tem novela que não é assim também não Gustavo tem novela que não explica desse jeito não... que você nunca viu a novela ou tá assistindo aí por um acaso você faz quem é essa pessoa aí eu me viro e digo sei não eu não assisto essa novela (2s)

Gustavo: não tem algumas novelas que:: são mais difíceis de entender... realmente o autor não se preocupa e também essas novelas que não tão muito na mídia por exemplo essa novela das sete isso não tá na mídia essa novela das sete veja que não passa comercial não passa fulaninho de de a lua me disse nas festas num num num:: contextualiza fora daquele ambiente da novela e a novela das seis é dire:to não pára não pára não pára não pára e a oito como todas nem se fala... aí mesmo você não vendo você sabe a novela você sabe sobre a novela (3s) concorda?

João: é:: voltando ao a/

Gustavo: ANtes da novela começar a gente já sabe sobre a novela

João: mas filme também tem muito isso às vezes antes de começar você já sabe... olga por exemplo antes de passar o filme todo mundo já sabia a história do filme inteiro até porque filme brasileiro é novela... tanto é que a globo produz ((bocejando))

C06

CONVERSAÇÃO NO MSN – 16/07/05 – 1h e 3min – Tópico inicial: filme *O aviator*, direção de Martin Scorsese.

Sinopse do filme: Howard Hughes (Leonardo DiCaprio) ficou milionário já aos 18 anos, devido à herança que seu pai, um inventor texano, deixou para ele. Pouco depois ele se mudou para Los Angeles, onde passou a investir na indústria do cinema. Hughes ajudou a carreira de vários astros, como Jean Harlow (Gwen Stefani), e ainda trabalhou em filmes de grande sucesso, como "Hell's Angels", que dirigiu. Paralelamente Hughes se dedicou a uma de suas maiores paixões, a aviação, e se envolveu com as atrizes Katharine Hepburn (Cate Blanchett) e Ava Gardner (Kate Beckinsale).

17:24:11	joão	oi
17:24:17	Gustavo	oi, ferinha
17:24:26	Gustavo	muda a cor da fonte
17:24:39	Gustavo	bota verde ou vermelho pra contrastar
17:24:48	joão	ta
17:24:55	Gustavo	verde é morto
17:24:59	Gustavo	é melhor vermelho
17:25:11	joão	ta
17:25:16	Gustavo	valeu, boy
17:25:21	joão	ta
17:25:24	joão	boy
17:25:27	joão	blz
17:25:28	Gustavo	e aí o que tu achasse do filme?
17:25:36	Gustavo	rsrsrs
17:25:39	Gustavo	hauahua
17:25:49	joão	gostei
17:25:52	joão	e vc?
17:26:01	Gustavo	já dá pra imaginar né?
17:26:05	Gustavo	precisa dizer?
17:26:07	joão	porque
17:26:18	Gustavo	péssimamente pessimo
17:26:28	joão	eu acho ate que se tivessi visto no cinema eu ia gostar muito
17:26:41	Gustavo	e tu num gostou muito não?
17:26:54	joão	gostei nao muito
17:27:21	joão	o filme não é muito bom
17:27:33	Gustavo	como tu demorou pra escrever isso
17:27:37	Gustavo	o q tu ia dizer?
17:27:41	Gustavo	deissitiu?
17:27:49	joão	nada
17:27:56	joão	comecou
17:28:00	Gustavo	rsrsrs
17:28:13	joão	gosto muito disso se vc soubese
17:28:41	Gustavo	
17:28:42	joão	e tu gostou?????///
17:28:44	Gustavo	a parte de que eu mais ostei foi a hora em que ele cai com o aviao
17:28:53	Gustavo	nao, nao gostei
17:29:02	Gustavo	a cena ficou ótima
17:29:11	Gustavo	a produção tb é impecável
17:29:15	joão	foi muito boa
17:29:17	Gustavo	de todo o filme
17:29:33	Gustavo	mas a história... me poupe
17:29:39	Gustavo	sem contar que sou avesso a biografia
17:29:43	joão	tu achou
17:29:48	Gustavo	é raro ser bom
17:29:58	joão	eu gosto de iografia
17:30:04	joão	biografia
17:30:15	Gustavo	tu viu mente brilhante nao né?

17:30:35	joão	o que?
17:30:45	Gustavo	tu viu mente brilhante nao né?
17:30:49	Gustavo	o filme
17:30:52	joão	vi
17:30:58	Gustavo	gostasse
17:31:01	Gustavo	?
17:31:01	joão	muito
17:31:09	joão	não
17:31:10	Gustavo	tua cara , igual a esse filme
17:31:14	Gustavo	detestei os dois
17:31:18	joão	confundi com brilho
17:31:23	Gustavo	hum hum
17:31:46	joão	com brilho eterno de uma mente sem lembranças
17:31:55	Gustavo	rsrsrs
17:32:09	Gustavo	sei
17:32:12	joão	
17:32:21	Gustavo	essa lingua é pra quê?
17:32:27	Gustavo	pra o quê?
17:32:27	joão	pratu
17:32:30	Gustavo	pra quem?
17:32:32	Gustavo	pq
17:32:33	joão	para vc
17:32:35	Gustavo	?
17:32:44	joão	esse risos
17:32:52	joão	sim voltando ao filme
17:32:58	Gustavo	tas vendo a foto?
17:33:09	joão	não
17:33:13	Gustavo	pq?
17:33:35	joão	porque nao quero
17:33:43	Gustavo	como assim
17:33:45	Gustavo	nao entendi
17:33:46	joão	podre
17:33:52	Gustavo	tas vendo?
17:33:53	joão	e leca
17:33:58	Gustavo	hauahauhauhauhauh
17:34:01	Gustavo	hauahaua
17:34:01	joão	rsrsr
17:34:03	Gustavo	kkkkkkkkkkkkkkkk
17:34:08	joão	sim
17:34:11	joão	o filme
17:34:21	joão	gostei muito de Ava e Ket
17:34:41	Gustavo	quem é aquela va
17:34:43	Gustavo	ava
17:34:45	Gustavo	Ava
17:34:46	Gustavo	?
17:34:52	joão	opra com essas fotos
17:34:59	joão	que coisa podre
17:35:00	Gustavo	opra?
17:35:05	Gustavo	rsrsrsrsrs
17:35:09	Gustavo	é divertido
17:35:14	Gustavo	quem é aquela Ava?
17:35:22	joão	não sei
17:35:45	Gustavo	a atriz
17:35:54	joão	não sei
17:35:57	Gustavo	tu sabe quem é?
17:35:59	joão	nao conheco
17:36:06	Gustavo	imagine eu?
17:36:23	Gustavo	eu nao sei se qdo eu vi eu tava com sono?
17:36:30	Gustavo	sei lá
17:36:34	Gustavo	detestei
17:36:37	Gustavo	e aquel final
17:36:38	Gustavo	?
17:36:46	Gustavo	mas já desiste
17:36:47	joão	porque vc pensou isso que eu nao sabia que era a atriz que era ava gardner
17:36:47	Gustavo	...
17:37:10	Gustavo	nao entendi "porque vc pensou isso que eu nao sabia que era a atriz que era ava gardner"
17:37:19	Gustavo	ah entendi
17:37:33	Gustavo	pq vc poderia pensar que eu nao sabia quem era a atriz Ava Gardner

17:37:35	joão	porque vc pensou que eu nao sabai
17:37:36	Gustavo	e eu sabia
17:37:39	Gustavo	sou culto rrsrs
17:37:46	Gustavo	que eu nao sabai
17:37:47	Gustavo	rrsrs
17:38:05	joão	
17:38:14	Gustavo	rrsrs
17:38:30	joão	tu ta pessimo para converçar
17:38:34	Gustavo	esse filme que ele fez Hell's Angels existiu?
17:38:38	Gustavo	chato
17:38:38	joão	o que é que tu tem
17:38:46	Gustavo	pq eu to rindo
17:38:47	joão	sim
17:38:50	Gustavo	?
17:38:55	Gustavo	sei lá
17:38:59	Gustavo	acho engraçado
17:39:02	Gustavo	essas fotos
17:39:11	Gustavo	olhe o mau humor
17:39:12	Gustavo	...
17:39:21	Gustavo	respondi minha pergunta lá em cima
17:39:36	joão	tu coloca o rabo da mulher e depois a tua cara lindo
17:39:47	Gustavo	rrsrs
17:39:50	joão	sim o filme
17:39:58	joão	existiu
17:40:05	Gustavo	omo tu sabe?
17:40:06	Gustavo	como
17:40:29	joão	li quando o filme estava no cinema
17:40:38	joão	em um jornal
17:40:55	Gustavo	o que tu gostou no filme?
17:41:12	joão	gostei da historia
17:41:20	joão	dos personagem
17:41:26	Gustavo	sim
17:41:31	joão	foram bem construidos
17:41:37	Gustavo	se existem, ué?
17:41:39	joão	a produção
17:41:58	joão	o roteiro tem seus defeitos
17:42:03	Gustavo	quais?
17:42:04	joão	mais o filme e legal
17:42:10	Gustavo	o roteiro
17:42:29	joão	a forma com ele conta
17:42:37	Gustavo	sim
17:42:41	Gustavo	quer que tem?
17:42:44	joão	introduz os personagem
17:42:51	Gustavo	do nada né?
17:43:01	joão	é
17:43:10	Gustavo	engraçado nao tinha pesnado nisso
17:43:15	Gustavo	qgoraq vc falou...
17:43:15	joão	deveri dar uma explicação
17:43:26	Gustavo	contextualizar
17:43:31	joão	mais nao muita]
17:43:42	Gustavo	e a nóia das mãos
17:43:43	joão	entende
17:43:48	Gustavo	sim
17:44:03	joão	isso foi explicado no inicio
17:44:11	Gustavo	sim eu sei
17:44:12	joão	com a cena inicial com a mãe
17:44:15	Gustavo	eu sei
17:44:29	Gustavo	como se uma nóia fosse de um fato localizado
17:44:44	Gustavo	se bem que a mae podia fazer isso sempre né?
17:45:14	joão	e
17:45:17	joão	é
17:45:42	joão	e os criticos falam que o diretor galmorizou a personagem
17:45:51	Gustavo	o aviador
17:45:52	Gustavo	?
17:45:59	joão	porque na historia de verdade ele morre
17:46:03	joão	louco
17:46:10	Gustavo	e é?
17:46:17	Gustavo	mas nada de glamourisar

17:46:21	joão	e o filme nao mostra isso
17:46:24	Gustavo	só pq nao apareceu ele morreno?
17:46:46	joão	deu a impreção que ele sempre foi um vencedor
17:46:51	Gustavo	mas se for assim a maioria das biografias sao de pessoas mortas, teria que acabar com a pessoa morrendo é?
17:46:58	joão	e na verdade nao foi
17:47:03	Gustavo	me pareceu mais um coitao de que um vencedor
17:47:07	Gustavo	coitado
17:47:13	joão	nao é isso
17:47:18	Gustavo	mas todo mundo morre, né?
17:47:19	joão	todo mundo morre
17:47:23	Gustavo	entao explique melhor
17:47:42	joão	mais tem pessoas que tiveram tudo e morre sem nada
17:47:56	Gustavo	e ele é uma dessas?
17:48:02	joão	isso
17:48:10	Gustavo	ele morreu sem nada?
17:48:14	joão	ja pensou vc se da bem a vida toda
17:48:26	joão	e no final tu morre doido e sem nada
17:48:32	joão	que vida
17:48:40	Gustavo	e ele morreu sem nada?
17:48:58	joão	morreu com pouco dinheiro e louco
17:49:03	joão	não sem nada
17:49:10	Gustavo	mais ele apareceu louco no final
17:49:11	joão	foi exagero meu
17:49:38	Gustavo	eitcha demora
17:49:41	Gustavo	rsrs
17:49:45	joão	não ele apareceu levantando com o avião grande
17:49:55	joão	pare com ISSO
17:49:56	Gustavo	como assim?
17:50:05	Gustavo	ele nao apareceu...
17:50:06	joão	PORQUE SE NAO VOU EMBORA
17:50:19	Gustavo	dizendo é o futuro, é o futuro, é o futuro
17:50:21	joão	PEÇA DESCULPAS
17:50:21	Gustavo	???
17:50:25	Gustavo	desculpe-me
17:50:39	Gustavo	
17:50:44	joão	
17:51:03	Gustavo	responde
17:51:07	joão	o que
17:51:09	Gustavo	lá em cima
17:51:13	Gustavo	o futor
17:51:15	Gustavo	futuro
17:51:16	joão	faça a pergunta de novo
17:51:22	Gustavo	lê lá
17:51:26	joão	não
17:51:29	joão	faça
17:51:47	Gustavo	Gustavo diz: ele nao apareceu... joão diz: PORQUE SE NAO VOU EMBORA Gustavo diz: dizendo é o futuro, é o futuro, é o futuro
17:52:11	joão	ele estava tendo uma crise
17:52:18	joão	so isso
17:52:18	Gustavo	entao...
17:52:27	Gustavo	deu a entender q ele viveria sempre assim
17:52:44	joão	ele ja tinha problemas
17:52:58	Gustavo	e martim scorcese?
17:53:02	Gustavo	o q tu sabe dele?
17:53:10	joão	fez
17:53:33	Gustavo	sim
17:53:41	joão	ganges de Nova com di capriu
17:53:52	Gustavo	vixe, é fã, é?
17:54:05	joão	pois é
17:54:14	joão	desde Romeu e Julieta
17:54:19	joão	de Bas
17:54:21	Gustavo	fez romeu e julieta tb?
17:54:28	Gustavo	ha?
17:54:31	Gustavo	hã
17:54:32	joão	o mesmo diretor de Molam Rouge
17:54:41	Gustavo	perai, menino...
17:54:47	Gustavo	nao to dizendo q tu é fã

17:54:57	Gustavo	to dizendo q socorsese é fã
17:55:11	Gustavo	socorsese rsrsrs
17:55:17	joão	ha pensei que era de Di capriu
17:55:24	Gustavo	calma...
17:55:35	Gustavo	Martin Scorsese é fã de Di caprio
17:55:41	Gustavo	é essa minha observação
17:55:54	Gustavo	ai pensei q ele tinha feito tb romeu e julieta
17:55:58	Gustavo	qdo vc falou
17:56:00	joão	ele tem luma parceria
17:56:04	Gustavo	?
17:56:12	Gustavo	de oliverira??
17:56:25	joão	o que?
17:56:30	Gustavo	luma de oliveira?
17:56:35	Gustavo	???
17:56:47	joão	o que???
17:56:50	Gustavo	esquece
17:56:51	joão	uma
17:56:54	Gustavo	ah
17:56:58	Gustavo	jfa entendi
17:56:59	joão	vc entendeu
17:57:03	Gustavo	agora
17:57:07	Gustavo	rs
17:57:15	joão	ta
17:57:43	joão	ele fez Cabo do medo
17:57:48	joão	ganges
17:57:52	Gustavo	gostei da parte em que ele tá no incendio , acho q na casa, e liga ao telefone...
17:57:54	joão	aviador
17:57:58	Gustavo	quem fez cabo do medo?
17:58:15	joão	martin
17:58:25	Gustavo	com Leonardo?
17:58:30	joão	não
17:58:40	joão	pera ai
17:58:43	Gustavo	sim
17:58:49	joão	e é tudo com leorando
17:58:55	Gustavo	rs
17:59:02	joão	leonardo
17:59:04	joão	sim
17:59:16	joão	tu gostou de que
17:59:44	Gustavo	Gustavo diz: gostei da parte em que ele tá no incendio , acho q na casa, e liga ao telefone...
17:59:57	Gustavo	ai fica duas imagens com um fogo no meio
18:00:00	Gustavo	lembras?
18:00:01	joão	o que o telefone
18:00:03	Gustavo	é bonito
18:00:11	Gustavo	duas imagens
18:00:19	Gustavo	ele no telefone com outra pessoa
18:00:27	Gustavo	partidos pelo fogo no meio
18:00:31	Gustavo	lemra?
18:00:34	Gustavo	lembra
18:00:38	joão	nao
18:00:42	joão	nao entendi
18:00:51	Gustavo	foram duas cenas de telefone q eu achei bonitas
18:01:02	joão	quais
18:01:04	joão	??
18:01:11	Gustavo	fica como se fosse duas pessoas no mesmo espaço, mas falando ao telefone
18:01:18	Gustavo	uma foi essa na hora do fogo
18:01:22	Gustavo	a outra nao to lembrado
18:01:29	joão	sim lembro
18:01:33	Gustavo	de qual?
18:01:47	joão	das duas
18:01:55	Gustavo	qual foi a outra?
18:02:31	joão	quando ele estava na sala de proteção
18:02:40	Gustavo	falando com quem?
18:02:49	joão	e o cara queria compra a ci
18:02:53	Gustavo	ci?
18:03:00	joão	a companhia
18:03:04	joão	lembra
18:03:08	Gustavo	nao
18:03:13	Gustavo	só lemro da do fogo

18:03:17	joão	que ele estava nu
18:03:20	Gustavo	todas as imagens sao bonitas, né?
18:03:26	Gustavo	nao lembro
18:03:34	joão	ta certo
18:03:45	Gustavo	Gustavo diz: todas as imagens sao bonitas, né?
18:03:53	joão	são
18:04:08	joão	o filme e muito bonito
18:04:20	Gustavo	é, isso nao dá pra se negar
18:04:25	joão	mais tem um efeitos que nao sao bom
18:04:26	Gustavo	mas nao é bom
18:04:30	Gustavo	quais?
18:04:33	Gustavo	no céu?
18:05:01	joão	isso nao ceu
18:05:26	joão	no ceu as imagem nao sao boas
18:05:42	Gustavo	achei falso, mas pensei q fosse intencional
18:05:47	Gustavo	dá um ar de fantasia
18:05:53	Gustavo	achei bonito
18:06:11	joão	sao poucas que nao sao boas
18:06:15	joão	mais tem
18:06:32	Gustavo	outra coisa que me chamou a atencao...
18:06:37	joão	o que
18:06:41	Gustavo	foi o figurino dos anos 20
18:06:44	Gustavo	parece as de novelas brasileiras
18:06:47	Gustavo	de época
18:06:56	Gustavo	tudo igual sempre né?
18:07:01	Gustavo	Brasil = EUA
18:07:14	joão	e tu sabes que copiamos
18:07:33	joão	e agora ele copiam de nos tambem
18:07:33	Gustavo	acho q nao é que copiamos
18:07:42	Gustavo	é pq o ocidente é compacto
18:07:51	joão	ajhahahahah
18:08:10	Gustavo	como se em muitos pontos fossemos uma unica cultura
18:08:31	Gustavo	de todos os filmes que vimos até agora
18:08:32	joão	sei
18:08:36	Gustavo	esse foi o que menos gostei
18:08:51	joão	porque
18:08:56	Gustavo	já falei
18:09:02	Gustavo	a história nao tem nada de mais
18:09:06	Gustavo	é muito fraca
18:09:14	Gustavo	nao lhe envolve
18:09:22	joão	envolve sim
18:09:25	Gustavo	as aventuras de um empresario rico querendo fazer avioes
18:09:28	Gustavo	me popupe
18:09:31	Gustavo	poupe
18:09:32	joão	e porque tu nao gosta de nada
18:09:38	Gustavo	nao ofenda
18:09:46	Gustavo	ce sabe q nao é assim
18:10:01	Gustavo	😞
18:10:06	joão	desses que vimos qual tu falou que gostou
18:10:10	joão	ate agora
18:10:15	Gustavo	menitra
18:10:20	joão	so os esquecidos
18:10:22	Gustavo	gostei do filme dos ets
18:10:27	joão	porque tinha ets
18:10:34	Gustavo	gostei do de nicole
18:10:45	joão	e o povo sendo puxado pela B
18:10:58	Gustavo	nada disso
18:11:01	joão	vc falou que nao gostou do de nicole
18:11:03	Gustavo	gostei pq é bom de ver
18:11:05	Gustavo	lhe prende
18:11:10	Gustavo	gostei
18:11:15	Gustavo	Não GOSTEEEEEEI
18:11:16	Gustavo	mas gostei
18:11:23	Gustavo	qualquer coisa é melhor que este
18:11:26	Gustavo	muito chato
18:11:44	joão	vc falou a mesma coisa de brilho eterno
18:11:55	joão	que nao tinha gostado e que era chato
18:12:08	Gustavo	mas nao gostei de brilho eterno por oputrso motivos

18:12:17	Gustavo	outros
18:12:26	joão	ta certo
18:12:41	joão	vamos deixar prala
18:12:59	Gustavo	gosto tb de filmes proximos ao meu universo
18:13:07	Gustavo	é claro que nao precisa se localizar em PE
18:13:09	joão	sei
18:13:16	Gustavo	mas que seja signifciaivo pra mim
18:13:18	joão	que universo
18:13:24	Gustavo	meu mundo
18:13:25	joão	exemplo
18:13:33	joão	qual seu mundo
18:13:35	joão	??
18:13:40	Gustavo	e num filme de ficcao cientifica a gente pode encontrar isso
18:14:16	Gustavo	acho q um filme pra ser bom tem que misturar relações humanas, um pouco de suspense...
18:14:39	Gustavo	e precisamos nos identificar com alguém
18:14:44	Gustavo	nem que seja com o ilao
18:14:46	joão	um filme de ficção pode ter isso
18:14:48	Gustavo	vilo
18:14:59	Gustavo	vilao
18:15:04	Gustavo	e num foi o que eu disse
18:15:09	joão	rrrrrrkkk
18:15:24	Gustavo	qual a graça
18:15:33	joão	vilo
18:15:37	Gustavo	imaginei
18:15:47	joão	autiva
18:15:50	Gustavo	acho q é importante esmo essa coisa da identificação
18:15:58	Gustavo	aultiva?
18:16:02	Gustavo	vixe entendi
18:16:03	Gustavo	podre
18:16:08	Gustavo	melhor may
18:16:11	Gustavo	mas atual
18:16:13	Gustavo	rs
18:16:15	joão	masa
18:16:21	Gustavo	masa?
18:16:31	Gustavo	o que é massa?
18:16:42	joão	nasa
18:16:48	Gustavo	imaginei
18:16:51	Gustavo	depois q escrevi
18:16:58	Gustavo	podre
18:17:04	Gustavo	tu nao acha nao?
18:17:05	joão	
18:17:11	Gustavo	essa coisa da identificação?
18:17:17	joão	sim
18:17:19	joão	sei
18:17:28	joão	e bom sim
18:17:45	Gustavo	e nesse os pesonagens sao muito distantes de nós
18:17:53	joão	eu gosto de uma realidade totalmente deferente da minha
18:17:54	Gustavo	a gente nao se identifica com eles
18:18:07	Gustavo	pode serr isso que me levou a nao gostar
18:18:16	Gustavo	descobri isso agora
18:18:17	joão	sempre a traços que vc se identifica
18:18:21	Gustavo	interessante
18:18:29	Gustavo	eles nao sao carismáticos
18:18:32	Gustavo	sao chatos
18:18:39	Gustavo	ele é insuportável
18:18:43	Gustavo	a cate idem
18:18:47	Gustavo	se merecem
18:18:58	joão	porque
18:19:02	Gustavo	e a ava, acho que a personagem ficou muito na superfície
18:19:06	Gustavo	nao foi profunda
18:19:10	Gustavo	por que o quê?
18:19:24	joão	porque se merecem
18:19:37	Gustavo	os dois sao prepotentes, chatos, um porre
18:19:52	Gustavo	e falam pelos cotovelos
18:20:01	joão	tu não gostou mesmo dos personagens
18:20:03	Gustavo	outra coisa que tb nao gostei do filme
18:20:08	Gustavo	nao
18:20:17	Gustavo	eles nao param de falar

18:20:24	Gustavo	abe o q parece lãs vezes
18:20:27	Gustavo	sabe
18:20:28	joão	oxe e era para ficar mudo
18:20:35	Gustavo	mas perai menino
18:20:43	joão	nada a ver
18:20:50	Gustavo	as imagens podem muito bem falar por si
18:20:50	joão	o que vc esta falando
18:20:54	Gustavo	o q nao acontece no filme
18:21:02	Gustavo	o verbal é muito presente
18:21:06	joão	depende do filme
18:21:09	Gustavo	sabe o que parece...
18:21:15	joão	tenho que ir
18:21:21	joão	ja sabe
18:21:38	Gustavo	q o diretor nao soube como colocar pro público tantas informações, até pq da falta de tempo
18:21:45	joão	ve se faz as coisa direito
18:21:45	Gustavo	vai agora bnao
18:21:56	Gustavo	perai fica mas umns 10 min
18:21:59	Gustavo	é importante
18:22:00	joão	tenho que ir
18:22:06	joão	fala logo
18:22:21	Gustavo	vixe
18:22:26	Gustavo	que merda, joao
18:22:28	joão	fala logo
18:22:33	Gustavo	bom
18:22:40	Gustavo	entende o que eu tava falando?
18:22:52	joão	sim que o diretor
18:23:11	joão	nao sabe com levar ao publico muita informação
18:23:23	joão	eu acho que ele errou pouco
18:23:36	Gustavo	concorda?
18:23:42	joão	mais ele errou em passar as informações dos personagem
18:23:49	joão	para o publico
18:23:55	Gustavo	sim sim sim
18:24:02	Gustavo	gostei mais de garrincha
18:24:07	Gustavo	por falar em biografia
18:24:15	joão	um exemplo de diretor que sabe fazer isso e o de o Senhor dos Aneis
18:24:23	Gustavo	fazer o que?
18:24:30	Gustavo	passar o verbal, as informações?
18:24:35	joão	muita inoformação
18:24:46	Gustavo	sei
18:24:52	Gustavo	mas tb nao gostei do filme
18:24:53	Gustavo	rsrs
18:25:11	joão	quero ver do que vc gosta
18:25:18	Gustavo	talvez seja verdade
18:25:24	Gustavo	filme é que nem piada
18:25:29	Gustavo	nao consigo rir de todas
18:25:34	Gustavo	ou melhor
18:25:36	joão	sei
18:25:36	Gustavo	da maioria
18:25:53	joão	e porque vc nao gosta muito de cinema
18:25:56	joão	e sim de tv
18:26:00	Gustavo	como assim?
18:26:01	joão	tenho que ir
18:26:06	joão	agora
18:26:06	Gustavo	de tv o que
18:26:09	Gustavo	^^?
18:26:21	Gustavo	xau, entao
18:26:32	joão	xau
18:26:49	joão	valva
18:26:52	joão	salva
18:26:53	Gustavo	valva?
18:26:56	joão	nao esquece
18:27:01	Gustavo	sim dessa vez pode deixar
18:27:08	Gustavo	pode ir
18:27:09	joão	xau
18:27:11	Gustavo	xau